

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Com estampilha — Anno, 2\$700 réis; semestre, 1\$350 réis; trimestre, 680 réis. Sem estampilha — Anno, 2\$400 réis; semestre, 1\$200 réis; trimestre, 600 réis. Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %. Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6

Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral

Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7.

Carta de Lisboa

8 de fevereiro.

Ha dias que correm em Lisboa boatos alarmantes, que os próprios jornaes monarchicos registraram já, afirmando-se que chegaram más noticias, da guerra do Sul d'África. Repetidos conselhos, seguidas conferências, trocas de telegrammas com o rei, uma série de factos tem confirmado e avolumado esses boatos alarmantes.

E nestas circunstâncias que deparo, no Heraldo de Madrid, com o telegramma seguinte, sob a epigraphe Boers ameaçando Lourenço Marques:

Londres, 5.—Diz-se que os boers commandados pelo coronel Blacke e pelo brigadeiro Ireland, ambos americanos, ameaçam Lourenço Marques.

Os portugueses pediram auxilio a Inglaterra, que se encontra disposta a enviar uma esquadra.

E no Temps, hoje chegado a Lisboa, lê-se sob a epigraphe A guerra do Transvaal:

O Standard e o Morning Post publicam um telegramma de Bruxellas dizendo que Krüger recebeu um telegramma de Lourenço Marques annunciando a tomada e a destruição, por um commando boer, do caminho de ferro de Lourenço Marques.

Será isto falso? É possível que o seja — por enquanto.

Todavia não restam dúvidas de que, se não ha acontecimentos realizados, existem inegavelmente perigos em perspectiva.

Dúvidas não restam tambem de que nós vamos nos encontrar oficialmente envolvidos na guerra, compartilhando não só as maldições que todo o mundo civilisado lança sob a Grã-Bretanha, como as dificuldades materiaes que para ella, por muito grandes, sam relativamente pequenas, e que para nós, por pequenas, serão sempre muito grandes.

A politica do rei, de que tanto têm blazonado progressistas e regeneradores, adoptando-a, perfilhando-a e ainda por cima vangloriando-se, apresenta nos agora esse lindo resultado, de longe previsto pelos que não pactuam.

Vejamos que os boers estão positivamente num novo período de exito, que é certo que o termo da lucta não chegará tam próximo, ainda que as coisas mudem — e teremos uma ideia do que succederá.

E, pôde dizer se, uma grande e irremediavel catastrophe que se avizinha, liquidando para sempre uma nacionalidade.

Depois o mal não é só esse. Devia bastar, mas não basta.

O governo, que não tem força moral nem intellectual para resolver mínimas questões caseiras, recebeu, diz-se, reclamações diplomaticas, graves, sobre a questão dos credores.

Esse boato, muito espalhado nos centros politicos, tem de cer-

to modo a sua confirmação numa noticia que appareceu no Journal Financier Français.

O senador que enviou a sua interpeação ao ministro dos estrangeiros sobre a questão da nossa divida, addiu a sua interpeação d'accordo com o sr. Delcassé — informa o Journal — porque o mesmo ministro lhe disse que tinha palpitado o governo para uma intervenção junto de Portugal.

Convém sempre accentuar que nem o governo allemão nem o governo francês têm o menor direito para intervir neste assumpto. E não o tem, já porque não foi com esses governos que Portugal contrahiu dividas, já porque o convénio estabelecido em 93 tem-se mantido honradamente.

Mas as coisas sam o que sam e nem sempre o que devem ser.

E Portugal, que em mínimas questões não tam sabido responder dignamente a reclamações diplomaticas, não saberá sair-se com honra desta grave questão.

Tudo indica, pois, que entrámos numa phase excepcionalmente grave — de liquidação de erros.

Erros de todos — dos que têm agido e dos que têm consentido.

Ante questões desta ordem, eu supponho que tudo o mais é mínimo e falho de interesse.

E assim, commetterei o crime de não lhes fallar da discussão do bill, onde a nota porventura mais curiosa foi dada pelo menino Fernando Martins de Carvalho, que, faltando ás esperanças dos que se vangloriavam com a sua aquisição, irritou gregos e troianos com a sua pedanteria. Ainda ontem, a tal propósito, um regenerador me contava, assombrado, um incidente do seu primeiro discurso. O menino fallava e Beirão conversava, descuidado, com um collega, commettendo o bom senso de lhe não ouvir as preciosidades. O menino, julgando que Beirão o commentava, volta-se para elle, e na sua voz irritante diz-lhe:

O sr. Beirão, se tem algum aparte a fazer, falle! Beirão respondeu que não lhe passara pela mente fazer aparte, e o menino volta-se então para o presidente: sr. presidente, eu peço a v. ex.ª que comigo abra uma excepção, consentindo que me façam partes. E depois com ares de inexpugnável: — Mesmo que toda a câmara me faça partes, deixe, não faz mal.

Não indignou. Enojou. Não lhes fallarei mesmo de Thomás Ribeiro, o morto da semana, fazendo o confronto da geração politica que elle representava, monarchica mas liberal e intelligente, com a geração dos himtzes de hoje, despóticos, boças e immoraes.

E não annotarei sequer o facto de hoje, ser o assumpto do dia a recita, a noite, do auctor da Severa — uma pastellada immoral, de intuitos retrógrados, que está, não obstante, sendo o successo theatral da epocha, porque mette o fado, rameiras, fadistas e brigões.

Panacea fazendária

Houve um largo acalantar de esperanças quando o ministro da fazenda, que foi substituído pelo actual, deixou perceber que ia acabar com determinadas contribuições, contando adquirir o decréscimo das respectivas receitas com a reforma de certos serviços.

Mantiveram-se um pouco essas esperanças com a ascensão ao governo do actual titular da fazenda, e, se bem nos recorda, tanto em referéncia a um como ao outro, dissemos as nossas dúvidas por que fizessem tal beneficio público.

Quanto ao primeiro... saiu. Arrefeceu lhe o choco e os pitos morreram nas cascas. Que taes elles seriam não poude ver-se. Condescendamos em que eram bons.

Quanto ao segundo, isto annunciam jornaes da situação:

Não está disposto a abolir qualquer dos impostos existentes: — Surpreza seria a contrario, e não o será que tente augmentá-los, mesmo por qualquer forma indirecta que passe despercebida.

Melhorará o systema da cobrança das contribuições, de modo a evitar vexames e agravos aos contribuintes. — Uma leria que bem se percebe. Melhorará de modo que ninguém se escape, acabando com os vexames para quem os não soffreu até agora, por pagar de prompto, subsistindo para os desgraçados a quem a falta de recursos, mesmo para comer, não permite responder a chamada do ponto enquanto o cofre está aberto, para o pagamento voluntário.

Na contribuição predial introduzirá modificações tendentes a beneficiar a agricultura e a proteger o arroteamento dos terrenos incultos que forem apropriados a cultura dos cereaes. — Para beneficiar a agricultura necessário seria alliviar a de encargos múltiplos e onerosos que a sobrecarregam, e isso já disse o ministro que não faz, por que não abolirá nenhum imposto; tambem os não reduz por que seria quebra de recita, e as espaventosas viagens régias não se fazem com palavras. Beneficiar a agricultura seria, mais, facultar-lhe capitães em condições benignas, e não deixar os lavradores sujeitos à ganância dos argentários que deshumanamente os exploram com juros de 8, 10 e 12 por cento, e disso não tratará o ministro, que é matéria complexa de mais, sem resultados palpaveis para o engrossamento das receitas, que lhe interessa.

Promover o arroteamento dos terrenos incultos apropriados? — Tambem não fará isso, por que lá apparecia immediatamente a necessidade de facultar capitães, e a mesma razão — complexidade da matéria sem vantagem para avolumar as receitas — determinará o mesmíssimo effeito — não promover coisa nenhuma quanto a terrenos incultos.

Mas succede que essas coisas sam já apontadas como importantes medidas de largo e conveniente alcance — para a riqueza pu-

blica e para beneficio do contribuinte — do plano financeiro que apresentará.

Vê-se já o que serão: — como as dos antecessores, panaccias de dentista para armar ao effeito — e mais nada.

E' que o officio de governar dentro da monarchia, tem uma formula única: — a politica do regimen e dos partidos, sem nenhuma espécie de considerações — salvo para exigir-lhe sacrificios — por tudo o que num systema administrativo de moralidade, economia e bom senso, representaria a riqueza e a felicidade de todo um povo.

Vamos ver se não succede o que deixamos dito; e succedendo, se essa nova lición aproveita alguma coisa ao eterno expoliado.

11 de fevereiro

Passa amanhã o anniversário da proclamação da república em Espanha, mais um anno...

O partido republicano espanhol projecta festejar este dia com banquetes, e velladas.

E assim continuaremos, por lá e por cá: nos vícios e na mesma cobardia.

Aggravando a agonia

Assevera-se que só a comitiva que ha de acompanhar as majestades aos Açores, se compõe de 90 pessoas!

Tanta gente para rodear e servir dois personagens! E' o fausto louco dum país em sérios apuros financeiros. E' a prodigalidade levada até ao desbarato irritantemente criminoso das receitas públicas.

Presuma-se quanto custa a ida daquellas 90 creaturas da comitiva; addicione-se-lhe o despêndio com a remessa de tropas para as guardas d'honra e demais frioleiras; junte-se-lhe as sommas a dispender para as bandeirolas, adornos e illuminações nas ruas; o consumo nos barcos para transporte e regresso de tudo isso; os benesses a distribuir pelos festeiros e logares-tenentes, e far-se-ha uma ideia da somma total do custo da viagem: — isto é, de quanto podia e devia economisar-se, para ir accudindo ao descalabro economico do estado, que tam penosamente se reflecte em todo o país e que nos mantém numa situação verdadeiramente miseranda ante os credores externos.

Entretanto que assim se preparam despêzas enormissimas em futilidades ridiculas, o sr. Carrilho lá anda, de frente em frente, na missão de pedinte como delegado do governo.

Não podiam os monarchas ir modestamente aos Açores? Não, porque a vaidade é o característico principal do throno, como do regimen, embora a satisfação della pese desalmadamente sobre a penúria do estado e a miséria do país.

Veja-o o povo e vá predisposto-se para a acceitação dum protectorado humilhante, a que isso conduzirá a nação, se não se decidir a um enérgico exforço para salvaguardar a honra patria pela substituição das instituições.

REPRESENTAÇÃO

A prestimosa Associação Commercial, sempre solícita em defender os interesses da classe que representa, acaba de enviar ao sr. ministro da fazenda o seguinte apello, de todo o ponto justificado:

Ill.º e Ex.º Sr.

A Associação Commercial de Coimbra, em cumprimento da deliberação tomada em assembleia geral de 15 do corrente, vem representar perante o nobre titular da pasta da fazenda sobre os inconvenientes que a prática a cada passo está demonstrando existir na lei do sello em vigor, esperanças em que s. ex.ª, na reforma em projecto da mesma lei, se inspirará em torna-la pratica e simples, o que é possível conseguir-se sem onus para o thesouro e sem vexames para o contribuinte.

A principal preocupação do legislador em matéria tributária, deve consistir na clareza da lei e simplificação da sua cobrança.

E' inspirada neste principio que a Associação Commercial de Coimbra, ousa pedir ao nobre ministro da fazenda o seguinte:

1.º — Que o sello da licença d'exercício de industria, volte a ser cobrado conjunctamente com a contribuição industrial.

Afigura-se a esta Associação que a cobrança em documento separado nada interessa ao thesouro; antes pelo contrario o prejudica pelo desdobraimento de trabalho, confusão de serviço, despesa de papel e impressão de talões, etc. Se porém obedece ao propósito de assegurar a cobrança do sello e contribuição respectiva daquelles que possam estabelecer-se durante o anno, fora da epocha da formação da matriz industrial, providências doutra natureza devem ser adoptados: Basta que todo o individuo, commerciante ou industrial, que depois de formada a mencionada matriz abrir estabelecimento, fabrica ou officina, fique obrigado a tirar uma licença provisória pelo tempo que decorrer até ao fim desse anno, que em nenhum caso seria inferior a 3 meses. Isto bastaria para o conhecimento da repartição respectiva e ser devidamente inscripto, sem que todo o commercio e industrias sejam prejudicados com uma providência que tem em vista attingir apenas um numero limitadissimo.

Outros sam ainda os inconvenientes que resultam da pratica da cobrança das licenças d'exercício d'industria, em documento separado, pelas interpretações erroneas que muitas vezes se dão á lei que nos regula. Assim tem acontecido que, inspirando se na doutrina do artigo 278 do código administrativo, exigir que as licenças d'exercício d'industria de tabernas e mercearias, sejam passadas pela auctoridade administrativa, com emolumentos superiores ao próprio sello, em manifesta opposição ao disposto no § 1.º do artigo 104.º do regulamento da lei do sello de 25 de dezembro de 1899.

2.º — Que todas e quaesquer outras licenças de carácter policial ou administrativo, sejam isentas de emolumentos.

Estas licenças constituem já um pesado encargo para o contribuinte, e não é justo que sejam ainda subcarregadas com emolumentos superiores ao próprio sello.

A boa razão aconselha a isenção desses emolumentos, que nada aproveitam ao estado, e seria um acto de justiça que muito enobreceria o illustre titular da pasta da fazenda.

Tambem as licenças de carácter policial deviam ser passadas por uma só vez; isto é, como medida de segurança pública ninguém podesse abrir ao público hotéis, casas de jogo licito, cafés, restaurantes, tabernas, venda de armas de fogo ou de quaesquer bebidas para consumo no próprio local, sem previamente estar munido da competente licença depois de registada na policia; sendo os proprietários destes estabelecimentos obrigados a dar parte à mesma policia sempre que o estabelecimento mude de local.

Tambem só devem ser exigidas licenças de porta aberta depois das 10 horas no inverno e 11 horas no verão. As 9 e 10 horas, respectivamente, actualmente em prática, é demasiado cedo para tolher o livre exercicio daquellas indústrias.

Não deve o legislador invocar a questão da segurança pública, por que não são as licenças que vão manter a ordem, visto que a tolerância em tal caso, vai até depois da meia noite.

3.º — Que o sello de verba imposto no livro dos commerciantes, seja abolido e substituído por uma taxa ou adicional à contribuição industrial.

Muitas são as razões que militam em favor desta reclamação. Os livros dos commerciantes devem constituir um segredo inviolavel, e assim o comprehende a lei dando escassas attribuições ao fisco no seu exame, donde resulta ainda pelo que tem de vexatória a lei, uma fiscalisação, difficil e que nunca poudesse ser effectiva. Pela forma desejada, a lei não seria illudida, o commerciante não estava sujeito ao vexame do fisco, o thesouro receberia mais e simplificava-se a fiscalisação.

A estatística do rendimento do sello dos livros em questão, habilitará o governo a conhecer da importância da taxa a addicionar. Desta forma, todos os estabelecimentos que por lei são obrigados a ter escripturação, seriam comprehendidos no respectivo imposto, que seria equitativo na incidência, pagando em harmonia com o movimento commercial, como se pratica nas contribuições industriaes.

4.º — Que na nova lei do sello sejam consignadas disposições que ponham o contribuinte ao abrigo das abusos do fisco.

Pelos multiplicados documentos de toda a ordem e natureza que hoje estão sujeitos a lei do sello, a sua execução, é tam complicada, e tam vária a sua interpretação no próprio fóro juridico, que só conhecimentos especiaes nesta matéria podem evitar erros e faltas involuntarias.

A par disto, não só as leis e regulamentos pecam pelo seu rigor excessivo, mas ainda concedem toda a latitude ás attribuições do fisco, constituindo um perigo constante para o contribuinte.

Será pois um acto de moralidade e de toda a justiça aquelle que determinar que a ninguém seja applicada a multa por infracção, sem previamente ser avisado da falta ou erro commettidos, para os remediar. Para o desrespeito ao aviso justificado, haja então todo o rigor da lei.

Estes são, senhor ministro os

pontos principais sobre que incide a nossa representação; outros ha, porém, que muito precisam de reforma e que certamente não escapam à clara intelligência e ao lúcido espirito de v. ex.ª.

Tem esta Associação Commercial conhecimento dos nobres propósitos de v. ex.ª em supprimir o imposto do real d'água, substituindo-o por uma licença exigida aos estabelecimentos que vendam os generos actualmente sujeitos aquelle imposto.

Faltava esta collectividade a um indeclinavel dever se não consignasse aqui as suas felicitações a v. ex.ª por tam sagrada iniciativa, que ha de marcar uma nova era de liberdade e prosperidade do commercio, hoje tam suprimido pela acção do fisco.

Novos titulos de glória ganhará o nobre ministro da fazenda que, rompendo com tradições condemnáveis, decreto providencias de nova orientação em mais salutareos principios d'administração e economia pública.

Associação Commercial de Coimbra, em 30 de janeiro de 1901.

A Direcção.

Perigos iminentes

Chamamos a atenção dos leitores para os assumptos de que trata a carta, que pela sua importância publicamos hoje em primeiro logar, do nosso presado correspondente da capital, em relação aos graves acontecimentos da Africa do Sul — consequentemente à atrapalhação em que o governo mostra andar, e ás tristissimas consequências que de certo vão resultar ao país, de ter deixado que os governos, de uma e outra côr, não hajam feito senão a politica do throno, alliado da Inglaterra.

O que se passa pôde muito bem ser, como diz o nosso correspondente, o inicio duma liquidação vergonhosa, se não vamos pensar na salvação da pátria, pela liquidação de responsabilidades e pela condemnação do regimen.

Novo doutor

Foi ante-ontem dada a posse ao novo lente, substituto, de theologia, sr. dr. Augusto Joaquim dos Santos, que ha pouco terminou o respectivo concurso.

Pastas aos seminaristas

Ouvimos que os ordinandos que frequentam o 3.º anno do curso do lyceu, o último para o exercicio sacerdotal, se lembraram de usar pastas, com fitas e em tudo parecidas com as dos alumnos da Universidade que cursam o último anno para a formatura em theologia.

E segundo nos dizem não só se lembraram, os terceiranistas do seminário, mas até passaram já um pouco à pratica dessa lembrança, tendo mandado fazer uma porção de pastas, confiados em que alcançarão licença para usal-as.

Aparte o que de patetico ha na pretensão, achamos bem e somos por que devem ainda conceder-se-lhe outras prerogativas: — tomarem grau ao fim do 2.º anno, como na Universidade ao fim do quarto, a formação *troups* para a caça aos noviços, quer dizer, dos *caloiros*, queima das fitas a passagem para o *bacharelato*, e... andarem de espinha dorsal apurhada como se uma grande somma de insensatez, a pezar-lhe na moleira, os não forçasse a verga-la e a olhar ininterruptamente o chão, como a ruminar... a ruminar... ideias grandiosas, equivalentes a de... usarem pastas catitas, tambem indicativas de que estão no último anno da... formatura.

Assembleia geral

Resolução importante

Não nos permittem, nem o adiantado da hora nem a abundância de original, dar, como desejávamos, informação minuciosa de como decorreram os trabalhos da assembleia da Associação Commercial realisada ontem á noite, com uma assistencia de sócios numerosissima e como ha muito tempo alli se não vê.

Tratou-se da momentosa questão do curso do notariado, sobre que fallaram diferentes associações, sendo nota predominante o desagrado que provocou a attitudetomada no parlamento pelo deputado sr. Fernando Martins de Carvalho, de quem nunca se esperou uma insistencia tam pronunciada e até irritante em defender a criação do curso em Lisboa, com manifesto prejuizo desta cidade, á qual o ligam tradições que um caracter mais são consideraria doutro modo.

A direcção apresentou uma proposta para se dirigir ao parlamento uma representação assignada pelos membros de todas as collectividades e por todo o público que deseje perfi-la, pedindo a criação do curso junto da faculdade de direito. Approvada unanimemente, sendo nomeada em seguida uma commissão de seis membros para coadjuvar a direcção em todos os trabalhos referentes a fazer.

O sr. João Simões da Fonseca Barata apresentou depois a seguinte moção, que foi approvada por unanimidade, com o additamento, do sr. Cassiano Martins Ribeiro, para que o appello nella proposto, a fazer-se ao proprietário e redactor do *Comimbricense*, seja dirigido tambem ao restante dos jornaes de Coimbra:

A Associação Commercial de Coimbra, reunida em assembleia geral:

attendendo a que o jornal — *O Comimbricense*, — no tempo do seu respeitavel e sempre honrado fundador foi um strénuo defensor dos interesses de Coimbra;

attendendo a que o seu actual director e proprietário, como filho daquelle intransigente liberal e indefesso jornalista, se propõe, ao continuar a obra do inolvidavel Joaquim Martins de Carvalho, proseguir na defesa dos interesses de Coimbra, o que, por vezes tem feito com geral louvor;

attendendo a que presentemente, por um deputado da maioria parlamentar tem sido defendida calorosamente a ideia de se estabelecer em Lisboa um curso do notariado, com prejuizo desta cidade, onde, todas as razões o indicam, tal curso deve ser estabelecido annexo á faculdade de direito da Universidade;

attendendo a que o facto de se crear em Lisboa tal curso pôde ser o inicio duma desagregação de estudos da Universidade, o que é de evidente prejuizo para os interesses de Coimbra; resolve — solicitar do actual director e proprietário do *Comimbricense*, quer como socio honorário desta associação; quer como continuador da obra honrada do venerando jornalista Joaquim Martins de Carvalho, strénuo propugnador do progresso moral e material de Coimbra, quer como director de um jornal que se propõe sempre defender os interesses desta cidade, — para collocar a sua pena de jornalista ao lado dos que pugnam por que annexo á Universidade seja creado aquelle curso do notariado.

Coimbra, sala das sessões da Associação Commercial, 9 de fevereiro de 1901.

Seguiu-se a apresentação, pelo mesmo sr. Cassiano Ribeiro, desta outra

MOÇÃO

A Associação Commercial, reunida em assembleia geral, tendo conhecimento extra-official de que o actual deputado em côrtes por Coimbra, sr. João Arroyo, ministro dos negócios estrangeiros, se recusou a apresentar ao parlamento a representação, que lhe dirigiu a câmara municipal de Coimbra, relativa á criação do curso de notariado annexo á faculdade de direito da Universidade;

Attendendo a que ao mesmo sr. João Arroyo, sendo deputado pelo circulo de Coimbra, e, de mais a mais, professor da Universidade, cumpria o rigoroso dever de se collocar ao lado dos interesses de Coimbra e da Universidade;

attendendo ainda a que, dada a sua situação dentro do actual gabinete, onde é ministro dos negócios estrangeiros, melhor do que qualquer outro deputado poderia propugnar por esses interesses;

attendendo a que, pela sua resolução, extranha e nunca esperada, demonstra evidentemente nada se preoccupar com os interesses do circulo que o elegeu deputado;

attendendo a que, desta maneira, se mostra indifferente, ou talvez inimigo dos interesses desta terra, pactuando assim com quem, sendo filho della, indignamente contra ella trabalha, defendendo a ideia de ser creado em Lisboa o curso do notariado;

— manifestando o seu desgosto pelo procedimento insólito do actual deputado por Coimbra, que revela como os representantes da nação, em geral e este deputado especialmente, obedecem somente ao interesse da facção politica que os faz eleger, postergando os dos povos que os elegem, resolveu: — representar ao parlamento contra a ideia de se crear em Lisboa o curso do notariado e que esta representação seja remetida directamente ao presidente da câmara dos deputados, ou ao dr. Arthur Montenegro, deputado e lente da faculdade de direito.

Coimbra, sala das sessões da Associação Commercial, 9 de fevereiro de 1901.

Discussida, pronunciaram-se entusiasticamente pela sua approvação quasi todos os assistentes, e passando-se á votação verificou-se que teve apenas dois votos contra.

Passelo velocipédico

Hoje pelas 8 horas da manhã, saiu do Gymnasio de Coimbra a secção velocipédica em passeio official, sendo o itinerário — estrada da Cidreira a Tentugal, vindo depois pela estrada de Antuzede, percorrendo 33 kilometros.

O sr. José Gomes Tinoco, a cargo de quem está a secção velocipédica do Gymnasio, procura, com uma boa vontade digna de todo o elogio, desenvolve-la e torna-la concorrida.

Vendeu se ha dias em Londres o livro *Evangelica Luator* que pertenceu á Abadia de Lindan, e era propriedade do conde de Ashburnham.

Este livro é uma obra d'arte magnifica, adornado com pinturas iluminadas e com mais de 300 pedras preciosas. Suppõe-se ser obra do 8.º ou 9.º século.

Foi adquirido por um milionário americano, pela quantia de 10:000 libras.

O museu britânico não quiz comprar tão raro exemplar.

Começou a publicar-se em Lisboa um novo diário com aquelle titulo. E' regenerador e diz-se defensor dos interesses economicos e moraes da nação. Tem influencia directa de um par e de um deputado governamentaes. Contudo apresenta-se duma forma decididamente enérgica na apreciação de tudo o que representa o funcionamento do estado. Forma é essa, num jornal monarchico, que dá margem, pela praxe vista em outros, a julgar-se significati-va de resentimentos. Mas é preciosa, porque vem certificar a razão de ser da attitude da imprensa republicana em relação ao funcionamento do mesmo estado. Para amostra, a transcripção deste periodo, ao acaso, dum dos seis números saídos:

Somos uma nação estrangulada. Internamente a má administração corroe-nos, e, como somos fracos, as harpias externas, em cooperação com os besouros de casa, caem-nos no arco-boço esquelético, e sugam-nos.

Estamos á mercê dos estrangeiros e extranjeiros.

Quem marca firme com a batuta financeira? Burnay, um estrangeiro. Quem dipõe da nossa viação accelerada nas principaes artérias de circulação? Mr. Chapuy, ás ordens de syndicates francezes.

No porto de Lisboa, somos nós que damos ordens? Não. Lá é rei Mr. Hersent.

Ha telephones em Lisboa; passeiamos em carrimpanas da Companhia Carris, chegámos a fingir de povo civilizador — mas são os estrangeiros que entre nós possuem esses elementos industriaes do bem-estar moderno. Tambem na China ha comboios, tambem os turcos conhecem a illuminação eléctrica, — mas elles, como nós, não são os capitalistas e iniciadores de taes meios progressivos. Nós, o que temos, e do melhor quilate, é o fisco empalmeado e os seus esbirros, e toda a frandulagem cara do estado maior social das opulentas nações. Nisto parecemos uma potência; nos elementos poderosos de acção e riqueza — somos como os chins, embasucados diante das habiidades dos Burnay, Hersent, Chapuy, Bleek e outras aves arribadas a este bemaventurado país dos laranjeas em flor.

Os industriaes francezes e ingleses exploram esta terra de párias, como exploram os pretos em Africa. Lá vendem cachaça ao indigena, aqui impingem manigancias aos brancos das terras do occidente. Uma miséria!

A Gran-Bretanha tem-nos como vassallos. Não tanto sob o ponto de vista politico como pela dependencia economica em que nos collocamos. Mantemos ainda, é certo, apenas uma fingida autonomia politica.

Poderal tambem aos pretos consentem as nações colonisadoras a conservação dos seus regulos, das suas praticas religiosas e dos seus costumes. Os nossos ministros mandam, como os regulos africanos, mas o santo e a senha vêm do alto, vimos a dizer — vêm das nações dirigentes.

Verdades profundissimas, insistentemente apregoadas já pelos jornaes republicanos.

Mas será aquella attitude dura-dora?

Se não significa uma trovoadapassageira, grandes serviços poderá *O Imparcial* prestar á moralidade, visto que taes franquizas e elucidações num monarchico, podem calar mais fundo entre os espiritos mais accentuadamente indifferentes pela marcha dos negocios publicos.

Dr. Daniel de Mattos

Assevera-se que vai ser dado a este considerado professor de medicina o logar, de director do laboratorio da Universidade; que vagou com a morte do dr. Augusto Rocha.

O *Diário* já publicou a portaria approvando o novo quadro da nomenclatura nosologica para a estatistica mortuaria em geral.

CARTA DE LOANDA

16—1—901.

A eleição do dr. Eduardo d'Abreu

Principiamos por transcrever na integra o manifesto dirigido pelo commercio desta cidade aos eleitores, nas ante vésperas da eleição:

«Aos eleitores—Uma das condições que caracterizam os povos livres é o uso libérrimo do direito do sufrágio.

«E' perante a urna que as manifestações da opinião pública se affirmam expressa e cathegoricamente.

«E' neste campo que os que trabalham offerecem e acceitam a lucta não como uma represalia, mas como um protesto significativo contra tudo o que até hoje tem sido a origem da situação desoladora que a provincia d'Angola, uma das perolas mais brilhantes do diadema português, atravessa.

«Daqui ao abysmo, á ruína da provincia, ao precipicio do dominio estranho, vam dois passos.

«E se as classes dirigentes num criminoso indifferentismo se tornam alheias aos males que cada vez mais se aggravam, urge que aquelles que moejam, produzem e sustentam, as forças vitas do país, se ergam na defeza do mais sagrado dos direitos do homem, na defeza do seu trabalho.

«A' frente deste movimento activo e cheio de independéncia está a classe commercial de Loanda, que apresentando aos eleitores do circulo 134 o nome do dr. Eduardo d'Abreu não inicia uma questão puramente politica, procura levar ao parlamento um homem que, pela sua dedicação ao torrão pátrio, se tem mostrado digno de applausos de todo o bom português. E' possível que os que se esforçam pela manutenção dum estado de coisas que, alem de nos absorver todo o producto do nosso labor, ainda ameaça o futuro dos nossos filhos, é possível que os representantes da pública administração desvirtuem e maisnem as intenções que presidem a este chamamento das classes trabalhadoras á vida activa da causa pública mas quando vos acenarem com o espectro das suas terroristas phantasias, voltae-lhe as costas e ide, com o voto livre, lançar na urna o protesto da vossa consciéncia.

«E' necessário despertar deste somno em que nos têm embaldado os que nos exploram e mostrar-lhes que é já tempo de se emancipar a consciéncia pública.

«Em volta de nós desenhá-se a nitidos traços uma crise que ameaça asoberbar nos, arruinando o que de mais bello e rico tem a provincia de Angola.

«E o que têm feito e fazem os que dirigem os negócios públicos? Cerrar os ouvidos a todas as reclamações que lhe sam dirigidas, parecendo apostados em avolumar as causas da nossa decadéncia, promulgando leis, quer administrativas quer tributárias, que mais parecem confeccionadas em servir alheios do que em serviço proprio.

«E pode acaso isto continuar assim? Não! E' o grito unânime que vai de toda a consciéncia e que ainda se não deixou obliterar pela sereia do poder.

«A' urna, pois, pelo candidato de protesto, pelo dr. Eduardo d'Abreu.»

O procedimento do commercio desta cidade mostrou claramente ao governo português que não está por mais tempo resolvido a

supportar o desprezo a que votaram esta provincia.

Cuidado! . . . —Passou o dia da eleição, o dia dos despotismos e arbitrariedades.

Eleitores de ha mais de dez annos não foram incluídos no recenseamento, outros se o foram, á maior parte delles negou se lhes o voto allegando os governamentais não serem os próprios, embora alguns fossem reconhecidos pelo regedor e presidente da mesa!

Verdadeiras patifarias. Imagine o leitor que estavam apenas recenseados 726 cidadãos!

Horas antes de principiar o acto eleitoral chegou á estação do caminho de ferro um comboio especial onde vinham nada menos de cento e tantos empregados dos caminhos de ferro, todos eleitores, está claro, empregados d'alfandega, etc. etc.

Pois apesar de tudo isto e de tantas outras coisas mais, o dr. Eduardo d'Abreu perdeu a eleição por sessenta e nove votos!

—Na companhia de policia estavam 100 praças de prevenção e dentro da igreja o serviço policial era feito por seis agentes, debaixo das ordens do amanuense Salvador.

Não houve nem a mais pequena alteração da ordem, havendo apenas protestos dum e doutro lado.

No Dondo teve o dr. Eduardo d'Abreu uma enorme maioria, mas que não foi sufficiente para cobrir a perda daqui e Ambaca, onde a pretalhada não sabe sequer para que serve a urna.

Pelo que deixamos dito, debaixo da maior imparcialidade, facilmente se vê que este ou aquelle governo que administre o país deve, com mais attenção, tratar do engrandecimento destas nossas possessões, porque o povo na lacónica phrase de que tanto se aperta a corda que ella rebenta, vai principiando a... protestar.

Cuidado!... Aqui ha portugueses.

—Com uma casa á cunha realitou-se, no dia 19 do corrente, a primeira corrida de touros da presente epocha.

Cavalleiro foi o laureado e sympathico Fernando d'Oliveira, que collocou ferros magistraes nos dois touros que lhe soltaram, sendo por isso alvo de estrondosas salvas de palmas. Teve uma chamada especial, na qual a fina élite de Loanda mostrou a Fernando quanto admira o seu bello trabalho.

Brevemente nova corrida devendo tomar parte, além doutros amadores, o arrojado cavalleiro Manuel Salvador, por especial obséquio aos promotores.

O producto da corrida deve reverter a favor da Associação dos Empregados do Commercio.

—Tem estado um calor asphixiante.

—O commercio atravessa uma crise medonha.

(Correspondente).

Casamento

Realizou-se ontem na Sé Nova o enlace matrimonial da sr.^a D. Domicilia de Lourdes Sousa Feio, filha do sr. António de Sousa Feio, com o empregado do commercio no Porto sr. Joaquim Ferreira.

Fôram padrinhos por parte do noivo, o sr. Júlio Monteiro da Silva e a sr.^a D. Izabel Maria de Mello, por parte da noiva, o sr. António Athayde e a sr.^a D. Maria José Nunes, irmã da noiva.

Os noivos saíram hoje para o Porto onde vam fixar residéncia.

Um caso velho — declarações

Chegeu de Lisboa, acompanhada por dois guardas de policia, José de Oliveira Neves que em o número passado noticiámos se dispunha a embarcar para o Brasil, quando no commissariado de policia foi recebida a denúncia de que se achava pronunciado na comarca de Penacova por um roubo, de ha 9 annos, no Carvalho, logar do Capitorno, concelho de Penacova onde residiu.

Foi interrogado pelo sr. commissário de policia, e das suas declarações vê-se que não é positivamente um lórpa:

Não sabia que estava pronunciado pelo roubo que lhe impunitam, e em abono desta ignorancia explica ser fácl de presumir que, se o soubesse, não viria a Portugal;— não occultou de nenhum modo a sua estada em Penacova: tanto que foi á administração do conselho apresentar, para ser visado, o seu boletim de sanidade, como viajante vindo do Brasil em dezembro, apresentando para prova esse documento que está, de facto, competentemente rubricado;— que foi ao tribunal da comarca tirar o certificado do registo criminal, sendo-lhe entregue sem o menor reparo;— e finalmente que se não intendeu com pessoa alguma para ser favorecido na obtenção desse documento, nem para quaesquer outras proteções.

Quanto á sua partida clandestina, ha 9 annos para o Brazil, desviando se de declarações acerca do roubo, explica apenas—que tendo deparado com difficuldades para obter a resalva, a fim tirar passaporte, encontrou um amigo que lhe offereceu o dinheiro necessário para as despézas da viagem, que elle lá pagaria, como pagou, facultando-lhe esse amigo os meios de ir embarcar a Vigo, para onde partiu levando uma carta de recommendação que elle lhe forneceu.

Está-se percebendo que esse amigo terá sido agente de emigração clandestina, e que a carta terá sido para um collega daquelle localidade espanhola, cumprindo-se portanto o caso, visto que as auctoridades, querendo tratar d'elle a sério, terão de procurar entender-se tambem como esse amigo ou agente.

Por que a verdade é esta:— contra as declarações do preso, que pretende desviar as attentões do roubo e não fallar d'elle, ha a resposta do delegado do procurador régio de Penacova, que diz estar elle ali pronunciado por esse mesmo roubo, praticado exactamente na epocha accusada na carta denunciadora.

Na cedéncia do certificado do registo criminal houve, pois, má fé ou apenas um lapso? Eis o que deve ser averiguado na comarca respectiva, a cujas auctoridades judicias o homem foi ontem remettido.

Está aberto concurso para o logar, de clinico interno dos hospitaes da Universidade, vago pelo pedido de demissão do sr. dr. José Rodrigues d'Oliveira, e que está sendo interinamente servido pelo sr. dr. Cruz Amante.

Por falta de espaço fomos obrigados a retirar noticias e outras matérias que daremos no próximo número.

Chaile

Está em depósito, no commissariado de policia, um chaile que foi achado numa das ultimas noites, e que pôde ser reclamado por quem a elle provadamente tenha direito.

LITTERATURA E ARTE

CREPÚSCULO

A noite cae, a noite cresce, a noite alastra
Na minha vida como sobe para o Céu;
E essa voz, que dizia o «sic itur ad Astra»
A' minha consciéncia, agora emmudeceu.

Não vejo nada a não ser tu; e sei que és loira
—O' Alva como a luz e, como o Sol, distante!—
Pelo forte clarão que te illumina e doira
A cabeça pequena e alegre de Bachante.

Todos os meus ideaes se junctam em ti hoje,
Toda a esperança que tenho é só em ti que a busco;
Mas o teu claro olhar, se acaso me não foge,
E' para o meu, que o ama, ou hesitante ou brusco...

Tens-me talvez desprezo ou tens talvez receio
De que eu não possa amar-te assim como devia,
Porque me vês soffrer o soffrimento alheio,
Porque me vês chorar pela humana agonia!

Se pensas isto, Amôr, enganas-te:— soffrendo
E chorando eu procuro a luz que a treva tem:
—Por conhecer o mal é que em minh'alma accendo
Esta ancia febril de procurar o Bem...

E' em ti que o procuro, em ti, já que o não vejo
Em outra aspiração da minha juventude;
Já que é por ti que chora o meu alto desejo
Que se cansa de estar na antiga quietude!

E porque o meu Ideal é grande e o mundo estreito
Para o conter, pois que está cheio de ambições,
Quero ver se elle cabe a dentro do teu peito,
E se elle aí floresce e chama os corações...

E se tu vens cantar essas palavras bellas
Que ha muito elle me diz e que, no entanto calo:
—Que só a tua bôcca é suave p'ra dizê-las,
—Que o amôr, que elle traz, só tu podes chamá-lo!

E os homens, que p'ra mim não sam hospitaes,
Porque esta minha voz lhe não sabe fallar,
Hám-de ouvir-te, hám-de ouvir meus sonhos verdadeiros,
Que os ensinam a rir e os ensinam a amar.

E os teus olhos leaes, amorosos e puros,
Virám proteger, cheios de claridade
Os que choram á noite em caminhos escuros,
E o meu olhar que implora a tua piedade...

E' isto o que te offerto, ó loira como o dia:
Ser como o Sol e ser maior que um propheta;
Trazer, aos corações a paz e a alegria,
Fortalecer e amar a crença dum Poëta!

Mas ficas silenciosa... E a noite, negra, alastra
Na minha vida, como sobe para o Céu...
E a voz que me dizia o «sic itur ad Astra!»
—Porque sonhou a tua— agora emmudeceu...

1901. Fevereiro.

JOÃO DE BARROS.

4 Folhetim da «RESISTENCIA»

ARSÉNE HONSSAYE

REGINA

Livro primeiro

O tiro de revolver

II

A OPINIÃO DA COSINHEIRA

—E' a mesma coisa! Deve trazer qualquer coisa contra a senhora.

—Bem se vê que ella lhe não dá nada quando á noite se vai embora.

—Não lhe queria o dinheiro; porque é o dinheiro da condessa.

—Agora! Parece que faz óperas.

E' um comediante, um jarreta, um ninguém. Pasquinet disse-me: Deve dar maus conselhos, á senhora.

—Cala-te! tornou a dizer a creada de dentro. Ponho as mãos no fogo, que a condessa não saiu hoje para matar o marido.

—Sabe porque ella safu?

—Julgo que para ir ao sermão. Ora adeus! Podia ensinar cura.

A cosinheira pôs dois perdigotos a assar no espêto.

—Podia pôr só um, disse a creada de dentro.

—Está tola! Havemos de comer o outro se a condessa não jantar.

A esta reflexão que vinha dum bom apetite, a creada que não dizia tudo o que pensava a cosinheira, subiu até ao quarto de Regina apesar de não ter sido chamada; mas a tragédia da morte do conde não lhe dava o direito de infringir as ordens?

E' que ella lá tinha a sua ideia: apesar de não acreditar que a condessa tivesse morto o marido, queria, apesar disso, ver se o revolver estava ainda no logar habitual; por isso, mal entrou no quarto lançou logo os olhos para a mesinha de cabeceira.

O revolver não estava lá. Eleonora empallideceu e olhou para a ama como para lhe penetrar dentro d'alma.

Era nesse momento que os dois rapazes que tinham encontrado Regina, a descer do fiacre, entravam no club que em tempos se chamou Imperial, hoje club da antiga rua dos Campos Elysios, na Praça da Concórdia antigamente chamada de Luiz xv.

(Continua)

PEREIRA ALFAIATE

Abriu o seu estabelecimento

Rua Ferreira Borges, 135, 1.º

COIMBRA

LIVRARIA ACADÉMICA

171, RUA FERREIRA BORGES, 173 — COIMBRA

Papelaria, tabacaria, objectos de escriptório, desenho, loterias e bilhetes de visita. Livros officialmente adoptados nos lyceus e escolas primárias. Encomendas rápidas de livros e jornaes portuguezes e estrangeiros.

Fornecimento monstruoso dos melhores charutos, cigarros epícados das fábricas de Havana, Cairo Oran, Rio de Janeiro, S. Petersburgo, Dresden, Auvers, Eindhoven, Londres, Amsterdam e Régie Francêsa. Dos melhores papeis de fumar, taes como: Zigzag, Ramses, Ambré, Authomatique, Persan, Abadie, Havano, etc. importados pela Casa Havana, de Lisboa.

Filial para a venda a miúdo

LIVRARIA ACADÉMICA

171, Rua Ferreira Borges, 173



Alerta! Amadores! para a Casa de Pasto

"A LUZITANA,"

Que abriu na antiga TABERNA DO POVO

60—R. das Sollas—66

Agora, como sempre, encontrareis nesta casa diferentes qualidades de puros vinhos, geropiga, aguardente de puro bagaço, etc., etc. Não ha competidor em preços e qualidades ao

Armazem de vinhos por junto e a retalho

da Rua das Sollas

Os vinhos de pasto sam todos da colheita de 1899, e até dezembro seram os freguezes mimoseados com vinhos velhos garantidos.

Esta casa está aberta até a 1 hora da noite, onde se encontram sempre variados e appetitosos petiscos e sobretudo magnifico vinho. Ha camas para pernoitar.

PREÇOS DOS VINHOS

Vinho de Torres Vedras a.....	70 réis o litro
» » » a.....	80 » »
» verde de Basto a.....	90 » »
» branco de Torres Novas a.....	90 » »
» » de Mangualde a.....	90 » »
Vinagre a.....	80 » »
Geropiga (1.ª qualidade) a.....	130 » »
» (2.ª qualidade) a.....	110 » »
Aguardente de bagaço (1.ª qualidade) a.....	240 » »
» (2.ª qualidade) a.....	200 » »
» (3.ª qualidade) a.....	180 » »
» » figo a.....	120 » »
Vinho branco da colheita de 1894 (garrafa de litro).....	240 réis
» tinto da mesma colheita (garrafa de litro).....	240 »
Ambas as qualidades (sem garrafa).....	180 »

Azeitona Cordovesa a 120 réis o kilo e de 5 kilos para cima a 110 réis.

O seu proprietario já bastante conhecido pelos seus numerosos freguezes, participa que mudou o seu estabelecimento do Largo das Ameias para este novo armazem, onde fez importantes reformas afim de satisfazer por completo as exigências do publico.

Visite pois **A LUZITANA** do Cesar Cabral.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietario, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços commodos.

Tem bons quartos para alugar accetando hospedes permanentes.

O proprietario,
José Maria Junior.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, 52, (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais artigos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, agua-ráz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Rédes de aname, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e extrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa lavatório e cozinha.

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Economia garantida de 50 OIO

Bico Bébé Aureo a 2\$000 réis

Bico n.º 1 a 3\$000 réis

Bico n.º 2 a 3\$500 réis

Mangas para todos os bicos n.º 1 400 réis e n.º 2 450 réis.

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Armazem de candieiros, lyras Lustres e braços de crystal. Machinas para aquecer agua para banho, retretes, urinões, lavatorios e bidets.

Canalizações para agua e gaz

Tubos de chumbo e ferro, torneiras de todas as qualidades. Executa-se tambem trabalhos fora desta cidade.

Rua Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

Guerreiro e Monge

POR

A. de Campos Junior

Grande edição de luxo, illustrada com numerosas gravuras em madeira — revista e ampliada pelo auctor.

Cada caderneta, em grande formato, magnifico papel; typo especial e primorosas illustrações — 60 réis.

Distribuição semanal

Um tomo, igualmente illustrado, por mês — 300 réis

Empresa litteraria do jornal O Século.

43, R. Formosa, 43 LISBOA

Praticante de pharmácia

Precisa-se com um anno de prática. Nesta redacção se diz:

TYPOGRAPHO

Precisa-se na Nova Casa Minerva em Coimbra.

CÃO MOPS

Perdeu-se um que dá pelo nome de Adamastor. Foi perdido das duas horas da tarde em diante, do dia 2.

A quem o achou pede-se a fínese de o entregar na rua Ferreira Borges n.º 85 a 89 onde receberá alviças.

Para liquidação

Vendem-se duzentas rozeiras das mais finas qualidades em vazos grandes com etiquetas de zinco a 300 réis cada uma! cinco vasos grandes, uma lanterna chinesa, um cabide bengaleiro, proprio para entrada de caza, uma rica mobilia de quarto, um christo de marfim, uma estante de pau preto e dois lustres. Couraça de Lisboa n.º 111 ou Largo de S. João n.º 6, Coimbra.

CONCURSO

Dr. Guilherme Alves Moreira, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra

Faço saber que por deliberação da mesa está aberto concurso por espaço de trinta dias, a contar da publicação deste annuncio no *Diario do Governo*, para o provimento do logar de professor de desenho do collégio dos orphãos de S. Caetano, que tem o ordenado annual de 144.000 réis, devendo os pretendentes apresentar na secretaria desta Santa Casa, em qualquer dia útil desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde, os seus requerimentos, com os seguintes documentos: — a) certidão d'idade; b) certificado do registo criminal; c) attestados de bom comportamento passados pela câmara municipal e auctoridades policiaes; d) certidão por onde mostrem haver satisfeito ás leis do recrutamento militar; e) carta ou qualquer documento por que provem as suas habilitações para o referido logar.

Secretaria da Misericórdia de Coimbra, 7 de fevereiro de 1901.

Guilherme Alves Moreira.

As constipações, bronchites, tosse, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attemuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão*, compostos (**Rebucados Milagrosos**), cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessoas que os têm usado, e verificada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE FERREIRA MENDES
Rua de S. Lazaro, 294 a 298
PORTO

Vendem-se em todas as pharmacias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

QUINTA

Vende-se ou arrenda-se uma, muito proximo desta cidade com boa serventia para carros.

Compõe-se de casas para habitação e arrecadações, terra de semeadura, olival, arvoreds de fruto, e alguma vinha. Tem agua com abundancia.

Para esclarecimentos ou tratar, Couraça de Lisboa, 32

Bom emprego de capital

VENDE-SE uma espléndida casa a entrada do logar de Cellas. Tem bellas commodidades para familia numerosa, um espléndido jardim, agua nativa canalizada para a cozinha e casa propria para arrecadação.

Quem a pretender pode dirigir-se á rua Visconde da Luz, n.º 40, onde se trata a venda.

ARRENDAMENTO

Arrenda-se desde já um armazem sito na rua das Padeiras proprio para quaesquer generos.

Trata-se com o seu proprietario, Joaquim Augusto Borges de Oliveira, rua dos Sapateiros, 108.

TYPOGRAPHO

Offerese-se um com algumas habilitações. Na typographia deste jornal se diz.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAZ ADIANTADA)

Com estampilha — Anno: 2.700 réis; semestre: 1.350 réis; trimestre: 680 réis.
Sem estampilha — Anno: 2.700 réis; semestre: 1.350 réis; trimestre: 680 réis.
Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50%.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal for honrado.

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6

Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral

Officina typographica, rua Martins do Carvalho, 7

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Curso notarial

Está já a assignatura a representação ao parlamento da Associação Commercial sobre a questão do notariado! É um documento importante e valioso, que abaixo publicamos, e que tem sido recebido pela população da cidade de forma a deixar a Associação no pleno convencimento de que a sua louvável e benéfica acção em tudo o que respeita aos interesses da cidade é justa e gratamente apreciada.

Sobre o assumpto — *curso notarial* — temos ainda que apreciar. A abundância de original, porém, não nos permite que hoje demos mais que a bem elaborada representação, que segue:

Senhor

A campanha empreendida na imprensa e no parlamento para a criação em Lisboa do curso do notariado, prometido pelo decreto de 14 de setembro de 1900, não podia passar despercebida a esta Associação Commercial, como intimamente identificada com os interesses da cidade de Coimbra.

Efectivamente, a criação do curso do notariado em Lisboa prejudica profundamente esta cidade, desviando para a capital uma grande parte dos alumnos de direito sem que as necessidades superiores do ensino ou os interesses legítimos do país justifiquem tal reforma.

Nos países, em que o ensino do direito se encontra mais perfeitamente organizado, como na Alemanha, na Austria e na Itália, que caminham na vanguarda do movimento jurídico contemporâneo, os estudos notariaes são feitos nas faculdades de direito. E' que aí comprehendem-se perfeitamente que os meios universitários são os mais próprios para o ensino da sciencia sob qual quer das suas formas, e que os estudos notariaes encontram nas faculdades de direito as condições favoráveis para a sua organização mais perfeita e completa.

E' vulgar o combater a criação do curso do notariado juncto da faculdade de direito, com o fundamento de que a capital é a cidade do país, em que a vida jurídica é mais intensa e movimentada, offerecendo assim um meio mais próprio para o ensino do direito e das suas especialidades. Mas muitas cidades alemães e italianas com universidades dum nome glorioso não apresentam a vida jurídica de Lisboa, e apesar disso o ensino do direito tem aí adquirido o desenvolvimento científico que todos admiramos. Não é a vida jurídica, com as obscuridades e as confusões da realidade e com a successão incoherente e desconnexa dos casos práticos, que pode formar o espirito do notário, mas o ensino do di-

reito orientado pelos principios scientificos e tendo por objecto a solução esclarecida e intelligente das difficuldades da legislação e da jurisprudencia. E' por isso que no ensino juridico allemão se ministram os conhecimentos praticos em institutos apropriados, como são os tam afamados *seminários*, sem se recorrer as modalidades concretas da vida juridica do meio ambiente. Só depois dum ensino juridico convenientemente dirigido, é que a observação das relações entre o direito e os factos da vida pratica pôde ser conveniente e proveitosa ao futuro notário. O decreto de 14 de setembro de 1900 assim o parece ter entendido, porquanto determina que a pratica exigida para a admissão ao concurso para o provimento dos logares do notário devera ser posterior a conclusão da formatura ou do curso do notariado.

E' tambem perfeitamente contradictório que a faculdade de direito possa habilitar candidatos ao notariado, com o curso geral de direito, e não os possa habilitar com um curso muito mais simples e limitado, como é o do decreto de 14 de setembro de 1900. Os cursos juridicos especiaes são e devem ser o complemento natural e logico do ensino das faculdades de direito, visto este ensino não ser proficuo se não for ao mesmo tempo theorico e pratico.

Finalmente, os interesses legitimos do país oppõem-se evidentemente a criação do curso notarial em Lisboa, visto as nossas condições não serem tam prosperas que permitam a despesa avultada que ella exige. Em Coimbra a despesa com a organização do curso do notariado seria insignificante, visto limitar-se a criação de uma ou duas cadeiras.

Por isso, em nome dos interesses da cidade de Coimbra, apoiados pelos interesses superiores do ensino e pelos interesses legitimos do país, vem esta Associação, secundada pelo publico desta cidade representar respeitosa-mente a V. Magestade contra a criação do curso notarial em Lisboa, e a favor da sua criação juncto da faculdade de direito.

Associação Commercial de Coimbra, 10 de fevereiro de 1901.

"Reverso do espelho,"

Em pamphleto avulso, um grupo de Jesuitas, em prosa sermoneasca qua pôde embair auditorios sertanejos, mas não tem curso legal numa academia como a de Coimbra, exalta com desabrido ardor as ordens religiosas, gritando ás armas pela sua restauração.

Nunca vimos apologia tam sérvil, que excede até aquellas apothéticas tiradas de Paulo Féval quando reduz a craveira de parvos inoffensivos o duque de Arandó, o marquês de Choiseul, o nosso Pombal e outros tantos adversarios da companhia jesuitica; e é de ver com que audácia os seraphicos juristas, futuros chicaneiros, consideram falsarios e factiosos todos os que pela intel-

ligência e pelo espirito têm vindo séculos em fora, a combater a horda jesuitica.

Segundo elles, as ordens religiosas *constellaram* de triumphos o firmamento da nossa historia. Desconhecemos taes triumphos, como negamos que lhe devamos quaesquer serviços.

Depois, como elemento de ordem, os jesuitas são de primeira força. Havemos de mostrá-lo aos srs. doutores.

Fallam em carta constitucional e concluem que por ella consignar que a religião catholica é a official se deve abrir a porta ás congregações religiosas, mas esquecem estes jovens sachristas que tambem a carta é tolerante com os outros cultos e que o Juiz Veiga persegue os protestantes illegal e arbitrariamente.

Mais de espaço fallaremos. Em conclusão: se são *caloiros* os taes *juristas*, têm arrojões de phraseologia que decerto lhes daram cotação nas aulas de theologia: se são já *doutores*, sentimos não lhe sabermos os nomes para os recomendar a generosidade da *Companhia*, evitando a clientella futuros desastres.

Crime de estupro

Da policia foi enviada ás autoridades judiciaes, para exame de sanidade, uma menor 10 annos, filha de Maria José de Jesus, residente no Casal do Lobo e que se apresentou no commissariado a accusar o seu visinho Augusto Fernandes de ter attentado contra a pequena, attrahindo-a a sua casa sob o pretexto de dar-lhe laranjas.

Outro menor de 6 annos, neto do selvagem, e que o viu fechar a creança em casa, disse-o innocentemente, servindo esse aviso para interrogarem a victima do brutal attentado. Contou como o patife abusou della e a obrigou a callar-se quando quis gritar, dando-lhe ao fim um tostão e recomendando-lhe o maior segredo.

Verdadeiramente bestial.

Passou o rei

Regressando de Inglaterra, passou ontem na estação velha o rei de Portugal. A recepção como sempre: — elemento official, tropa com a respectiva banda a fazer a guarda d'honra, outra banda e um punhado de curiosos. Fazendo enorme gritaria um numero regular de estudantes: — uma commissão ia fallar ao rei, pedir-lhe feriado para sexta feira; contando com elle já para sabbado, anticipavam assim em mais um dia o começo das férias de entrudo. A massa academica fora, pois, para conhecer logo a resposta. O rei concedeu feriado desde hoje. Presumia-se a alegria dos rapazes que a caminho da estação iam gritando antecipadamente: — Viva o feriado de sexta feira. Pouco depois, no comboio das 10, muitos partiam para junto das familias. Tinham as malas feitas: — esperavam apenas, e obtiveram, o — *regio concedo*...

Demais, os vivas do estylo, que mal se ouviam em meio da vozearia dos rapazes.

CONTRA OS JESUITAS

Reunião da Academia

Assistimos a mais imponente assembleia geral da academia que, nestes últimos annos, se tem realisado.

Muitas vezes desalentados, e quantas até sinceramente revoltados contra a indifferença por ella mantida deante de questões do mais palpitante interesse nacional, nos affirmamos divorciados dessa collectividade que uma forte degenerescencia parecia ter assaltado; mas hoje é com immenso jubilo que consignamos esse intenso lampejo de brío que por igual assignala a sua vitalidade intellectual e a sua renascente devotação pelas causas santas.

Manifestação de espiritos livres, sem rótulo partidário, em que collaboraram fortemente conciliados todos os liberaes, ella deve ter dito bem alto, aos paladinos da reacção que a mocidade portuguesa saberá oppor aos seus arditos projectos o seu protesto altivo e fecundo.

Eram cinco horas da tarde quando a assembleia principiou, no Theatro Circo, cheio de uma multidão de estudantes, que se agitava ansiosa e irrequieta. Presidiu o quintanista de medicina Neves, secretariado pelos srs. Baptista da Silva, do 5.º anno de Direito, e Fontes, do 5.º anno de Medicina.

Depois de ter pedido a máxima cordura e serenidade para que tam momentoso assumpto fosse discutido com largueza e liberdade indispensaveis, o sr. presidente deu a palavra ao sr. José Summavielle do 4.º anno de Direito, um dos signatários da convocação, que, depois de ter exposto o fim da reunião, se propunha justificar a oportunidade e a justiça de um movimento de protesto contra a existencia das congregações religiosas. Mas neste ponto os do bando reaccionario romperam numa hostilidade injusta e tóla, que determinou uma enorme e prolongada ovação, sendo necessario que um alumno de theologia pedisse aos seus amigos a cessação da grita selvagem.

Seguiu-se-lhe no uso da palavra o nosso amigo Arthur Leitão que apresentou a moção que abaixo transcrevemos.

Coberta de applausos, logo delirantemente perfilhada, a moção de A. Leitão foi afinal votada por enorme maioria.

Estalaram palmas, ergueram-se vivas á *Liberdade!*, agitaram-se capas num delirio, que bem prova a forte convicção que animava todos aquelles, que allí iam pedir liberdade de consciencia.

Falaram ainda defendendo a moção apresentada os srs. João Duarte d'Oliveira, do 3.º anno de medicina, Magalhães e Silva, Ferreira da Silva e Sá e Baptista da Silva, do 5.º anno juridico, e o sr. Matta Dias, do 2.º anno juridico.

Todos elles, em phrase elegante e conceituosa, mostraram que

o espirito humano de ha muito se tinha emancipado dos preconceitos do obscurantismo e da superstição: que a uma época de argúcias torpes e dogmatismos que escravizavam as massas succedera uma época de livre exame e critica depuradora que exhumava as crenças da alluviação de *prejuzos* com que a igreja as deformára.

Fizeram a historia das congregações religiosas, salientando os seus effectos perniciosos na vida do Estado, e terminaram affirmando a necessidade de um largo movimento de protesto contra o predomínio que a reacção vai adquirindo entre nós, mercê do abandono a que se relegaram as leis de Joaquim Antonio d'Aguiar.

Não se vinha allí atacar as crenças de ninguem: a manifestação que se promovia deixava as invioladas na consciencia de cada um.

Era até em nome dessas crenças queurgia oppôr um dique á expansão ultramontanista.

A academia, na sua grande maioria, comprehendeu bem a justiça destas palavras, coroando-as de applausos.

Impugnando a moção apresentada, os srs. Alberto Constâncio, do 4.º anno de direito e Moreira de Sousa do 4.º anno de theologia limitaram-se a considerar como uma questão de dandysmo e fêbre exhibicionista a hostilidade geral contra os jesuitas; e como unico argumento ponderoso só acharam que, reclamar a supressão das ordens religiosas, era attentar contra o direito natural de associação. De forma que, por essa consideração, deveriam deixar-se medrar em plena liberdade, inviolados, os alfômbres de conspiradores.

Requerida a votação, visto que a hora ia adiantada, e o espirito da academia decerto se não mudaria com as argúcias de discursadores habeis, foi ella, como dissemos, votada por uma enorme maioria que prerompeu em estrondosas acclamações.

O bando reaccionario ainda lá se conservou em permanente algazarra e num furor de destruição lesando atrevidamente o direito de propriedade de outrem, elles que tam carinhosos se haviam mostrado para com o direito de associação.

Eis a moção e proposta approvadas:

MOÇÃO

Considerando que o propositado abandono do decreto de Joaquim Antonio d'Aguiar e da proposta de lei de Anselmo Braamcamp representa da parte dos poderes publicos uma protecção escandalosa e criminosa aos jesuitas, que, dia a dia, têm estendido sombriamente os seus tentáculos, sendo o seu predomínio cada vez mais intenso e absorvente;

Considerando que no momento em que a França se prepara para expulsar do seu territorio os funestos sicários da seita de Loyola, elles voltam os seus olhares anceados para a Península, — certos de que os altos poderes do Estado não vam recusar-lhes asylo, desenhando-se assim bem ni-

tidamente todos os perigos duma completa absorpção;

Considerando que urge terminar com o aviltante regimen de educação clerical a que está sujeita a mocidade portuguesa; por quanto é pela educação das crianças na Escola que se preparam cidadãos dignos, e, pretendendo a moral jesuitica, conseguir apenas instrumentos servis da sua vontade, inculca no espirito da juventude principios e doutrinas de que resulta o desaparecimento das virtudes civicas, sendo portanto a sua obra uma ameaça permanente contra a Liberdade, contra a Civilização e contra a Sciência;

Considerando que a mocidade das Escolas assiste o sagrado direito de vida livre em todas as manifestações do pensamento humano, subtrahindo-se a pernicioso influencia da reacção intolerante que a asphyxia;

Considerando que o apregoado regimen de liberdade da nossa época não pôde amortilhar com desprezo o decreto rasgadamente liberal, com que o pulso forte e audaz de Joaquim António de Aguiar completou a grande obra do Marquês de Pombal, concebida na lei de 3 de setembro de 1759 ainda em vigor;

Considerando que o respeito por essa lei, que representa a mais querida aspiração do povo português, não só previne um calamitoso movimento jesuitico invasor, mas tambem evita as desastrosas e funestas consequências, deridentes de justa represalia, mas certamente impróprias da hora alta de civilização attingida; A Academia de Coimbra, conscia das suas responsabilidades e reunida em assembleia geral resolve:

1.º Convocar as academias de Lisboa e Porto a uma grande manifestação collectiva a fim de exigir do governo, por intermédio do parlamento, a sagrada e enérgica observância da lei de 3 de setembro de 1759, pela qual foram expostos os jesuitas, e decreto de 28 de maio de 1834, pelo qual foram extintas as congregações religiosas.

2.º Convocar a familia liberal portuguesa a uma grande manifestação civica, anti-jesuitica, juncto do túmulo do illustre estadista Joaquim António d'Aguiar no dia 26 de maio de 1901, anniversário da sua morte: demonstração pública que, assumindo as elevadas proporções de uma consagração nacional á obra gloriosa do Marquês de Pombal, de Joaquim António de Aguiar e de Anselmo Braamcamp, seja simultaneamente a suggestiva afirmação de que a mocidade portugueza está disposta a afrontar todos os sacrificios na defesa sacrosanta da Liberdade.

Coimbra, 12 de fevereiro de 1901.

Arthur Leitão.

PROPOSTA

Proponho que, para dar cumprimento á moção approvada, seja nomeada uma comissão composta dos seguintes senhores:

Luiz da Cruz Navega, José Summavielle, Manuel Duarte Videira, João Baptista da Silva, Carlos Amaro, Arthur Leitão, Marques da Costa, João Duarte d'Oliveira, Francisco de Paula Pinto Coelho Vasconcellos, João dos Santos Monteiro, Manuel das Neves Junior, António Ferreira Fontes e José Ferreira da Silva e Sá.

Coimbra, 12-2-1901.

O proponente, Carlos de Mendonça.

Falleceu ontem, victimada por um volvo a irmã do sr. Thomás Pombar, negociante desta praça. Sentimos.

Apprehensão de carnes

Na manhã de segunda feira foi apprehendida pelo vigia municipal n.º 15, uma rez—carneiro—com o peso de 13 kilos e meio, que o marchante Violante abatera clandestinamente e mandava para consumo no hospital.

Estes factos tomaram já foros de perfeita e completa normalidade, mas nem por isso deixou de ser motivo de grande estranheza. Porque é esta a verdade: —abater gado a occultas e dá-lo ao consumo, representa um crime. Na prática d'elle ha apenas o propósito de fugir ao pagamento de direitos e á tacha do matadouro? Não pôde acreditar-se, e antes fica a crença e bem fundada de que as rezes mortas a occultas seriam reprovadas, por doentes, pelo sr. veterinário, se apparecessem no matadouro, e que para não soffrerem esse desgosto, os srs. marchantes as amanham a occultas e as impingem ao público.

E de que ninguem pôde confiar, levemente sequer, na lealdade de proceder dessa gente, que ha tantissimo anno vem dispondo do commercio de carnes como dum morgadio, é prova eloquente o caso d'agora. Pois não irrita e não merecerá séria punição que se tenha o despropósito, o cynismo, de mandar-se para consumo numa casa de saúde, para sustento de enfermos em tratamento, uma rez doente — temos de admittilo por ser morta á socapa e ainda porque o sr. delegado de saúde a condemnou e mandou enterrar — quando até os deveres de humanidade e de consciencia impunham escrúpulos e seriedade no fornecimento a tal fim destinado.

O facto é já intoleravel pelos perigos que representa para a saúde pública, mas passa á categoria duma infamia ultra-condemnavel, quando dado nas condições que vimos de referir — a remessa de carne inaceitavel para enfermos.

E têm casos conhecidos, as apprehensões feitas, ficado absolutamente impunes? E' certo que não, mas não podemos deixar de convir em que nas penalidades impostas tem havido uma enorme somma de complacência que justifica e—digamos as coisas como ellas sam—até auctorisa o seguimento na prática do intoleravel abuso.

Que se tem feito para reprimil-o? Impôr multas como agora — 20000 réis pela transgressão e 40500 por abater fóra do matadouro. Mas para que serve apenas isso. Pois não se vê, por tantas reincidências verificadas, que essa perda de 60500 réis em multas não representa um agravo aos delinquentes relapsos? Não se demonstra que o não pagamento de direitos e da taxa ao matadouro, por uma enormidade de kilos de carne escapada a vigilância e vendida a occultas, dá muito vantajosamente para uma ou outra apprehensão?

Deixemo-nos de illusões:—o facto repete-se com uma parte de responsabilidade das auctoridades a quem cumpre velar pelo assumpto.

Compreenda-se que não pretendemos fazer agravos, mas apenas tirar conclusões.

Veja-se que a maior preocupação hoje ai manifestada em matéria de sanidade, está voltada para a cifra monstruosa da tuberculose e para os seus medonhos estragos. Veja-se mais que ha ruas onde dos habitantes, a percentagem dos atacados é de mais de 3 e 4 por cento, lutando os clinicos generosa mas impotentemente para fazerem parar a marcha sempre crescente do mortifero flagello. Pois é exactamente

nesta conjunctura que nós vemos impingir até—suprema aberração! —aos hospitaes, carnes de rezes doentes, abatidas clandestinamente, para consumo duma população que definha e que está dando para a tuberculose um importantissimo contingente. Falla alto o registro do obituario.

E quando um marchante é apanhado na prática desse crime duplamente intolleravel, o que fazem as autoridades competentes: — mandam applicr a simplicidade daquellas multas e... adeante, quando o crime era para relagar ao poder judicial, a fim de a punição enérgica e condigna poder servir de exemplo benéfico para a repressão. O contrario será dar margem á repetição constante do facto. Porque não é o único de ha dias, o do carneiro para o hospital...

Pouco antes, o mesmo vigia apprehendeu 7 kilos de boi ou vaca, morta não se sabe onde, que um individuo das Chãs, José Cidade, trazia com destino para um talho cujo domno, por desconfiança de ser apanhado, a não quiz receber, e que o mesmo Cidade depois procurava vender numa casa de pasto.

Que succedeu? As multas de 20000 réis e 40500. O resultado dessa bignidade? A remessa para o hospital—do carneiro nas condições ditas.

Sam esses os beneficios que os nossos marchantes nos proporcionam, aggravando-os com a expoliação que lhes vimos soffrendo.

Ou as autoridades querem ou não querem reprimir taes factos criminosos. Se querem não se limitem ás multas e mandem-as á barra do tribunal; se não querem, deichem isso por completo, porque não valle a pena tanto commodo só para a cobrança duns mil réis, continuando a saúde pública sob o mesmo agua-ceiro.

Entramos na guerra?

Está já em Lisboa o sr. D. Carlos. Que novas, ou que surpresas, em relação á nossa vida interna e externa trará de Inglaterra?

Ignora-se ainda, podendo—afirmar-se sómente que ha inquietações. Nos últimos dias, os acontecimentos politicos, ou antes a preocupação ministerial provocava sobreavisos. Telegrammas trocados entre o governo e o monarcha originaram espectativas, sendo de bem mau agouro os boatos que circulavam.

Affirma-se que no expiar desta semana se darão acontecimentos notaveis. E' que, feito alarde da aliança, tão insistentemente gaba da pelas gentes governamentais, começaram de antever-se as resultantes, e agora—isto se accentua:—é critica a situação dos ingleses na Africa do Sul. Pela bocca de Chamberlain declaram que não mudarão lá de politica. Para a resolução de determinadas difficuldades cooperará com elles o nosso país, é positivo, e as vistas ficam demoradas sobre o nosso exercito e sobre Lourenço Marques. Negociar-se ha aquella nossa provincia? Mandaremos os nossos soldados a combater contra o heróico povo que lucha pela sua liberdade?

Eis a solução que vem nas malas do sr. D. Carlos, mas o que é positivamente crível é que de qualquer modo vamos dar ao mundo o espectáculo vergonhoso de contribuímos enormemente para a sangueira. Esperamos e ver-se ha, agora que o rei está de volta.

De crise ministerial falla-se insistentemente, dizendo-se que ella se prende com estes assumptos. Acontecimentos para esta semana? Esperemos.

Chronica de theatro

III

Em minha casa

—Melhor, doutor?

—Doe-me o corpo todo, não estou bem em parte alguma. E tu? Deixa ver os queixos. Quasi bom! Continua com o alcatrão. Provavelmente vai se só com isso.

—Se não fossem as fendas, estava fino.

—Isso passa tambem. O peor é que tens de escrever um artigo por mim.

—Prompto, doator. É sobre geometria descriptiva?

—Peor. E' o ultimo artigo sobre o theatro.

—Não vi o segundo, tem ai?

—Não perdes nada. Não. Neste artigo queria dizer o que penso do theatro D. Maria.

—Mal?

—Não. Bem.

—Artigo difficil...

—Toda a gente sabe que eu sou má lingua. Isso é logar comum.

—Eu não fui que disse.

—Não. E' claro. Vamos, vamos ao artigo.

—Cá estou.

—De *aparada pena*?

—O Leitão! Olé compadre. Entraste sem ninguem sentir.

—Saudades. Não se encontra o compadre em parte nenhuma. Para me distrair fui hoje á bibliotheca. A' porta esbarrei com meu irmão que saia furioso. Não havia um livro que elle queria. Para elle não ha livros bastantes. Imagine o doutor que a sua maior pena é ter ardidado a bibliotheca de Alexandria. Chega a sonhar de noite, tem pesadelos e accorda a gritar pelos bombeiros voluntários...

—Asneira! A sciencia anda depressa... a marcha é vertiginosa. O que hoje é certo, é falso daqui á dois meses. E' por isso que eu não começo a estudar senão depois do entrudo. Sam quinze dias de ganho, e no fim, eu cá os espero.

—Depois, a gente não tem livros. Nunca vou á Bibliotheca que encontro o livro que peço. Estou como meu irmão. O Bento hoje explicou-me que eu sou duma sciencia revolucionária e que desses livros não ha lá. O artigo que me disse sobre a *Irmã mais velha*?

—Ai tens. E' esse, lê.

—O *pae pródigo* é como todo o theatro de...

—Lê baixo. Vamos nós ao nosso artigo.

Olé Fernandes. Muito obrigado.

—Gostou?

—O vinho é delicioso.

—Eu tambem gosto, mas em vinhos verdes...

—O Cerqueira! Quem aí vem! Salve-os Deus. Cabem todos? Arrumem-se como poderem. Se quiserem saber como eu estou leiam a sebenta.

—A sebenta?!

—Tal qual. Estou farto de contar o caso. Mandei lithographá-lo. Agora leiam se quiserem. O Cerqueira pode dar informações do tratamento. O Refoios...

—Foi ao Refoios?

—Era fatal! Desgraça que me aconteça tem elle sempre de me aturar. Vocês bem?

—Mas isto não foi o que o compadre me disse na ponte.

—De quem é este carvão?

—Do Bastos.

E' uma paysagem interessante do Bussaco. O artigo, compadre, é o mesmo.

—Não é tal.

O doutor subordinava toda a apreciação da obra de Dumas á sua existência de filho natural,

ao amargo dos seus primeiros annos, passados no collégio Goubaux, numa situação que a fama brilhante do nome do pae tornava mais cruel. Explicava assim a coragem e o ardor com que a sua obra defende o filho abandonado, estabelecendo como base da sociedade o amor, e glorificando os que se lhe sacrificam completamente...

—Clara Vignot, Félicité Clémenceau que fazem admirar a adoração que tinha pela mulher modesta que foi sua mãe. Mas tudo isso...

—Nunca vi candeeiro nenhum como este.

—Século xvii, é já raro. Era do convento de Santa Cruz. Tens allí outro.

—Não gosto... Como aquelle nunca vi nenhum.

—Este é D. João v, mas não é mau. Já não é vulgar. Rara é aquella alâmpada do século xvi que além está.

—Não tinha dado por ella. Onde a arranjaste?

—Vai ver ao pé. Esse modo de apreciar Dumas é rethorico.

—Será... Mas para que o disse o Doutor? Para ter duas opiniões?

—Não. E' que nós iamos com um critico dos que muito lêem e muito sabem, fis por isso critica moderna, de muita leitura e indiscrições interessantes de reportagem.

—O Doutor dá-me licença? Eu de critica d'arte não sei nada...

—Quem sam estes cavalheiros?...

—D. Maria i e D. Pedro iii, medalhão de barro cosido e pintado. E' portuguez, de não sei quem.

—Eu de critica d'arte não sei nada...

—Pois tem pouco que saber. E' como a mathematica: chega a gente diante de uma fórmula, arregala os olhos e cae a dormir. E não ha nada mais fácil do que é a mathematica.

Quer a gente a transformação duma fórmula? Reduz tudo ao mesmo denominador. Não ao certo? Multiplica por dois... Ainda não deu? Divide por dois, tens a certeza de encontrar a fórmula. Eu perdi uns annos. Só depois é que eu soube.

A critica d'arte é como a mathematica...

—Mas perdem-se annos. Que querias tu dizer?

—Eu acho que o Leitão tem razão.

—De quem é isto?

—E' um retrato de senhora, do Columbano Bordallo Pinheiro.

—Vocês não me deixam fallar?!

—Desculpa.

O melhor é eu ir-lhes explicando tudo para vêr se elles se calam. Os vasos de faiança—sam experiências do João Vieira, feitas em Leiria, e esse que tem reflexos de cobre e recorda um bilha d'azeite das que se usam para o Sul, foi pintado por elle n'um dos seus quadros de flores. O desenho á pena é do Sequeira, representa um arabe roubando um beijo a uma mulher. Vou dizendo o que é, porque gosto do desenho e para evitar interpretações das que vocês costumam fazer. O quadro grande a oleo é do João Vieira e representa o claustrero de Cellas antes da restauração. Ha um artigo do Fialho, sobre elle. O quadro italiano que está ao canto, tenho-o por causa da moldura que é de vidro de Veneza. Este quadro grande é um pastel de Battistini. Representa este seu criado, quando era mais novo, tinha cabello ainda, adorava os tapetes persas e as flores e colleccionava gravuras. Os desenhos a lapis que aquelle está a vêr ao pé do piano sem os entender, sam uns esboços de Columbano Bordallo Pinheiro, para

a pintura da escada da câmara municipal de Lisboa. Agora falla. Podemos estar socegados algum tempo.

— Quem conhecer a vida de Dumas, explica todas as situações mais dramáticas da sua obra.

— Mas que me importa a mim isso? Para mim uma obra d'arte é uma obra d'arte ou não é, é bem feita ou mal. Para que preciso de saber como foi feita.

— Para a explicar as condições do seu valor.

— Não! Se a obra não presta, ponho-a de lado, e não me importa que o auctor precisasse de mil francos ou tivesse uma dôr de dentes quando a fez...

— Mas o lado psicológico? Sabidas as condições de genese duma obra d'arte...

— Tem-se a receita para fazer outra?...

— Eu sou doído por Dumas adoro os dramas d'elle, gostava de ter escripto alguns dos paradoxos d'elle...

— Pede então a teu pae que te reforme a certidão do baptismo...

— Tem graça eu não vou tam longe. Mas custa-me não ver de talhar a influencia dos estudos da psychologia que havia no outro artigo...

— Outra! A psychologia e a sciencia de Dumas é psychologia facil, sciencia para a gente de boa sociedade. Dumas é superficial e fútil, mas é um conversador elegante, um homem de boa sociedade.

— Então o Lemaitre é que é bom?

— E' A *Irmã mais velha*...

— Não tem enredo.

— Queres coisa mais enredada que a vida de Lia?

— As scenas sem tom nem som...

— Não. Eu te explico isso. Cada uma das scenas tem três desfechos que tu conheces. O de Lemaitre é diferente. D'ai o estado da inquietação em que a peça te tem constantemente.

— A scena da seducção...

— E' crua.

— E' repugnante.

— Mas a seducção é aquillo! Não tem encanto senão para os viciosos. Vê tu que serenidade artistica é necessária para lhe não dar um fecho dramático e fazer saltar Lia seduzida até ao lago purificador que a espera ao fundo da janella do pavilhão abandonado. Isso sim que era para ver chorar senhoras e applaudir ingenuos. Era tam facil.

— Era...

— Um intervalosinho em tanto saber?

De quem sam estes retratos.

— Sam os antepassados d'elle...

— Sam, Quim?

— Sam. Tenho-os encontrado ha venda em bric a bracs e em leilões. Sam retratos de familia que se vendem; porque a arte lhes deu valor novo. Quando por acaso encontro um dos pobres abandonados, trago-o para casa, e ponho ao pé dos outros. Parece-me ás vezes vê-los sorrir e olharem-me com um olhar bom. Não costumô contar isto. Custava-me que alguem soubesse que os pobres abandonados não sam da minha familia. Esse rapaz novo, que deve ter vivido em 1820, comprei-o numa taberna, onde fôra a vender com garrafas velhas, e é o lindo esboço dum quadro, talvez dum grande retratista francès.

— E esta mulher bonita?

— Não sei. Está datada da Dinamarca e tem o nome de Peters um grande miniaturista.

— E esta santa, no meio dos antepassados?

— E' outro. Nossa Senhora da Graça, miniatura de Josephina de Obidos.

— E' engraçada.

— E' Tenho-a ai; porque a encontrei tambem abandonada no fundo dum oratorio, cheio de san-

tos feios, cobertos de flores e cordões d'ouro. Estava a um canto, e o menino parecia chorar o brilho da moldura de prata que lhe tinham arrancado e por que andara tanto tempo suspenso entre santos d'ouro esmaltados de verde e branco, húmidos de perolas, gastos de roçar a carne delicada da dona antiga que o trouxera ao seio. Pareceu-me boa para esse rancho essa imagem pequenina em que anda errando ainda toda a bella alma feminina de Josephina d'Obidos.

— Era bonita?

— Eu sei lá! Mas olha como ella adivinhou tam bem a suavidade da seda roxa que a phantasia deste século pôz em moda. Como ama as pregas simples! A delicadeza das rendas! Sam pintadas por quem devia saber fazê-las e ama-las muito. E as jóias?! Os brinços pequeninos cheios de rubins e perolas engastadas em ouro, e o fírmal do manto d'ouro em lâmina, cortado e batido sam vistos pelo olhar amoroso duma mulher.

Repara nas flores, espalhadas, vistas uma a uma, e feitas tam demoradamente que parecem viver e olhar para a gente.

O que eu amo em Josephina d'Obidos é o que não estou habituado a ver nas mulheres artistas — uma alma de mulher...

— Sen... ti... men... tal...

— Deixa o piano!

— Foi superior a mim. Pedia acompanhamento. Quando casa, doutor!...

— Pergunta aos Refoios. Elle é quem tem de pedir a noiva... se mais essa desgraça succeder.

(T. C.)

— E' quem tem de pedir a noiva...

se mais essa desgraça succeder.

(T. C.)

se mais essa desgraça succeder.

(T. C.)

se mais essa desgraça succeder.

(T. C.)

se mais essa desgraça succeder.

(T. C.)

se mais essa desgraça succeder.

(T. C.)

se mais essa desgraça succeder.

(T. C.)

se mais essa desgraça succeder.

(T. C.)

se mais essa desgraça succeder.

(T. C.)

se mais essa desgraça succeder.

(T. C.)

se mais essa desgraça succeder.

(T. C.)

se mais essa desgraça succeder.

(T. C.)

se mais essa desgraça succeder.

(T. C.)

se mais essa desgraça succeder.

(T. C.)

se mais essa desgraça succeder.

(T. C.)

se mais essa desgraça succeder.

(T. C.)

se mais essa desgraça succeder.

(T. C.)

se mais essa desgraça succeder.

(T. C.)

se mais essa desgraça succeder.

(T. C.)

Em Espanha

As manifestações no pais vischo contra os jesuitas assumiram a máxima gravidade. Contra o dominio e influencia da seita vinha havendo repetidas embora isoladas demonstrações, mas a discussão dum processo pela seducção, para a clausura de uma menina rica, orphã de pae, coincidindo com a representação da *Erecta*, o bello drama de Galdós, que é um verdadeiro inquerito á vida clerical, pon-do em relevo todo o horror dos seus processos e acção, precipitamos acontecimentos e hoje, nas ruas e em diferentes cidades, a indignação popular manifesta-se aberta e collectivamente.

O movimento começado por estudantes generalisou-se a todas as classes, sendo os conventos cercados e apedrejados aos gritos de — *Viva a liberdade!* — *Viva a republica!* — *Abaixo os jesuitas!*

As localidades onde o movimento tem assumido maior importancia sam Madrid, Saragoça, Malaga, Alicante, Valência, Barcelona e Granada. Nesta última, dum convento jesuitico fôram disparados tiros sobre os manifestantes, ficando muitos feridos. Como consequência, a multidão untou as portas com petróleo e ia deitar-lhe o fogo quando a cavallaria appareceu impedindo a retaliação.

Tem havido repetidas escaramuças entre os manifestantes e as forças publicas, resultando ferimentos de parte a parte. Apesar de tudo a energia popular não afrouxou ainda, e mesmo que o socego se restabeleça, tudo leva a crer que será efémero, pois que a guerra ao jesuita mostra-se arregaçada e geral.

A imprensa é submettida a rigorosa censura, como os telegrammas, tendo já sido suppridos jornaes; por isso não ha noticias completas, mas da importancia do movimento e da lucta nas ruas, ajúsa-se sabendo-se que em Saragoça a Cruz Vermelha estabeleceu já um hospital de sangue.

Foi aberta devassa para saber-se e punir quem do convento jesuitico disparou tiros contra o povo. O que prova que na fradesca Espanha, o governo não está inteiramente com os inimigos da li-

berdade e procura antes serenar os ânimos, recorrendo á força só em extremos.

Mais um exemplo aos Veigas do governo português e da Parreirinha.

Em Valência foi proclamado o estado de sitio. Parece que vai ser proclamado noutras localidades.

Conferências

No Collégio Mondego foi iniciada, no sabbado, uma série de conferencias sobre diversas matérias de interesse immediato para a instrucção ministrada naquelle estabelecimento de ensino, um dos mais importantes que no genero temos em Coimbra. Foi conferente o sr. Afonso Henriques, sobre o thema — *A Mathemática como sciencia*, assumpto que desenvolveu duma forma clara e elucidativa, fazendo adducções de valor.

Hoje, pelas 6 horas tem logar a segunda, pelo sr. Luiz Maria Rosette, alumno do 5.º anno médico, que falará sobre — *a profilaxia da tuberculose*.

Successivamente, em todos os sabbados e quintas feiras, vam continuar naquelle collégio, as conferencias pelos professores, havendo que reconhecer a alta importancia que esta feliz resolução terá para o ensino dos alumnos alli matriculados e internados.

Rezolvida hoje pela câmara a questão do fornecimento de carnes de vacca e vitella, sendo preferida a proposta do sr. Juzarte Paschoal, parecendo que terá ainda de responder sobre um alvitre de modificações que ainda não sabemos o que seja.

Espectáculos lyricos

O emprezário do circo sr. Francisco dos Santos Lucas tem, na presente epocha theatral, conquistado merecidos applausos e sympathias do publico pelos espectáculos de bellas companhias que proporcionou. Segue ainda nesse louvavel propósito, e depois de tudo o que aí vimos e tam bem impressionou, vai dar nos em 2, 3 e 4 de março três espectáculos

mulher a rua de Galileu tam mysteriosamente?

— Ah! E' verdade, fallemos disso.

— Talvez não tenha feito mal em tirar o numero ao fiacre— Só tenho pena de a não ter seguido.

— Ha quem siga as mulheres para as agarrar, tu segue-las para as ver agarrar. E's um juiz instructor.

— E' necessário que haja um juiz instructor neste caso.

III

Uma ingenua e uma prevertida

Tem-se dito que já não ha ingenuas, porque as meninas entram na sociedade antes d'entrar para o convento. Demais é a mulher que faz perder a mulher. Não quero dizer com isto que o homem a não empune um pouco para o abismo, uns para partilha-rem a queda, outros para a levantarem depois do primeiro pecado. Tem-se feito romances e comédias sobre o thema do que sabem as ingenuas, mas ha, apesar de tudo, ainda ingenuas que sam innocentes. Graças a Deus, a simplicidade não foi banida ainda do mundo. E' uma flor suave que se colhe numa ou noutra parte das regiões selvagens e até das margem do Senna.

Elisabeth van Lowe, por exemplo, era uma ingenua que tinha todas as ingenuidades. Julgava que o casamento era a salvaguarda da mulher, isto é, que uma mulher creada não era nunca cri-

de ópera, pela companhia que está no S. João do Porto.

Chama-se a isto saber escolher e agradar.

Breve vai ser aberta a assignatura.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Coimbra e cartório do 3.º officio corre seus termos uma execução requerida por parte do ministério publico, contra João Franco de Carvalho, casado, negociante, natural de Torres Vedras, morador que foi em Lavos, comarca da Figueira da Foz, para pagamento da quantia de 155,212 réis, importância de custas e sellos dum processo crime correccional, em que foi condemnado. E constando que o executado não tem actualmente residência certa, correm editos de 30 dias, contados da última publicação deste annuncio, por meio dos quaes é citado o dito João Franco de Carvalho, para, dentro dos dez dias seguintes, pagar no cartório respectivo a mencionada quantia e custas posteriormente vencidas, ou nomear bens á penhora, sob pena da execução seguir os termos regulares, á regular.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito substituto,

Danton de Carvalho.

O escrivão,

Joaquim A. Rodrigues Nunes.

EDITAL

A commissão do recenseamento eleitoral do concelho de Coimbra, hoje installada, deliberou que as suas sessões tenham logar em uma das salas dos paços municipaes, nos dias e horas abaixo designados.

Dia 13 de fevereiro corrente, á 1 hora da tarde.

Dia 16, ás 3 horas da tarde.

» 20, 22, 24 e 25 ás 12 horas da manhã.

Coimbra, sala das sessões da commissão do recenseamento eleitoral, 11 de fevereiro de 1901.

O presidente,

Manuel Dias da Silva.

4 Folhetim da «RESISTENCIA»

ARSÈNE HONSSAYE

REGINA

Livro primeiro

O tiro de revolver

II

A OPINIÃO DA COSINHEIRA

— Já sabem a grande novidade, disse-lhes um dos seus amigos que era um camarada do conde de Romanes.

— Não sabemos absolutamente nada. Aqui onde nos vês, vimos estupidamente do bosque de Bolonha.

— Deram algum tiro no imperador da Rússia?

— Não. A nova não vem de tam alto. Romanes matou-se, ha pouco, com um tiro de revolver.

— Romanes! Sempre disse que esse homem havia de acabar mal.

— Sim! Mas a mulher ha de acabar bem.

E, por oração fúnebre do marido, os seus amigos declararam que a mulher era linda, com os seus cabellos pretos e os seus olhos azues.

A propósito, disse o que nascera para juiz instructor, p'ra que diabo subiria, ainda ha pouco, a

minosa; julgava que um vestido de casamento era sempre um vestido virginal; acreditava que a filha era o anjo da familia, sem nunca ser o demonio; creia que Deus protege os corações simples e não os devia esmagar nunca pelas paixões; acreditava que os rapazes que andam á cata d'amor trazem sempre na mão um contrato de casamento. Numa palavra, era das bellas innocentes que se deixam prender na primeira volta do caminho. Era de balde que a madrinha lhe dizia mal de todos os homens; Elisabeth van Lorve, que pensava ser esperta, julgava que a condessa de Romanes tinha aquella opinião por causa do marido, viu D. Juan enraizado no mal.

Régina admirava a afilhada ainda mais pela innocencia que pela belleza. Amava-a por amor dos contrastes: ella que não era um anjo de virtude;— ella que as loucuras do marido tinham feito desviar do caminho direito, a principio por vingança, depois por distracção e por fim por paixão, — ella tinha um vivo prazer em descançar o olhar naquella fresca e candida figura que nenhuma impureza tinha manchado ainda, — nem mesmo um pensamento mau, nem mesmo um mau sentimento. — Via-se o ceu na limpidez dos seus olhos, como se vê o azul das nuvens nas claras fontes.

(Continúa.)

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha — Anno, 2.700 réis; 6.º semestre, 1.350 réis; trimestre, 680 réis.
Sem estampilha — Anno, 2.400 réis; 6.º semestre, 1.200 réis; trimestre, 600 réis.
Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50%.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6

Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral

Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Desmedido abuso

A reacção jesuítica em Portugal está tam audaciosamente descarada que urge pôr cõbro aos seus ataques.

O caso Calmon, tam típico e significativo do que é a acção jesuítica, no seu propósito absorvente de captação, sem respeito por ordem nenhuma de sentimentos, ainda os mais veneráveis e santos como o sam os de amor e dedicação filial, no incidente que ultimamente revestiu de tentativa de rãptõ, feita à luz do dia e violentamente auxiliada por um bando de energúmenos caceiteiros, num dos sitios mais públicos do Porto, à saída da missa das onze horas da igreja da Trindade, facto que teve logar no domingo último, vem demonstrar que aquella jesuitada de todos os feitos, de casaca, de saias e de roupão, está decidida a jogar as últimas num criminoso propósito de ir até ao fim, sejam quaes fõrem os meios de que tenha de lançar mão!

Ora isto não pôde, não ha de succeder assim!

A opinião liberal, que ainda, felizmente, constitue a maioria do nosso país, vai estando cançada já de assistir a torpezas e vexames jesuíticos, de que sam manifestações recentes os casos indignamente abafados do convento d'Aldegavinhas, com creanças desfloradas como o reconheceram exames médicos. Ha muito que temos ido assistindo, com surda indignação, a êsse pollular de casas de congregações religiosas, sob o patronato de pessoas altamente collocadas, que assim têm abusado da sua posição para fazerem enxamear pelo país instituições condemnadas e banidas.

Temos assistido a êsses crimes, mas vai-se cançando a paciência. . . Perante o perigo imminente, que ataca pelas raizes a liberdade para assentarem arraiaes de vez e sob a protecção de leis que reconheçam os jesuitas sob os seus mil disfarces, não temos que respeitar pessoa alguma, por mais elevada que seja a sua posição social. Primeiro que tudo e acima de tudo está a salvação do país, tam imminantemente ameaçada no seu aspecto intellectual e moral, que é a base das sociedades bem organizadas.

Não podemos consentir num retrocesso de três séculos, de-

pois da obra purificadora do Marquês de Pombal e de Joaquim António d'Aguiar!

A isto têm conduzido o país as criminosas complacências das auctoridades, consentindo que em público appareçam revestidos de seus hábitos e insignias verdadeiros frades que, como os de Mont'Oriol e do Varatojo, andam pelas povoações de corda à cinta e de sandálias, nas barbas das auctoridades que os acatam na própria qualidade que representam. Isto, que sob o ponto de vista politico é uma colossal imprevidência, por que essas ordens e congregações, vivendo à sombra do regimen constitucional o vam minando a preparar o absolutismo, sob o ponto de vista moral é degradante — sam as auctoridades aconselhando o desprezo ás leis liberaes que as crearam, na inconsciência fatal do grave damno que preparam para o futuro do país.

Três séculos de frades e de freiras abastardaram o caracter desta nação de fortes, que caiu na miseravel decadência de que nos não erguemos ainda.

Com a agitação liberal do principiar do século passado entrou o país numa nova phase de rejuvenescimento, determinada pelos altos espiritos daquellas épochas. Abriu-se á nação um horisonte novo, que novos ideaes norteavam, mas em breve a acção nefasta dos inimigos da liberdade começou de se accentuar lento e lento, até que ha poucos annos irrompeu altaneira, cada vez mais absorvente e dominante.

Mas urge que se acabe com este estado de coisas. Assim o exige o futuro da nação, e por certo que a familia liberal se unirá decidida nesta cruzada santa! . . .

PAPÃO?

Chegou al ha dias, antes do carnaval, um destacamento de cavallaria. Ao que veio? Para prevenção por causa do Entrudo, disseram muitos.

Triste folião, tam miseravel e sujo, tam imbecil e depauperado, podia merecer acaso merecer semelhante honra?!

Houve al um prurido de agitação académica contra o jesuitismo, official e auxiliar, prurido que não desapareceu ainda, e então, ha quem opine:

Visita de amostra, para lembrar aos indisciplinados que ainda por cá temos força publica que baste para conter-lhes o aneio de liberdade; e mais, que ainda que sigam os 5:000 homens para a Africa do Sul, sob o pre-

texto de guarnecer Moçambique, mas realmente para entrarem em combate pelos ingleses, as forças que ficam, chegam ainda para abafar o grito de revolta contra o desprezo das leis.

Será isto? Será aquillo?

O destacamento partiu já, foi embora, e nós ficamos na crença de que o segundo parecer é o mais aceitavel.

CURSO NOTARIAL

Não é ainda tarde para as apreciações que num dos números anteriores promettemos a propósito do curso notarial. É porque de nós partiu o primeiro apello ao *Conimbricense* para a defeza de esta cidade, quanto a collocação do curso e contra a obra que na câmara respectiva estava fazendo um deputado da maioria, ao mesmo *Conimbricense* nos referimos em face das suas *Declarações*, a que finalmente o obrigou a Associação Commercial, approvando a moção, que aqui publicamos, do sr. João Simões da Fonseca Barata.

Procura o *Conimbricense* desviar a verdadeiro pomo da questão, dizendo que na campanha iniciada a favor do curso em Coimbra, se attribuindo ao filho do proprietário dêsse jornal — o deputado da maioria em questão — o intuito de obter sem concurso o logar de professor, em Lisboa, do curso do notariado.

A subtileza é por demais . . . infantil, e contudo não merece passar sem a devida consideração.

Ha que definir. A campanha iniciada e feita em Coimbra, não vimos que obedecesse nunca a que o deputado conseguisse ou deixasse de conseguir, com ou sem concurso, o logar. Muito outro o espirito della; — apenas o de obstar a que vingassem os intuitos, muito claros do deputado — os de o curso ficar em Lisboa. O para quê dêsses intuitos pôde ter entrado numa segunda ordem de apreciações, a que um ou outro — talvez não duvidámos — se tenha entregue. Mas nunca foi êsse o ponto capital da questão, como o *Conimbricense* pretende insinuar, parece que sómente para não deixar de dizer alguma coisa.

Que o deputado em questão não é de Coimbra nem a representa em cois.

Acceite se o esclarecimento, mas saliente-se que essas circunstâncias de forma alguma podem explicar que um jornalista d'aqui deixe de defender a cidade, condemnando as opiniões dum deputado, seja qual fôr a sua naturalidade e o circulo que represente, contrárias aos interesses e às considerações devidas a esta cidade, a qual o mesmo jornalista prometeu devotado amor o como que, lhe tributou um seu maior.

Que o deputado procede em harmonia com a interpretação que lhe parece mais vantajosa dos interesses geraes, das necessidades da cultura juridica.

Mas é unânime o parecer, dos homens autorisados no assumpto, em que tanto sob o ponto de vis-

ta económica como de vantagem para o ensino, o curso deve ficar em Coimbra. E assim, o *Conimbricense* passa ao deputado um diploma pouco invejavel.

Seguramente não prefere um curso notarial em Lisboa a um curso idêntico em Coimbra, por ter em vista o interesse local de aquella cidade, onde vive.

Porque é então que o prefere? Dir-se ha que o *Conimbricense* laz, naquêles dizeres, ao deputado, a accusação de que tanto se queixa e acima deixamos anotada.

Pareceu nos, porém, que se deveria fugir de provocar para nós a situação desagradavel, que resultava duma critica jornalística das opiniões de um filho do proprietario deste jornal.

A sentimentalidade é menos bem cabida, e desde que o jornal invoca a situação do proprietario para com o deputado, a fim de esquivar se a entrar na defeza da cidade que ao fallecido e saudoso fundador e proprietario do jornal tantos disvellos mereceu, disvellos que o proprietario actual prometeu seguir inalteravelmente, a alegação deve ser ficticia, e muita outra a causa do seu silencio em face da guerra que o deputado faz a esta cidade, patria do *Conimbricense*, como pôde deprehender-se dêsse periodo:

Na situação especial em que nos achamos, não se tratando da criação immediata de um curso em Lisboa; não nos parecendo que elle represente o começo da desagregação da faculdade de direito; não fazendo a esta, concorrência comparavel a que as Polytechnicas e Escolas Médicas fazem ás faculdades de mathematica, philosophia e medicina; devendo muito provavelmente tal curso ter uma frequência reduzidissima; não tendo havido movimento em Coimbra relativamente á proposta de reorganisação judiciaria do sr. conselheiro Beirão, que institua cursos especiaes de direito fora de Coimbra; nem a propósito do decreto do notariado do sr. conselheiro Alpoim, que institua o curso de notário, sem dizer expressamente que era creado junto da faculdade de direito, como seria natural se tal intuito existisse nestas condições, nada mais devemos, nem queremos fazer.

Isto é, que o curso seja estabelecido em Lisboa, com prejuizo para Coimbra, não lhe importa. O filho quere-o na capital; o pae acceita-lhe a opinião, que não condemna. Mas tambem a não defendo porque isso . . . seria o cabo da cortezia. E se o apoquen tam muito, esta desgraça succede: — acaba com o jornal.

Peremptório, mas cómico e revellador.

De sorte que não valeria a pena, para tão desastrada conclusão, ter começado com ares de quem está sentindo a amargura de imaginárias ingratições por outrem.

Ninguém tem o direito de exigir-lhe que entre na campanha? É certo, tão certo que ninguem lh'o exigiu, mas apenas lh'o pediu commedia e delicadamente. Negou-se, e se não fica o direito de exigência fica o de critica, e êsse diz nos que lhe paut o proceder, não a sentimentalidade para que apella, mas outra ordem de razões que o *Conimbricense* d'outros tempos duramente combateria no proprietario d'hoje.

Carta de Lisboa

15 de fevereiro.

—O que ha de Londres?— Supponho ser esta a pergunta que me fará o leitor, de espirito bem formado, com uma justa noção dos interesses e do decõro do país. É esta a pergunta que eu venho de formular aos raros politicos da monarchia com quem fallo e que venho de procurar numa pequena digressão de reportagem.

O rei, como sabem, chegou ante ontem. Ontem, Hintze teve com elle uma demorada conferencia, que notas officiosas dizem ter versado sobre o que se passou nos últimos dias, quer em Londres, quer em Lisboa. Conhecer por miudos essa conferencia seria, sem dúvida, saber o que no momento mais interessa á politica portuguesa. Mas devo confessar-lhes que por ora nada sei.

Os individuos que avistei nada me souberam dizer de claro.

Em que todos sam concordes é na informação de que o rei offereceu magnanimamente a Eduardo VII, como um alquilador pode offerecer os seus cavallos, alguns milhares de homens. Igualmente é opinião geral que o governo, num primeiro impulso, pensou em resistir.

Mas pactuou por fim o governo? Copvenceu se?

Resiste?

Eis o que resta apurar.

Diz-se entretanto que, no caso de partirem com effeito alguns milhares de portugueses, irãem como que á formiga, no intuito de não levantar grande clamor. E sempre, claro, com o pretexto de reforçar a guarnição de Moçambique.

O povo e o exército devem ter isto em vista.

A guarnição de Moçambique tem já mais que as forças normaes.

Todas que partirem d'ora avante devem considerar-se como destinadas não a guarnecer a provincia mas a prestar apoio á Inglaterra.

Apoio que, collocando o exercito portuguez na última das degradações, arrastaria este país a mais solemne, a mais indelevel ignominia.

Apoio que representaria a morte, pela podridão, desta desgraçada nacionalidade portuguesa!

Enquanto se esperam noticias sobre esse assumpto, superior a todos, falla-se tambem no conflicto com a Hollanda. — Uma vergonha mais, e bem grave para o nosso país!

Conhecem a história dêsse conflicto que, para se julgar do epilogo, deve ser agora recordada.

Era consul em Lourenço Marques, simultaneamente da Hollanda e do Transwaal, um individuo de appellido Pott que o governo portuguez accusou, de mais de parcialidade a favor dos boërs — de excessiva incorrecção.

O governo portuguez tirou lhe primeiro o *exequateur* de consul de Transwaal.

Depois reclamou junto do governo holandês, que não fez caso.

Por último tirou-lhe o *exequatur* como consal da Hollanda.

Fôram estas as circunstâncias em que a Hollanda mandou sair o seu ministro de Lisboa, o que determinou a retirada do ministro português de Haya.

Casa entretanto a rainha da Hollanda e o governo manda o ministro português para Haya.

A seguir diz-se que a Hollanda, tendo em consideração esse facto, manda o seu ministro para Lisboa, e está liquidado o incidente.

Ainda que fôsse só isto, já não era decoroso.

Portugal fôra evidentemente quem dera o seu braço a torcer, como é d'uso dizer-se.

Mas eis que entretanto apparecem na imprensa estrangeira telegrammas desta ordem:

«Haya 9 de fevereiro.—M Van Veede, ministro dos Países Baixos em Portugal, partiu para Lisboa.

O ministro português havia declarado, em nota ao ministro neerlandês, que jámais tivera a intenção de ser desagradavel a Hollanda, país com que Portugal deseja manter as relações mais amigaveis.

O ministro dos negócios estrangeiros, sr. de Beaufort declarou, numa entrevista aqui realisada, ao conde de Salir, ministro de Portugal, que **não podia reconhecer por completo a exacção da defesa do governo português**, mas que appreciou as boas disposições do governo português para com a Neerlandia e que, no interesse das relações amigaveis dos dois países, **está resolvido a dar o incidente por findo, com a condição expressa de que M. Pott poderá voltar para o seu posto em Lourenço Marques encontrando alli a absoluta protecção a que todo o neerlandez tem direito nas colonias portuguesas.**

O governo português assim se comprometteu.

Outros telegrammas sãam ainda mais cathégóricos. A Hollanda impoz a condição de M. Pott voltar ao seu antigo posto.

E' só sobre este ponto que apparecem desmentidos officiaes. O resto é exacto.

Quer dizer: a Hollanda não se contentou apenas com o facto de Portugal commetter um indiscutível acto de subserviência, com o envio dum representante—o mesmo que fôra por ella obrigado a sair de Haya—às festas da rainha Guilhermina.

A Hollanda não se contentou ainda em declarar-se pouco satisfeita com a defesa do governo português.

A Hollanda quis o que pôde traduzir-se por estas palavras:—Para eu ficar satisfeita, é preciso que possa regressar a Lourenço Marques, com garantias de respeito, o homem que os senhores forçaram a sair de lá, dirigindo-lhe tantas accusações.

Só assim!
E Portugal, de cabeça baixa, responde:—Pois não... Tudo que os senhores quiserem...

Registrando com o maior prazer o grito que d'aí soltou a academia contra os jesuitas, creio poder afirmar-lhes que, salvo se se precipitarem os acontecimentos relativos á Africa, se iniciará tambem em Lisboa, depois do carnaval, um grande e sério movimento contra a seita que acaba de fazer accordar a Espanha

para uma agitação que bem pôde vir a ser asua redempção.

Depois do carnaval... O que virá cá fazer este paspalhão!

F. B.

Grave manifestação

O sr. D. Carlos trouxe da sua viagem um pouco de amuo. Não de origem inglesa, mas de pontos intermédios.

Por exemplo:—Apesar de viajar com *rigoroso incognito*, a ida teve em Paris várias considerações, como a de ser cumprimentado por representantes do presidente da república e do governo, se bem que de *categoria não muito elevada*, diz um jornal em ares de sentimentalidade.

A' volta o sr. D. Carlos passou desapercibido na capital francesa. Por vir com *rigoroso incognito*? Mas fora para lá com o mesmo *rigoroso*... Por que não appareceu, pois, na estação, um único francês com caracter official?

Quasi dois terços da divida externa portuguesa estão em Paris. Sabe-se como os nossos governos têm tratado essa questão de honra nacional. Sabe-se mais que esses credores estão de olhos fitos na administração financeira neste país; que vêem esbanjar a mãos largas o que devia economisar-se; que naquella nacionalidade, o próprio governo inclusivé, é quem se occupa dos negócios de cá. E como a marcha desses negócios e a orientação seguida sam tudo o que ha de mais louco, esta coisa succede:—A desconfiança accentua-se, agrava-se, é o termo, e os centros financeiros põem-se ao largo deixando nos á margem, e, para não haver equivo-cas, pregou com a demonstração desse propósito, ou desse acto, nas bochechas do sr. Carlos, o chefe d'estado.

Sam os fructos da sua acção absolutamente pessoal; da sua annuência á politica de p'ro-partidarismo a que os seus governos se entregam. Não tem pois de que queixar se...

Condimentando o facto, um jornal antevê nelle um arrefecimento de relações, prejudicial pelas ligações e interesses que ha entre os dois países.

Claro está que é um arrefecimento, de resto manifestado pelos outros países com quem temos relações mais directas;—excepção feita á *amiga* Inglaterra, que tanto nos considera pelo que valemos para os seus interesses. Mas donde o pomo desse arrefecimento quasi geral? Do receio da catolice, está bem visto.

O mesmo jornal chama ao facto—*Situação melindrosa*, e diz que o acontecimento dá que pensar.

Qual história!—Lá temos a aliada, a Inglaterra, que assombra o mundo com as suas riquezas e espanta as gentes com os seus barcos. E como isto é do regimen e seus representantes, na hora dos apuros ella salva a situação e leva o que nos ambiciona.

Será uma situação definida e uma nação liquidada.

Guerreiro e Monge

Continúa com a maior regularidade a publicação que a empreza de *O Século* está fazendo deste notavel romance de Campos Junior, em terceira edição de luxo, por um preço baratissimo. Recebemos as cadernetas 2.^a e 3.^a, que agradecemos.

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

Os jesuitas no Porto

Pelos jornaes do Porto chegou-nos a noticia de mais um attentado jesuitico que, pela ruidosa audacia com que foi commettido, virá decerto acabar de vez com a indiferença dos que veem phantasia e exagero de republicanos na campanha que todos os espiritos livres e honestos vêm levantando contra a miseravel seita que em nome de Deus nos rouba os filhos e envenenando os sentimentos mais sagrados, pregando a luxúria e o crime como sordidos ladrões, sem coração, sem alma, sem um perfume de bondade que não seja mentido, sem um olhar, sem um gesto que não seja feito de hypocrisia e de infâmia.

E é de tal maneira poderoso o predomínio exercido pelos bandidos sobre os espiritos do nosso povo, é já tão vasta a rede lançada para a colheita dos corações, que elles não temem de atacar em pleno dia, e á viva força—elles os unctuosos, os covardes que mascaram com a humildade e com o martyrio o veneno que lhes poreja das almas miseraveis.

Mas deixemos á própria eloquência dos factos, singellamente narrados, o trabalho de convencer os que ainda duvidam do imminente perigo, e de appellar para todos os fortes e para todos os bons, chamando-os a uma luta sem piedade e sem tréguas contra as serpentes de roupeta, que sombria e impunemente vão entrando no coração das familias a destruir-lhes a paz, a felicidade e o amor.

Pelas 11 horas e meia da manhã da igreja da Trindade, ia sahindo o sr. dr. Calmon, consul do Brazil no Porto, acompanhando sua mulher e sua filha, quando se lhe deparou um grupo entre o qual se encontrava um tal sr. Fructuoso da Fonseca, da redacção da *Palavra*, que se não é doido é com certeza um miseravel ladrão de mulheres, e que de ha muito vem calumniando torpemente o sr. consul do Brazil.

Ao deparar com esse grupo, refere o sr. dr. Calmon—minha filha disse qualquer coisa á mãe a qual se abraçou a ella, dizendo: Não, minha filha, não consinto. Então comprehendendo o que se tratava, avancei para o grupo, erguendo a bengala, dizendo lhes que castigaría o primeiro que lhe tocasse.

Mas o individuo investiu contra mim, perguntando-me: E que tem o sr. com esta senhora?—Sou o pae e defendo minha filha contra os ladrões das filhas alheias!

E por minha vez perguntei-lhe: É o sr. quem é? ao que elle retorquiu: Pouco importa sabê-lo!

Foi então que os do grupo tentaram envolver-me e ás senhoras e que gritei por soccorro:

Attrahido pelo ruído appareceu um redactor do *Diário da Tarde*, a quem o sr. consul pediu que offerecesse o braço a sua filha que se havia segurado ás grades do átrio, dizendo que não estava doida e queria servir só a Deus.

Nesse momento a chólera dos bandidos tomou taes proporções ao sentir escapar-se-lhes a preza, que chegaram a insultar brutalmente o pobre pae clamando contra o tyranno que maltratava a filha...

Nada conseguiram, não obstante, e como se fôsse juntando immensa gente indignada contra o covarde, attentado a cáfila jesuitica teve de retirar apressadamente sob a chuva de pedras que a multidão lhe atirou enquanto o dr. Calmon e sua familia retiravam num carro para casa.

Não existem dúvidas de que ha muito se estava tramando o infame attentado, e o próprio sr. Cal-

mon affirma que sua filha estava informada, sobre o que devia succeder, pelo seu confessor semanal, única pessoa com quem, além de sua familia, nutria relações.

Assim se deram os factos assim os jornaes do norte os referem singelamente; de nenhuns commentários precisariam pois que por si sam bastante para indignar os mais indifferentes e erguer todas as consciências in corruptas num grito de sagrado ódio e de enérgica revolta contra os bandidos negros e ladrões sem pátria e sem amor, que têm por unico fim na terra o roubo e a infâmia, o vicio e a hypocrisia, a destruição da familia, sem um estremecimento de piedade ante as lágrimas que fazem derramar, sem uma hora de remorso pelas tantas pobres almas que vãm as sasinando.

E' preciso lutar e lutar muito, sem demoras e sem medo, que nesta hora seria um crime, até que o jesuita desapareça da nossa terra, sem mais um lar que o seu hálito empestie, sem mais um coração que a sua baba envenene.

A' academia de Coimbra, a indisciplinada e heroica de todos os tempos, contra todas as villanias, cabe a honra de encetar essa guerra que ha de ser de morte contra a reacção clerical, contra o banditismo jesuitico.

Que todos os portugueses honnestos, todos os liberaes convictos a acompanhem na sua obra de libertação e justiça.

Tuna compostellana

E' esperada amanhã nesta cidade a tuna dos estudantes de S. Thiago de Compostella, que vêm de visita a academia de Coimbra. Desde que se encontram em Portugal têm tido o carinhoso acolhimento próprio do cavalheirismo do nosso povo, e amanhã ham de ser recebidos em Coimbra não só com a fidalga cortesia que caracteriza a população desta cidade, mas ainda com a calorosa estima da mocidade académica, que desta maneira não só obedece á nobreza tradicional do seu modo de sentir, mas ainda retribuirá o agasalho fraternal que aos estudantes de Coimbra tem sido dado nas cidades espanholas que visitaram.

Preparam se festejos de recepção aos estudantes de Compostella; bemvidos sejam elles a esta terra, que é, pode dizer-se, o coração de Portugal, sempre aberto a acolher a todos os estrangeiros, quanto mais a estes que, além de representarem a juventude entusiasta da nação vizinha, representam ainda a honrada e laboriosa Galliza, ligada a Portugal por tam íntima affinidade de pensar e de sentir.

Hoje mais do que nunca devem ser fecundas estas transfusões de affectos entre a mocidade dos dois países, que mutuamente anelam em aspirações redemptoras de liberdade, para que devem conjugar o ardor dos seus esforços, caldeados na impetuosa sinceridade das suas almas immaculadas inda.

Bemvidos sejam, pois, os estudantes de Compostella!

No sabbado pelas duas horas da tarde irá a Tuna visitar a Associação Commercial, onde será recebida pelos corpos gerentes desta associação, sendo entregue aos estudantes compostellanos uma mensagem encerrada numa pasta.

Dizem-nos que esta, executada pelo habil e intelligente ourives, sr. Manuel Martins Ribeiro, é dum delicado e fino bom gosto.

A *Resistencia* associa-se a todas as manifestações festivas que se façam a Tuna de S. Thiago

de Compostella e na saudação que lhe dirige envolve na mesma sympathia affectuosa toda a mocidade sincera e liberal da Espanha.

O programma, que tem approvação superior, é como segue:

Sexta feira

A' 1 hora da tarde, chegada dos estudantes gallaicos á estação nova, onde serão recebidos pela Academia, Associação Académica, Tuna e corporações civis e commercias;

Em seguida organisar-se-ha um cortejo que desfilará pelo Caes, Portagem, ruas Ferreira Borges, Visconde da Luz, largo de São João e Santa Cruz, Alexandre Herculano, Arcos do Jardim e rua Infante D. Augusto e terminará na Universidade;

Recepção dos estudantes compostellanos pelo ex.^{mo} prelado das escolas e corpo docente da Universidade, na sala dos actos grandes.

Em seguida visitas ás sedes da Tuna e Associação Académica, na primeira das quaes lhes será servido um copo d'agua.

A' noite, pelas 8 e meia horas, grande sarau no theatro-circo pelos hespanhoes com a collaboração da Tuna e estudantes portugueses.

Sabbado

A's 10 horas da manhã, visitas aos estabelecimentos da Universidade.

A's 2 horas da tarde recepção na Associação Commercial onde será offerecido aos estudantes espanhoes uma mensagem em artistica e rica pasta de pellúcia e nm delicado copo d'agua.

A's 7 e meia horas da tarde, sessão solemne no Instituto promovida pela Tuna Académica.

Domingo

Pela manhã, visita aos monumentos públicos.

A' tarde, grande banquete de despedida.

Segunda feira

Despedida dos estudantes espanhoes ás 4 horas da manhã.

E' o seguinte programma do sarau:

1.^a parte: N.º 1—Passe-calle *Viva Portugal* pela tuna espanhola.

N.º 2—Aria gallega.
N.º 3—*Brumas* (Redowa), idem.
N.º 4—Jota guitarrico.
N.º 5—*Pizicatto* (gavota).
N.º 6—Uma cançõeta pelo ex.^{mo} sr. João Carvalho.

Intervallo

2.^a parte: N.º 1—*Aldighieri Junior*, scena cómica pelo ex.^{mo} sr. Raul d'Abreu.

N.º 2—Campanone, *Ouverture-Mazza*, pela tuna portugueza.
N.º 3—*Le bal des fleurs*, (gavota) J. J. d'Almeida, idem.
N.º 4—*Tout en rose*, suite de valsas Waldteuff, idem.
N.º 5—*Gioconda*, Bailados da Opera, Pouchielli, idem.

3.^a parte: N.º 1—*Os milagres*, cançõeta por José Pinto.

N.º 2—Grupo de guitarras da tuna portugueza.

N.º 3—Passe-calle, *Viva España*.

N.º 4—Valsa bailado pelos pandeiretas.

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

Alto exemplo de civismo

E', decerto, bem conhecido o caso Ubao de Madrid:—Um jesuita novo e guapo conseguindo fazer-se confessor duma menina nova e rica, filha da viuva Ubao, insinuou-se-lhe por tal forma no espirito, que a levou a recusar o noivo com quem estava para casar, a entregar-se cegamente ao seu dominio espiritual e a decidir abandonar a mãe para seguir a clausura.

Nova e rica—que outras servas de Deus não agradam a jesuitada—a menina Ubao era uma preciosidade. E entrou no convento.

A desolada mãe recorreu aos tribunales, e, em primeira instancia, o acto da pobre illudida foi validado como uma manifestação explicita da sua vontade:—o jesuita triumphava.

A sr.^a Ubao, porém, não se conformou. Ao seu coração repugnava não tentar o último esforço para salvar a desgraçada filha, victima da seducção exercida no confessorario por um D. João de roupeta, e, para arancá-la ao antro onde o vicio preverteria a sua alma simples e boa, tentou, num extremo de dedicação, num santo exemplo de amor, chamar ainda em seu auxilio o socorro da alta magistratura, lutando assim heroicamente contra a forte influencia da seita que tudo faria para se lhe não escapar valiosissima presa—uma mulher nova e herdeira rica.

Levou o seu recurso ao supremo tribunal, e teve a enorme ventura de ser ouvida.

Naquelle instancia foi revogada a sentença da primeira, apesar de na Espanha haver a existencia legal dos conventos.

A menina Ubao é, pois restituida a sua mãe, em virtude da sentença fundamentada nestes termos:

O aresto do Supremo Tribunal de Justiça relativo ao processo Ubao diz que os tribunales inferiores, interpretaram mal o Código civil; acrescenta que a senorita Ubao abandonando

o domicilio materno commetteu um acto prohibido pelo artigo 321.^o do mesmo Código; e ordena que a senorita seja restituida a sua mãe.

A sentença é assignada pelos sete juizes que constituem o tribunal. Isto é, foi proferida por unanimidade, conquistando os applausos geraes da opinião sensata e liberal, pois demonstra bem com quanta independência procede a alta magistratura espanhola, apesar de ver-se cercada pela influencia jesuitica num país onde as ordens monásticas sam permitidas.

Nobre e salutar exemplo de civismo deu esse tribunal, impondo aos lobos de batina uma reprimenda que é ainda benéfica pelos esclarecimentos que proporciona:

Foi curta a clausura da pobre menina; bastante, contudo para ella manifestar já o seu arrepenimento pela loucura a que se deixou arrastar.

Convencida de que não cedeu a tendência mas á suggestão habil e capciosamente exercida sobre a sua inexperiencia e bondade de sentimentos, viu no antro em que encorremam quão refalsadas sam as prédicas dos seductores.

Submettida á aspereza dum regime brutal, obrigada a deixar-se conduzir como um automato, cercada por mulheres de infimo caracter, com o nome de freiras, que procuravam envenenar a sua alma ingénuo e crente, abordada depois por untuosos mariolas que tentavam inveterar-lhe, no animo as mais ruins paixões, comprehendeu um pouco o horror da sua situação. E impulsivada pelos sentimentos de dignidade que não haviam conseguido inutilisar-lhe, pôde reagir contra as infernaes tentativas de que era alvo, e em que iam, a par de outras indignidades, a conquista da sua fortuna.

Hoje testifica que para o conseqüimento e absoluto segredo de tudo aquillo, lhe não permitiam fallar a pessoa alguma sem a sentinella duma freira, fortando-a á conversa se ella ia além do que a ordem permitia, e que não deixavam chegar ao seu destino as

cartas que escrevia a sua mãe, nem receber as que ella lhe dirigia.

Era, pois, nas mãos dos jesuitas, uma existência perdida para o mundo e para a familia.

Tome-se agora para exemplo o nobre proceder da alta magistratura espanhola, e presuma se o que em circunstancia idénticas teria conseguido, a favor da ordem e do seductor, a jesuitada de saca e de rendas caras que abunda em Portugal e tem o seu quartel general no paço.

Não servirá mais este caso a prevenir os chefes de familia?

Faculdade de theologia

Já deu, ou vai dar entrada na câmara dos deputados uma representação, firmada pelo sr. vice reitor da Universidade e pelo professorado da faculdade de theologia, reclamando contra um projecto de lei que pela segunda vez apparece no parlamento, e que pede a fusão das duas cadeiras de direito eclesiástico da faculdade de direito, para dar lugar á creação duma cadeira de direito internacional público e privado.

Pondera a faculdade de theologia que tal fusão importaria uma importante perturbação para o seu ensino; e, sem deixar de reconhecer que é gravemente sensível a falta, na faculdade de direito, da cadeira a cuja creação o projecto mira—direito internacional público e privado—addoz, expondo razões e citando exemplos, que o satisfazer a essa necessidade pelo sacrificio do ensino theológico, fundindo duas cadeiras, o que redundaria numa perfeita suppressão, não será uma solução justa nem curial com a importância que a faculdade intende deve assumir o ensino theológico no primeiro estabelecimento científico do país. E como re solução que obste á deficiência desse ensino, termina pedindo:

A transferencia da cadeira de direito eclesiástico geral para o quadro das suas disciplinas, sendo regida, desde que as forças do thesouro não permitam a creação dum lugar de cathedrático, por um professor substituto da faculdade, ou por um cathedrático que accumule essa regencia com o serviço da sua cadeira.

BAILES

Tal como presumimos, o baile no Atheneu Commercial redondou numa noite em extremo agradável e cheia de atractivos, com que a commissão promotora e a direcção penhoraram as damas e cavalheiros convidados.

A sala muito bem ornamentada, em allusões carnavalescas, farta de luz que um bom número de bicos Auer, bem distribuidos, espalhava a jorros, offercia uma vista deliciosa, que mais era realçada pela variedade de toilettes das senhoras.

A dança começou cerca das 10 horas, e num crescendo de animação prolongou-se até ás 5 horas da manhã, entrecortada do tiroteio de papelinhos e serpentinas e por entre a alegria suave e doce dos pares, e o cavaco alacre dos que não dançavam.

Simplesmente bello e penhorante.

No Centro de Instrucção Commercial e Indústria, duas noites igualmente bellas—domingo e terça feira.

Espectáculos lyricos

Está já distribuido o prospecto para os três annunciados espectáculos no circo pela companhia lyrica que tem estado no theatro de S. João, do Porto.

Sam nos dias 27 e 28 do corrente e 1 de março com as peças de grande espectáculo—*Sonambula*, *Carmen*, *Cavallaria rusticana* e *Lúcia de Lamermoor*.

Fazem parte da companhia artistas de superior reputação, que o nosso público não deve deixar de ir ouvir, mormente attendendo a que raras vezes nos é dada a felicidade de assistir a espectáculos neste género, e com os quaes o bom do Lucas segue no bello propósito de trazer a Coimbra o que ha de melhor em companhias theatraes.

A assigntura continúa aberta nos logares do costume, sendo os preços os seguintes:

Assignatura—camarctes, frente, 5000 réis; lado; 5000; fauteuils, 1000; cadeiras, 800; superior, 700; geral, 300.

Avulso—camarctes, frente,

—Quer que vá consigo?
—Não. Vou perto. Pouco tempo me demoro.

Regina saiu com a carta na mão.

—E' curioso, disse Elisabeth quando ficou sózinha.

Porque escreveria ella; não me continue a amar?

Elisabeth procurava nas relações da condessa, quem poderia ter inspirado aquellas palavras. A ideia de que a condessa possesse ter um amante não lhe viera ao espirito. Havia muitos amigos que, antes da tempestade da separação pedida, vinham á noite jogar o wisti ou tomar chá em casa do conde e da condessa de Romanes. Elisabeth não assistia, mas, apesar disso, via bem o que se passava; além disso, assistia a todos os jantares mesmo quando havia gente de fóra. A maior parte d'esses senhores, mais ou menos amigos do conde, eram muito galantes com a condessa, mas a galanteria era só dos lábios; não se podia dizer que um fosse mais aciduo que outro. E depois a condessa era tam bella que se não podia ver sem se lhe dizerem amabilidades.

Elisabeth parou, ao ter aquella ideia de que um desses senhores se tinha arriscado a declarar-lhe o seu amor: a condessa que talvez não se tivesse offendido com uma phrase ligeira, porque não era bisonha, não queria sem duvida mal entendidos, agora que o marido mojrera.

Elisabeth parou, ao ter aquella ideia de que um desses senhores se tinha arriscado a declarar-lhe o seu amor: a condessa que talvez não se tivesse offendido com uma phrase ligeira, porque não era bisonha, não queria sem duvida mal entendidos, agora que o marido mojrera.

Enlameou até o limiar da porta, eu fiz entrar o adúltero até á câmara nupcial.» Não podia dizer: «Comeu metade da minha fortuna com mulheres de má nota, mas eu paguei as dividas do amante.» Não podia dizer: . . .

Caiu pela segunda vez de joelhos e levantou as mãos ao ceo.

—Oh meu Deus, meu Deus.

Dobrou a cabeça e occultou a fronte nas mãos.

—Sim! A morte ou o convento!

—Madrinha, se fôr para um convento, quero ir tambem consigo.

—Minha filha, para que te havia de arrastar na minha desgraça?

Regina levantou-se e foi abrir a janella; aquella mulher violenta achava pequeno o quarto para respirar.

Achava se na tempestade mais violenta da sua existência. Procurava ou succumbir ou encara-la de face.

A condessa não era das que se submettem, mas das que se que bram. Tinha conservado nas humilhações da paixão a altivez do coração. Tinha-se tornado a escrava dum homem, mas não queria que a accusassem duma covardia.

Depois de ter respirado durante alguns minutos, voltou-se para Elisabeth com a physionomia mais séria, como se se tivesse decidido a tomar um partido. Não ha nada para a febre como a indicição, nada socego como uma resolução tornada.

Foi assentar-se deante duma méza pequena coberta de papeis; pegou numa penna e escreveu este bilhete:

«Não volte mais, meu amigo, não me torne a escrever, não me continue a amar.

«E peça a Deus por mim.

Regina.

Elisabeth não era curiosa; mas leu sem querer, aquellas três linhas escriptas na grande letra das mulheres do tempo de Luiz XIV, letra aristocratica; por que indica o dominio, letra que traz um vestido de cauda, e que marcha, sem medo, para deante.

Apesar de Elisabeth estar muitas vezes no quarto da condessa, era a primeira vez que Regina escrevia deante da afilhada.

—A quem escreve ella assim? perguntou Elisabeth.

Mas não pôde sabê-lo; porque, a um olhar da condessa, affastou-se, com medo de ser panhada pela condessa em flagrante delicto de curiosidade.

—E' preciso fechar a janella, madrinha?

—Pelo contrario, era preciso abrir a outra.

Aqui abafa-se; além disso tenho de sair.

A condessa que tinha deitado o chapéu e a peliça sobre a cama, tornou a pôr o chapéu e estendeu os braços para Elisabeth para esta lhe vestir a peliça.

7 Folhetim da «RESISTENCIA»

ARSÈNE HONSSAYE

REGINA

Livro primeiro

O tiro de revolver

IV

Angustias

A este tempo, a madrinha e a afilhada continuavam no quarto: Regina calada; Elisabeth com os olhos levantados para ella como um cão inquieto.

—Madrinha, não deve affigir-se; que quer, não foi por sua culpa que o conde deu cabo d'ametade da sua fortuna, que fez loucuras, e que se matou com um tiro de revolver!

A condessa suspirou.

—E' verdade. Mas ham de dizer que fui eu quem teve a culpa.

—Não creio que o mundo seja tam mau como isso; a verdade acaba sempre por triumphar. Não é verdade?

Regina não respondeu. Se o conde tinha culpas, ella tambem as tinha. Não podia dizer a afilhada: «Se se soubes a verdade, ham de por isso mesmo pensar que a culpa é grande e minha.» Não podia dizer: «Soffri por causa do conde, a principio vinguei-me fazendo toda a especie de sacrificios. Trahi-me cem vezes. Salvaguardei a honra da casa.

60000 réis; lado, 50500; fauteuils, 10200; cadeiras, 10000; superior, 900; geral 350.

A panacea das propostas

Diz-se que o ministro da fazenda apresenta, segunda feira, as suas propostas na câmara.

Já vimos que ha promessas:— não sam annulladas nenhuma contribuição, mas remodelado o systema de cobrança por modo a evitar vexames.

A eterna chapa de todos os dentistas que atingem a pasta fazenda. Aquelle evitar vexames, é como quem diz:— que alguém se escape.

Esperemos. Mais se anuncia que seguidamente appareceram as propostas das obras públicas, do reino e da justiça, sendo tudo lido, talvez até ao fim da semana.

Que de reformas vamos ver! E ao fim, a mesma situação de calotice e de desaires ante o mundo. Tem sido isso o pão de cada dia, por que é isso o systema, a norma do regimen.

ADVOGADO

CLEMENTE ANNIBAL DE MENDONÇA

Conservador privativo do registo predial de Coimbra

R. dos Coutinhos, 3

Banco Commercial do Porto

Sociedade anonyma responsabilidade limitada

O dividendo do 2.^o semestre de 1900, é de 20000 réis e paga-se todos os dias úteis das 10 ás 2 horas da tarde no escriptório do representante do mesmo banco, nesta cidade abaixo assignado.

Coimbra, 20 de 1901.

Basilio A. Xavier d'Andrade.

CÃO MOPS

Perdeu-se um que dá pelo nome de Adamastor. Foi perdido das duas horas da tarde em diante, do dia 2.

A quem o achou pede-se a finessa de o entregar na rua Ferreira Borges n.^o 85 a 89 onde receberá alviçaras.

—Fez bem, disse Elisabeth; quando andava furiosa com o marido, podia, honestamente, ouvir um namorado; mas agora que o conde se tinha suicidado, não quer nada que altere a austeridade de sua viuvez.

Dõe opinião duma ingénuo! A condessa de Romanes tinha ido levar a carta á estação da avenida de Friedlaud.

Como ia muito depressa, deu um encontro numa senhora, sua vizinha, que conhecia e com quem se dava muito.

—E' a senhora?

—Sou eu.

E nem mais uma palavra.

Quando a condessa deitava a carta, o curioso que vimos no primeiro capitulo, e que voltava do club pela rua de Saint Honoré, deu-lhe por sua vez um encontro para entrar no estanco. Naturalmente, olhou para ella; daquella vez, deante daquella acção tam simples de deitar uma carta ao correio, pensou que a boa educação lhe não prohibia que a cumprimentasse.

Apesar de ser dos amigos della, mal lhe abaixou a cabeça, ao voltar-se para se ir.

—Ah! com effeito, disse Arthur Vallon, passo sempre a propósito. Queria saber a quem ella escreve.

Arthur Vallon queria sobretudo saber o que havia na carta que a condessa acabava de deitar ao correio.

(Continúa.)

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, 52, (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.**Electricidade e optica:** Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os maisapparelhos concernentes.**Tintas para pinturas:** Alvaiades, óleos, água-ráz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.**Cimentos:** Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.**Diversos:** Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Rédes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.**Ferragens para construcções:** Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.**Ferragens:** De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.**Cutilaria:** Cutilaria nacional e extranjeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.**Faqueiros:** Crystoffe, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.**Louças inglesas, de Ferro:** Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa lavatório e cozinha.

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Economia garantida de 50 0/0

Bico Bêbé Aureo a 2\$000 réis

Bico n.º 1 a 3\$000 réis

Bico n.º 2 a 3\$500 réis

Mangas para todos os bicos n.º 1 400 réis e n.º 2 450 réis.

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Armazem de candieiros, lyras Lustres e braços de crystal. Máchinas para aquecer agua para banho, retretes, urinoes, lavatorios e bidets.

Canalizações para agua e gaz

Tubos de chumbo e ferro, torneiras de todas as qualidades. Executa-se tambem trabalhos fora desta cidade.

Rua Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

LIVRARIA ACADÉMICA

171, RUA FERREIRA BORGES, 173 — COIMBRA

Papellaria, tabacaria, objectos de escriptório, desenho, loterias e bilhetes de visita. Livros officialmente adoptados nos lyceus e escolas primárias. Encomendas rápidas de livros e jornaes portuguezes e estrangeiros.

Fornecimento monstruoso dos melhores charutos, cigarros epicados das fabricas de Havana, Cairo Oran, Rio de Janeiro, S. Petersburgo, Dresdeu, Auvers, Eindhoveu, Londres, Amsterdam e Régie Francêsa. Dos melhores papeis de fumar, taes como: Zigzag, Ramses, Ambré, Authomatique, Persan, Abadie, Havano, etc. Importados pela Casa Havaneza, de Lisboa.
Filial para a venda a miúdo

LIVRARIA ACADÉMICA

171, Rua Ferreira Borges, 173

ADVERTÊNCIAS

PEREIRA ALFAIATE

Abriu o seu estabelecimento

Rua Ferreira Borges, 135, 1.º

COIMBRA

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços módicos.

Tem bons quartos para alugar aceitando hóspedes permanentes.

O proprietário,

José Maria Junior.

João Chagas & ex-tenente Coelho

Guerreiro e Monge

POR

A. de Campos Junior

Grande edição de luxo, illustrada com numerosas gravuras em madeira — revista e ampliada pelo auctor.

Cada caderneta, em grande formato, magnifico papel; typo especial e primorosas illustrações — 60 réis.

Distribuição semanal

Um tomo, egualmente illustrado,

por mês — 300 réis

Empresa litteraria do jornal O Século.

43, R. Formosa, 43 LISBOA

Praticante de pharmácia

Precisa-se com um anno de prática. Nesta redacção se diz.

Bom emprego de capital

VENDE-SE uma esplendida casa á entrada do logar de Cellas. Tem bellas commodidades para familia numerosa, um esplendido jardim, agua nativa canalizada para a cosinha e casa propria para arrecadação.

Quem a pretender pode dirigir-se á rua Visconde da Luz, n.º 40, onde se trata da venda.

ARRENDAMENTO

Arrenda-se desde já um armazem sito na rua das Padeiras proprio para quaesquer géneros.

Trata-se com o seu proprietário, Joaquim Augusto Borges de Oliveira, rua dos Sapateiros. 108.

As constipações, bronchites, tosse, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os Saccharolides d'alcatrão, compostos, (Rebucados Milagrosos), cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessôas que os têm usado, e verificada e attestada por abalisados facultativos.
Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

Tribunal Commercial

DA

COMARCA DE COIMBRA

Arrematação

Fallência de Santos & Brito

(2.ª publicação)

No dia 24 de fevereiro corrente, pelas 11 horas da manhã á porta do tribunal judicial desta comarca, sito na praça Oito de Maio, desta cidade, pelo processo da fallência Santos & Brito que corre seus termos no cartório do escriptão abaixo assignado, vâm á praça, sem valor, todas as dividas activas da mesma massa na totalidade de cincoenta e cinco contos quinhentos e vinte e quatro mil trezentos e oitenta e um réis. O arrematante fica com o direito e acção que a massa tem contra os devedores por letras de responsabilidade solidária com o fallido Santos & Brito pelo que a mesma pagou e está para pagar, até liquidação final, á Agência do Banco de Portugal nesta cidade e ao negociante desta praça Francisco Rodrigues da Cunha Lucas. A escripturação da massa fallida acha-se em poder do administrador da mesma Manoel Abílio Simões de Carvalho, onde pôde ser examinada.

Verifiquei a exactidão,

O juiz, presidente do tribunal do commercio,

R. Calisto.

O escriptão do 4.º officio,

Arthur de Freitas Campos.

Fábrica de cimentos de Maceira (LEIRIA)

28 Cimentos naturaes de presa lenta.

Analyses officiaes feitas nos laboratórios da 1.ª circunscripção hydraulica.

Os melhores cimentos naturaes do país especialmente para obras hydraulicas.

Cimento Rápido — Cal hydraulica.

A venda nos principaes estabelecimentos de ferragens, de drogarias e de materiaes de construcção.

Direcção para a fábrica.

MACEIRA — LEIRIA

Restaurador do cabelo

PREPARADO POR

Francisco Miranda d'Assis

Pharmaceutico pela Universidade

Dotado de um cheiro agradável, este preparado torna-se muito recommendado pelos bons resultados que tem alcançado; tonifica o cabelo, obstando á sua queda, e evita e limpa a caspa, sem que produza irritação alguma.

Convém usá-lo diariamente para se poderem apreciar os seus benéficos effeitos.

PHARMÁCIA ASSIS

41, — PRAÇA DO COMMERCIO — 42

COIMBRA

Sapataria Progresso

(Antiga casa Daniel Guedes)

39 — Rua da Sophia — 41

Coimbra

Nesta officina executa-se com rapidez e esmero toda a qualidade de calçado e tem em depósito variado sortimento de cabedães dos principaes fabricantes nacionaes e estrangeiros para que os seus clientes, querendo, possam escolher. Tambem ha grande quantidade de calçado feito para homem, senhora e creança.

Os preços, sam muito reduzidos — Como pôde verificar-se pela tabella existente neste estabelecimento.

RUA DA SOPHIA 39 — 41

COIMBRA

QUINTA

Vende-se uma em Ançã, muito perto da Villa, chamada Quinta do Monte da Casa, e pertencente aos herdeiros do fallecido sr. José Marques Lourenço. Esta quinta está muito florescente, pois tem muitos milheiros de bacello posto e tem terreno para muito mais.

Tem muita fructa, azeite e muitos matos.

Da ultima colheita já se envazilharam 600 almudes de vinho e tem muito bacello que ainda não dá vinho.

Tambem se vendem casas e adega na mesma Villa, assim como vazilhame e muitos utensilios, taes como: alambiques e pias de pedra para azeite, etc, etc. Tudo isto deve ser vendido em praça particular, convindo o preço, cuja praça terá logar nas ditas casas, em Ançã, no dia 17 do corrente ao meio dia.

Para esclarecimentos, falar com Manuel dos Santos Silva, em Cantanhede.

Cantanhede, 10 de fevereiro de 1901.

Manuel dos Santos Silva.

Salon de la Mode

Grandes novidades para vestidos.

PREÇOS BARATÍSSIMOS

ATENÇÃO

A quem perdesse uma bolsa de senhora, com qualquer importância em notas dentro, no dia 8 de fevereiro na cidade de Coimbra e que ainda lhe não tenha sido restituída, queira dirigir-se ao distribuidor telegrapho-postal da mesma cidade António Gomes Soares da Silva, que posto não tenha o dicto objecto, dá explicações verdadeiras do seu paradeiro.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha — Anno, 2\$700 réis; semestre, 1\$350 réis; trimestre, 680 réis.
Sem estampilha — Anno, 2\$400 réis; semestre, 1\$200 réis; trimestre, 600 réis.
Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50%.
Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6

Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral

Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

O NOSSO JORNAL

Com este número entra no seu sétimo anno a *Resistência*. Nascida num momento febril de patriótico entusiasmo; embalada numa agitação entusiasta de generosos ideaes; impulsinada por uma fé ardente e uma crença immaculada no futuro, que fará desta nação, escrava de preconceitos e privilégios, um povo livre, independente e forte, sem caciques que o fastiguem nem déspotas que o tyranizem; animado do desejo ardente de combater pela Pátria, contra os seus inimigos todos, combatendo pela República, forma única de se levar o país a realisação dos seus destinos, a *Resistência* entrou denodadamente na lucta, desfaldando a sua bandeira vermelha e verde, que, através de tudo, tem mantido hasteada sempre.

Ha sete annos que trabalha e lucta, sempre estimulada pelas mesmas convicções, sempre norteada pelos mesmos ideaes. E cada vez se sente com mais entusiasmo e crença. Com o novo anno que começa, ao alvorecer deste século, presente que grandiosos acontecimentos solemnes se hão de desenrolar aos olhos das multidões: acontecimentos d'ordem politica e religiosa e social nas suas formas mais alevantadas e nobres. E aprestando-se para os rudes combates que se esperam, o nosso jornal abroqueira-se na couraça inquebrantavel e indefessa dos seus ideaes, das suas convicções, do seu ardor entusiasta, para levar a refrega o concurso do seti esforço, que ha de ser medido pela grandeza da sua dedicação.

Neste momento em que, ao que parece, a Liberdade vam ser dirigidos ataques violentos e audazes pelo ultramontanismo jesuitico e reaccionario, que já arrojou de si a máscara de hypocrisia com que ia vivendo rastejando, a *Resistência* enfileira na vanguarda das hostes liberaes, que não podem protelar para mais distante a guerra de morte que urge ferir.

E assim, combatendo sempre pela República, que é a formula sancta que abrange e consubstancia em si todos os principios de liberdade, com alegria e ardor e fé formará ao lado de todos os homens de coração e boa vontade que combaterem por ella numa lucta sem treguas contra a reacção politica e religiosa que avassalla o país.

A academia de Coimbra e o jesuitismo

O jesuita, ainda hoje o mesmo bandido social de 1540, — pois através a história a sua moral tem permanecido inalteravel, só mudando de nome e de disfarces, — desenvolveu entre nós as suas instituições

por virtude do descalabro da consciencia popular, incapaz de oppôr a protecção dos governantes a energia da sua vontade.

E assim do systemático e abusivo abandono em que jaz esse memoravel decreto de 1834, — pelo qual Joaquim de Aguiar, completando a obra de Pombal e realisando o sonho que Mousinho da Silveira apenas esfumara, apontava á cohorte negra a estrada da fronteira, — resultou o triumphar impudico da jesuitada de sotaina e de casaca a absorver numa bacchanal canalha a liberdade de consciencia.

Pois bem: os justificados receios de um retrocesso clerical, com todos os seus horrores, avolumam-se agora em toda a negrura dos seus contornos. Ao defender-se a França da nefasta influencia do jesuitismo, faz-lhe voltar os seus olhares para a Peninsula, onde a torpeza dos regimens e a protecção dos palácios sam segura garantia de um acolhimento carinhoso. Agasalho inefficaz e inutil, se o povo souber usar e fazer valer os seus direitos!

Perante a imminencia do perigo e a gravidade da situação, a Nação liberal urge levantar todas as energias, preparar todas as consciencias, armar todas as vontades para uma lucta tenaz, implacavel e santa contra a horda criminosa que se approxima. Urge arrancar ás mãos cobardes dos jesuitas todo o predomínio que tenham conseguido em alguns annos de indifferentismo estúpido da nação, bafejado pela protecção escandalosa que lhe têm concedido aquelles que pelas responsabilidades da sua posição deviam de ser os primeiros a respeitar e a fazer cumprir a lei.

A Academia de Coimbra deu neste momento o signal de alarme a este país adormecido. Retomou o seu clarim de guerra, com a energia e a altivez dos tempos idos. Compreendeu que, se contemporisar é um crime, transigir seria nesta hora a traição mais degradante a todo o seu glorioso passado.

A geração de hoje, no principio dum século em que todos os espiritos tendem para a mais completa e perfeita liberdade, não quer contrahir perante a história as responsabilidades de avilar um passado que, herança gloriosa, lhe cumpre manter pelo me-

nos intacto, já que o não pode ennobrecer, valorizando-o. E á Academia de Coimbra assiste-lhe o direito de fallar altiva e desassombradamente. Tem na sua história páginas gloriosas, escripta, com o seu próprio sangue, generoso e moço, derramado nos campos da batalha.

Pela sua crença sincera na Liberdade e na Justiça, os estudantes nunca recusaram o sacrificio da sua própria vida, quer corresse perigo a integridade da Pátria, quer fosse abalado o prestigio da Liberdade.

Quem não conhece a história dos batalhões académicos de 1645, de 1808 a 1811, de 1826 a 27, de 1828 a 34, e de 1846 a 47, tam fecunda em esforços de virilidade e de arrojo? E como não havia de ser assim, se a loucura indómida da mocidade tem impetos que ninguem é capaz de adormecer ou subornar, sendo sempre o precursor guerrilheiro da turba revoltada?

E assim os estudantes portuguezes iniciando na hora actual um movimento anti-jesuitico cumprem o dever de homens que estudam e pensam, orientando os ignorantes e os embrutecidos, e ao mesmo tempo o de revigorar a nossa raça pela abnegação do seu exemplo.

A Nação liberal cabe aproveitar-lhe o esforço e secundá-lo, pois ainda é tempo de sacudir os jesuitas e para sempre. Jámais soará para elles a hora almejada da pretendida conquista do coração das nossas filhas e do espirito dos nossos filhos se, no momento em que a mocidade das Escolas prega contra elles uma cruzada santa, impulsinada por todos os seus sentimentos generosos, os liberaes desfaldando á luz, que a elles estonteia e cega, a bandeira intangivel do sanctuário da familia, exigirem do governo alguma coisa mais do que a observância das leis de Pombal e de Aguiar: a secularisação do ensino, o registo civil obrigatório e a eliminacão da carta constitucional da vergonhosa disposicão do art. 6.º

Cumpramos todos o nosso dever.

Que o esforço titânico das gerações que nos precederam e a sua tradiçào de civismo, personalisada em Joaquim António de Aguiar, José Estevão, Mendes Leite, Almeida Garrett, Luz Soriano e tantos outros, não se quebre em nossas

mãos como mercadoria sem valor.

Ao contrario, engrinaldado pela nossa fé, seja nelle que procurémos alento para a lucta implacavel aos paladinos do obscurantismo.

Mas se assim não for, se porventura o grito da Academia de Coimbra não encontrar echo neste desgraçado País talvez para sempre perdido, morrendo ás mãos da jesuitada ignara que lhe corroe a seiva e canta o *de profundis*; — a academia, ficará ainda erecta, no meio da podridão em que se esphacela a sociedade actual, com a serenidade enorme que dá á consciencia a certeza do dever cumprido.

Arthur Leitão.

Occupam duzentas e tantas páginas as propostas que o ministro da fazenda amanhã apresenta em cortes.

Um volume enormemente pejado, e um desperdício de papel em inutilidades gymnastica fazendaria.

Carta de Lisboa

22 de fevereiro.

Semana de Carnaval... Meia semana morta. — Lisboa gozou, desvairou-se, fatigou-se, pondo de parte tudo. Os próprios que não foram na onda ficaram a ver os outros, aborrecidos ou indignados, mas pensando só no Carnaval.

E' tarde já para lhes dar notícias d'esses dias.

Em duas palavras, como symptoma, pôde-se, porém, constatar que, se este anno houve, como em nenhum, falla de espirito, de finura, de gentileza — nem uma mascarada ou mascara que denotasse imaginação —, em compensação resurgiram mortas e já esquecidas brutalidades.

Quem passava pelo Chiado não tinha apenas o risco de ficar sujo. Saía tambem forçosamente, contendo.

Resuscitaram os tradicionais pós de gomma e reapareceram os velhos ovos. Um destes maguou, parece que gravemente, ninguém menos que a própria esposa do governo civil.

No Turf gastaram-se na 3.ª feira nada menos de duzentas dúzias d'ovos.

Duzentas dúzias...

E tanta gente a ter appetite dum ovo estrellado e sem coragem de dispender o respectivo vintem!

Quando Lisboa accordava, estremunhada, mal dormida, da orgia do Carnaval, a limpar-se ainda da porcaria que se depositara sobre ella, caiu-lhe a noticia do caso do Porto — o caso Calmon.

E foi como que um grande banho que a lavou e vivificou!

Produziu, com effeito, grande sensaçào aquella audaciosa tentativa dos agentes do jesuitismo, aquelle último e inconcebivel arrojio para roubar de vez a familia uma filha querida.

O perigo negro appareceu, uma vez mais, como que fazendo estremecer esta sociedade imprevidente e descuidosa.

Em todos os corações bem formados surgiu natural e logicamente o pensamento de combater a outrance, decidida e energeticamente, a seita que symboliza. Mal.

Que esse combate surja, esforçado e tenaz!

Que o grito que ai levantou a geraçào nova consiga levantar o país para um movimento de defesa.

O jesuitismo — eis o grande inimigo da sociedade portugueza, o seu estorvo, o seu travão.

Politica, arte, sciencia, litteratura, costumes, tudo retrocede, mercê d'elle.

Escorraçá-lo é depurar esta sociedade de hoje, decadente e podre — é formar um Portugal novo, digno, honrado e próspero.

De politica, nada, pouco ha.

Continua a dizer-se que o governo sae ou se remodela, convergindo a conspiraçào contra o ministro da marinha.

Para se fazer ideia dessa conspiraçào basta ler o seguinte sueltto publicado hoje no *Imparcial*, jornal onde escreve o sr. Ferreira d'Almeida:

«Corria ontem com grande insistência que alguns officiaes da armada, justamente indignados com o procedimento do sr. Teixeira de Sousa para com a mesma corporaçào, iam expôr ao sr. conselheiro Hintze Ribeiro os seus aggravos e pedir-lhe a saida do sr. Sousa dos conselhos da corõa.

«Mais se dizia que um illustrado official da armada, a quem o partido regenerador deve ultimamente favores politicos importantes, verberára ontem asperamente, alto e bom som, o proceder do seu ministro na própria sala de espera, junta ao gabinete do ministro, ao saber a forma acintosa e impertinente porque o sr. Sousa attende a corporaçào.

«Constava ainda que corre assignaturas entre os officiaes da armada uma representaçào contra o mesmo ministro, na qual se põe em evidencia a sua incompetência, a sua falta de seriedade e a sua evidente má vontade contra toda a corporaçào, de que infelizmente é hoje chefe.»

Acerca de Inglaterra suspenderam os boatos.

Mas Soveral, o marquês, foi ontem nomeado conselheiro de Estado.

...O marquês é aquelle que o *Correio da Noite* e o *Popular* disseram ser um assalariado pela *South Africa*...

F. B.

A cidade em festa

É forçoso reconhecer que as festas de recepção aos sympathicos tunos de Santhiago de compostella, têm ultrapassado muitissimo a geral expectativa.

Na estação

a manifestação à chegada, foi como que um grito vibrante e longo de início, que encontrou gratissimo echo na maioria das collectividades officias e particulares, para o seguir do fidalgo acolhimento a que se tem assistido.

A Câmara, a Associação Commercial, tuna académica, Bombeiros Voluntários e uma enorme concorrência doutras aggremações e classes estava na gare. A paragem do combóio e saída dos tunos, irromperam vivas e palmas fazendo o sr. presidente da cároara, numa das salas da estação, um eloquente discurso de boasvindas, que foram repetidas pelo presidente da Associação Commercial. Formou-se em seguida

O cortejo

que marchou caes além, e pelo itinerário já conhecido. A multidão apinhada opprimia-se nos passios para dar passagem à mocidade académica espanhola e portugueza, que num amplexo de fraterna solidariedade, affirmava a unidade das suas aspirações e sentimentos em vivas significativamente eloquentes. E a multidão victoriava-os, enquanto das janelas, de que pendiam colchas, as damas os saudavam acenando lhes com os lenços e lançando-lhes flores.

Assim se fez o trajecto até à Universidade, onde o sr. vice-reitor e corpos docentes lhe fizeram a

Recepção official

A grande sala dos capellos enormemente cheia; as tribunas repletas de senhoras, e cá fóra, na via latina, muitissima gente que já não tinha logar.

Após ter mandado lêr o officio em que o reitor da Universidade compostellana communicava a visita da tuna, o sr. vice-reitor proferiu um eloquente discurso, em que, referindo se ao passado glorioso da Espanha, deixou bem sintetizado o seu voto por que estas visitas, repetindo-se, estreitem os dois povos peninsulares numa mesma aspiração de progresso, dispensando se mutuo auxilio, e confraternizando nas horas de alegria como nos momentos de dôr.

O sr. dr. Mendes dos Remédios, fallou largamente, recamando a sua saudação aos tunos espanhols de citações sobre a litteratura e história do país visinho. O sr. dr. Daniel de Mattos appreciou a mulher espanhola na sua apreciavel qualidade de mãe escrupulosamente educadora. O sr. dr. Rocha Peixoto, referindo-se a distincção conferida pela real academia de Madrid ao nosso compatriota dr. Gomes Teixeira, teve palavras de louvor e gratidão por esse acto de justiça ao sábio mathematico portuguez. O sr. dr. Bernardino Machado bordou phrases de eloquente e sublime preito à liberdade e independência dos povos, para referir ligeiramente como essa liberdade e independência é espreitada pelas nações poderosas para o alargamento do seu dominio imperialista mesmo à custa de vidas e sacrificios e até dos mais sacrosantos sentimentos de humanidade; e apontou com um dos exemplos mais frisantes, a guerra condemnavel movida pela Inglaterra ao heróico boer.

Brilhantes na forma, empol-

gantes no sentir, dominadores na eloquência, todos estes discursos foram abafados por ovações frenéticas e vibrantes.

Seguiram-se o presidente da comissão académica portugueza sr. Santos Monteiro, e o licenciado em philosophia sr. Costa Ferreira que, em orações breves mas distinctas saudaram os espanhols em requintes de amabilidade à nação vizinha.

O discurso de agradecimento pela grandiosidade daquelle manifestação, proferido pelo presidente da tuna compostellana sr. Luis Cornille, foi primoroso, ainda pelas referências á afinidade de sentir entre os dois povos irmãos.

E assim terminou a recepção official da Universidade, seguindo-se a da tuna conimbricense, na sua séde, fallando primorosamente os presidentes duma e outra e o sr. Grillo.

Ao ser servido o copo d'agua, trocaram-se brindes entusiasticos de mútuas saudações, que findaram por vivas calorosos ás duas tunas e academias, a Portugal e Espanha, ás Universidades, á raça latina, á liberdade, etc.

A's 5 horas e meia o cortejo poz-se de novo a caminho em direcção à baixa, para a recepção

Na câmara municipal

Sempre seguidos duma enorme massa de povo, os sympathicos espanhols e a academia pararam à porta dos paços do concelho levantando vivas à cidade e ao município. Subindo para a sala nobre, delicadamente adornada e onde a vereação os recebeu, foram-lhe dadas as boas-vindas pelo presidente, sr. dr. Dias da Silva, que num bello improviso saudou a Universidade de Compostella, a sua câmara e a sua cidade nas pessoas daquelle troço de rapazes em quem via illustres representantes do fidalgo povo vizinho, em tantas particularidades irmão do nosso, pais que illumina o mesmo sol, refresca a mesma brisa, banham os mesmos mares e quasi falla a mesma lingua. Ha entre um e outro tantas e tam flagrantis similhanças que bem pôde dizer-se ser essa nação nossa dilecta irmã. E terminando como começou, levantou vivas à cidade, à Universidade, e à câmara compostellana.

Luis Cornille, o presidente da tuna espanhola agradeceu commovido a distincta recepção que a si e seus companheiros era feita pela illustre vereação orgulhando-se de poder gritar bem alto, ao regressar à sua terra, a sublime e apreciabilissima hospitalidade portugueza, affirmando-se depois o sr. Santos Monteiro, presidente da comissão académica, immensamente grato á vereação por ter-se associado duma forma tam distincta ás festas de recepção feitas aos seus collegas espanhols.

Foi geral, e ruidosamente manifestada pela numerosissima concorrência que enchia a sala, o applauso á vereação por este acto solemnemente apparatuso, que terminou pela repetição dos vivas à Espanha, a Portugal, ás Universidade e academias, etc., acompanhando os vereadores os visitantes até ao atrio.

Findaram aqui as primeiras manifestações, partindo os nossos hospedes e os estudantes para a Associação Académica, onde dispersaram até à noite, ao

Sarau no circo

Festa brilhante, onde a alma alegre e vibratil dos rapazes se expandiu largamente, ficando inutilmente evidenciado que um mesmo sentimento, uma mesma aspiração, de liberdade e progresso, de rejuvenescimento e inde-

pendência pátria, anima as academias espanholas e portuguezas.

Abriu pelo apparecimento daquelle figura sympathica e insinuante de Luis Cornille, um orador que sabe impressionar, architectando bellas imagens que, produzindo como que um fluido eléctrico, toca os corações dos que o ouvem, arrastando-os instinctivamente, quasi pôde dizer-se a esplosões de applausos em que vai um mixto de admiração e de communhão pelas esperanças que affirma, dum futuro amplo de glorias e respetos para estas duas nacionalidades que por muitos principios e sentires se irmanam.

Uma rápida e brilhante oração de homenagens à cidade e à academia; à Universidade e ao município, a todas as collectividades enfim que tanto o penhoram, aos seus companheiros e à Espanha, e os bravos irromperam até ao delirio.

Seguiram-se magistraes execuções das duas tunas, monologos, cançonetas, poesias — uma das quaes do sr. Da Mesquita Paul que noutro logar publicámos, tudo ruidosa e merecidamente applaudido.

Quando o sr. commissário de policia appareceu no seu camarote, o publico victoriou o, levantando lhe vivas seguidos duma estrondosa salva de palmas. S. ex.^a agradeceu penhorado, dizendo que, se não podia, pelo logar que occupa, manifestar como desejava o seu sentir ante o brilhantismo das recepções feitas pela academia aos seus collegas espanhols, lhe era grato affirmar que tinha no maior apreço o civismo dos mesmos estudantes e os generosos e delicados sentimentos da nossa academia; e que como expressão franca, intima, desse sentir, abrangia estes e aquellas numa única mas entusiastica saudação.

Não se descreve a ovação fêbril que acolheu as palavras do sr. dr. Ferrão, ovação que pouco depois se repetiu quando o presidente da academia conimbricense offertou aos espanhols uma linda e valiosa palma de carvalho saindo dum bouquet de flores, offerta que Luiz Cornille agradeceu numa pequena oração de verdadeiro artista da palavra.

E neste rubro de aclamações, mações, a Chaby que recitou primorosamente, e todos os números do sarau, findou elle cerca da 1 hora da noite, deixando em todos a impressão mais grata que pôde sentir-se.

No sabbado

A comissão académica e a tuna compostellana annunciaram à camara uma nova visita que se effectou ás duas horas da tarde.

Mal podendo atravessar a massa compacta de povo que se agglomerava cá fóra no largo e nos paços do concelho, os alegres rapazes foram recebidos pela vereação ao cimo da primeira escada. Aguardava os uma apreciabilissima surpresa:—a vasta sala numerosamente povoada de damas que em olhares de sympathica admiração lhe davam tambem as boas-vindas.

Tomaram logar á direita e á esquerda do sr. presidente, dos presidentes das duas academias. A tuna espanhola executou bellamente tres composições, findas as quaes tomou a palavra o sr. dr. Dias da Silva. Offerecia aos visitantes, em nome do município um modesto brinde—uma pasta em couro lavrado, tendo ás armas, o monograma e a data em delicada pintura executada pelo intelligente pintor sr. António Elizeu, e contando 43 photographias de dependência da Universidade, monumentos e paisagens de Coimbra.

Notavelmente primoroso o discurso de s. ex.^a, que referindo-se

a cada um dos edificios ou paisagens, que as photographias representavam, salientou os pontos de similhança existentes elles e outros de Compostella, cidade de que fallou, descrevendo-lhe nitidamente os monumentos, com citações sobre applicação dada a cada um através da história e sobre a sua origem, citações que approximava de outras portuguezas, de Coimbra, e marcando bem firmemente as afinidades e similhanças entre os de lá e os de cá, como os das campinas, dos rios, de todas as particularidades, enfim, que tão soberbamente distinguem as duas cidades.

Produziu um verdadeiro assombro esta oração, em que o sr. dr. Dias revellou o seu largo e firme conhecimento da história não só de Compostella, como de outras terras espanholas.

As suas últimas palavras foram abafadas por uma ovação extraordinária.

Depois de ter fallado o sr. Mendonça Cortês, e do agradecimento dos dois presidentes academicos, finados por vivas demorados e entusiasticamente correspondidos, tocou a tuna portugueza que foi victoriada.

Profundamente commovidos, os visitantes saíram, acompanhados até ao atrio pelos vereadores, partindo

Em direcção ao quartel

O illustre commandante do 23 sr. Victório Freitas preparou-lhes tambem uma deliciosa recepção.

Recebidos por s. ex.^a e pela digna officialidade, os sympathicos compostellanos e a comissão académica foram alvos de extremos de delicadeza amabilidade, havendo durante o delicioso copo d'agua que lhes foi offerecido, saudações mutuas e em que os espanhols fizeram as mais honrosas homenagens ao exercito portuguez, e em que o sr. commandante e officiaes tiveram palavras de sublime admiração para espanha e para o seu exercito.

Na parada tocava a banda, e á saída dos visitantes o sr. coronel e officiaes tiveram a fidalga cortesia de fazer a continência ás bandeiras das duas tunas.

Seguiu-se depois a recepção na

Associação Commercial

Grandiosa como as demais. Discursou o presidente da direcção sr. Francisco Villaça. Bello na essência e no conceito o seu discurso em que ha estas affirmações profundamente verdadeiras:—Se a sciencia nobilita e aproxima os povos, o commercio engrandece os robustecendo-os e aproximando-os tambem; por isso mesmo sciencia e commercio não têm fronteiras e têm igual parte na obra gigantesca de levar as nacionalidades ao apogeu do progresso por grandiosas manifestações de cordealidade.

Terminou offerecendo aos tunos compostellanos, em nome da Associação, uma delicada e rica pasta de velludo azul que tem na frente talhado em prata, um arabesco terminado por um vaso ao qual se encosta um tuno tocando bandolim, e ao lado numa placa, a dedicatória com a data. Dentro uma mensagem que vai adiante publicada.

O agradecimento dos dois presidentes academicos foi eloquente e significativo de immensa gratidão, manifestada ainda ao ser-lhes servida uma taça de champagne, findo o que, os nossos hospedes saíram, indo dispersar na Associação Académica.

A' noite, no Instituto a

Sessão solemne

Brilhante como as demais manifestações.

Presidiu o sr. dr. Bernardino Machado, que discursou com arrebatadora eloquência.

Enormemente concorrida de senhoras, ellas manifestaram mais uma vez em sorrisos e applausos, toda a amabilidade e alegria com que se associaram, abrilhantando-se com a sua concorrência, ás festas da academia e da cidade em geral ás grandiosas festas em honra dos compostellanos.

O sr. dr. Alves da Hora, eloquentissimo de sentimento no seu discurso empolgante. Bello o sr. dr. José Cid, como o sr. Costa Ferreira, como Luis Cornille, como Santos Monteiro, como todos, enfim. D. Amélia Janny recitou uma delicada poesia, e Chaby foi primoroso em alguns sonetos e outros versos.

Tocava a tuna portugueza. A extrema correcção das suas execuções obteve a maior e mais justa consagração, de que pertence ao director e regente sr. Macedo uma parcella importante.

A sessão terminou ás 11 horas, para seguir-se um animado baile que durou até tarde.

Mensagem da Associação Commercial

Senhores:

A Associação Commercial de Coimbra, regosijando se com a vossa presença nesta cidade e muito grata pela penhorante visita, saudavos com a mais viva sympathia.

Representante humilde da classe social que mais poderosamente tem impulsionado o desenvolvimento das relações internacionaes, em que, pela característica unidade da legislação mercantil e sentida necessidade de a tornar effectiva, se vam estabelecendo garantias que bem revelam não ser sonho d'utopistas a formação successiva de vastos agregados internacionaes, por que venham a ser garantidos, como o sam hoje os dos individuos e collectividades dentro de cada Estado, os direitos das nações independentes, vê esta Associação com jubilo, em fraternal e descuidoso convívio, a mocidade estudiosa a quem amanhã serão confiados os destinos de duas nações irmãs pelo território, pela raça, pela lingua e pelas tradições.

Seja esse convívio incentivo para que reavivando se as legendas que nos mostram uma origem commum, identica civilização e as mesmas vicissitudes durante longos séculos em que a Peninsula tam fecundamente collaborou na grande obra da civilização, sem se esquecerem e apagam tradições e sentimentos que, seculares tambem, imprimiram a Portugal uma physionomia própria, tornando-o uma nacionalidade distincta, se inicie na Peninsula uma approximação da taça latina que lhe permita pôr termo, em defêsa própria e ainda dos fracos e opprimidos, a essa lucta pela existência que, lei fatal das nações como dos individuos, se está todavia ferindo hoje com armas taes que faz retroceder a humanidade, com os requintes da civilização adquirida, aos ominosos tempos do barbarismo e da selvageria.

Herdeira da mais brilhante civilização que a humanidade atingiu, tendo affirmado de modo incontestavel e innilludível a sua dedicação na conquista da liberdade e da justiça, a raça latina deve, sem renegar um só dos principios que formulou na ordem moral e na juridica, antes enriquecendo o patrimonio que lhe foi legado, unir-se para que esses principios não sejam apenas o epicaphio que a história, por mãos estranhas, tenha de escrever no seu túmulo.

Ao egoismo desorganizador que, sem disfarces já, colloca em plano secundário, dominado por interesses d'ordem material,

os princípios da solidariedade internacional, deixando sem apoio, na defesa de invioláveis direitos, os fracos, e oprimidos, deve a raça latina, firme nas suas crenças, conscia da sua força, oppor dique insuperavel.

Victimas desse egoísmo, educados e fortificados pelas desgraças com que nos feriu, compete a vós, estudantes d'hoje, homens de amanhã, trabalhar com vibrante entusiasmo, fé inquebrantavel, para que a península seja digna do seu passado, e a raça latina da sua brilhante história.

Sem novos mundos para descobrir, façamos conquistas na ordem moral, estabelecendo em firmes bases o direito na humanidade.

São esses os arcentes votos desta Associação que, num entusiástico—viva a fidalga Espanha, renova as suas saudações aos illustres filhos e nossos queridos hospedes.

Coimbra, 23 de fevereiro de 1901.

Do «Mundo»

Do nosso presado collega lisbonense, *O Mundo*, transcrevemos o conceituoso artigo de A. Leitão a que damos o nosso lugar de honra.

Afirmamos a necessidade de iniciar um movimento de protesto cheio de ardor e de tenacidade, contra a expansão clerical que os últimos sucessos da França ameaçam agravar, Arthur Leitão salienta, de par, com vigorosa verdade, as funestas consequências duma attitude passiva e criminosa, e convida o pais liberal a apoiar essa cruzada santa de que a *academia de Coimbra* se arvorou em adail.

Que seja ouvido o seu vibrante *alerta* e que os seus collegas de todo o pais secundem o seu bello impeto de protesto.

Vendidas hoje por 3:500.000 réis, as dividas activas da massa fallida Santos & Brito.

Agência forense

No lugar competente publicamos o annuncio relativo á agência forense do sr. Joaquim da Costa Rodrigues, solicitador nesta comarca.

Recomendamos a leitura deste annuncio pelas qualidades de caracter e de honradez reconhecidas no annunciante, aliadas á acurada diligencia que dedica aos negócios dos seus clientes.

Museu de antiguidades

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

Congregações religiosas

A questão que se debate em França é commum a todo o mundo culto, especialmente aos paes catholicos, onde a reacção politico-clerical avança cada vez mais, tomando proporções inauditas, como succede em Espanha.

No primeiro daquelles paes um grandioso e sympathico estadista — m. Waldeck Rousseau, levanta a questão da supremacia do Estado nos primeiros assumptos da pública instrucção, reivindicando com superior e bem

orientada energia os direitos legitimos do Estado ante a Igreja.

No segundo a questão Ubao, tractada com magistral superioridade e sollicita competência no fóro madrileno pelo ex-presidente da República Espanhola — Nicolau-Salmeron — levou uma scintilla a todos os animos, incendiando e volatizando as consciências com a rapidez do relampago, revelar no momento o estado d'alma do povo espanhol que se julgava para sempre extincta sob os escombros até accumulados pela reacção!

E' neste singular momento histórico que a França vai expulsar do seu território a peste negra do jesuitismo, qual devastador bando de sinistros corvos sobre a Espanha exanima... anniquilada... vencida!

O governo despótico da concentração militarista acaba de liquidar, deixando o pais vizinho entregue ás mesmas luctas que — no longo periodo decorrido de 1808 a 1868 — precederam em Espanha o gloriosissimo movimento de libertação, de 19 de setembro daquêlle memoravel anno; mas a reacção não se dá por vencida, e é assim — por uma forma verdadeiramente e supinamente ignominiosa — que ao gabinete Azcarraga succede um outro presidido por Silveira — suprema provocação aos brios empanados da gloriosa nação, que brevemente será redimida por uma grande e salutar Revolução.

O estado d'excitação da opinião pública não permite ao novo gabinete vida longa, nem tranquilla. A lucta está decisivamente travada. O escandaloso caso Ubao — singularmente parecido com a questão Calmon — e a vibratibilidade revolucionária providentemente e providencialmente produzida nos espiritos pelo sublime drama de Perez Galdós — *Electra* — foi o rastilho que determinou a explosão, e, numa aureola de gloria, o nome sublime do immortal pensador, surge nos triumphante e quasi divino ao lado de Holo — o mestre dos mestres!

E' este o verdadeiro momento histórico que opportunamente se apresenta para a libertação do glorioso povo espanhol. Pela vez primeira, após tantos annos de desalentos, de vergonhas, de calamidades de toda a ordem, a força bruta das bayonetas se confessou impotente para submeter a indomavel coragem do povo no tiroteio sanguinolento de Zaragoza — a gloriosa cidade de Palafox — nos motins de Valeneira e de Granada e nas significativas manifestações revolucionárias de Madrid, que — assumindo um accentuado caracter d'extrema gravidade — determinaram a proclamação da lei marcial e a queda, singularmente significativa, do gabinete Azcarraga — a *dictadura militar*!

Semelhante acontecimento representa o inicio duma nova e decisiva phase de vida politico-social da nação visinha. A monarchia bourbónica, pela vez primeira, depois da restauração de 1874, se confessou vencida para submeter o povo. Pela vez primeira duvidou da fidelidade do exercito e do seu chefe supremo — o *enigmático Weyler*!

A morte de Martinez Campos revestiu esta elevada significação histórica: com o desaparecimento do general reaccionario de Sagunto, coincide o declinar do astro, da monarchia para o seu occaso.

E a entrada dos congreganistas francezes vae a ser o crespulo precursor da verdadeira aurora, como no estio das noites do circulo polar o desaparecimento da lua precede alguns minutos o surgimento do dia.

FAZENDA JUNIOR.

LITTERATURA E ARTE

SALVÉ!

Aos estudantes espanhoes

Nesta velha Coimbra ha tanto tempo, ha tanto... que me sinto contente e cheio de esperanca ao ver a minha lança unida a outra lança num abraço de irmãos tam perfumado e santo.

Irmãos: Vindes trazer a saudação da Espanha, dessa nação heroica até na adversidade? Vindes unir á nossa a vossa mocidade? Pedir o vosso esforço e fogo p'ra campanha?

Cada um de nós suspira e sonha e quer e espera, numa áncia sempre viva e para sempre nova, que o clarim nos repita aquella doce trova que liga duas manhãs na mesma primavera.

Esta capa já rota, em tantos annos gasta!... esconde um coração que pulsa como o vosso, repleto de ambições ainda porque é moço... E para entrar na lucta isto sómente basta!...

E se não tenho Pátria assim como estudante, eu como Português, adoro-a como um louco; eu acho que o meu sangue ainda será pouco a fim da minha Pátria caminhar óvante.

Mas vós sois meus Irmãos: a vós pois eu me ligo agora no sorrir, mas amanhã na lucta; quer esgotando o mel, quer taças de cicuta: porem sempre fiel na mesma dor vos sigo.

Quando fordes dizeis depois além fronteiras que, em prol da Liberdade, ha cá mais um soldado que sendo-vos preciso está ao vosso lado, encorporar-se irá tambem nessas fileiras.

Coimbra, 22-2-1901.

J. DA MESQUITA PAUL.

Câmara Municipal de Coimbra

Sessão ordinária de 17 de janeiro de 1901

Presidência — Dr. Manuel Dias da Silva.

Vereadores presentes: — António Francisco do Valle, José Gomes Freire Duque, João Gomes de Oliveira Mendonça Cortez, bacharel Porphyrio da Costa Novaes, Manuel Miranda e Miguel José da Costa Braga.

Arrematou em praça annunciada para o dia de hoje a reparação do pavimento da estrada municipal de Coimbra ao Pisão, entre o sitio do Padraão e a serventia para o logar da Pedrulha; a limpeza das ruas dos logares de Eiras e Casaes e o fornecimento de diversa mobilia para as côlas de instrucção primária do Concelho.

Leu-se o balanço ao cofre referido ao dia 12 do corrente, accusando um saldo 1:070.2019 réis.

Em conformidade com a deliberação tomada na sessão anterior a respeito do orçamento ordinário para o corrente anno, que foi approved por despacho de 5 de fevereiro de 1901, como foi communicado por officio do governo civil de 9 de janeiro corrente, mas com as clausulas de eliminção de varias verbas e augmento de outras, disse o presidente que, cabendo-lhe a principal responsabilidade na organisação deste diploma, era seu dever explicar e fundamentar com mais desenvolvimento estas verbas, afim de esclarecer a auctoridade tutelar e justificar o procedimento da câmara.

Que por serem longas estas explicações, as reduziu a escripto, que passou a ler e pediu para serem transcriptas na actas o que a câmara approvou.

A câmara, concordando plenamente com a exposição e justificação feita pelo presidente, resolveu representar á auctoridade tutelar pedindo a approvação do orçamento sem clausulas eliminando-se estas sobre tudo a 1.ª e 3.ª por serem legaes e planamente justificadas as verbas, a

que se referem; e que a representação fosse acompanhada de cópias da acta e das plantas e documentos a que a mesma exposição se refere.

Leu-se diversa correspondência recebida a saber.

Do governo civil deste districto ordenando que esta, câmara, em conformidade com o decreto de 22 de dezembro de 1900, deliberasse sobre a gratificação que deve perceber o sub delegado de saude.

A câmara deliberou arbitrar ao mesmo sub-delegado a gratificação annual de 100.000 réis, dando conhecimento desta deliberação ao chefe do districto.

Do commissário de policia enviando uma participação contra um vigia dos impostos, encarregado á câmara o vereador Cortes de proceder a averiguações.

Do mesmo commissário, enviando uma chapa com um distico de uma rua da cidade, que caiu com o vento.

Despacho varios requerimentos: Acerca de um attestado de comportamento: para collocação de letreiros em diversos estabelecimentos: para ser tapado um agueiro no bairro de S. José; para canalizações d'aguas duma casa, para o cano geral; para a reforma na frontaria duma casa na cidade; para a desobstrucção de um cano de esgôto numa casa; para compra de terreno no cemitério municipal e construcção de jazigos no mesmo.

Tomou as seguintes deliberações:

Concedeu 15 a 20 dias de licença por motivo de doença ao secretario desta câmara, e resolveu que fosse chamado o guarda livros da mesma câmara para exercer o seu logar, ficando a exercer o cargo de secretario da commissão do recenseamento militar o 1.º official desta secretaria da câmara, acerca do pedido feito por um empregado da mesma, sobre uma licença que deseja por 15 dias.

Mandou enviar á repartição de obras, para providenciar, 2 par-

ticipações acerca do mau estado de canos de esgôto em diversas ruas da cidade.

Resolveu acceitar o offercimento feito pelo director do Laboratorio de Microbiologia da Universidade de serem feitas allí gratuitamente as analyses de fragmentos de rézes suspeitas de tuberculose abatidas no matadouro, em troca do fornecimento gratuito da agua que se consumir no mesmo laboratorio.

(Continúa)

PUBLICAÇÕES

História Socialista.—Saiu já o tomo n.º 3 desta magnifica obra editada pela Casa Bertrand, de Lisboa, e que instantaneamente recomendamos aos nossos leitores. Continúa o segundo capitulo — *As eleições e os cadernos* — dessa tam pormenorizada como vigorosa e intensa primeira parte que se intitula *Causas da Revolução*; e faz-nos assistir ao conflicto de tendências entre a burguezia das cidades e os homens do campo, e ás contendas entre os camponêzes ricos tentando a formação da propriedade particular e exclusiva dum lado, e doutro lado os camponêzes pobres pretendendo manter e fortalecer um communismo miseravel e rudimentar, muitas vezes contrario ao progresso, e os nobres recusando-se a alliviar a excessiva carga de direitos feudaes. Entre as estampas ha um plano de Paris em 1790, um retrato e autographo de Robespierre e um retrato e autographo de Guillotin.

História da Revolta do Porto.—Saiu o 2.º fasciculo da *História da Revolta do Porto*, de João Chagas e do ex-tenente Coelho e que se está assignalando como uma das mais curiosas e brilhantes publicações que de ha muito apparecem no nosso mercado de livros.

Este fasciculo estampa, entre outras interessantissimas photogravuras, a reprodução de um fragmento do unico exemplar que existe do manifesto da revolta do Porto. O texto resume a história dos successos do ultimatum.

Comarca de Coimbra

EDITOS DE 40 DIAS

(1.ª publicação)

No juizo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão que este assigna, corre seus termos uma acção civil de curadoria definitiva, em que sam requerentes Francisco Fonseca Carramanho e sua mulher Maria Monteiro, proprietária, de Falla, freguesia de São Martinho do Bispo, e requeridos Adriano da Fonseca Carramanho, filho legitimo de Francisco Fonseca e de Maria Vinagre, já fallecida, natural de Falla, freguesia de São Martinho do Bispo, onde residiu até fins d'outubro de mil oitocentos e oitenta oito, e, no estado de solteiro, se ausentou ha mais de dez annos para o Brasil; e António Monteiro, casado, proprietário, de Falla, dita freguesia, como procurador daquêlle, e ausente tambem em parte incerta do Brasil; e pela mesma acção correm editos de quarenta dias, a contar da segunda publicação do respectivo annuncio, citando aquêlle procurador António Monteiro, para vir contestar, que sendo, na terceira audiência deste juizo, depois de accusada a citação, a dita acção civil de curadoria de tentativa nos termos dos §§ 1.º e 2.º do art.º 194 do codigo do Processo Civil.

As audiências neste juizo fazem-se todas as 2.ª e 5.ª feiras de cada semana, não sendo dias sanctificados ou feriados, por que sendo-o se fazem nos dias immediatos se estes tambem o não forem, sempre pelas dez horas da manhã, no Tribunal Judicial desta comarca de Coimbra, sito na Praça Oito de Maio.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,

R. Calisto.

O escrivão do 4.º officio,

Arthur de Freitas Campos.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, 52, (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ráz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máquinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e extranjeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa lavatório e cozinha.

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Economia garantida de 50 0/10

Bico Bêbé Aureo a 2\$000 réis

Bico n.º 1 a 3\$000 réis

Bico n.º 2 a 3\$500 réis

Mangas para todos os bicos n.º 1 400 réis e n.º 2 450 réis.

(Collocados no seu lugar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Armazem de candieiros, lyras Lustres e braços de crystal. Máquinas para aquecer agua para banho, retretes, urinoes, lavatórios e bidets.

Canalizações para agua e gaz

Tubos de chumbo e ferro, torneiras de todas as qualidades. Executa-se tambem trabalhos fora desta cidade.

Rua Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

LIVRARIA ACADÉMICA

171, RUA FERREIRA BORGES, 173 — COIMBRA

Papelaria, tabacaria, objectos de escriptório, desenho, loterias e bilhetes, de visita. Livros officialmente adoptados nos lyceus e escolas primárias. Encomendas rápidas de livros e jornaes portuguezes e estrangeiros.

Fornecimento monstruoso dos melhores charutos, cigarros epicados das fabricas de Havana, Cairo Oran, Rio de Janeiro, S. Petersburgo, Dresden, Auvers, Eindhoveu, Londres, Amsterdam e Régie Francêsa. Dos melhores papeis de fumar, taes como: Zigzag, Ramses, Ambré, Authomatique, Persan, Abadie, Havano, etc. Importados pela Casa Havaneza, de Lisboa.

Filial para a venda a múdo

LIVRARIA ACADÉMICA

171, Rua Ferreira Borges, 173

PEREIRA ALFAIATE

Abriu o seu estabelecimento

Rua Ferreira Borges, 135, 1.º

COIMBRA

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómodos.

Tem bons quartos para alugar accetando hóspedes permanentes.

O proprietário,

José Maria Junior.

João Chagas & ex-tenente Coêlho

Guerreiro e Monge

POR

A. de Campos Junior

Grande edição de luxo, illustrada com numerosas gravuras em madeira — revista e ampliada pelo auctor.

Cada caderneta, em grande formato, magnifico papel; typo especial e primorosas illustrações — 60 réis.

Distribuição semanal

Um tomo, igualmente illustrado,

por mês — 300 réis

Empresa litteraria do jornal O Século.

43, R. Formosa, 43 LISBOA

Praticante de pharmácia

Precisa-se com um anno de prática. Nesta redacção se diz.

Bom emprego de capital

VENDE-SE uma esplêndida casa a entrada do logar de Cellas. Tem bellas commodidades para familia numerosa, um esplêndido jardim, água nativa canalizada para a cosinha e casa propria para arrecadação.

Quem a pretender pode dirigir-se á rua Visconde da Luz, n.º 40, onde se trata da venda.

ARRENDAMENTO

Arrenda-se desde já um armazem sito na rua das Padeiras proprio para quaesquer generos.

Trata-se com o seu proprietário, Joaquim Augusto Borges de Oliveira, rua dos Sapateiros, 108.

As constipações, bronchites, toses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos órgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os Saccharolides d'alcatrão, compostos, (Rebucados Milagrosos), cuja efficacia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessoas que os têm usado, e verificada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis, pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

História da Revolta do Porto

DE

31 de janeiro de 1901

Illustrada com cerca de 150 photogravuras — retratos, vistas, locaes, curiosos documentos e 30 reproducções, em papel de luxo, de photographias dos vultos mais notaveis do movimento.

Assigna-se aos fasciculos semanaes de 16 páginas, ao preço de 60 réis, e aos tomos mensaes de cinco fasciculos, ao preço de 300 réis — pagos no acto da entrega.

Pedidos á Empresa Democrática de Portugal, rua dos Douradores, 29, em Lisboa, e á Agência de Publicações do norte, rua de Santa Catharina, 154, no Porto. Nas localidades da provincia, — em casa dos agentes.

QUINTA

Vende-se uma em Ançã, muito perto da Villa, chamada Quinta do Monte da Casa, e pertencente aos herdeiros do fallecido sr. José Marques Lourenço. Esta quinta está muito florecente, pois tem muitos milheiros de bacello posto e tem terreno para muito mais.

Tem muita fructa, azeite e muitos matos.

Da última colheita já se envazilharam 600 almudes de vinho e tem muito bacello que ainda não dá vinho.

Tambem se vendem casas e adega na mesma Villa, assim como vazilhame e muitos utensilios, taes como: alambiques e pias de pedra para azeite, etc, etc. Tudo isto deve ser vendido em praça particular, convindo o preço, cuja praça terá logar nas ditas casas, em Ançã, no dia 17 do corrente ao meio dia.

Para esclarecimentos, falar com Manuel dos Santos Silva, em Cantanhede.

Cantanhede, 10 de fevereiro de 1901.

Manuel dos Santos Silva.

ADVOGADO

CLEMENTE ANNIBAL DE MENDONÇA

Conservador privativo do registo predial de Coimbra

R. dos Continhos, 3

ATENÇÃO

A quem perdesse uma bolsa de senhora, com qualquer importância em notas dentro, no dia 8 de fevereiro na cidade de Coimbra e que ainda lhe não tenha sido restituída, queira dirigir-se ao distribuidor telegrapho-postal da mesma cidade António Gomes Soares da Silva, que posto não tenha o dicto objecto, da explicação verdadeira do seu paradeiro.

Negocios forenses e académicos

ESCRITÓRIO

Praça 8 de Maio, n.º 8

COIMBRA

Matriculas, cartás de bacharel, de licenciado, de doutor, do curso preparatório para o internato na Escola do Exército, de habilitação de médicos estrangeiros para o exercicio da clinica em Portugal, de pharmácia e todos os mais negocios dependentes do Lyceu central e da Universidade de Coimbra.

Encarrega-se dëlles, além de todos os negocios judiciaes com a mais escrupulosa honestidade e modicidade de preços, o solicitador encartado Joaquim da Costa Rodrigues.

Este escriptório com 18 annos de existência, onde os ev.ººº académicos ou seus ex.ººº representantes e mais pessoas se podem dirigir com inteira confiança, tem as melhores referencias, comprovadas por documentos apresentados nos secretario da própria Universidade.

Fábrica de cimentos de Maceira

(LEIRIA)

28 Cimentos naturaes de presa lenta.

Análises officiaes feitas nos laboratórios da 1.ª circunscripção hydraulica.

Os melhores cimentos naturaes do pais especialmente para obras hydraulicas.

Cimento Rápido — Cal hydraulica.

A venda nos principaes estabelecimentos de ferragens, de drogarias e de materiaes de construcção.

Direcção para a fábrica.

MACEIRA — LEIRIA

Restaurador do cabelo

PREPARADO POR

Francisco Miranda d'Assis

Pharmaceutico pela Universidade

Dotado de um cheiro agradável, este preparado torna-se muito recommendado pelos bons resultados que tem alcançado; tonifica o cabelo, obstando á sua queda, e evita e limpa a caspa, sem que produza irritação alguma.

Convém usá-lo diariamente para se poderem apreciar os seus beneficos effeitos.

PHARMÁCIA ASSIS

41, — PRAÇA DO COMMERCIO — 42

COIMBRA

Sapataria Progresso

(Antiga casa Daniel Guedes)

39 — Rua da Sophia — 41

Coimbra

Nesta officina executa-se com rapidez e esmero toda a qualidade de calçado e tem em depósito variado sortimento de cabedães dos principaes fabricantes nacionaes e estrangeiros para que os seus clientes, querendo, possam escolher. Tambem ha grande quantidade de calçado feito para homem, senhora e creança.

Os preços, sam muito reduzidos — Como pôde verificar-se pela tabella existente neste estabelecimento.

RUA DA SOPHIA 39 — 41

COIMBRA

Banco Commercial do Porto

Sociedade anonyma responsabilidade illimitada

O dividendo do 2.º semestre de 1900, é de 27000 réis e paga-se todos os dias uteis das 10 ás 2 horas da tarde no escriptório do representante do mesmo banco, nesta cidade abaixo assignado.

Coimbra, 20-2-1901.

Basilio A. Xavier d'Andrade.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 2\$700 réis; semestre, 1\$350 réis; trimestre, 680 réis.

Sem estampilha—Anno, 2\$400 réis; semestre, 1\$200 réis; trimestre, 600 réis.

Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal for honrado.

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6

Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral

Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Invasão jesuítica

Está travado o conflicto?

Ha que acreditá-lo em face dos successos do Porto. Mas um conflicto grande, gravíssimo, vista a multiplicidade de agravos com que está a braços o espirito liberal.

Considere-se.

O que se passa no Porto é uma questão local apenas quanto aos acontecimentos das ruas. Em relação ao objecto de que dimanam sam uma questão geral que interessa a todos, ao país que se não humanisa e antes se revolta com a corrente de reaccionarismo que, á sombra da mais descabellada protecção official ameaça assolar completamente a terra portugüesa.

Não é necessário historiar os factos de irritante audácia reaccionária occorridos no Porto, e que provocaram as manifestações dos últimos dias. Largamente a imprensa os pormenorizou; este jornal mesmo os referiu em detalhes. Basta então attender ás consequências para tirar-lhes as conclusões.

A tentativa de rapto, em plena rua e em pleno dia, da senhora Calmon, provocou o grito de revolta contra a invasão. E a alma popular, avara de emancipação de consciências, expandiu-se em manifestações tam convenientes como necessárias:—em vivas á liberdade, á patria livre de reaccionarismo e em morras ao jesuitismo. Nem um clamor attentatório das instituições.

Vejamos os jornaes do regimen. Elles o affirmam sem um ambage, sem uma reticência. E contudo...

A policia saiu, e sem mais embaraços, acutilou os manifestantes, provocou conflictos, preparou emboscadas e assaltou estabelecimentos que só em condições muito excepcionaes ficariam sob a sua jurisdicção; e essas condições não se deram.

Como explicar isto?

Decididamente, a policia não procedeu por seu motu proprio. Quando assim fosse, o facto dar-se-ia num dia para ser reprimido no outro. A repressão não appareceu, pois que as selvagerias se repetiram. Logo...

A policia foi mandada proceder assim, pelos seus chefes hierarchicos, que por por sua vez receberam instrucções de mais alto. E tanto isto é cri-

vel, que, interpellado no parlamento, o presidente de ministros deu esta resposta ambigua:—*Fará manter o respeito por todas as leis e não sómente pela que se refere as congregações religiosas.* Pois exactamente depois destes artificiosos dizeres, a pranchada continuou. Que significação tem isso?

Que o governo está com os jesuitas, disposto a olvidar por completo as leis d'Aguiar. A prova?

Se os acontecimentos depois daquella resposta não bastam, aí vai:

Relata o *Primeiro de Janeiro* que grande numero de frades vindos de Espanha e de França têm entrado no Porto; que o convento do Sardão recebe diariamente um tal numero de canastras de peixe, que bem prova o accrécimo de população naquella cafurna de reaccionários.

Estas informações do *Janiero* sam corroboradas pelos seguintes dizeres do *Diário da Tarde*:

«Alguns jornaes têm referido que há poucos dias chegaram a Portugal bastantes jesuitas ex tranjeiros, vindos na sua maior parte dos conventos francezes.

«Pela nossa parte, sabemos que em alguns conventos do Porto se andaram preparando com grande antecipaçaõ, alojamentos para os hospedes esperados.

«Na sexta feira última, á porta do convento da Formiga pararam uns vinte e tantos carros, que traziam bagagens pertencentes a jesuitas. Aguardam-se por estes dias os proprietarios dessas bagagens. Parece que os jesuitas francezes, temendo ser escorraçados pela lei agora em debate na câmara dos deputados, tencionam procurar refugio em Portugal.»

Vinte e tantos carros de bagagem! Imagine-se que chusma vai chegar, se não chegou já, alem da que tenha entrado.

Não sabe isto o presidente de ministros? Sabe, positivamente; e *faz cumprir as leis permitindo a livre entrada e o livre estabelecimento das ordens religiosas, e fazendo ouvidos de mercador aos clamores populares contra a massagem da policia portuense sómente porque se pede liberdade e o respeito ás leis.*

Quer dizer: as suas disposições sam abafar pela força as indicações e os protestos populares.

Está então travado o conflicto?

Sem dúvida, mas duplo—com o reaccionarismo de batina e adeptos de casaca e brocados, e com o governo inspiado pelo paço.

Portugal é, pois, um país a saque dos jesuitas. Não ha garantias de liberdade nem de segurança das familias contra o ultramontanismo, e—suprema amargura—doe a alma, abate-se pelo desespero a consciência, ao ver-se que esse governo que ai está á frente dos negócios públicos, como os siameses servidores do regimen, nada pôdem, ou antes nada querem tentar contra a invasão e predomínio clerical e em respeito a leis em vigor, chegando-se á vergonha, sem precedentes, de um representante duma nação amiga soffrer os agravos e ataques que soffreu Calmon, sem que o governo o desaffronte, e a ver-se esse representante forçado a abandonar o seu logar, safndo de Portugal:—**será esse o único meio de acabar com o conflicto**—insinua o governo, deixando que a imprensa o repita, para eterna vergonha nossa á face do mundo civilizado.

Vejamos agora. Escorraçados da França, perseguidos em Espanha pelo povo, os jesuitas buscam guarida no nosso país. Disseminar-se-hão por elle estabelecendo um perigo geral.

O Porto já saiu á rua. Deixá-lo só seria um crime, mórmente quando a sua luta se affirma tambem contra o governo, tão jesuita como o paço e como os povoadores dos conventos. Urge então fazer um movimento geral.

Coimbra manifestou-se pela sua academia, mas é mister que os naturaes, a população fixa a secunde.

Não fraternisaram ind'agora academia e naturaes para as bellas festas em honra dos estudantes espanhoes? Pois bem, promova-se idéntica confraternisação para a guerra vehemente e tenaz ao jesuita, levando o espirito de revolta contra elle até ao mais recandito das povoações ruraes.

É necessário que isso faça em Coimbra como em todo o país, alias arriscamo-nos a ver ai substabelecida a inquisição e o auto de fé, com a permissão dos governos do regimen e com o applauso e a contento da sr.^a D. Amélia, rainha de Portugal.

O sr. Luiz de Magalhães

Fazendo o relato dos últimos acontecimentos do Porto, um jornal monarchico regista esta resposta do sr. Luiz de Magalhães a um grupo de commerciantes que, appellando para as suas tradições, lhe foi pedir levantasse na câmara baixa o incidente Calmon:

«O nome de meu pae não vem aqui para nada. De resto, é preciso que os srs. saibam que se meu pae combateu, noutros tempos, os jesuitas, foi simplesmente para certos fins politicos. Por minha parte, declaro que não levantarei questão alguma.»

Penalisa-nos a informação mas não vinca no nosso espirito a extranhêsa dos successos imprevistos. Estamos habituados, no meio da *debaçle* moral que vai conquistando caracteres e instituições, a deparar os mais estupendos casos de apostasia e cynismo, de injustiça e ridiculo. Relegamo los ao montão dos *faits divers*, sem lhe appensar considerações de qualquer ordem. Alli, aquelle revolucionario desgrenhado, de bons tempos de mocidade impetuosa, transitando para a escolta da tyrania, abroquelado na consideração pueril e cínica da *maioridade atingida*: aquelle heroe de façanhas ardidias, passeiado em triumphos de *réclame* monarchista, accommodando-se na delicada tarefa de dispor nos cueiros das altezas: essa súcia de mediocres passando, erguidos nos braços, por entre alas reverentes, para o galarim da consideração pública, em quanto os sábios e honestos morrem na ignorada obscuridade que se crearam pela sua intransigência: toda a tropa fandanga de cretinos e maus, apossando-se das culmancias governativas nessa insofrida escalada de bandoleiros, tudo isso emfim nos deixa quasi indifferentes, tantas vezes, e sempre impunemente, nos é dado conhecer esse espectáculo.

O sr. Luís de Magalhães não tem o culto das tradições, e assim é que invocar a memória do pae é para elle uma impertinência digna de castigo. Nós habituamo-nos a venerá-lo, esse vulto forte que, numa época de mais virtis affirmações, dominou altaneiramente, uma soberbia athletica a impô-lo: queimamos lhe incenso no thuribulo da nossa admiração, enthronisamo-lo e vestimos-lhe uma clamyde de luz: mas nós somos uns ingénios que nos mantemos, apezar de tudo, no reducto dos nossos primeiros ideaes, e não comprehendemos, nem queremos comprehendere, as evoluções acrobaticas da politica. O grande José Estevam, combatendo os jesuitas, não o impulsionou qualquer convicção pessoal; foi, simples e frivolamente, um especulador que jogou na *bolsa* dos acontecimentos.

É o filho quem no-lo diz, attribuindo-lhe intuitos de especulação politica. Ouçam-lhe a graçola discreta, sublinhada d'um piscar d'olho brejeiro: *meu pae foi um finorio!*

O pae era o José Estevam que

a história mostra com orgulho na galeria dos seus vultos eminentes: o filho é o sr. Luis de Magalhães—conhecem?—que póda vides na quinta de Moreira, dá de vés em quando de almoçar ao Franco e é um dos algebristas que se propõem *endireitar* a patria.

Então não parece antes filho do *brasileiro Soares?*

Contra a reacção

O caso Calmon trouxe-nos a consoladora esperança de que o bando negro da jesuitada ha de ficar vencido na formidavel luta por elle provocada.

O Porto tem, nestes últimos dias, protestado altiva e vibrantemente contra os manejos infâmes do parasitismo jesuitico. Milhares de cidadãos têm acclamado a imprensa livre daquella cidade que tam nobremente tem cumprido o seu dever.

Estudantes, operários, commerciantes e mulheres, todos, num impeto unânime de defeza da tranquillidade do seu lar, têm, em saudações expontâneas a tudo o que é liberal, a tudo o que é honesto, lançado o grito santo: viva a Liberdade! Morram os jesuitas!

Escusado será, por demasiado conhecidas, descrever as impoentes manifestações que têm corrido as ruas do Porto em saudação á imprensa, ao dr. Calmon e a todas as individualidades que com o seu talento e com a sua força defendem a liberdade dos ataques traiçoeiros e cobardes da reacção.

Daqui os saudamos tambem com o máximo entusiasmo.

No meio de tudo isto ha a destacar o procedimento selvagem e brutal da policia que tem atacado os manifestantes que, na melhor ordem, mas de viva voz, pedem o cumprimento de uma lei em vigor que as auctoridades deviam ser as primeiras a fazer respeitar.

Não têm mesmo faltado emboscadas e insidias de que as auctoridades tantas vezes se servem para terem o prazer sanguinario de espancar cidadãos inofensivos. Foi o que se deu em Campanhã á chegada da tuna Espanhola, na Academia e em outros pontos.

Ao nosso collega e amigo João de Menezes quizeram tambem fazê-lo victima duma reles emboscada, quando se retirava pacificamente para casa, mas que não surtiu o effeito desejado.

Aqui manifestamos mais uma vez a nossa sympathia por João de Menezes, assim como por Felizardo de Lima, um incansavel luctador, que tambem foi arbitrariamente preso.

Foi examinado por uma junta medica, para os effeitos de aposentação que requereu, o professor primario da freguesia de Salgado, concelho de Arganil, José Lourenço d'Azevedo.

Dado por absolutamente incapaz de continuar ao serviço,

JESUITAS

I

Não falta quem neste momento irroque a França a censura injusta de uma intolerância contra ditória dos seus princípios de liberdade, baptisados em sangue e erguidos nos escudos triumphaes das suas estranhas revoluções, por esse rasgo de benéfica audácia que vai emancipá-la do temeroso perigo congreganista. E no entanto nunca a França foi mais consequente com os seus princípios revolucionários, eliminando as ordens religiosas como verdadeiros factores regressivos e defendendo-se da ameaça permanente que ellas representavam com a sua ambição irrequieta e criminosa.

Factos bem recentes na história, que comoveram e exasperaram de angústias a alma da humanidade, bastariam a justificar esse grande e bello país de uma tal attitude, se ella não estivesse antes de tudo justificada nos artigos do seu código político que propugna, em toda a sua amplitude, o principio eterno da liberdade.

As ordens religiosas creando a republica um estado de agitação permanente e funesto, preparando na sombra a sua queda com elementos colhidos sob a égide de uma tolerância condemnavel, obrigaram-na logicamente a defender-se. Obravam as congregações em nome dum principio e no interesse da pátria Francêsa? Não. Portanto o systema não se defendeu a si só, num arranco desesperado, não foi a sua existência que, no impeto de egoísmo, pretendeu exclusivamente assegurar; defendeu e quis assegurar a vida e o progresso de todo um povo.

Intolerância seria se, a semelhança do que por cá se faz, coarctasse a um partido ou a uma seita de, pelos processos ordinários e legítimos da propaganda, dessimular principios e recrutar adeptos.

Tal não é o caso. Alliciar não é educar: crentes não sam camelots. A França expulsa conspiradores não expulsa apóstolos.

Questão de vida ou de morte, esse golpe decisivo impunha-se; e para nós elle resgata a França dos annos de inércia e aristocratismo burguês que embaciou por momentos o brilho dos seus feitos inescurecíveis, e marca o inicio duma época em que nesse solo abençoado da revolução ha de florescer, mais puro e vigoroso, o principio augusto da emancipação humana.

•

Mas a nós, portuguezes, o caso não interessa apenas como mera curiosidade histórica, antes reclama disvelos de attenção e energia que nos premunam contra o perigo imminente de uma invasão de roupetas.

Se já hoje é larga a acção absorbente do clericalismo, condemnado por leis não derogadas e recebendo daquelles que pela sua execução deviam velar, o mais impudente auxilio, ameaça-nos que muito em breve, reforçado o exercito negro pelo contingente dos banidos da França, essa acção se estenda mais e mais, a envolver-nos e a asphixiar-nos?

Importa, pois, que ao assumpto prestemos a nossa melhor attenção e que os liberaes de todos os partidos se aliem num empenho decidido de evitar um vergonhoso regresso ao absolutismo.

A consciencia publica começa de agitar-se insubmissa, num pre-núncio consolador de lucta, deante de infâmias como o caso Calmon; e este facto deve ter para os governantes uma alta signifi-

cação, dados os acontecimentos similares que têm alvorçado a Espanha e que, sendo uma esperanza, sam tambem um aviso eloquente.

As luctas religiosas que tanto sangue fizeram derramar, que em prélios de séculos prostraram anémicos e mutilados muitos reinos, devem a todo o transe evitar-se; e nenhum meio se nos afigura mais conveniente para o conseguir do que affastar os elementos que pôdem suscitá-las.

Em Portugal o jesuitismo tem hoje uma ingerência predominante na vida nacional, ingerência que accentuar se produzirá os mais perniciosos effectos; e porque assim o entendeu, lúcida e nobremente, a academia de Coimbra tomou a iniciativa de promover uma vibrante manifestação que factos bem recentes amplamente justificam e urgentemente reclamam.

Cumpria à academia um dever, ao mesmo tempo que se isentou de responsabilidades graves; mas porque alguém, divergindo de tal attitude, ousou menos dignamente contestar-lhe a necessidade e o fundamento, agitando a campanha de Pedro o Eremita para a cruzada reaccionária, julgamo-nos no direito de castigar a petulante ignorância de taes discolos, estilhaçando com a história o reverso baço do espelho que nos offereceram.

Principiaremos. H.

Incêndios

A's 5 horas da manhã de domingo houve começo d'incêndio na cosinha do prédio em que habita o sr. Joaquim Carvalho Porto, na rua de Quebra-Costas.

Apagado por alguns vizinhos antes da comparência dos soccorros.

— Ante ontem, ás 3 da tarde, feito alarme de fogo porque se incendiou a fuligem da chaminé na casa habitada pelo sr. Luís José Candido, na rua do Correio.

Extincto sem auxilio de material.

Ironia de poeta

Os créditos de protectora do clericalismo em Portugal, de que ha longo tempo goza a sr.^a D. Amélia, não sam já — e nem admira que o não sejam — restrictos ao nosso país. Tendo passado para além fronteiras, sam hoje accetitos lá fóra como qualidade absolutamente reconhecida em sua majestade, apesar de ella lhe não conquistar nem a sympathia nem as bençãos do seu povo.

E por que tal qualidade é por demais estranha, mormente sendo Portugal um país onde o estabelecimento de agremiações clericas é absolutamente prohibido, não só cá dentro se repara nella, mas ainda lá fóra provoca ironias como esta que achámos no *El Liberal* de Madrid:

«Se dice que la reina de Portugal, resuelta, apoya todo y por elle en sucesos como el de Oporto sin el clericalismo se queda corto. Yo estoy en si lo dudo ó en si lo creo. porque se me figura bastante feo; pero si es cierto ese favor real... lo siento por la reina de Portugal.»

Felipe Pérez y González.

O tribunal do commercio não julgou hoje os artigos de classificação de quebra da massa fallida Santos & Brito, por faltarem as testemunhas srs. Ricardo Loureiro e Francisco Rodrigues Lucas.

Nós e a França

A interpellação Guérin feita no parlamento ao governo francês, evidentemente de combinação para este declarar o seu modo de ver acerca da attitude que a França se propõe manter perante o assumpto nunca definido da nossa situação para com os portadores francêses, deu logar a que em plena câmara fosse enxovalhado o nosso nome, ridicularizado o nosso decoro nacional.

A propósito de os governos portuguezes terem declarado por vezes categoricamente que não accetam qualquer transacção com os credores externos que importe a intervenção destes na administração do país, por a isso se oppôr o nosso brio, toda a câmara se permittiu carcalhadas de riso, que nos levam a perguntar lhe onde está o antigo brio gaulês, que de orelha murcha e cauda abatida se humilhou vergonhosamente em Fashoda.

Nós, que andamos a admirar parvamente a França, em todas as suas manifestações e até nas suas imbecilidades, sem querer mos ver a distancia enorme a que ella se encontra dos tempos em que era grande, generosa e magnánima; nós, que della não recebemos senão ultrages, e nem uma palavra amiga, e apesar disso não cessámos de rasgar baetas diante della, ai temos uma manifestação da cortesia que lhe merecemos...

O sr. Delcasse decidiu-se a ameaçar-nos solemnemente de nos obrigar a accetiar as exigências da França, e disse o bem alto em plena câmara, para todo o mundo ouvir! Quer dizer o sr. Delcasse, com uma francêsa magnanimidade, pretende reduzir-nos ás circumstancias da Grécia ou dos principados Danubianos...

Fiámos, todavia, em que tudo isto ficará em bons desejos, a que nos cumpre ser reconhecidos.

E' de ver, porém, que aos governos da monarchia devemos esta série infinda de desaires que dila a dia vimos soffrendo.

Se em Portugal tivesse havido, ao menos de 92 para cá, administrações honradas; se a frente dos negócios públicos tivessemos tido homens absolutamente honestos e pessoalmente probos, não chegaríamos ao último ultrage que recebemos.

Sejam elles, porém, como fôrem — que isto é assumpto para ser liquidado entre nós e ha de chegar a hora da expiação, — no que o país não pode consentir é em ser vilipendiado por contados que o defraudam e vilmente exploram, nem em ser tutelado por qualquer estrangeiro que se lembre de o fazer.

O país não o consentirá; e, se tanto fôr necessário, unir-se ha, de momento, com o governo que o represente para se oppôr a essas arrogancias do estrangeiro.

E depois nós liquidaremos, intimamente, as nossas contas...

Sucedem-se as reclamações ao governo contra a fórma como fôram feitas as avaliações para a organização das matrizes prediacs.

Agora foi a povoação de Castello Viegas, d'este concelho, que veio ontem em massa entregar ao sr. governador civil uma representação dirigida ao ministério da fazenda, e na qual pede uma nova avaliação, pelas injustiças que abundam na anterior.

Fôram hoje entregues os logares de clínicos ordinários da 1.^a e 5.^a enfermarias do hospital, vagas pela morte do dr. Augusto Rocha, aos professores de medicina srs. drs. Daniel de Mattos e João Jacintho.

LITTERATURA E ARTE

VOZ

O' Voz da Vida, ó Voz do Amôr e da Tristeza,
Evocadora da Saúdade, evocadora
Da intraduzível graça e da eterna belleza
De quem muito soffreu e de quem muito chora...

Voz cheia do mystério e cheia da incerteza
Da grande voz do Mar, della desesp'adora
Voz que se ergue e suspira e, suspirando, reza,
Voz que reza e blasfema e, blasfemando, implora!

Bem dita sejas tu, ó clara Voz divina,
Que vieste ensinar-me — assim como o ensinava
Aos que sam velhos já a interminável Dor —

Que a desventura tem horisontes occultos
Onde é força que desça, entre o Riso e os Insultos!
A benção larga e sã do consolante Amôr!

Janeiro — 1901.

JOÃO DE BARROS.

O CASO CALMON

A audácia dos reaccionários atingiu já o ponto de se tentar raptar audaciosamente a sr.^a D. Rosa Calmon — estremecida filha do sr. dr. José Calmon, digno e illustrado consul da Republica dos Estados Unidos do Brasil, no Porto, quando saiu da igreja da Trindade, acompanhada de sua familia!

O caso em si não nos surpreheide! A reacção constantemente acalentada pelos poderes públicos, julga-se em país conquistado, a despeito de todas as leis que prohibem expressamente a existência das congregações religiosas e o ilícito exercicio das ordens monásticas!!!

O attentado reveste, porém, excepcional gravidade por ser um ataque directo ao sagrado santuário da familia, e, sobretudo por se tractar do representante duma potencia estrangeira.

A cidade do Porto que sempre se ha notabilizado pelo seu fervoroso culto e acrysolado amôr a liberdade, não pôde nem deve deixar passar semelhante affronta sem lavar um formidavel e decisivo protesto contra os obreiros das trevas.

E' um duello de morte, porfiadamente travado entre a reacção e a liberdade, entre a corôa e a Democracia, entre o espirito livre do nosso tempo e os restos duma tradição maldita d'eras já ha muito idas na espessa noite da imbecilidade humana, e que por honra de nós todos tem de ter uma solução clara, positiva com o integral cumprimento das leis de 1759, 1834 e 1862, a exemplo do que succede em França.

O jesuita indolente e excessivamente sensual, ávido de libidinosos prazeres, ergue no prostíbulo dos conventos altares a impudica Astarte, a deusa do amôr da antiga religião phenicia!

Allí, naquelles antros de prostituição e de crimes, a virgindade é sacrificada em holocausto á brutal sensualidade de padres devassos!!!

Que sacrilégio: a divina doutrina do mártir do Golgotha conspurcada pelos brutaes desejos dos homens, que de todos os meios se servem para a fatal consumação dos seus hediondos desejos.

O caso succedido em 1891, no serralho cathólico das Trinas, tem tido milhares de reproducções em todos os outros coios jesuiticos espalhados por todo o país, e as próprias irmãs da caridade não sam mais do que as velhas guardas do harem rausulmano, transformadas hypocritamente em ma-

tronas ás ordens de um Deus justo?

A obediência passiva; o respeito rigoroso, quasi diríamos o terror, é base de toda a ordem anormal daquelles antros de tormento e de perdição.

Aos argumentos debeis das tremulas victimas, oppõe-se a palmatória, a chibata e outros castigos ultrajantes, como claramente se deprehende das declarações das pacientes das Trinas no escandaloso caso da Sarah de Mattos, entr'ellas a duma tal Maria Alexandrina, menina de 17 ou 18 annos, que — depondo no commissariado de policia de Lisboa — affirmou peremptoriamente que ella e as suas companheiras de infortúnio eram castigadas em camisa com uma vara, e outras vezes com a palmatoria... seguindo-se a estas humilhantes sevicias horas e horas privadas de alimentos e na expectativa horrivel de mais castigos.

Estas foram as declarações que o seu pudor ultrajado lhes permittiu fazer!... O mais importante, ficou porém sepultado no recandito do seu espirito aterrado, já pelos castigos... já pela má vontade dos elementos officiaes protectores das boas irmãs.

Recentemente o caso de Aldegavinha veio demonstrar a perigosa devassidão dos conventos, e pelas declarações de Anna de Jesus — rapariga de 13 annos — se deprehende a identidade dos castigos em todos os coios: ás varadas e ás palmatoadas.

E' preciso que a imprensa livre devasse tudo o que se passa nos recolhimentos religiosos, apontando aos chefes de familia todo o inconveniente de atirarem com suas filhas para aquelles antros de prostituição... para aquellas escllas do crime.

A questão Calmon entre nós e o escandaloso caso Ubao em Espanha, devem ser o ponto de partida dum levantamento geral do país contra as ordens religiosas — verdadeiro perigo para a honra das familias e para o futuro do nosso povo.

Protestamos contra semelhantes attentados, e a briosa nação brasileira asseguramos — com os nossos votos em prol da sua almejada prosperidade — a garantia da nossa adhesão de sympathia, de consideração e de respeito como as que sam devidas a uma das Republicas mais adelantadas em progresso e civilização da America do Sul.

E ao sr. dr. José Calmon e sua illustrada familia, rende a *Resistencia* a homenagem da sua mais elevada estima, da sua nunca desmentida consideração.

FAZENDA JUNIOR.

Fornecimento de carnes

Começa amanhã o fornecimento, neste concelho, das carnes de vacca e vitella, adjudicado ao sr. António Juzarte Paschoal, em virtude de ser preferível a sua proposta, que a câmara accceitou, lavrando-se a competente escriptura, dando o arrematante, no acto de ser assignada, a caução de 3.000.000 réis, como garantia do cumprimento.

Em harmonia com as mesmas propostas e escriptura, o fornecimento ao público fica sujeito aos

preços, por arroba, que sejam cotados no mercado central de gado vivo em Lisboa, conforme se vê da tabella que a seguir publicamos, tabella que é a da proposta aceita pela câmara.

Isto é, o preço do kilo em Coimbra desce ou sobe 20 réis, logo que diminuem ou subam os limites dos preços da arroba indicados nas casas referentes ao do mercado de Lisboa. Os preços porque a venda agora é estabelecido, sam, ainda em obediência ao mesmo mercado, os das últimas casas da tabella, ou seja da proposta do sr. Paschoal.

Tabella dos preços para a venda de carnes em Coimbra, desde 1 de março de 1901, a 28 de fevereiro de 1902, consoante o mercado central de gado vivo em Lisboa cote o preço da arroba

		Preço da arroba no Mercado Geral dos Gados de Lisboa								
		De 3205 a 3350	De 33505 a 33800	De 33805 a 40100	De 40105 a 45500	De 45505 a 50000				
Preço da venda por kilo em Coimbra										
		Com osso	Sem osso	Com osso	Sem osso	Com osso	Sem osso			
Vacca										
1.ª classe										
Lombo	300	400	340	440	360	500	380	520	400	540
Pojadouro	250	320	280	360	300	400	320	420	340	440
Alcatra	250	320	280	360	300	400	320	420	340	440
Roast-beef	250	320	280	360	300	400	320	420	340	440
Lingua	250	320	280	360	300	400	320	420	340	440
2.ª classe										
Vasia	240	260	280	300	320	340	360	380	400	420
Chã de fóra	240	260	280	300	320	340	360	380	400	420
Rabadilha	240	260	280	300	320	340	360	380	400	420
Assem	240	260	280	300	320	340	360	380	400	420
Pá	240	260	280	300	320	340	360	380	400	420
Rim	240	260	280	300	320	340	360	380	400	420
3.ª classe										
Maçã do peito	190	220	240	260	280	300	320	340	360	380
Cachaço	190	220	240	260	280	300	320	340	360	380
Aba	190	220	240	260	280	300	320	340	360	380
Chã bã	190	220	240	260	280	300	320	340	360	380
Costellas	190	220	240	260	280	300	320	340	360	380
Vitella										
1.ª classe										
Perna e costellets	320	360	400	440	480	520	560	600	640	680
2.ª classe										
Pá e assem	260	280	320	340	360	380	400	420	440	460
3.ª classe										
Peito e cachaço	220	240	260	280	300	320	340	360	380	400

O outro concorrente, sr. José Maria Raposo que jurava e batia fé, como exuberantemente temo provado, não haver meio de vender por menos, adoçando a exploração que vinha fazendo ao público, com os seus collegas, já podia tudo, como também temos esclarecido, desde que lhe appareceu um concorrente para temer, e que viu fugir lhe, sem remédio, a base da resolução que estavam—fazer vender a câmara. Apresentou proposta, por que Paschoal a apresentou, mas inaceitavel por todas as razões que já temos exposto, e depois que a adjudicação estava feita, appareceu—primeiro com um protesto, em sessão da câmara, e hoje com um requerimento pedindo a anulação do contracto, sob lamurias dos interesses públicos, que só agora vê e a que só agora attende, des-se público que antes lhe merecia apenas a consideração duma rica mina a explorar.

Mas não basta citar essas misérias de proceder. Para perfeita elucidação do público, convem tornar conhecida a sua proposta, para se estabelecer o confronto. Diz nella o sr. José Maria Raposo:

«Eu abaixo assignado proponho que me obrigo a fornecer toda a vacca e vitella precisa para consumo deste concelho Pelos seguintes preços:

Lombo sem osso, 500; com osso, 400; alcatras pojadouro e roast-beef, com osso, 440; sem osso, 360 réis.

Carne de 2.ª classe, 320; idem de 3.ª, 280; osso para caldo, 120 réis.

Carne de vitella—perna e costellas, 440; pá e assem, 400; peito e cachaço, 360 réis.

Mais declaro que me obrigo a acompanhar os preços do mercado de Lisboa logo que haja differença de 300 réis em arroba nos bois da Beira, assentando se hoje a base que lá existe.»

Não salientaremos a vantajosa differença para menos, que ha na proposta do sr. Paschoal, especialmente quanto a vitella. Outra, porém, merece ser especificada:—E' que, pela declaração do sr. Raposo, elle só abateria 20 réis em kilo, quando o mercado central de Lisboa baixasse trezentos réis certos, redondos, em arroba, ao passo que Paschoal, basta que o mesmo mercado desça 5 réis dos limites fixados na sua tabella, para elle ter de baixar os mesmos 20 réis em kilo. Quer dizer, 5 réis a menos em arroba em Lisboa, redundam para elle, em 300 réis a menos, tambem por arroba, em Coimbra, o que representa uma importante vantagem pública, que o sr. Raposo se esqueceu de offerecer.

Ai fica o confronto. O público que aprecie.

A câmara municipal da Figueira da Foz pedira ha tempo, ao governo, autorisação para pôr a concurso todos os logares, vagos, de amanuenses da sua secretaria, augmentando lhes o ordenado para 160.000 réis.

Foi-lhe auctorisado o concurso, mas com o ordenado anterior, de 120.000 réis.

Findo o prazo respectivo, a câmara enviou nova petição considerando que o concurso ficara deserto, continuando os logares a ser servidos por interinos, visto a exiguidade dos vencimentos, havendo por consequência necessidade de fazer-se o augmento pedido.

Mais feliz que da primeira vez, a auctorisação foi concedida, parecendo que sam concorrentes, com probabilidades do êxito os interinos actuaes.

Museu de antiguidades

O museu de antiguidades do Instituto acha se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christovam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

Fallecimento e doença

O sr. Virgilio dos Santos, intelligente typographo na casa Minerva, acaba de passar pelo punge desgosto de perder a sua única filhinha, que estremeçia, ficando-lhe ainda, na amarga desolação dessa dôr, a desdita de ter sua esposa bastante mal.

Enviamos-lhe pesames sentidos.

Folhetim da «RESISTENCIA»

ARSÈNE HONSSAYE

REGINA

Livro primeiro

O tiro de revolver

IV

Angustias

Ao comprar os cigarros, como estava só, com a dona da loja, não pude fazer alguns pontos d'interrogação.

—Vê muitas vezes a condessa de Romane que acabo de encontrar à sua porta?

—Vi-a duas ou três vezes. E' uma mulher muita original, compra estampilhas para se não servir dellas; porque se esquece de as pôr nas cartas. A não ser isto, é encantadora, apesar de muito triste.

—Mora perto?

—Habita, ha alguns dias, um palacete da rua Galileu ou Newton, não sei bem. Mas deve sa-

Cartas da provincia

Figueira, 24 de fevereiro.

Li nas *Novidades* de sexta feira passada:

«Sobre o negócio do bacalhau affirma-se que o sr. ministro da fazenda cuida apresentar uma providência. Tanto a questão se impõe. S. ex.ª que é um técnico aduaneiro, não carece de explicações de ninguém. Mas quere-as decerto o público, que não sabe os motivos porque morre de fome, e não vê senão tirarem-lhe cada vez mais. O bacalhau estrangeiro paga na alfandega 39 réis por kilo, fóra addicionaes; os felizes armadores nacionaes, que sam em número resumidissimo, formando por isso verdadeiro monopólio cuidadosamente fechado pela própria lei reguladora da matéria, pagam 5 % *ad valorem*, ainda com abatimento da differença entre os preços do peixe salgado e fresco, cálculo em que vai novo galante beneficio. Assim os felizes fazem fortuna em poucos annos, enquanto os pobres em poucos annos se tuberculizam.

E' assumpto para mais conversas.»

A conversa que o assumpto requer é simples e fácil, mas de pouca confiança por parte das *Novidades*, porque os dois interessados na pouca vergonha da pesca do bacalhau estão já muito tícos...

E' exacto o que diz aquelle jornal e eu podia ampliar as suas explicações, mas não tenho penna para lançar, como convem, a larga publicidade um assumpto desta magnitude e ainda que tivesse não seria numa simples correspondência para este jornal que o poderia tentar. Mas, por isto, não deixarei de vos dar apontamentos de que podereis lançar mão para o tratar convenientemente, com a attenção que merece e com a auctoridade que tendes.

O bacalhau que se consome neste país, vale muitos milhares de contos de réis e alguns milhares de contos paga de direitos, porque na maior parte é estrangeiro e paga de imposto de importação 39 réis em kilo gramma. Mas ha doze navios—nove da praça de Lisboa, pertencentes a um rico commerciante, e três desta praça pertencentes a um cavalleiro que tambem já hoje está muito rico—que, a pretexto de direitos adquiridos, por effeito, segundo me dizem, de uma simples portaria (!) do sr. Mariano de Carvalho, pôdem introduzir no país os importantes carrega-

mentos que annualmente trazem da Terra Nova, onde vam pescar, pagando apenas approximadamente 5 % *ad valorem*, como qualquer pescado da costa, o que segundo bons calculos vale um lucro superior a uns vinte contos de réis por navio para o proprietário que vende a preciosa pescaria pelo preço do bacalhau estrangeiro.

E note se que os taes direitos adquiridos duram enquanto durarem os navios, e que o escândalo sóbe ainda a taes proporções que os donos dos navios de vez em quando os levam ao estaleiro, onde os concertam tam bem, tam bem, que saem dalli em dobro! E' maravilhoso vêr estes navios depois de velhos a crescerem nos estaleiros!

Ai póbre país, póbre povo!

Não ha por ai um homem que saiba escrever e que queira levantar esta questão, que queira mostrar que, em beneficio de dois homens e talvez para favorecer o commercio inglês, se roubam milhares de contos a alimentação nacional e se impede que os nossos bons homens do mar desenvolvam navegação necessária, essencial mesmo a um país marítimo com um já importante e crescente commercio colonial, com uma grande exportação para o Brasil, feita em navios estrangeiros?

Por engano dissemos que a brilhante iluminação no Atheneu Commercial, por occasião do baile de segunda feira gorda, era do bico Auer.

Simple precipitação de momento originou a confusão que gostosamente rectificamos, remetendo para o bico Aurore os merecidissimos louvores que a iluminação a todos os respetos mereceu.

O seu, a seu dono.

S. Pedro d'Alva, 27.

Falleceu nesta povoação, o sr. Francisco da Costa Ramos, abastado proprietário e cavalleiro de esmerada distincção, que pela independência do seu carácter e sentimentos de extrema bondade era geralmente admirado nesta povoação para a qual a sua morte representa uma falta muitissimo lamentavel.

O seu funeral muito numeroso foi uma demonstração eloquente de profunda estima ao seu nome honrado, e à beira da campa, em palavra fluente mas repassada de sentida máguia, que lágrimas expontâneas comprovavam, fez-lhe o elogio, inalterando-lhe a memória o illustre prior da freguesia.

hendem nem o meio nem o fim. O que Arthur Wallon procurava sobretudo era o capitulo das paixões; os ambiciosos não o interessavam. Mas se um homem d'estado em começo, ou um homem d'estado conhecido calam ainda no eterno feminino, o curioso punha-se a quatro para lhes arrancar a mascara.

Esta originalidade de que toda a gente ria muito, sem que ninguém se offendesse tinha feito com que os seus amigos dissessem: «Ham de ver que, mais dia menos dia, Arthur Wallon ha de morrer voluntariamente para ir ver ao outro mundo coisas novas.»

O que havia de mais singular, é que Arthur Wallon era dos homens mais occupados; não jogava só à noite nos clubs, jogava tambem de dia na Bolsa. Não era tudo ainda, patrocinava de perto ou de longe todos os inventores. Comprava por assim dizer, um bilhete de loteria em todas as fortunas futuras.

(Continúa).

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampa—Anno, 2\$700 réis; semestre, 1\$350 réis; trimestre, 680 réis.

Sem estampa—Anno, 2\$400 réis; semestre, 1\$200 réis; trimestre, 600 réis.

Número avulso, 10 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal for honrado.

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6

Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral

Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

NÃO CONFUNDIR

Na questão aberta entre liberaes e reaccionários, que tam eloquentemente se tem manifestado pela voz potente da população do Porto, clamando contra a existência dos jesuitas em Portugal, estes têm procurado capciosamente desvirtuar as coisas, transfigurar-lhes o aspecto e apresentá-las como ellas na realidade não são. E não sómente estes processos tortuosos ham sido executados pelos jesuitas de roupeta e pelos seus jornaes, mas até no parlamento por deputados e pares e pelo próprio presidente do conselho, que, de má fé, sem dúvida, porque não são tólos, têm dado ás manifestações de revolta do povo o character de um guerra de princípios religiosos, que não existe.

São elles, os pescadores d'águas turvas, que a promovem, essa guerra religiosa que urge não accender e avivar, porque della só podem derivar lamentáveis consequências para todos. Convem-lhes, contudo, impellir a questão para este terreno, de modo a envolverem na desorientação geral os seus odiosos processos de combate a toda a familia liberal.

Não se tracta evidentemente de catholicos ou protestantes, de religiosos ou atheus. Respeitando-se os sentimentos religiosos de cada um, que devem ser invioláveis e sagrados no fóro íntimo das consciências, não são esses sentimentos chamados à praça pública como alvo de quaesquer manifestações populares.

Não se faz guerra de nenhuma ordem aos catholicos, nem aos padres, nem à religião do estado, nem ao especial modo de ver religioso de cada individuo.

A questão aberta é entre liberaes e reaccionários; isto é, entre aquelles que pugnam pela persistência intangível e sagrada dos princípios de Liberdade conquistados à custa de tanto sangue e de tantos milhares de vidas, e os que, pervertendo esses princípios, curam de os aproveitar para seu uso pessoal, com a mira de com elles minarem e sacrificarem a própria Liberdade, sem respeito nenhum pelos direitos mais santos, como são

os do lar e da inviolabilidade das consciências.

Posta assim a questão, de modo nenhum deve ser desnaturada. Têdos os que disserem que as manifestações tam justamente apaixonadas do povo do Porto são manejos politicos, mentem; todos os que disserem que são obra de jacobinos para destruir a ordem estabelecida, mentem; todos os que disserem que são guerra de atheus contra a religião, mentem!

A religião do estado nada tem que ver com o jesuitismo; a religião do estado é até odiada e desprezada pelos jesuitas, que nesses desprezo envolvem todo o clero secular, a que repugne o sectarismo pharisaico dos coios jesuiticos. São coisas diferentes a religião de Jesus e a religião dos jesuitas, que, para melhor esconderam a negrura dos seus propósitos, se abrigam sob a capa mentirosa e falsa da doutrina bondosa de Jesus, feita de caridade e de amor.

A guerra aos jesuitas significa, pois, guerra a todo o reaccionarismo religioso e politico; guerra à hypocrisia e à mentira, que, sob apparencias dulcificadoras e suaves, vam invadindo todos as espheras sociaes numa extensão pavorosa do predomínio, que amanhã será o aniquilamento formal das sociedades liberaes.

E depois, nada ha mais legal e justo do que esta guerra, que deve fazer-se tenaz e insistente, sem desfallecimentos e sem quartel; os jesuitas são entidades damninhas e perversas, que em Portugal existem contra lei expressa; as congregações religiosas, sob qualquer fórma que se apresentem, seja qual fór o nome que as designe, são entidades fóra da lei, como os jesuitas que as regem, administram e determinam. Por isso mesmo essa guerra, cuja necessidade se impõe, é uma guerra dentro da lei, perfeita e absolutamente legitima.

Além disto tal movimento não tem a esterilisé-lo a orientação limitada dum partidarismo estreito; dá-lhe força impetuosa e irresistível o nascer do seio da sociedade portuguesa, de todas as suas classes, do coração de todos os homens de bem. A imprensa conservadora como a avançada, regeneradora, progressista, independente, republicana, socialista, toda ella, comungando nas mesmas aspi-

rações liberaes, tem tomado parte nesta cruzada santa que não pode nem deve esmorecer.

Seja qual fór o procedimento retrógrado, imprudente e illegal de qualquer governo reaccionário como o actual, lembremo-nos todos de que os governos passam e o povo fica. E se urge exterminar todo o jesuitismo quer de roupeta quer de casaca, que é o peor, saneemos o meio em que vivemos, para que nelle possa bracejar e expandir-se a vontade a Liberdade, que a todo o país custou sacrificios que hoje nem são sonhados!

E frise-se bem, para evitar prejudiciaes confusões, que este movimento respeita todas as convicções honradas e sinceras, todo o clero honesto e sério, que não cava a desordem e a ruina moral e material das familias, para só alvejar os bandoleiros da honra, da tranquillidade e da fortuna alheias.

Contra a reacção

Reunião da academia

Reuniu ontem a academia para tratar dos últimos successos do Porto, e mais uma vez se demonstrou que a grande maioria desta academia está disposta a lutar, até vencer, contra a funesta seita de Loyola.

A assembleia correu na melhor ordem, porque os académicos jesuitas não compareceram e é até para notar que nem uma só cadeira ficou partida, o que não tinha acontecido na assembleia transacta.

Fallou em primeiro lugar o nosso amigo Arthur Leitão que apresentou a moção que abaixo transcrevemos. O seu breve discurso foi vibrante e enérgico, cheio de ódio contra a reacção. Referindo-se ao correspondente de um jornal de Lisboa, disse que o desafiava a que viesse allí mostrar onde estavam as oitocentas assignaturas que aquelle correspondente disse terem, para um protesto, os académicos jesuitas. Foi entusiasticamente applaudido e a sua moção, por proposta do sr. Fontes do 5.º anno médico, votada por aclamação no meio de estrondosos vivas à Liberdade e morras à reacção.

O nosso amigo António Maria Pereira apresentou a proposta que também publicamos e que foi immediatamente approvada.

O sr. Santos Monteiro lembrou que a academia enviasse os seus protestos de grande sympathia ao dr. José Calmon e para isso irá ao Porto uma commissão, composta de estudantes brasileiros, entregar uma mensagem ao digno consul.

A assembleia foi dissolvida no meio de freneticos vivas à Pátria, à Liberdade e morras à reacção.

Moção

A Academia de Coimbra, reúnida em assembleia geral—ponderando os últimos acontecimentos succedidos na cidade do Porto, em que cidadãos livres foram espedeirados porque reclamavam o respeito pela lei, sendo a brutalidade e a selvageria, characteristics da policia, miseravel e cobardemente postas ao serviço da reacção contra a Liberdade, com absoluto menos prezo pela lei e pela ordem e, o que é mais grave, com a indifferença e até applauso dos homens do governo e seus inspiradores;—resolve:

1.º Protestar enérgica e solemnemente perante o País contra os crimes da policia, affirmando a sua incondicional adhesão á Academia e á cidade do Porto, em nome não só da mais leal e fraterna camaradagem, mas também pela solidariedade de aspirações que a ligam á gloriosa e libérrima capital do Norte;

2.º Saudar na imprensa liberal do País, e em especial na Imprensa livre do Porto, o difinitivo triumpho da Liberdade sob a reacção, pois a ella cabe, neste momento de crise nacional e no cumprimento da sua austera e honrosa missão, continuar um rude, intransigente e unisono combate contra os manejos da seita negra, obrigando o governo a respeitar e a fazer cumprir a Lei.

Coimbra, 2 de março de 1901.

António Rezende.
Arthur Leitão.

Proposta

Proponho que na parte da moção onde se sauda a imprensa livre do Porto pela sua nobre attitude se consigne o protesto desta academia contra o regimen de oppressão a que vem de ser submettida.

Pereira Junior.

Representação

A câmara municipal assignou em sessão de quinta feira, e remetteu ao sr. governador civil, uma representação dirigida ao chefe do estado e considerando que:

Tendo sido approvada por alvará de 1 de setembro de 1897 a construção dum ramal de caminho de ferro entre Coimbra e Arganil, a uma companhia denominada de Mondego, sendo condições dessa concessão que os trabalhos de construcção da linha começassem no prazo de 60 dias, e estivessem concluidos no de dois annos, os mesmos trabalhos foram executados até à altura em que se encontram, parando em 1888, sem que, mercê de repetidas prorogações, a companhia os haja concluido, resultando dai graves prejuizos para Coimbra e para os povos a quem o mesmo ramal serviria; pede para que não seja concedida mais nenhuma prorogação, e consequentemente que se declare caduca a concessão, visto os trabalhos não proseguirem, seguindo-se os demais termos, de responsabilidade para a companhia, e exarados no contracto.

Carta de Lisboa

1 de março.

Escuso de dizer-lhes que dois assumptos observem neste momento exclusivamente a opinião liberta, aliás pouco dada a questões sérias. São a questão dos credores e a questão religiosa.

O que se passou no senado francês, as gravissimas ameaças do sr. Delcassé, produziram aqui, muito naturalmente uma impressão de pasmo e de revolta, que não só poderia sentir-se de todo se houvesse pedido a sensibilidade.

Como se viu o ministro da República sr. Delcassé, mostrou-se disposto a impôr nos o *contrôle*—isto é, a tutoria, a fiscalisação, a intervenção dos credores na nossa administração.

Quanto a mim, um tal propósito só pôde inspirar a qualquer cidadão português, consciente dos seus deveres cívicos, um sentimento—o de indignação e revolta.

Deseja o governo a manifestação dêste sentimento?

Não importa.

Acima de tudo, deve estar em nós a repugnância pelo *contrôle* que seria o golpe fatal na vida da nacionalidade.

Acima de tudo, deve estar para nós a honra e a dignidade do país.

Portugal certamente não pôde segurar-se sob a monarchia: ninguém o duvida—nem os monarchicos.

Mas também não poderá levantar a cabeça sob o *contrôle*.

E a differença entre os dois estorvos é esta, enormissima: ao passo que a monarchia pôde acabar, o *contrôle*, desde que uma vez se estabeleça, ficará para sempre.

Perdida uma vez a nossa independência—e não pela lucta mas pela submissão—, ella não voltará nunca.

Portugal sobre o *contrôle* deixará de ser um país livre, para ser, para sempre, um tutelado.

Sei que esta é, em synthese, a opinião d'alguns dos dirigentes do partido. E' também, espontânea, a minha.

E, por a ter, acho deploravel que alguns portugueses justifiquem os injustos propósitos do sr. Delcassé pela péssima administração portuguesa.

Essa administração, péssima como tem sido, impunemente anti-patriótica, justifica uma única intervenção:—a do país.

E' essa que se reclama e se impõe pelo governo da soberania popular. E' essa para a qual nós devemos convergir todos os nossos esforços.

Os acontecimentos do Porto continuaram sendo vistos aqui com especial interesse, que encobre applausos.

A academia de Lisboa reuniu ontem, já affirmou a sua adhesão ao movimento feito no Porto. Depois da reunião, alguns estudantes vieram em manifestações para as ruas, sendo presos dois.

Supponho que ha de haver aqui mais alguma coisa. A opinião busca pretexto para se proclamar nas ruas. Hoje, a propósito da procissão dos Possos que percorreu a grande artéria central da cidade, talvez houvesse alguma coisa se o dia não estivesse como está desde manhã, que chove copiosamente. A procissão acaba por isso de sair agora sem espectadores.

Pelo menos, haverá um grande comício destinado a reclamar o cumprimento de leis que escorraçaram os jesuitas e as ordens religiosas—comício que será, com certeza, uma imponentíssima manifestação.

Conseguira todo este movimento e exterminação do grande mal nacional, do grande estorvo da democracia e do progresso?

Supponho que sim, se elle for persistente, se todos os liberaes se convencerem da necessidade do seu esforço.

O governo, sei-o, está de certo modo apavorado com a agitação que se levantou e, por apavorado, hesitante sobre o que fazer.

E' claro que, se a agitação recrudescer, ella se imporrá ao governo, impondo-lhe o seu dever.

Se isto se conseguir, a sociedade portugueza terá dado um grande passo e alcançado uma grande victoria.

O jesuita—eis o grande inimigo de nós todos.

Arredá-lo de vez seria, pois, facilitar enormemente a obra da depuração e regeneração da sociedade portugueza.

F. B.

A imprensa do Porto e os jesuitas

Se alguém ha que têm ainda dúvidas sobre a alta protecção que bafeja o jesuitismo e o alenta nos seus audaciosos tramás, attente nas medidas de repressão adoptadas pelo governo contra todos os que, legitimamente, reclamam o cumprimento de leis em vigor, e diga-nos que poder occulto determina tal attitude.

Os jornaes do Porto que, sem discrepâncias partidárias, se haviam afeiçoado para uma justíssima campanha contra os roupetas, abroquelando o povo nas suas nobres reivindicações, receberam ordem do governador civil para não escreverem palavra sobre os acontecimentos que estão interessando todo o país, prohibindo-se-lhes mesmo o relato dos simples casos das ruas, concernentes ao assumpto!

Depois disto, que é a última violencia e desmascara o fundamental sr. Hintze—o das afirmações cathégóricas allí em S. Bento—não podem restar dúvidas de que o jesuitismo se sente forte entre nós, agachado na protecção desmascarada que lhe prestam as mais altas individualidades; mas igualmente não podem subsistir surdos quanto á necessidade de continuar a campanha emprehendida com tanto ardor, destruindo, se necessário fór, com os jesuitas os seus maléficos protectores.

Aos nossos camaradas do Porto, tam nobremente empenhados nesta justíssima causa, affirmamos toda a nossa sympathia, e solidariedade no seu protesto contra o *uxase* do poder.

Julgamento

Em audiência geral d'ontem foram julgados, pelo crime de furto duma porção de facto feito ao negociante e algibebe sr. António da Silva Braga, estabelecido na rua dos Sapateiros, Manuel Paixão, Alvaro d'Oliveira, Luis Diniz e Justino Ferreira.

Paixão condemnado em 2 meses de cadeia e 5 dias de multa a 200 réis. Os restantes absolvidos, por maioria.

JESUITAS

II

Não está nos nossos intuitos fazer, com mais ou menos abundância de notas históricas, um estudo sobre os jesuitas, dada por um lado a sua manifesta dispensabilidade, accrescendo por outro a nossa insufficiência para tal tentativa, emprehendida já por uma legião de robustos espiritos votados ao icnoclatismo do Absurdo e do Crime. Está geralmente assente o que elles sejam, na sua duplicidade de instinctos maus, rapozas e lobos, como anda na canção de Béranger.

O nosso fim é apenas repellir, se n infladas pretenções, as aleivosias e os sophismas de que os reaccionários, oppugnadores da attitude liberal da Academia, se serviram para captar adhesões de ingénuos que lá fóram, tangidos por *gros-bonnets* pimpões, galear a sua inconsciência em desaprovadoras manifestações de stulticia e baixaza.

Não sortiram todo o effeito calculado as manivasias postas em jogo, e que afinal se confinaram na tarefa ingrata de attribuir á manifestação um caracter anti-religioso e pôr-lhe um rotulo partidário que inutilizasse a colligação de elementos politicamente heterogéneos. Alguns conseguiram as manhas jesuíticas reticular nas suas arguciosas insinuações; esses, porém, devem sentir-se agora contrictos e vexados, certificando-se de que se não tratava duma manifestação de livres-pensadores ou de republicanos mas simplesmente dum protesto de liberaes onde tem logar todos—os religiosos fóra do jesuitismo e os liberaes fóra dos partidos avançados.

E sam estes apóstolos, inflamados no sacro zélo de restaurar as congregações religiosas, que numa alta prova da sua lealdade nos gritam: *tartufos!* Mas quem sam elles? Em nome de que principios ou de que interesses vêem combater nos?

Temos em primeiro logar os theologos.

Entre-parentisis registre-se que a theologia, na nossa Universidade, é uma espécie de posto de abrigo onde vam acolher-se os naufragos, os que tropeçaram no limiar do Código Civil, os mutilados da horrifica chacina de Direito.

Mas sam os theologos uns adversários lógicos, coherentes factaes? Não...

Elles deviam ser os primeiros a apoiar este movimento, porque pelo crescente poderio absorvente do jesuitismo o clero ordinário ficará reduzido á condição dum proletariado sem garantias e sem direitos. E não só em nome dos seus interesses como, e principalmente, na defêsa dos seus principios religiosos que nada têm e severamente condemnam os sophismas criminosos da *Súcia*, condensados nessa moral casuistica, audaciosa e torpe, com que através a história pretenderam justificar toda a sua obra de árdidos bandoleiros. Os senhores theologos bem sentem que nada os compellia a hostilizar o nosso protesto, e que, conscienciosamente, só podem justificar-se com o receio pueril de que superiores faciosos lhes negassem, ou ao menos retardassem, a investidura nas ordens sacras.

Que não é inconciliavel a sua situação com o protesto franco, violento, contra os jesuitas, dissémos; e não é afirmativa *avulsa*, de dandy, original, creada pelo nosso sectarismo, pois que a história a corrobora quando nos transmite as conclusões da faculdade de theologia de Paris de 1554, 1625, 1626, etc, que os de-

nunciaram como perturbadores da ordem social que no interesse geral urgia exterminar.

E no curso destes juisos derivaram as Universidades de Lovaina, Tolosa, Paris, Bordeaux, Carcovia—esta brandindo-lhes a apostrophe celebre: *soberanamente indignos*.

Que os jesuitas lesavam até os interesses do clero ordinário, offendendo os seus principios da religião—affirmamos; e assim o exprimiu, calorosamente, num protesto a Clemente 8.º, o clero cathólico da Inglaterra em 1601; e assim o representou a Pio 4.º, em 1564, o clero de Roma; e tal o proclamaram, numa revolta alta neira, em 1594, os parochos de Paris: e idénticamente se pronunciaram cathólicos laicos de diversos países, todo o clero da França, inclusivé as religiosas da abadia de Volgerola, etc., etc.

Isto sam factos, senhores theologos. Contestem-lhes, se podem, a authenticidade, provando-nos com sobriedade de termos rephludos, documentalmente, que estas accusações sam *disputérios gerados na ignorância, na falsidade, no exaggero*.

Afirmem-se combatentes galhardos, não uns rábidos carolas, tímidos e ridiculos, que o nosso *dandysmo* amarfanha com nótu-las ligeiras.

O ultramontanismo tem pretendido sempre subordinar o clero á sua direcção absoluta, espoliando o sempre, invadindo a esphera dos seus direitos e dos seus principios, usurpando uns e adulterando outros.

E tal a audácia, que é para julgar dos effeitos da sua acção es cravidadora que em 1854 proclama o *episcopis adoptan tibus sed non judicantibus*, estabelecendo um dogma especulativo para experimentar a disciplina do clero.

Ora quando uma classe assim é affrontada nas suas regalias e vê por tal forma falseada a sua missão, tem o direito, naturalmente reconhecido deante de todas as tyrnias, de protestar, nas academias douts como até na revolta praça pública.

Os senhores theologos, alguns ao menos, assim o comprehendem. Mas pensam no futuro que sonham aconchegado de voluptuosidades patriarchaes, sem se lembrarem que perante uma manifestação collectiva não ha anáthema que vingue, ódio que não acalme.

Dos theologos é, pois, a maior parte dos protestantes. Os outros que os acaudilhão sam uns patetinhas receiosos dos acontes dos papás ou servilmente dobrados ante a cathedra conservadora. Miguelistas uns, com momentos de jubilo em todas as manhãs de nevoeiro, a visão querida da força onde promettem pendurar-nos mal chegue á barra o louro proscripto: simplesmente carolas outros, com instinctos gulosos de sacristão, opa de seda na terra com logar d'honra nas procissões, querendo os conventos porque lá se *fabrica bom doce*, e o bello rebuçado peitoral: convictos e honestos poucos, que por um prejuizo de educação se deixam ficar embevecidos por entre as ruínas desoladas do Passado.

E' com esta gente que nos deffrontamos, e é esta gente que nos appellida *tartufos*: Vamos vendo, vamos vendo.

H.

Museu de antiguidades

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

EXPLICAÇÃO

O sr. dr. Luis de Magalhães, que nos últimos dias obteve uma triste notoriedade, permittiu se dizer, sem respeito pelo nome glorioso de seu pae, o grande José Estevam Coelho de Magalhães, a custa do nome do qual tem vivido, envolto numa auréola immerecida, que José Estevam atacara noutros tempos os jesuitas, movido por *finis politicos* de occasião.

O que quer dizer que o eloquente tribuno, que á liberdade deu a sua vida e o seu sangue, que formou o seu luminoso espirito ao fragôr épico das luctas liberaes, em que foi soldado indefesso e intemerato, pela espada, pela penna e pela palavra, era mais ou menos como os traficantes politicos d'hoje, que subordinam aos interesses mesquinhos da sua politica pessoal as ideias mas nobres e grandiosas. Para elle a Liberdade, por que combatera nos campos de batalha e nas luctas agitadas do parlamento, e em nome da qual pronunciou o seu discurso immorial sobre as irmãs da caridade, não passava dum pretexto futil, utilisavel só para fins politicos.

Temos, por isso, de lembrar ao minúsculo filho de tam grande pae, que José Estevam combatera a reacção religiosa, não só por impulsos do seu nobre espirito, mas ainda ferido por ella nas suas afeições mais intimas.

Ha muitos ainda que conhecem o acto de audácia praticado pelos jesuitas de então, de arrancarem á cidade d'Aveiro alguma das suas meninas mais formosas, de familias respeitaveis, uma das quaes era sobrinha de José Estevam, prima, por isso, do sr. dr. Luis de Magalhães, que bem deve conhecer este caso.

Esta sua prima, Augusta de Magalhães, era filha de António Augusto de Magalhães, irmã de José Estevam, e então celebrada pela sua formosura peregrina e pelas raras qualidades da sua intelligência. Alliciada por essas entidades para quem nada ha de respeitavel, de tal modo foi captada e pervertida nos seus sentimentos, que a um seu parente, quando este foi ao convento onde ella se encontrava, pintar lhe o desespero do pae, o desgosto enorme do tío que a estimava profundamente, da familia, enfim, que a adorava, a ver se a demovia a voltar para o seio dos seus, respondeu a apontar lhe para a porta de entrada: «—Desde que entrei aquella porta para dentro, deixei de ter familia!»

E saberá tambem o sr. Luis de Magalhães que, passado tempo, essa menina foi restituída a sua familia, perdida já a sua radiosa mocidade, alquebrada a sua saude e empanado o brilho do seu espirito.

Parece-nos que este acontecimento, tam emocionante elle foi, seria mais do que sufficiente para determinar impulsos irreprimiveis de indignação e de cólera em qualquer consciência, quanto mais no alma generosa e grande de José Estevam.

Sirva isto ao menos para que os que não conhecerem a inconfundivel figura do maior tribuno do nosso tempo, não jurem nas levianas palavras do filho, attribuindo a *finis politicos* a campanha liberal em que se empenhou o glorioso pae do sr. dr. Luis de Magalhães.

Subsista-se no protesto

O governo entrou em absoluto caminho de repressão contra as manifestações liberaes em que se pede o cumprimento das leis prohibitivas das ordens religiosas.

As scenas de selvageria prati-

cadas pela policia do Porto estam já repetidas em Lisboa, significando a primeira affirmação de que Hintze mentiu quando affirmou no parlamento que faria cumprir aquellas leis, comprovando-se que está d'alma e coração dado á protecção das ordens condemnadas e banidas.

Começou a perseguição á imprensa pela apprehensão do *Diário da Tarde* e tornou se em factos a affirmação de que se ia entrar em energias para abafar os clamores populares. Tudo isto está feito—e o governo e os seus delegados nas duas cidades ás ordens do seu jesuitismo, mascarando-se essa vergonhosissima situação com o embuste de que se trata duma questão politico-religiosa. E comtudo bem sabem todos que a questão é apenas de revolta contra os actos criminosos dos jesuitas e para que as leis se cumpram.

Appareceu já o edital mordação do governador civil do Porto, documento vergonhosamente reaccionário e que significa uma bandeira de protecção, por ordem do governo á orda reaccionaria estabelecida no país.

Isto é, o jesuita impera com uma influencia decidida entre nós. Começa o seu poderio no paço e acaba na última esquadra de policia. Paço, governo e policia dão-se as mãos, e aliados com elle apertam a consciencia popular num circulo de ferro para esmagala. Ai está a repressão irritante e insensata a justificá-lo. Resta porém um meio de reagir, de inutilisar essa propositada má vontade de quem manda.

E' que as associações de toda a parte se reunam para protestarem, enviando representações ao parlamento; é que todo o país se imponha pelos meios legais, que tantos ha ainda para adoptar. Feito isso, a situação que é já clara desvendar-se ha de todo:—ou o governo cumpre a vontade popular impondo o desaparecimento das ordens, em obediência a leis que vigoram, ou se declara absolutamente contrário ao querer do país para se tornar servo submisso do elemento jesuítico, que tem no paço o seu quartel general.

Neste segundo caso a liberdade fica absolutamente perdida, e então será imprescindivel defendê-la.

Como, di-lo-hão as circunstâncias de occasião, visto como é a tyrania dos imperantes que provoca as grandes agitações.

O protesto por todos os meios legais impõe-se desde já. O resto ver-se-ha depois.

Consequência das chuvas

Uma forte depressão, observada ontem na rocha sobre que assenta o muro da Couraça de Lisboa, e parte do pavimento da rua fez reccer um desabamento daquelle muro, em que se via já uma queda pronunciada, sobre as traçearas dos prédios da rua d'Alegria.

Como medida preventiva, e a tempo felizmente, foi o muro demolido na extenção em que a depressão se dera, e abertos uns fossos na rua para derivar as águas do ponto de ruína.

Trabalhou neste serviço o pessoal da officina das águas e da limpêsa, bombeiros municipaes e voluntários com a assistência do sr. presidente e outros vereadores municipaes, conjurando se a tempo o maior perigo.

Feitos aquê les trabalhos, e quando o pessoal já tinha retirado, uma parte da rocha abateu, felizmente em pequena extenção, caindo sobre uns quintaes e sem attingir os prédios da Alegria.

Contra a reacção

—pensamento grandioso

Logo depois das festas em honra dos tunos espanhoes, começou as suas reuniões a comissão académica nomeada na última assembleia geral para dar cumprimento ás propostas constantes da moção que o sr. Arthur Leitão apresentou e que foi approvada.

Decidiu já entender-se com as academias de Lisboa e Porto para uma unidade no movimento anti reacccionário a seguir, e procurar colher adhesões de todas as associações do país para a grandiosa manifestação nesta cidade, ao túmulo de Joaquim António de Aguiar, manifestação que deve assumir extraordinárias proporções de imponência e de significado cativo protesto contra os inimigos da liberdade que perturbam a ordem social, envoltos na hypocrisia duma falsa religião.

Propôs mais o sr. Arthur Leitão que se promova levantar numa das praças desta cidade um monumento a memória daquella grande estadista e saudoso liberal, como preito de admiração do seu acto audaz e consciencioso de extinguir as ordens religiosas neste país.

Para levar-se á pratica este intento, é parecer do proponente que se convidem todas as associações de Coimbra a nomearem um seu delegado, constituindo todos, com a comissão académica, uma grande comissão que pratique aquelle acto de justiça devido a um morto tam illustre.

Com a sua annuência, as associações provarão não ter esquecidas as gloriosas tradições civis da população comimbricense, e o monumento terá o cunho característico de iniciativa da cidade, como distincção merecidissima á memoria dum dos seus filhos mais illustres, senão o primeiro d'entre todos, que foi Aguiar.

A ideia é grandiosa e significativa. Applaudimo-la com entusiasmo, e convencemo-nos de que a comissão académica encontrará em meio das associações a cooperação que pretende.

Se a população combrã se tem, mantido desde ha annos numa relativa quietude ante factos que tem agitado outrás, é que a iniciativa não se lhe depauro lecididamente praticavel. E o resto não se lhe pode suppor extinto o espirito liberal tam grandiosamente manifestado em epochas passadas. E agora que a mocidade académica, numa sublime affirmação de consciencia pretende o seu concurso para um acto tam significativamente nobre, a população acorrerá ao chamamento, provando, por intermédio das suas associações, que ama e defende a liberdade, a que os nossos antepassados votaram, em lutas cruentas o mais acrisolado affecto.

Missa

A confraria do Santissimo da freguesia de Santa Cruz manda rezar amanhã pelas 8 horas, na respectiva igreja, uma missa suffragando a alma do fallecido escrivão de direito sr. José Carvalho.

Transferência

Foi transferido d'este districto para o de Castello Branco, o fiscal do sello sr. Luis Osório.

Tribunal do Commercio

Em sua sessão de quinta feira approvou as contas respeitantes á massa fallida de José Rodrigues Madeira, de Goes, apresentada pelo respectivo administrador sr. António de Moura Bastos, e apre-

ciou, julgando-a procedente uma acção movida por José Alves d'Oliveira, de Soure, contra D. Maria Leonor Bacellar Quaresma, como representação de seus filhos menores, para pagamento duma divida, por letra, da quantia de 1:100.000 réis.

A questão da "Ribeira-Peixe," na ilha de S. Thomé

I—Denúncia—n.º 1041 a 1802—Agosto de 1804 a Abril de 1807—do *Universal*, jornal que se publicava em Lisboa.
II—Desforço—n.º 481 a 605—Outubro de 1899 a Dezembro 1900—da *Resistencia*, bi-semanario de Coimbra.

III—...?

I

Por mais que finjam e até mandem fingir não fazer caso...—elles lêem?... doem-se... deixá-los penar!...—; embora me custe magoar alguém... e aquelles que têm obrigação de attender, em surdeça os ouvidos o badalar constante do vil metal—*tlim, tãl!*... tem tanto chiste, tanta graça, o ladrão!...—; apezar de tudo e de todos, eu não hei de cessar de repetir, enquanto e como possa—e, quando eu não puder, alguém por mim continuará a repetir—que:—

Nesta ubérrima ilha de S. Thomé, existe uma propriedade ou *roça* do Estado, a mais ubérrima e mais seguramente do Estado de quantas por aí têm feito de *pedaços pés* inteiros, situada no extremo da freguesia de S. João dos Angolares, do concelho da mesma ilha,—devida e nitidamente delimitada e confrontada,—chamada *Terras da Ribeira Peixe*;

A qual propriedade do Estado, tendo sido usurpada por meio de *exbulho violento*, provado e julgado por uma sentença judicial, foi mandada restituir a quem de direito;

Mas, depois de inteiro e formal cumprimento da dita sentença, está mudada de nome, de confrontações, de limites e até de freguesia!... e passou agora a ser trocada, vendida-revendida e tornada a vender, qual roupa de Francêses, por processos e entre typos mirabolantes... de génio e honestidade, com plena sciência e limpa consciencia de toda a gente... de igual mira e bolla;—tudo com o soberano senso e superior consen.º dos próprios servidores do mesmo Estado e por este pagos e... satisfeitos!...

Denunciei, devida, documentada e providamente, essa *usurpação com exbulho violento*; e não desisto do propósito de reivindicar para o Estado aquella propriedade, quando um dia consiga ser *acompanhado da assistência do governo* do mesmo Estado, que me foi prometida; visto nada poder fazer sem ou contra ella...

Tal qual. Irrefutavelmente demonstrado. Lá está tudo, documentos, razões e provas, reproduzido nos lugares acima apontados.

Aconteceu que, apenas feito o requerimento de *denúncia da usurpação*, levantaram-se nos seus 12 pés os donos dos ditos que, nas terras usurpadas, apascentavam livre e impunemente e desataram a berrar que *nem o custo do papel sellado do requerimento eu reembolsaria*. Mas quando, nos citados números do *Universal*, viram como era segura a *denúncia*; quanto eu estava ao facto dos direitos do Estado aquellas terras e certo dos meus ao denunciar a sua usurpação; quando vi-

ram isso, irritou-os de assombro a singular altivez do *canarim*—deixem-me ter essa vaidade!...—Escarracharam-se então nos lombos de quantos outros lhes supportam a cauza que, embora pezada e dura, é doce, lubrica e fresca... do precioso metal; e assim montados e unidos, *pés* inteiros a *pedaços*, conjuraram *reduzir-me á fome e ver morrer como um cão!*

Principes et reges convenerunt in unum...

Foi contra essa conspiração, e unicamente por isso, que escrevi a *segunda série* dos 20 artigos publicados neste bi-semanario.

Um mero *desforço*. Apraz-me tê-lo tirado cabal e por completo. A meu modo e contento, unicamente?—Tanto basta.

Dos rendimentos da *Ribeira Peixe* é que *elles* não gozaram, nem um vintem! Ao contrário... E por isso se desjuntaram e, simultanea e reciprocamente, se—escouçaram *pés*, aliás tam uní formés e intimamente ligados.

Peitas, subornos, escândalos, abominações as mais desprezíveis... nada valeu a segurança e sustento das terras usurpadas! Embrulhadas, aldravadas quanto possível e, por fim, largadas de mão, como tigella quente!...

Ha em algumas das ilhas do archipelago da Guiné, dessa mesma Guiné que, toda uma provincia de Portugal, era *concedida* em paga da *usurpação da Ribeira Peixe*, pelas niveas mãos dum Ministro da Corôa, se as bentas unhas doutro Ministro lhe não põem um *travão*; ha na Guiné um *rato* curioso, chamado *Miguel-d'oiro* ou *Miguel-doido*, dotado da prenda de espertiza de todos os... ratos, mas exhibida por uma forma singularissima:—Surripia quanto *acha* na casa que *habita* ou *frequenta*, especialmente: brincos de orelhas, correntes, relógios, alfinetes, medalhas, botões, *bibelots*, moedas d'ouro e prata... e recolhe tudo, á medida que tira, debaixo da terra ou nas paredes e muros, em esconderijos fundos, estreitos e tortuosos que só elle pode penetrar e sabe esquadriñar. De maneira que, descoberto mesmo o larápio e o cóio ou o lugar onde esconde os objectos furtados, ainda assim é impossivel ir rehavelos!... Mas os indigenas sabem e praticam com inteira precisão e certeza o seguinte processo de lh'os tirar:—Reconhecida a entrada do esconderijo, põem aí uma tijella ou *tamina* cheia d'água quente, ficando a espreitar de longe e sem serem vistos. *Miguel-d'oiro* toma logo o seu pião, percorrido por todas as phases da embriaguez; e durante esta, como que ancho e radiante das riquezas *adquiridas*, vai buscá-las, uma por uma, ao fundo do buraco e faz estendal dellas em frente da *sua porta*... até que, expostas todas ellas, elle mesmo, bebido de todo, estira-se satisfeito a contemplá-las. E' então corrido, quando não é morto, a tiro, ou á pedrada; e os objectos *apreciados*...

Em S. Thomé não ha destes roedores, *simples*. Mas ha ratazanas mais vorazes e complicadas.

...—*Uknês* lhe chamam. Ha os *maiúsculos*, *minúsculos*, *gansavos*, *imémés*, *potrelticos*, *zeros*...

De *Uknês gansavos*, os três mais complicados e manhosos e de *Uknês gansava maiúsculo*, o seu chefe, conde, classificou o proprio *vice* d'este e meu impróprio ex-sócio, no *Campêo das Provincias*, em tempos que já lá vam...

Também elle não é *Miguel*: é *Zé*. Mas, como *achasse* muito *oiro*, ficou *doido*?...

O certo é que *Uknês-gansava-maiúsculo*, *Zé-*

d'oiro ou *Zé-doido*—como queiram!—tinha *capiansado*, quanto ponde, á Fazenda Pública, á Santa Casa da Misericórdia e aos libertos desta, aos *forros* da *Bella Vista* e da *Bôa-Entrada*, aos pobres nómadas *Angolares* e aos *ricos camponeses*, p o *prietários completamente livres* de *Diogo Vaç*. E certo é tambem que nenhum d'estes o embebedou com cachaça. Outros o malinaram com prebendas, arachás, arminhos, titulos... E elle—*coitado!*—lá fez logo estendal das riquezas surripadas!... Parte das bifadas á Fazenda e aos *Angolares*, nomeadamente a *Ribeira Peixe*, já lha tiraram... Passou-lhe, porém, o estonteamento a tempo de recolher o resto?... Haverá quem lhe ministre outro; até lhe apanharem tudo e o mandarem, de vez, á missa... O cóio de *Zé-Uknês* está descoberto. E' faltar villanagem!...

Mas se o meu *desforço* para com as *Uknês-gansavos* foi completo, cabal e á minha moda, resta-me ainda a liquidar um saldo tanto de *haver* como de *dever* de não somenos importância.

De *haver*, com outros conspiradores—*Uknês minusculos*, *imémés*, *zeras*...—; e de *dever*, com a illustre redacção d'este prestante periódico que tam obzequiosamente me proporciona a liquidação da volumosa *conta-corrente*.

Recomendando aos seus leitores a *segunda serie* destes artigos, dizia a *Resistencia* n.º 482, de 5 de outubro de 1899:

«Damos hoje publicidade ao segundo artigo duma segunda serie em que o sr. Ligório Nicolau Cabral, *considerado e abastado proprietário* de S. Thomé continúa tractando uma questão de moralidade relativa a uma usurpação de terrenos do Estado na opulenta ilha de S. Thomé pela firma Valle Flor & C.ª.

«Este caso, á medida que se vai desenrolando na exposição, revela-se como típico da moralidade administrativa colonial. «E' uma questão interessante de seguir, por demais edificante, para que chamamos a attenção do publico.»

E no n.º 536, de 19 de abril de 1900:

«Começamos hoje novamente a publicação dos artigos sobre a *Questão da Ribeira Peixe na ilha de S. Thomé*, devidos á *brilhante penna* do sr. Ligório Nicolau Cabral. Merece a pena ler-se esta importante questão, pois é deveras curiosa ainda mesmo para aquellos que a ella sejam extranhos.»

Sam muito de agradecer, porque os reputo sinceros, os dois lisongeiros conceitos sublinhados na transcripção, mas absolutamente inexactos. Nem eu sou *abastado proprietário* de S. Thomé,—nem a minha *penna* é *brilhante*.

Ha, porém, uma distincção fundamental a fazer:—*brilhante* nunca a minha *penna* foi, não é, nem o será; ao passo que: *abastado proprietário* de S. Thomé, podia tê-lo sido e ainda posso vir a sê-lo, querendo, mediante os processos empregados por tantos que por aí ha e haverá... *considerados*.

E' para saldar com o que tenho a *haver* dalguns destes aquillo que *devo* á generosidade da illustre redacção, que vou escripturar esta nova *conta corrente*.

Não se assuste a *abastança* toda, que a pistola não tem fecho. Quem me não deve, não têmna. O ajuste de contas é só com aquelles que entraram na conjuração de me *reduzir á fome e ver mor-*

rirre como um cão. Ainda estou vivo e mordol!...

Nem se pense que eu reeditarei aqui as *tenebrosas* revelações, feitas na *Resistencia* n.º 320 e no *Pais* n.º 844 de 17 e 21 de Março de 1898; e outras *ainda mais tenebrosas* prometidas fazer, pelo meu admiradissimo collega, dr. António José d'Almeida, acerca das qualidades moraes, conducta e apudões colonisadoras d'esses mesmos *abastados e considerados*. Nest' parte até seria crime eu tocar, estando ella já em tam robustas e prestigiosas mãos.

A minha contra a liquidar é bem outra e bem mais calada, como se verá no decurso desta *terceira serie* de artigos a que só no fim poderei pôr o *sub-titulo*, S. Thomé, 1 de janeiro de 1901.

LIGÓRIO NICOLAU CABRAL

PUBLICAÇÕES

O Occidente—Revista illustrada de Portugal e estrangeiro.

Recebemos o n.º 796 desta esplendida revista, que publica as seguintes gravuras de palpitante actualidade: Os novos reis de Inglaterra, Eduardo VII e Rainha Alexandra; Proclamação de Eduardo VII no palácio de S. James; Capella no cemitério dos Ingleses, em Lisboa, onde se celebraram os officios fúnebres, pela rainha Victória; Giuseppe Verdi; O real theatro de S. Carlos, António de Andrade; Necrologia, dr. Augusto Rocha; Medalhas da Exposição de Paris de 1900.

A parte litterária compõe-se dos seguintes artigos: Chronica Occidental, por D. João da Câmara; As nossas gravuras; O real theatro de S. Carlos, por Francisco da Fonseca Benevides; Questões Sociaes, por D. Francisco de Noronha; O Senhor Francisco, por Pin-Sel; Licões de Photographia, por António A. O. Machado; Necrologia; Publicações, etc.

Aventuras Parisienses.—Em continuação á *Formosa Costureira e Coração de Heroe* acabamos de receber o volume *Honra por Dinheiro* de Pierre Sales, editado pela antiga livraria Bertrand José Bastos—Lisboa.

O quarto episodio que sairá brevemente, intitula-se *As Victimas do Amor*.

As nossas queridas leitoras recommendamos estas publicações que custam um preço modessissimo.

EDITAL

A comissão do recenseamento militar do concelho de Coimbra faz saber que se acham affixadas nas portas das igrejas parochiaes, em conformidade do artigo 30.º § unico do Regulamento dos serviços do recrutamento de 6 de agosto de 1896, cópias autênticas do livro do recenseamento militar do corrente anno; e que o mesmo livro se acha patente em poder do secretario respectivo, até ao dia 15 de março nos Paços do concelho, desde as 9 ás 3 horas da tarde, para ser examinado pelos interessados; que durante todo o mês de março, poderam ser apresentadas á comissão todas as reclamações contra a inscripção ou omissão de qualquer mancebo, indevidamente feita, ou contra o modo como cada um tiver sido classificado no livro do recenseamento, na conformidade do artigo 36.º.

E que no mesmo praso seram apresentadas á camara municipal, segundo o disposto no artigo 125.º do citado regulamento, todas as petições de adiamento, exclusão ou dispensa.

Coimbra, secretaria da comissão do recenseamento militar, 1 de março de 1901.

O presidente,

Manuel Dias da Silva,

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 2.700 réis; semestre, 1.350 réis; trimestre, 680 réis.

Sem estampilha—Anno, 2.400 réis; semestre, 1.200 réis; trimestre, 600 réis.

Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6

Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral

Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

O governo e a reacção

Nesta hora solemne de gravíssima crise nacional, em que e povo português, insultado nos seus brios, escarnecido nos seus direitos, parece condemnado a uma morte inglória e aviltante, urge que os liberaes, cuja consciencia e dignidade civicas ainda não sossobram, se congreguem em volta da mesma sagrada bandeira da Liberdade, jurados a defendê-la e a vingá-la dos vis e cyncicos ataques que a oligarchia dominante em torpe conluio com o jesuitismo resolveu vibrar-lhe.

O desenlace final do drama extranho que a alma nacional, sacudida por uma bella aspiração de justiça, tem acompñhado com vibrante interesse que positivamente não é o duma moribunda, já foi annunciado no parlamento.

O decreto de 1834, honra e glória immorredoura de Joaquim António d'Aguiar foi condemnado a morrer ás mãos do «do mais infame da grande cáfila dos corruptos».

O regimen, proseguindo tenaz e logicamente a obra criminosa da morte duma nacionalidade, acaba de afirmar clara e ousadamente a sua solidariedade com a reacção jesuitica, em defêsa ou em obediência à qual calca a lei, suspende as garantias individuais, encarcera e manda a força pública, convertida em guarda pretoriana, acutilar e sufocar o clamor vibrante daquêlles que apenas lhe pedem o cumprimento rigoroso e exacto da lei.

Perante uma situação tam clara, em face dum repto tam ousadamente formulado, diante do gravissimo perigo que nos ameaça, os liberaes, sob pena de atraiçoarem o seu ideal por uma cumplicidade que, por ser tacita, não é menos criminosa, tem, neste momento, obrigação indeclinavel de entregar todo o seu esforço á causa da liberdade que, por vergonha nossa, é ainda, nesta hora adiantada da civilização, a grande questão nacional.

Preciso é que acordemos duma vez para sempre desta atonia que nos mata e que matando-nos, enterra a última esperanza do ambicionado resgate da nossa patria. Urge que, deixando de vagabundear

pelos formas dum barato e ridiculo dilettantismo liberal e abandonando inteiramente o o systema de guerrilhas dispersas, façamos alguma coisa que seja uma realidade concreta e cerremos fileiras, unidos pelos vinculos duma sólida disciplina.

E isto porque, — não devemos esquecer-lo — a victória da Reacção sobre a Liberdade no prelio que actualmente entre ellas se trava marcará, porventura, para esta a hora trágica da irremediavel derrota.

No domingo retiniu a secção médica do Instituto fazendo o sr. dr. António de Pádua uma comunicação sobre o inquérito a que procedia no pais para determinar as zonas em que reina o impudismo, as condições teluricas e chimatéricas em que se desenvolve, e estudar os meios que se têm empregado nas diversas regiões, para o combater, as condições do seu progresso e desenvolvimento noutras.

O sr. Charles Lepierre fez tambem uma interessante conferencia sobre os meios de cultura, dando conhecimento duma substancia nova da sua invenção, cuja composição é chemicamente bem determinada e que dá ao meio uma invariabilidade que pelos processos antigos se não conseguia.

O "Dia," e a reacção jesuitica

O "Dia," em longo artigo de fundo, trata a questão religiosa.

É um artigo sentimental, impregnado do caracter dramático do auctor d'Os Lazaristas.

Defende as congregações religiosas, como os ingleses defendem o trafico do alcool, — boas para uso dos pretos!

Ataca a propaganda contra as ordens religiosas; porque a questão religiosa não deve ser tratada e nunca poderá ser resolvida pela rhetórica e seus tropos e, para as defender, traz os seguintes interessantes periodos, de vigorosa argumentação e nada rhetóricos.

Sam periodos para estudar e recitar em assembleia recreativa de progaganda — União e Fé.

Al vram, marcados para pianno por um apaixonado ensaiador d'Os Lazaristas:

— raras pessoas o saberám! — (Maestoso...) a bandeira nacional que tremulou em Coolela, (Brillante...) e todas as que, arvoradas nos acampamentos e nos postos escalonados desde Maxixe até Chicomo, fallaram (Forte...) da patria aos vencedores do império vatua, todas (Ralentando...) foram cortadas, (Tremolo...) pelas irmãs de Cluny, que, no seu afan de ser úteis, descancavam (Capricioso...) das vigalias do hospital e das orações da regra, (Pianissimo...) cegando se a costurar. (Forte...) Inimitaveis!

Pum!

A situação do Porto

O governo e os seus agentes, numa fúria quixotesca a que elles chamam a manutenção da ordem pública, tem continuado a commetter os mais revoltantes attentados contra a liberdade individual.

Os nossos collegas Norte, Diário da Tarde, Século e Mundo, só têm circulado quando os altos caprichos de um Fagulha o permitem. O mais simples comentário aos actos da auctoridade superior dum districto ascende as iras policiaes ei-los, Tartarins officiaes, apprehendendo, supprimindo, prendendo e por fim victoriosos, exclamam: sam ordens!

E, para epilogo da comédia, Hintze, o fundamental, declara em S. Bento que toma inteira responsabilidade do procedimento do sr. governador civil do Porto.

Responsavel, elle! Como tudo isto é ridiculo.

Protestar? E' inútil. Apontemos os factos e que cada um tire dëlles a philosophia que sugerem.

Mas, depois de todas estas exhibições, os senhores governantaes hám de reconhecer que um povo não cabe numa esquadra policial e que as aspirações de um pais não morrem com quatro pranchadas.

O procedimento do Porto já devia ter convencido disto as gentes da governança. No dia 3, depois da publicação do famoso edital, foi apedrejado o recolhimento das Irmãs do Coração de Jesus. Interveniu a força armada, chegando a haver lucta e por último foram presos alguns populares.

Mais tarde novo grupo travou lucta com a força armada effectuando se mais prisões.

Estes factos mostram que a energia do sr. Hintze será talvez impotente para fazer calar os gritos dos que pedem justiça.

Com o tempo irregular dos últimos dias tem-se dado em Coimbra alguns casos de influencia que fazem prever o apparecimento duma epidemia próxima.

Promessas do sr. Hintze

Alguns jornaes reaccionários de Lisboa que, aos primeiros rebates da questão religiosa, entoaram lóas á Liberdade, rebucando o seu plano em considerações ambigüas—mas que, superficialmente lidas, pareciam conter ideias salutaes—vão pouco e pouco desprendendo a mascara e franqueando o seu jogo. Ou por necessidade de conciliar phrases de vida profundamente divergentes, ou pelo desejo de manter relações amistosas com Deus e com o diabo, o certo é que esses jornaes vão concluindo, suavemente, pela legalisação das ordens religiosas, affirmando a impossibilidade de applicar, em toda a sua plenitude, as leis de 34.

Ora nós não queremos as ordens religiosas porque as julga-

mos perniciosas á vida do Estado, e bem decerto que quaesquer que sejam as peias que possam pôlhes não lhes alteram o caracter verdadeiramente subversivo. As condições não variaram; e a continuarem os governos na disposição complacente de tolerar os coios, sem reprimir os seus desmandos, antes avigorentando-as pela impunidade, breve teremos um estado dentro de outro estado.

O governo, pela voz do fundamental sr. Hintze Ribeiro, aproveitou solerte a deixa das gazetas a que nos referimos, declarando que uma vez abonancados os animos, elle alguma coisa faria no sentido de guardar a Liberdade dos ataques da reacção.

Alguna coisa, mas não tudo, como se reclamava, porque as circunstancias o não exigiam como outr'ora — disse; e solemne, distendendo o braço num gesto largo, prometeu a elaboração de altas reformas que remediassem todos os males que os actuaes sucessos desnudaram flagrante mente.

A resposta do sr. Hintze Ribeiro não nos satisfaz, como não nos illudem as considerações do Ennes, do Navarro e quejandos folliculários.

Queremos a lei applicada em toda a sua integridade. As circunstancias não attenuaram de gravidade: complicaram-se, mercê da criminosa tolerancia que, offendendo abertamente a lei, todos os governos têm concedido á seita.

Neste sentido se devem orientar os protestos contra a invasão jesuitica. Que temos nós que Ennes pretenda justificar a especulação dos Lazaristas, conciliando o seu jacobinismo de outr'ora com o reaccionarismo de hoje?

Que nos importam os negócios do Navarro?

O nosso grito de sempre, a nossa reclamação permanente será esta: ordens religiosas na fronteira!

Não vale a pena, cavalheiros!

Vários jornaes do feliz systema que nos rege, dedicam largo espaço ao eterno enigma dos crédores externos, posto agora em foco, arrogantemente, por Guerin e Delcassé, em França.

E na augusta missão de derramar luz, af vém elles com todo o cortejo dos syndicatos, controles, convénios, esperguciras, Burnays e Reillacs, etc., o que, salvo os seus bons intentos, apenas nos faz chegar á conclusão que a hoste dos patifes augmenta, fazendo prodigios em torpêzas, mas cujo fio conductor apenas elles conhecem.

Taes inquéritos á matilha não passam de discussões de soalheiro, é verdade, no entanto descobrem um pouco o veu que envolve esta trapalhada...

Que diabo! mas ainda falta fallar da presumida viagem do Navarro a Paris para continuar a collocar nas esquinas os pasquins com que honrou o pais.

Ponham o homem a caminho, e não se preocupem mais com a marcha dos acontecimentos.

Deixa andar, corra o marfim...

JESUITAS

III

Em nome da Liberdade — que elles insultam, porque a não comprehendem — os reaccionários do *Reverso* conclamam a necessidade de pugnar pela restauração das ordens religiosas que nos apresentam como tendo sido, na marcha dos séculos, lidimos factores da Ordem e da Civilização.

A História dá um desmentido formal a estas farfalhudas declamações, desconexas na sua pretenciosa construção, de uma miseravel vacuidade de ideias; mas a história, para elles, é um simples amontoado de accusações falsas, ignaras e exaggeradas com que os inimigos da Súcia procuram alluir-lhe o poderio.

Mas invocando a Liberdade, acolhendo-se á sua sombra, e como que accitando a sua alliança ou a sua protecção, estes reaccionários de prima tonsura sam afinal uns incoherentes ou uns hypocritas. A Liberdade não pôde existir com o Jesuitismo. Este condemnou sempre o liberalismo como um poder opposto ao seu, como uma contradicção viva do seu programma.

Fez-lhe a guerra mais ardente, tramou-lhe os ardis mais infames, declarou se sempre, abertamente, seu inimigo. O *Syllabus* o proclama, a história vibrantemente o corrobora.

E se os nossos reaccionários intendem que o jesuitismo pôde viver numa sociedade ou com um regimen de franca Liberdade, ou modificam por sua conta e risco o antigo programma da Súcia, ou o desconhecem, ou pretendem velhacamente illudir-nos.

Querem uma prova do que avançamos?

Attentem nessa sérvil, humilhante, declaração endereçada ao rei das Duas-Sícilias, em 1854, onde declaram que só podem viver á sombra dum governo despótico, declaração que vem firmada pelos maiores Jesuitas Paladini, Rossi, Jérôme, Paradisi e David Polomba.

A liberdade luctou sempre, sem indúcias, contra o espirito compressivo dos Jesuitas que, mais ou menos, em epochas quasi successivas, dirigiram a Igreja nas suas arremetidas petulantes contra todos os poderes civis.

Tal facto vem eloquentemente assignalado em Castellar: «A história da civilização moderna é uma lucta permanente da Igreja com todos os poderes civis. Luctou com a Austria pelas leis *Josefinas*, luctou com a Toscana pelas leis *Leopoldinas*, luctou com Napoleão I pela interpretação da concordata, com Napoleão III pela revolução nos diversos países».

Esta lucta incarnicada, sangrenta, convulsionou todos os paises, velando de infâmias selváticas a história de cada um dëlles. E' impossivel esquissar sequer esse combate titânico a que o grito audaz da *Reforma* communicou maiores alertos; mas basta consignar, para o effeito que temos em vista, que a Liberdade foi sempre alvejada

pelas investidas da ferocidade jesuítica.

Para que vêem, pois, escudar-se num princípio que repellem por inconciliável com as suas theorias de dominação absoluta?

Ha agiotas, ha syndicateiros: portanto, em nome da Liberdade, também devem haver jesuitas—dizem, muito anchos, na consciencia duma arietada proudhonesca, os reaccionários do *Reverso*.

Como se a Liberdade fôsse p'raí uma deusa tutelar de patifes...

Ha explorações que brigam com o principio sacrosanto da solidariedade social? Ha crimes impunes, erros sem castigo?

Nenhuma dúvida ha em confessar que sim; mas taes explorações praticam-se, taes crimes e taes erros commettem-se, não em nome da Liberdade, mas simplesmente em nome da corrupção dos costumes ou do regimen politico onde se produzem.

Fallam nos os reaccionários nos progressos da intelligência determinados pela existência das ordens religiosas.

Estámos vendo como a intelligência floresce sob a pata de ferro do dogma. E' alli o jesuita Morel que o consigna, no *Universo*, quando diz que a Igreja não só tem o direito de impedir a livre troca de ideias mas até de pôliciar as opiniões.

Fechado o espirito à especulação racionalista, prende-se, escravizado aos absurdos da fé.

Obdiência cega—*perinde ac cadaver*. Como compensação de se dar ao espirito o repasto de incongruências tolas que legalissem ridiculas patacuadas, concede-se de ordinário indulgências pleniárias.

E julgam-se quites, os respeitáveis marotos...

Contra as tentativas da razão, para as reprimir, brandem-se crebamente os anathemas. Accendem-se fogueiras, experimenta-se a poté. De Abelard a Giordano Bruno, a Galileu, a Vesale vai todo um martyrologio illustre.

Os progressos da intelligência—acelerados pelos papas jesuitas Honório III e Gregório IX prohibindo, com ameaça de anathema, o estudo das sciencias mundanas e philosophicas, taes como o direito civil, as sciencias naturaes, etc., etc.

Os jesuitas o muito que poderiam fazer aos espiritos cujo aperfeiçoamento lhes é confiado, era experimentar nos nas jonglerias da sua metaphisica ardidosa, como a casuística, o probabilismo e outras correlativas artimanhas a que Pascal prendeu o rabo-leva da sua ironia sangrenta. De forma que das mãos de taes marotos só podem sair dignos discipulos que na vida venham estadear a sua moral escura.

Detenhamo-nos hoje por aqui.

Esta questão é peregrina, e bem prova a ignorância dos senhores reaccionários que nos incitam a tomar armas pela causa santa da fradahlada. Mas hoje como sempre, em resposta, o nosso grito será este:

Abaixo os jesuitas!

CARLOS MENDONÇA.

Post-Scriptum.

Por amavel informação, chega ao nosso conhecimento que os alumnos de theologia estão revoltados com a nossa descolorida prosa.

Revoltados?! Sim: é uma destas revoltas de orgulho insolito que tem um parvo quando se lhe diz que não é positivamente um gênio.

Mas offendemos nós os alumnos da faculdade de theologia? Não nós parece. Ampliando a nossa referência diremos que a theologia, na nossa Universidade como em

outros estabelecimentos, continúa sendo abrigo de prófugos e meio de accesso fácil ás commodidades da vida.

O facto que, em parenthesis, consignamos, é indicativo de inferioridade intellectual? Não o dissemos.

Em theologia, como de resto nas outras faculdades, ha espiritos d'élite e ha espiritos tacanhos.

E deixem-nos dizer-lhes que quem tem a consciencia da sua superioridade fica-se sem alárdes tôlos que compromettem.

Na consciencia do nosso apurmo moral, também nós nos ficamos serenamente. Não devemos, não tememos.

Agora outra coisa: Falla-se num repto a discussões doutrinárias. Poupem-se ao ridiculo da quixotada. Discutiremos se nos aprouver, e como nos aprouver.

E aos srs. fica o direito de nos jogar na sua iracundia...

C. M.

Receio de abôrto

O sr. Hintze Ribeiro affiançou gravemente que a *montanha*, governativa engendraria obra completa sobre as ordens religiosas. Não lhe assistimos ao parto. A *Companhia* mette-se nisso, e temos desmancho pela certa.

A inundação deste anno não teve felizmente a grandeza da do anno passado. Foi porém notavel pelo seu crescimento rápido, inundando as insuas e todo o campo e chegando na baixa até à rua das Solas, rua da Moêda, Sapateiros e Terreiro da Herva, não havendo prejuizos; porque os proprietarios que o anno passado tanto soffreram, puzeram agora tudo rapidamente a bom recato.

Tornou-se também notavel a inundação no Rocio de Santa Clara.

O volume extraordinário das águas fez com que pudesse aqui chegar, um pequeno vapor, tripulado pelos srs. João Maria Santiago e Adolpho Santiago, dois sympáthicos filhos da Figueira, que foram esperados no caes por immensa gente, e acompanhados, no seu regresso, pouco depois das 10 horas da noite do dia 4, por alguns estudantes e amigos seus.

O abaixamento das águas deuse muito rapidamente e o pequeno vapor encalhou próximo de Santo Varão, conseguindo afinal safar-se. Algumas das pessoas, que seguiam no vapor, tomaram o caminho de ferro em Alfarelos, os outros seguiram até à Figueira onde chegaram depois de uma viagem feliz.

O sr. António Augusto Gonçalves depositou no museu de antiguidades do Instituto uma alampada, de cobre, do século XVI, dum bello desenho e carácter decorativo. Sam hoje rarissimos exemplares tam formosos como aquelle.

Na pequena sala envidraçada com que fecha o museu, foram collocados os fustes, bases, capitels, e almofadas pilastraes que se retiraram da Sé Velha na restauração que se anda fazendo.

Na mesma sala, se acha também agora uma janella manoleina das que eram tam vulgares no século XVI, no cunhal dos edificios, e de que ha ainda um exemplar curioso na rua das Solas. A do museu de antiguidades foi retirada duma casa no largo do Romal.

Os objectos do museu acham-se quasi completamente descriptos e etiquetados, trabalhando-se agora na installação das obras de ferro que formam uma das collecções mais curiosas do Instituto e que é única no pais.

Os alumnos da Faculdade de Theologia

Recebemos um linguado de papel sujo, cortado de emendas, assignado—os alumnos da Faculdade de Theologia.

Tinhamos mandado publicar o comunicado, precedendo-o das palavras que a incorrecção do caso pedia, quando nos appareceu um estudante da Faculdade que se justificava com a ignorancia das praxes jornalisticas.

Vinha para rever as provas! Ficamos admirados de tanta simplicidade.

Publicámos por isso a carta.

Sr. redactor.

Desejava-mos dever á lealdade jornalística de v. ex.^a a fineza da publicação das poucas linhas que seguem.

Duas palavras

Ao sr. H. dos Jesuitas. Tem consciencia daquillo que escreveu ácerca da—theologia na nossa Universidade—?

Acha-se com forças e lealdade para se apresentar com correccção e sem tergiversações e comprovar o seu assento com argumentos irreductiveis?

No caso affirmativo fica o sr. H. reptado a faze-lo; aliás será tido como tendo tanto de consciencia, lealdade e correccção como de valor sónico (que infeliz coincidência!) tem entre nós a letra sob que se acobertou.

6 de março. Os alumnos da faculdade de Theologia.

E' duro d'ouvir, mas tem muitissima graça.

Ha de ficar na historia o periodo do H.

Sede prudentes, moços, dai exemplo de moderação, ovelhas do senhor.

Fica feita a declaração.

O auctor do artigo é o nosso amigo Carlos de Mendonça, que de joelhos, conforme manda o preceito quaesmal, responde que não tem os peccados que perguntas.

E por este anno dae-vos por satisfeitos. Cumprimos.

Agora deixae correr a quaresma e voltar o entrado que vem e nós depois responderemos.

Só para o enno. E' quanto podeis exigir da nossa religião dentro da lei.

Era um H modesto, longe de vaidades, para vós que sois dispendidos das pompas do mundo.

Desta vez assigna com o seu nome e está prompto a fazer soar a trompa de Roldão, e a usar a espada de Oliveiras, e a descer convosco a combate singular.

E' novo ainda, e não sabe que D. Quixote, que foi um grande doutor da Igreja, disse que se não deve combater com moinhos de vento; por que se moe o corpo sem proveito.

E desculpem o H que é sem som e sem desejos de os offender.

No sabbado teremos um espectáculo no theatro-circo. É a apresentação duma companhia espanhola que está actualmente na Figueira da Foz.

Subirá á scena o *João José*, o applaudido drama espanhol, cujo papel principal é representado, segundo nos affirma pessoa competente, duma forma superior.

Sairám brevemente as *Constituições*, de D. Jorge d'Almeida, reprodução dum exemplar raro da Bibliotheca da Universidade, que inicia as publicações que intenta fazer a secção d'archeologia do Instituto de trabalhos raros

que interessem a vida e costumes de Portugal.

A edição vem illustrada com o braço do magnifico bispo, reprodução dum azulejo mudegar que se conserva no museu de antiguidades, do anel encontrado na sua sepultura, do retrato e do frontispicio da edição do século XVI.

A obra é precedida dum estudo histórico das constituições dos bispados em Portugal pelo sr. dr. António Ribeiro de Vasconcellos.

Marcelino de Mesquita

O illustre dramaturgo sr. Marcelino de Mesquita enviou á imprensa um justissimo protesto contra a prohibição—intimada pelo governador civil sob informação do anodino sr. Alberto Pimental—de uma peça sua que trazia o nome de *Noite do Calvário*.

Este facto revela claramente a decadência a que tudo chegou neste bello pais de sol e de syndicatós. Um governador civil, de par que legisla em matéria de carnes verdes permite-se o julgamento de coisas litterárias que não percebe, cuja contextura e intuito criticos o seu intellecto não abrange.

Por outro lado, a Arte está submettida á fiscalisação caprichosa e imbecil do sr. corregedor Pimental, tam conhecido pelos seus planos de jardinagens e pelas multiplas e variadissimas *empadas* com que tem alastrado a litteratura...

De forma que todo o trabalhador honesto, de talento viril, se vê a cada passo na contingencia de renunciar á sua Arte, tal como a concebeu e pretende realizá-la, visto os tropeços com que lhe atravancam incessantemente o caminho, só amplamente abertos aos especuladores e aos mediocres.

Está neste caso o sr. Marcelino de Mesquita cujo novo trabalho os patetas da critica official inutilizaram, attribuindo-lhe allusões pouco correctas, dando-o como a lembrança de scenas que bem recentemente chocaram os nervos da *alta-roda* lisboeta.

Os tempos vam para os finórios que tomaram a peito seguir as indicações ironizadas por Nordau p'ra conquistar o *sucesso*. Na litteratura, como no theatro, como na politica elles andam aclamados, festejados por *claqueurs* sem escrupulo que douram o seu nome de um falso prestigio em sédiços *réclames*.

A Arte...isso é uma coisa bonita para dilecções ingenuas que não miram só, impacientemente, aos triumphos faceis da ribalta, a *chaise longue* veneranda da Academia Real, ou ao collar do Instituto; mas p'ra quem deseja apenas flunar pelas avenidas da popularidade, notado, apontado a dedo, commentado com mesuras graves, tem ella que ser uma exploraçãozinha de effeitos calculados...

Dêsse o sr. Marcelino de Mesquita em *souteneur*, explorasse a *Severa*, mais a *Rosa*, as ternuras delectosas do *fado* e os impetos apaixonados de alguma *borboleta* a morrer d'amor, e veria como os vários Cetesiphons da critica lhe porporiam cordões de ouro e acantho. Com o arrozinho fumegante, olé!

Museu de antiguidades

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

Litteratura e arte

BALLADA

I

Numa floresta antiquissima, onde medram arvores altivas e sobre a qual peza ha muitos annos já uma nuvem pardacenta e sinistra como o olhar dum condemnado á morte, ouve-se a voz do mar, ao longe, espelhado e revoltado através das arvores que rareiam, como uma toalha immensa de platina estendida até ao ceu.

A VOZ DO MAR, ao longe—Perdidas galeras de marfim beijaram o meu dorso altivo e forte de gigante e na senda prateada que os nautas corriam em busca da sua Terra de Promissão, sorriam-me ao largo as saudades das Bem-Amadas, como lenços brancos a acenar nas curvas dos caminhos.

E o canto lendário das serceias, a inconstancia eterna da Vida, enleiou os sobre as minhas águas na esperança de receberem o triumpho da benção das águas. Mas naquella onda que arrastou as joias dos naufrágios, refulgentes através da limpidez de crystal do meu indomito seio, foi-se a esperança do amor simples, ingénuo e doce, a flor dos labios, convicto como o último olhar das tísicas que no outomno, á beira das minhas praias, perdem de vista as velas brancas dos navios. E as mysteriosas plantas florescem suavemente, sob a glauca estrada das minhas águas, perfumadas e puras como beijos de creanças.

A VOZ DAS ARVORES—A alma das plantas vive acantonada no mysterio da terra e nós, as solitárias, de braços erguidos para os astros, temos sempre a mesma imprecação blasphema nestes algidos abraços que não fructificam. A vaidade fez-nos irmãs das estrellas que nos fixam, desdenhosas, nas longas noites negras da nossa anciedade, quando o vento nos despe, e todas nuasinhas de folhas, escondemos a ingenuidade virgem do nosso corpo, no manto claro do luar. Bandos de namorados debandam sob a caricia dormente da nossa sombra e os doidos e os cegos e os aleijadinhos param á beira do caminho, no enlevo daquellas vozes que preludiam a ballada do eterno amor, e cansados acolhem-se sob a caricia dormente da nossa sombra, oasis calmo na grande sede que os abraza.

Na penumbra dilue-se a vibrante alacridade da madrugada e nas grazinhas metallicas das aves rompe a orchestração estranha da floresta, saudando a gloria ingénita do sol.

Entretanto tem acordado a caricia dos violinos adormecidos nas noites de serenata em que a bestialidade das leões amansa como um cordeirinho manso. E aquella immensa nuvem, que en-sombrava a floresta, rompe-se como o hymno dum heroe na amplidão da victoria.

A VOZ DAS AVES—Para nós é sempre dia e o triumpho bendito do sol doira-nos e doira a terra que odiamos. Palpita a liberdade das nossas azas e a nossa voz é aquella saudade com que lembramos a caricia do nosso primeiro ninho. O amor vóo commosco é a benção christianissima da luz traz-nos o amor da vida livre e ingénua, longe da indiferença da terra. Maldito o coração que nunca amou. Nem queiras a luz dos astros que te offusque, nem a gló-

ria que te domine, nem o degra-
do que te opprima, que o amor
livre transitório e simples, como
o nosso, é o verdadeiro amor.

A VOZ DOS VIOLINOS — Os nos-
sos arcos brancos e curvos, bran-
cos e curvos contorsem-se nas cor-
das que gritam altivamente a inglô-
ria lucta dos não amados. Velhos
de cantar arripiamos. Era uma vez
um moço ingénuo e lindo como o
sol. Fez-nos vibrar de amor louco,
suavissimo, inviolado e incompre-
hendido, para adormecer a sua
Bem-Amada. Entre a mística har-
monia do nosso canto, onde vis-
lumbavam nevoeiros baços duma
paysagem amortecida, no fundo
branco dos gelos expectantes, en-
tre a história romântica do amor
dum velho de cabelos de neve,
amor de avô, pela velhice, pela
saude legendaria e adoravel,
entre a desolação piedosa duma
ilha de infelizes amantes abandona-
das, que nella se perdiam a som-
bra de reconditas florestas, robuste-
cia-se a agonia tragica da arca
da violenta vibrada com rancor,
como a crispação que põe um
ferro em braza nos labios unctuo-
sos duma chaga. E aquelle ingé-
nuo moço accordou a sua Bem-
Amada da dulcissima visão do
amor gêmeo, entre transportes e
arrebatamentos de nubente, por-
que morreu d'amor a flor dos so-
nhos, quando os labios lhe sor-
riam no prelúdio castissimo dum
beijo e o olhar alcançava a ami-
metobla ambicionada. Morreu com
a extrema-unção bemdita do nos-
so canto, vibrámos em unisono
pianissimo, como almas perdidas
numa caricia de sonho e d'al veiu-
nos esta tristeza que nos oppri-
me, sepulto em nós aquelle antigo
amor que ficou insepolto, porque
quando nos acordam arripiamos
em risadas estridulas de louco, que
vibram convulsivamente nas nos-
sas cordas velhifhas e cansadas.
O amor é a maior desgraça, a
nostra voz o canta, e a nossa voz
o chora.

Coberto de pó, envel-
hecido, a túnica em pe-
daços, arrasta-se trope-
adamente até a entrada
da floresta, o Poeta, de
castellos esparços, em-
ranhados, como a juba
dos leões o olhar azul
muito doce, espalma-se
pelo espaço como as fo-
lhas altas das palmeiras

desamparadas. Veiu an-
dando, andando e do in-
certo caminho percorri-
do forram-lhe os ouvi-
dos, como uma caricia
dolente, os echos da voz
do mar, da voz das ár-
vores e da voz das aves.
As Virgens, esplendida-
mente nuas, vagueiam
pela floresta, enroscadas
no oiro fulvo das com-
pidas tranças. O Poeta,
adormece ao ouvi-las,
como um desejo impuro
se perde na suavidade
dum olhar de Mãe.

AS VIRGENS — Morremos de
frio, resignadas e murchas como
violetas. Florescem no nosso olhar
bandos de desejos e esfregamos
com cinza o nosso corpo e puri-
ficamo-lo e unguimo-lo e os nossos
desejos e a nossa voluptuosidade
morrem de frio, como um python
enlanguescido agonisa num triste
dia de chuva no collo que entre-
laça. Explende o oiro das nossas
tranças por onde se cõa o Sol,
num beijo triumphal e os deuses
cegam-se com a posse magestade,
com a alvura espiritual da nossa
carne, com a tumidez dos nossos
seios, com a frescura dos nossos
labios, como morangos rubros co-
lhidos sob o baptismo do orvalho,
com a doçura do nosso olhar, fun-
do como cisternas, onde se afo-
gam todos os maus desejos. Na
sagrada ignorância da vida nem
sabemos de mais nada que não
seja a placidez dos nossos sonhos,
a volubidade dos nossos affectos
que se não decidem, a constância
com que amamos o perfume das
laranjeiras naquelles doirados pó-
mares por onde passeia a victória
do oiro e por onde se perdem en-
tre corregos floridos os vestigios
das nossas passadas.

O POETA, em sonhos — Daquelle
saudoso pais donde eu parti che-
gam-me novas pela bocca caricio-
sa das Virgens, que me embalam
na suavidade angelical duma voz
acariciante, desenrolando-se pela
calma da tarde, como um fio de
prata pela linha sinuosa que scin-
de dois seios morenos de mulher.
Corri'o mundo inteiro. Chagaram-
se-me os pés nas urzes e nos cardos
do monte asperos e seccos que
cobriam a crypta escavada das
serranias da Terra da Mentira.
Por lá do mi a monte, como os
lobos, e, quando despertava, ce-
gavam-me os olhos os beijos per-
didos das Illusões. Accordou-me

a voz saudosa do mar, que todos
julgam grande, indomito, podero-
so, mas a quem definha a nostal-
gia do ceu todo estrellado, que
nunca se quis afogar. A amar pas-
sei meus dias eguaes sempre e sem-
pre desolados e nunca houve amor
que me completasse. Fugi daque-
lles desenganos que me perse-
guiam e que numa cavalgada in-
freme me parece ainda ouvi-los
atrás de mim. As minhas aman-
tes fizeram-me tédio de tanto me
acariciarem na perfidia do seu
fingido amor, como carbúnculos
falsos nas orelhas finas duma prin-
cêsa. A Verdade mostra-me que
é Vaidade aquella insoffrida áncia
de amor que me abrazava e entre
a Virgindade da Terra e a do
Amor deslisam meus dias suaves
agora, como a caricia de velludo
que se esbate num collo de in-
fanta.

No bucolismo idílico
do por do sol, entre a
harmonia rythmica da
voz das fontes que sa-
ciam a floresta, como
melodia a vibrar nas cor-
das metálicas das har-
pas, ouve-se o canto as-
tral das virgens. O Poeta
adormece suavemente
na dulcissima Visão de
um novo Amor, maior,
mais forte e mais são,
como a necessidade im-
perceptível do Sofrimento
ou da Victória.

A. PEDROZO ROIZ.

Manifestações anti-jesuiticas em Lisboa. — A policia

A última hora chega a noticia
de uma imponente manifestação
anti-jesuitica em Lisboa.

Um grande número de estu-
dantes resolveu ir junto do mo-
numento dos Restauradores dis-
cursar acerca dos últimos acon-
tecimentos e cobrir de crepes a
estátua de Camões.

Juntou-se uma enorme multi-
dão, superior a 2.000 pessoas, e,
levantado o primeiro viva a liber-
dade, a policia, na velha mania
de manter a ordem, espadeirou
o prendeu quem encontrou.

E' grande o número de feridos
e estão presos 17 populares.

O sr. Hintze Ribeiro continúa
sendo o responsavel; que o povo
se não esqueça disto.

minha felicidade é dar flores, não
vendê-las.

— Bem sei. Mas é a mesma
coisa, o teu luis aborrecia-se sósi-
nho.

A condessa tirou um dos bou-
quets de Nini que lhe beijou
docemente a mão.

As duas mulheres estavam já
separadas por uma onda de car-
ruagens, quando a ramalheira
atravessou para agarrar a con-
dessa.

— Oh! Minha senhora tome
cautella.

Regina teve um sobresalto.
— Tome cautella; porque acabo
de ver passar minha mãe. Bem
sabe que é azar.

A condessa não respondeu.
Olhou em volta, com uma inquie-
tação vaga, como, se com effeito
a mãe de Nini fosse uma ave de
mão agouro.

Viu, a seis passos de distancia,
a horrivel farrapeira que começa-
va a sua jornada nocturna, com
o cachimbo na bocca, o cesto ás
costas e o gancho na mão.

A ramalheira fugira, tanto
medo tinha daquelle encontro.

A condessa de Romanes con-
tinuou o seu caminho, ainda mais
preocupada.

VI

O adeus

Quando a condessa chegou a
casa, encontrou um amigo do con-
de que esperava por ella. Advin-
hou logo que Guillaume la Mar-

Manifestação a J. António d'Aguiar

A comissão que em Lisboa
promove uma manifestação ao
glorioso filho de Coimbra, Joa-
quim António d'Aguiar, tem re-
cebido grande número de adhe-
sões e ultimamente resolveu tra-
balhar de harmonia com a nossa
academia.

Sabemos que a comissão aca-
démica tencionava, e falô ha em
breve, entender-se com a de Lis-
boa. Applaudimos com todo o
enthusiasmo estas resoluções para
que a manifestação revista o bri-
lhantismo que deve ter uma tam
grande consagração.

O sr. dr. Gonçalves Guima-
rães, vice-reitor da Universidade
mandou fazer pelo sr. A. Augus-
to Gonçalves um sello da Univer-
sidade para substituir o que se
tem usado, que é moderno e sem
caracter artistico.

O desenho, que é oval, repre-
senta a sciência de pé, no meio
duma moldura gótica dum gran-
de effeito decorativo.

Está quasi acabada tambem a
cercadura que ha de emoldurar
as cartas dos bachareis e doutou-
res e substituir a que se usava,
pobre e mesquinha, como a tarja
dum diploma de associação de
aldeia.

Partiu ontem para Lisboa a
comissão da direcção da As-
sociação Commercial de Coimbra
que vai apresentar ao governo a
representação dos habitantes de
Coimbra contra a criação do cur-
so do notariado em Lisboa e a
favor do seu estabelecimento em
Coimbra.

A comissão era composta dos
srs. Pedro Ferreira Dias Ban-
deira (presidente da assembleia
geral), Francisco Villaça da Fon-
seca, presidente da direcção; An-
tónio Augusto Neves, primeiro
secretário da assembleia geral;
Affonso de Barros, primeiro se-
cretário da direcção; Paulo An-
tunes Ramos, vice-presidente da
direcção; José Augusto Macedo.

A comissão deve ser recebida
por o sr. Hintze Ribeiro, sendo
apresentada pelo sr. governador
civil desta cidade, dr. Luiz Pe-
reira da Costa.

Tem-nos occupado largamente
desta questão reclamando o que

que vinha dar-lhe parte da morte
do marido.

Estendeu-lhe a mão, dizendo-
lhe apenas esta phrase: Já sei.

— Como soube?

— A minha creada de quarto
disse-me tudo.

— Mas disse-lhe tambem que
não está bem averiguado que o
conde se mataste?

— Quem o havia de matar?

— Não sei; mas mas dizem que
daqui a pouco vae chegar o juiz
instructor.

A condessa deu um salto.

— Meu Deus! meu Deus, que
barulho e que escandalo!

— Confesso-lhe que, quanto a
mim, não duvido que Fernando
se mataste... Mas, agora penso
eu, não desejaria ver Fernando?...
Quem sabe, um beijo de paz, de
pêrdão, d'amizade naquelle rosto
ensanguentado, não seria talvez
um beijo perdido.

— Seria. Mas não tenho força.

— Então?

— Jaro lho.

O amigo do conde curvou-se e
deu um aperto de mão á condessa.

— Ouça, disse-lhe ella, dê-lhe
o meu adeus. Agora que está
morto, sinto que o amei sempre
e que nunca me consolarei.

— Então? Um movimento de
bondade! Venha a senhora mes-
mo dar-lhe o beijo de despedida.

— Não.

— Porque?

— Não me pergunte porque.

(Continúa).

justamente deve pertencer a esta
cidade e estamos certos que as
corporações de Coimbra, que
têm empregado todo o seu es-
forço para conseguir este deside-
ratum, ham de afinal sair victo-
riosas, mau grado as ambições
em contrario do novissimo depu-
tado sr. dr. Martins de Carvalho
que ainda ha pouco viamos um
revoltado d'opereta e hoje encon-
tramos anichado rafeiramente aos
pés do João Franco.

E' necessário que todo o povo
de Coimbra se levante, numa re-
clamação unânime, a exigir do
governo a criação do curso do
notariado em Coimbra.

Quando aquelles que o gover-
no nomeia para representantes do
povo se negam a cumprir o seu
dever, intervenha o povo directa-
mente.

E estamos certos que todos,
com rarisimas e vergonhosas ex-
cepções, cumprirão nobremente
o seu dever.

Congrua parochial

Acha-se em cobrança a congrua
parochial, das freguesias de Santa
Cruz, S. Bartholomeu, Santa Cla-
ra, relativa ao anno de 1900, de
que é cobrador o sr. António
Augusto Lourenço, morador na
rua da Sophia, n.º 70, 2.º andar.

AGRADECIMENTO

Joaquim de Carvalho e Santos
não podendo agradecer pessoal-
mente a todas as pessoas que se
interessaram por elle, por sua
mulher e seus netos mandando
saber da saúde de todos, na pro-
longada doença, por que passa-
ram, lança mão deste meio, agra-
decendo a todos, reconhecido, tan-
tas provas de interesse e ami-
sade.

Approveita tambem esta occa-
sião para agradecer ao seu amigo
o ex.º sr. dr. Vicente Rocha, o
cuidado, e carinho, que, como
médico, a todos dispensou.

PUBLICAÇÕES

História da Revolta do Porto. — Continúa
saído com uma perfeita regula-
ridade a **História da Revolta do Porto**, de João
Chagas e do ex-tenente Coelho.
Já estão publicados quatro fas-
ciculos e com o fasciculo quinto
distribue-se o 1.º tomo.

Esta publicação é, sem dúvida,
a mais interessante quer sobre o
ponto de vista politico, quer litte-
rário e artistico que ha muito ap-
parece entre nós, e de fasciculo
para fasciculo o seu interesse au-
menta. Opulenta com grande
número de lindissimas photogra-
vuras, ella ficará sendo a mais
curiosa e bella recordação da re-
volta do Porto, ao mesmo tempo
que a sua história ainda hoje in-
edita. O último fasciculo que re-
cebemos insere um retrato do
major Graça, da municipal do
Porto, e photogravuras represen-
tando a Relação do Porto, a rua
do Almada, por onde desceram
as tropas sublevadas na manhã
de 31 de janeiro, a fachada do
quartel do 18, no Porto e um a

ultima hora, curiosissimo, da **Re-
publica Portuguesa**, de 31 de ja-
neiro.

Fôra do texto e numa bella
cartolina, a reproducção photo-
graphica do primeiro numero de
Republica Portuguesa, o jornal
que tanta acção exerceu sobre os
espiritos, no periodo que prece-
deu á revolta do Porto.

Os escriptórios da **Empresa
Democrática de Portugal** editora
da **História**, sam em Lisboa, na
rua dos Douradores, 20, e no
Porto, na rua de Santa Cathari-
na, 154.

9 Folhetim da «RESISTENCIA»

ARSÈNE HONSSAYE

REGINA

Livro primeiro

O tiro de revolver

IV

Angustias

Mas era tambem curiosidade.
Naturalmente era trahido por to-
das as mulheres, sem o saber.
Não é forçoso que a comédia hu-
mana seja sempre a comédia hu-
mana?

Uma senhora que era mais ou
menos sua amante, respondia a
uma das amigas que lhe dizia:
— Toma cautella, *Justiça informa*
tem cem olhos. — Ora! Imaginas
talvez que os magistrados não
sam enganados como o resto do
mundo.

Aqui está para que lhe servia
a penetração a este intelligente
que saía tudo.

Isto servia tambem para ser
desagradavel a toda a gente e a
si mesmo, porque tinha sido cha-
mado já mais de vinte vezes em
causas mais ou menos criminosas
como testemunha d'accusação ou
defesa. Quando lhe acontecia ter
de passar uma hora em face de
juizes instructores, era ainda elle
que, no seu furor de curiosidade,
os interrogava.

A farrapeira

Em quanto isto se passava, Re-
gina estava já arrependida de ter
escripto a Samarini.

Era para quebrar uma paixão
que a tinha lançado em todos os
desesperos? Era para o proteger
contra a opinião pública que, em
face da morte do marido, ia cen-
surar a mulher e ataca-la até no
seu amante?

A condessa de Romanes, ao
atavessar os Campos Elyseos pa-
ra entrar em casa, foi comprimen-
tada por uma ramalheira
nova que corria atrás das carra-
gens para vender violetas. Não
tinha outra loja que não fosse a
rua. A rua era a sua pátria; por-
que tinha começado por cantora
das ruas; — pode-se dizer a gan-
cho da mãe, — porque a mãe era
farrapeira.

— Ah! E's tu, Nini?

— Sou sim; senhora Condessa.

— Corre-te bem o dia? Estás
contente?

— Muito contente. Deram-me
um luis por um ramo de dois sol-
dos.

— Julgavam talvez que te da-
vam um soldo?

— Oh! Não corri atrás da car-
ruagem...

— E fizeste bem: é um luis bem
empregado. Toma, ai tens outro.

A ramalheira queria recusar.
— Oh! Não! Bem sabe que a

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)
Com esta folha—Anno: 2000 reis; semestre: 1000 reis; trimestre: 600 reis.
Sem esta folha—Anno: 2000 reis; semestre: 1000 reis; trimestre: 600 reis.
Numero avulso, 20 reis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 reis; repetições, 20 reis. Para os srs. assignantes, desconto de 30%.
Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6

Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amarel

Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

SEM DESALENTO

Urge por todos os modos que a familia liberal não abandone a campanha tam energeticamente iniciada contra o reaccionarismo sob todas as suas formas. O pais tem-se manifestado tam poderosamente que, não ha duvida-lo, as altas influencias que protegem o jesuitismo veem-se obrigados a retrair-se, de momento pelo menos. Não nos iludamos, porém; esse movimento, por mais energico que se apresente, se esmorece da occasião a abusos cada vez maiores por parte dessas congregações religiosas que os originaram agora.

O que se tem feito, animado embora das mais sinceras convicções e do impulso mais generoso e respeitavel, pouco sera para a summa importancia do fim que se tem em vista—o cumprimento das leis de Pombal, Aguiar e Brançamp.

Não temos que contar com a acção do governo para reprimir os abusos jesuiticos, visto o modo como esse governo se apostou a reprimir os movimentos liberaes, enquanto deixa a solta, entregues a todas as suas abusivas praticas, as congregações da seita jesuitica.

Os rigores, como temos visto, sam todos para os liberaes, sob o pretexto indigno que toma de restabelecer a ordem nas ruas! E vai affirmando todos os dias—que nada fará relativamente ao cumprimento daquellas leis, enquanto não estiverem dominadas todas as manifestações populares!

Ora isto é, evidentemente um caminho tortuoso por onde o governo enveredou para justificar o seu inqualificavel cruzamento de braços, na clara expectativa de amanhã, abafadas as reclamações do povo, continuar a deixar correr as coisas na criminosa indifferença que envolve a reacção jesuitica.

E' indispensavel, pois, que os liberaes se não deixem entorpecer na sua acção; que todos, unindo-se, façam succeder ás reclamações desorganizadas das ruas uma campanha persistente, methodica e intensa, a que os poderes do estado, seja qual for a sua vontade, não possam deixar de prestar attenção.

O problema é sem duvida complexo para os liberaes, que têm de medir-se com a astúcia, a malevolência, a calúnnia, todas as armas enfim de que se servem os sectários de Loyola, por mais vis e infimas que sejam; e a acrescentar a estes seus recursos naturaes ha as protecções superiores que os apadrinham e defendem. Com tudo isto tem de lutar a liberdade, pelo que não pôde deixar de se preparar com intemerata energia e decidida dedicacão para o combate sem tréguas que se abriu entre ella e a reacção.

Desde que os poderes do estado se armam contra os protestos pacificos dos liberaes, mandando que a policia os corra á pranchada quando acclamam a Liberdade, não ha que confiar nos sentimentos d'esses quadrilheiros do jesuitismo, que o protegem em vez de o escorraçar, no cumprimento da lei.

Mas já que a nação se está revelando tam francamente liberal, numa justa explosão de odio contra a reacção, e necessario orientar este espirito de redemptora revolta, não vam elles os eternos exploradores da sociedade assentarem-se amanhã declaradamente nas cadeiras do poder para reprimir á bayoneta e a tiro as manifestações liberaes do pais.

Esta guerra aos jesuitas é uma guerra santa, em que podem entrar todos os homens de bem de todos os partidos, desde o conservador e o padre secular até ao mais avançado espirito, na certeza de que, ao entrarem nella honrados della sairám com honra.

Unam-se, pois, todos os homens de bem nesta cruzada legitima contra os jesuitas, e amanhã, rechaçados elles para o fundo dos seus covis, partidados as suas garras afiadas, ondeará, aliava e nobremente, a bandeira da Liberdade.

O centro progaessista de Coimbra realisa hoje ás 7 e meia horas da noite uma sessão para installação na sua nova casa da rua do Visconde da Luz.

Museu de antiguidades

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 5.

Viva a revolução!

A câmara francesa, por um grito vibrante, acaba de acclamar a Revolução e a obra da Convenção.

Um barão de data recente, pois que a sua nobreza data do primeiro Império, qualificou de assassinato o julgamento que condemnou a morte Luiz xvi.

A câmara, conta um jornal francês, não fez grande caso do sr. de Reil e, jovem a quem o padre Soriquet ensinara historia e cujo cerebro está cheio dos pensamentos dos reverendos que lhe fazem recitar as suas locubrações, mas não podia tolerar que o presidente Deschanel deixasse injuriar a assembleia a que a França deve a salvacão da patria, e das suas liberdades.

O neophyto de Saint Germain des Prés, encolheu-se covardemente á tempestade de indignação que desencadeou a sua impudência e ficou tremulo e verde sob as apóstrophes vigorosas que lançava para elle, a câmara, com gritos de «Viva a Revolução!» cem vezes repetidos por os radicacs socialistas, e socialistas; de pé, os braços estendidos para elle.

Foi verdadeiramente bello e commovente o final da sessão, quando Gonzi, deputado do Tam e neto dum Conventual que votara a morte de Luiz xvi, viu protestar vigorosamente contra a fraqueza propositada do presidente. Teve uma longa ovação e augmentavam os gritos entusiasticos e novos vivas á Revolução.

Partiram para Lisboa, para se tratarem no Instituto bacteriologico, Ignacio Simões, de Sobrado de Ceira e Manuel dos Santos, da Carvalhosa, por terem sido mordidos por um cão damnado.

Ha muito que em Coimbra se podia e devia ter montado o serviço de socorros a raivosos, utilizando as magnificas installações do laboratorio de microbiologia da Universidade, e a dedicacão e boa vontade do pessoal deste estabelecimento, tam digno de elogio e do favor publico pela sua alta competência e pelo seu zelo e dedicacão já experimentados.

Aqui se podia tambem, com um pequeno sacrificio dos cofres do districto montar um annexo ao gabinete de bacteriologia para preparacão do soro anti-diphtherico, cuja efficacia hoje ninguem pôde pôr em duvida quando ministrado em condições convenientes.

Era um pequeno sacrificio, bem compensado pelas despesas annuas feitas com os socorros a individuos mordidos por cães suspeitos de raivosos, e pela certeza de ter sempre soro anti diphtherico podendo ser empregado pelos clinicos com toda a confiança.

Acha-se hoje, no governo civil de Coimbra, o sr. dr. Luis Pereira da Costa que foi largos annos director do gabinete de microbiologia da Universidade, que conhece bem as installações e sabe, como proficional, as vantagens da creação destas instituições.

O sr. dr. Luis Pereira da Cos

ta conhece tambem o saber, a intelligência e a dedicacão dos que foram seus subordinados e sabe-os promptos a todo o trabalho e sacrificio útil

Será um alto serviço feito a a Coimbra, e á Universidade a que sua ex.ª pertence, crear um serviço de vaccinações anti-rábicas, um laboratorio para preparacão de sôros medicinaes.

Não faltam á Faculdade terrenos proximos do gabinete de bacteriologia onde podesse fazer-se a installação dos animaes necessários para experiencia, em magnificas condições de isolamento e salubridade.

Os trabalhos que diariamente se fazem no gabinete de microbiologia e que tanto o honram e tanto abonam a sua vitalidade não soffreriam com isso interrupção.

A frente do gabinete acha-se hoje um homem novo o sr. dr. Padua, activo e intelligente que tem no sr. Charles Lepierre um auxiliar e um collaborador cujo nome é hoje justamente respeitado pelo seu character, pelo seu saber e pela sua dedicacão.

Raras vezes se encontrarão reunidas no nosso pais tantas condições de exito para uma empreza proveitosa e necessaria.

Manifestações anti-jesuitas

Têm continuado no Porto e em Lisboa, tendo nesta cidade evultado nos ultimos dias pelas brutalidades policiaes, ainda maiores, se é possivel, que as do Porto.

Tambem em Guimarães e em Évora o povo se levantou contra os jesuitas, em manifestações calorosas significativas de profundo odio que por toda a parte se lhes vota, a esses odiados fautores do obscurantismo e do retrocesso.

As noticias que se têm propalado de terem vindo do estrangeiro muitos jesuitas que veem refugiar-se nos cois existentes em Portugal, têm provocado geral indignação.

Tem corrido ultimamente em Coimbra que tambem para aqui vieram ha dois ou tres dias uns sete padres jesuitas, que foram hospedar-se numa casa rica perto desta cidade, notória ha muito como sendo de pessoas bem ligadas á seita negra.

Ha pouco tempo abriu se na freguesia de Sazes um collegio jesuitico, e aqui em Chão do Bispo dizem andar-se construindo um convento.

Como se vê, nesta mesma diocese, que as Novidades ha dias davam como indemne de semelhante praga vam pollulando os viveiros de jesuitas, accrescentando-se aos antigos outros novos.

No Lourical ha um convento onde freiras professam e em Leiria anda-se construindo um outro, cuja construcção é dirigida por um frade, que alli vai semanalmente de habito e sandalias, á luz do mundo, apesar de em Portugal não poder haver frades!

Quer isto dizer que a audácia desta gente vai sendo cada vez maior, reclamando uma seria e enérgica repressão:— do governo ou do povo...

Carta de Lisboa

8 de março.

Se ha coisa interessante—adecemos—sam os bastidores da politica portuguesa.

Os senhores não leram esses jornaes que o marquês de Pombal resignou os seus cargos no paço e por causa da questão religiosa—isto é, da sua afinidade com o jesuitismo?

Se leram, naturalmente fizeram esta pergunta:—Mas como é que sendo o paço affirm aos jesuitismo, teve o marquês que sair?

E á pergunta que eu vou tratar de responder, no intuito de lhes dizer alguma coisa do que se diz aqui baixinho mas não se escreve em letra redonda.

E' seguro que, no paço, ao mesmo tempo que existem duas forças governativas, existem duas opiniões não só diversas como antagonicas sobre a questão religiosa: uma de protecção apaixonada e outra de antipathia. A protecção é da rainha, a antipathia é do rei.

Desta diversidade de opiniões têm resultado naturalmente incidentes curiosos.

Um desses foi o do marquês de Pombal.

O marquês foi, da parte da rainha dizer qualquer coisa ao rei, em occasião em que elle escrevia.

Ouviu o rei e, depois, levantando a cabeça, murmurou despreocupadamente:

—Olha, marquês, talvez te escreva...

O marquês ficou assombrado e, vendo o rei continuar a escrever, retirou-se.

Seguidamente, pediu licença dos seus cargos.

Eis o que se passou e eis porque o marquês saiu.

Naturalmente, observa-me o leitor: Mas se o rei é contra os jesuitas, então...

Não complete o pensamento. Os jesuitas não sam expulsos por tal motivo.

E' certo que o rei governa.

mas a rainha tambem o faz.

E parece mesmo que quem governa mais é a sr.ª D. Amelia.

De resto estão vendo.

...Estão vendo com que iras sam castigados os que se atrevem, não só em nome dum ideal politico, mas em nome do sentimento e do progresso, a exprimir opinião contra os jesuitas.

Sabem o que se passa no Porto e estão vendo o que se vai passando em Lisboa.

A auctoridade investe com os manifestantes—a tiro.

Chegou se a isto.

Mas ainda bem que se chegou!

E digo que ainda bem que se chegou porque eu vejo, enfim, esta gente de Lisboa reagir.

Vejo-a querer lutar, vingar-se, ser alguém.

Parece que voltamos a 1890.

Ha agitações nos espiritos, ha mal estar, ha febre de reivindicacão e de vingança.

Ouvem-se em toda a parte, palavras que ameaçam acontecimentos,

E, se os acontecimentos não se derem, solennes, mostrando que, a despeito de tudo, há povo aqui, é porque positivamente não houve quem quizesse aproveitar-se da tensão dos espiritos.

A questão religiosa é, po-le dizer-se, a questão única.

Falla o Santa Ritta no parlamento e é como se não fallasse.

A própria questão dos credores—questão nacional—perdeu o seu interesse.

Pode haver quem chame a isto—desvairamento.

Eu, sobre achar excellente, em regra, os desvairamentos do povo, no fundo sempre justificados, acho esplêndido este estado de espiritos.

Que afinal a questão religiosa é a questão política.

Desappareça o jesuita, desapareça a sua acção nas trevas—e o país estará livre do seu peor inimigo, a entrave ao seu progresso.

Desappareça o jesuita, desapareça o effeito das suas conspirações—e em Portugal não haverá monarchia, como não haverá predomínio dos ladrões.

A questão religiosa é a questão política.

Porisso eu folgo de a ver pôr-se tal como ella está posta.

Porisso, ao ver excitados por ella os espiritos, eu sinto a alegria doce da esperança.

F. B.

Acaba de ser tratada nas câmaras a questão das habitações pobres pelo sr. Santa Ritta a quem o insuccesso duma peça de theatro valeu a alcunha de—*O bezerro d'ouro*.

O assumpto foi discutido com proficiência, descrevendo o illustre deputado com verdade e sentimento os antros húmidos, escuros e insalubres em que a população pobre de Lisboa arrasta a sua vida de miséria.

E' nas condições da vida do povo, no estudo profundo do seu viver íntimo que ha de achar-se a resolução do problema da despopulação por falta de nascimentos e por augmento da tuberculose. E' do estudo da vida do operário, sem luz, nem ar, com uma alimentação insufficiente, sem poder isolar-se das doenças contagiosas que ha de sair a hygiene das grandes cidades, o desapparecimento dos bairros lugubres em que se exploram pardieiros em ruínas, aninhando carinhosamente a doença para a propagarem.

Agora as grandes cidades sam o laboratorio a que a população sadia dos campos vai buscar a doença, para vir, num regresso de saudade, morrer á aldeia onde nasceu, e deixar a propagar-se a doença que até então era desconhecida lá.

Ha aldeias na Beira onde a tuberculose nunca existiu, e que hoje estão cheias de tuberculosos, uns vindos da cidade, outros doentes por contágio.

O discurso do senhor Santa Ritta deve ser applaudido por todos os que vêem no altruismo uma coisa mais do que uma figura decorativa que se usa e que se mostra, porque é moda e enquanto os outros vêem.

O senhor Santa Ritta teve os applausos da câmara, com estranheza, numa grande admiração.

Nunca ninguém imaginára podesse dar um deputado um homem com tanto insuccesso de theatro.

E' ao que pode levar uma politica de farçantes.

A conferência sobre tuberculo se pelo sr. conselheiro dr. Costa Alemão, presidente da Liga contra a tuberculose no districto de Coimbra, ficou transferida para o dia 16 do corrente ás 8 horas da noite na Associação dos Artistas.

JESUITAS

IV

Nunca os jesuitas representam um elemento d'ordem e um factor da civilização, como pretendem os seus apologistas, antes a História os dá, em todas as épocas e em todos os Estados, como causa de sérias perturbações e lamentáveis retrocessos.

O jesuita é, em última análise, um bandoleiro; e como tal, é necessário que as sociedades se defendam, guardando-se da infecção perniciosas das suas doutrinas.

Não é o nosso sectarismo que o proclama, apontando o jesuita á execração social: sam os papas que os anathematizam, os reis que os expulsam, os povos que os acozzam, como a piratas. Sam os parlamentos nos seus accordãos, as universidades nas suas conclusões, os monarchas nos seus decretos, os pontifices nas suas bullas: os bispos, os clérigos, os theologos e os pensadores, todos unânimes em conclamar a maldade dessa instituição funesta, cujas torpêsas formam um interminavel cortejo que através a História desfila, ensanguentado e lúgubre.

Na lista numerosíssima dos que depõem contra os jesuitas, testemunhando os seus crimes e confessando a justiça de todas as queixas contra elles dirigidas, destacaremos os geraes jesuitas S. Francisco de Borja e Múcio Vitelleschi.

O primeiro, em carta de abril de 1560, imputava-lhes essa *cu-biça de riquêsas* de que os seus apologistas querem despi-los para os acclamarem como desinteressados apóstolos do Bem: o segundo, em 1617, proclamava a verdade e a justiça de todas as accusações e queixas vibradas contra elles pela consciéncia pública.

Não sam livres-pensadores que fornecem ao julgamento dos jesuitas as opiniões e informes preciosos que a história archiva; e assim é que os reaccionários teram que taxar de falsários e sectaristas personalidades que na hierarchia da Igreja occuparam uma posição eminente.

Desde Innocéncio x até Benedicto xiv cinco papas condemnaram a doutrina mentirosa,—*attentatória da verdadeira religião*—, que os jesuitas arvoravam em suas prédicas; mas quando isto succedia, quando reprehensões surgiam a ferir-lhe o orgulho insólito, os papas caíam fulminados, como Sixto v, surpreendido na sua intenção de reformar o Instituto, Clemente viii, Innocéncio xiii, e Clemente xiv.

Appareciam, num clamor de ameaça, os pasquins, como o célebre:—*presto sarà sede vacante*. E quando os papas destacavam enviados a levar-lhes instrucções que não condiziam com o seu programma, sepultavam-os em calabouços *discretos*, como succedeu ao condé de Tournon.

Já vêem os reaccionários que os jesuitas suscitarão a desordem no próprio seio da Igreja, reagindo contra os seus decretos, impondo se-lhe minazmente, procurando por todas as formas substituir se-lhe; mas a sua acção *ordeira* affirma-se principalmente quando nos diversos estados se intenta achar a paz octaviana, que os seus apologistas dizem ter fomentado.

Vemos os jesuitas expulsos de todos os países sob a accusação de terem perturbado a paz pública, e não raro attentado contra a vida dos principes que, mais enérgicos, ousavam dete-los na marcha triumphal das suas criminosas conquistas. Elles foram sempre os grandes amigos dos déspotas, os seus oráculos—o

braço direito da Tyrannia; mas nem sempre essa amistosa ligação de jesuitas e reis foi favoravel a estes, como também nunca o foi aos povos. Assim é que junto do último representante da casa d'Austria, na Espanha, vemos o padre Nithard, junto do último Valoios o padre Auger, junto do último Stuart o padre Peters; assim é que os cautores cessionistas da Suissa sam derrotados, apoiando os jesuitas, e expulsos e destronados Carlos da França, Isabel de Espanha, Francisco 2.º de Napoles, os principes de Modena e Toscana, todos elles cercados de uma legião immensa de roupetas.

Elementos de ordem, elles! Mas como factores da desordem foram expulsos, da Inglaterra, pela rainha Elisabeth, da Alemanha (1581) da Hollanda (1598), de Veneza (1606) da Bohemia (1618), da Moravia (1619), da Polonia (1621), do Japão (1631), de Malta (1643), da Rússia (por um decreto de Pedro o Grande, de 1723), do Paraguay (1752), da Espanha (1767), e dos Estados de Porma e Napoles, da França, de Portugal, etc., etc.

Seria interminavel a lista dos seus attentados, alguns severamente punidos, como a *conspiração da Polvora* que levou á forca o padre Garnet e outros; e bem assim seria impossivel expor, ainda que em breve synthese, todos os principios subversivos que proclamaram, desde as mallinas de Guinard e Mariana até ás pré-gações de Beano, feitos á sombra das bullas *In coena domini* e *In clericis laicos*.

Bastará o que levemente, temos exposto para mostrar á sociedade que os jesuitas não sam esses entes excepcionaes que os reaccionários vimbram de virtudes, e procuram impingir-nos como elementos necessários aos *pequenos da intelligéncia, da civilização e da ordem*.

Fechamos aqui as nossas considerações.

Procurando arredar dellas toda a vorulência de phrase, ignoramos se por algum desmando temos que penitenciar-nos; mas do que com certeza não podem accusar-nos é de allusões que não tivemos em vista ou de critica pessoalista que despregamos.

Ignoramos quem seja o auctor do *Reverso*: seja quem fôr, não vamos até tocar-lhe nas qualidades de cavalheiro com quem nada temos, e só ficamos na dissecação do seu publicismo que nos é dado criticar.

E agora, que todos trabalhamos no empenho de que esse movimento reivindicador se não circunscreva á terra gloriosa do Porto.

Urge appoia lo, fazendo que em todo o país se repercuta a *alerta* da sua forte voz de Palladino, e que á causa santíssima que elle temeratamente propugna em épicas vibrações de lucta acorra de toda a parte a mais calorosa e ampla adhesão.

Está travado o conflicto entre a Reacção e a Liberdade.

Na vanguarda dos que combatem pela luz, devemos ir nós, os moços, sangue estuante, alma irrequieta na áncia de sagrados ideaes.

Se o não fizermos, se nos ficarmos ankylosados, numa indifferença criminosa, affirmamos simplesmente que amanhã seremos incapazes de defender os nossos filhos reduzidos pelas negações jesuíticas.

CARLOS MENDONÇA.

Salon de la Mode

Grandes novidades para vestidos.

PREÇOS BARATÍSSIMOS

Os alumnos da Faculdade de Theologia

Queixa-se, n' *O Janeiro*, um alumno da Faculdade de Theologia dos commentários que fizemos a uma carta dos alumnos da mesma faculdade, que elle queria ver publicada, como elle a escrevera, revista por elle, e talvez com commentários d'elle.

Era talvez excessivo.

Emenda alguns erros typographicos, o que os nossos typographicos levaram a mal, chamando-lhe *Jazuita*, entre dentes, para nós não ouvirmos.

De resto a mesma ignorancia lorpa. Não sabiam quem era o administrador da *Resistência*.

E' não saber ler.

Lá vem em todos os números do jornal, bem no alto, em letras bem grandes—editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral—como manda a lei.

O artigo é longo, duma habilitade campesina e deixa ver bem o estudo aturado e a meditação das obras philosophicas de Sancho Pança, outro grande doutor da Igreja.

Perdõem-nos o riso. Hoje deixámos a indignação em casa.

Tomáram os senhores ter uma *corôa* assim, de tirar e pôr.

Nos tempos que vam correndo, não deixava de ser cômoda.

Chama ao *Primeiro de Janeiro* um jornal conceituado e *mais que lido*.

E' andar mesmo longe da graça do Espirito Santo.

Longe da lei e longe da graça do Senhor!...

Pelo último periodo da carta d' *O Primeiro de Janeiro* vê-se que o que maguou o moço foi o dizer o nosso amigo Carlos de Mendonça que a Faculdade de Theologia importava os talentos das outras faculdades.

E' na verdade injusto. A Faculdade de Theologia tem até talentos para exportar.

Talentos para dar e vender.

Foi de lá que safu o Abel d'Andrade.

Incêndio

No dia 8, pelo meio dia, manifestou-se um incêndio em casa do sr. Cesar Cabral, na rua das Solas.

O material d'incendios e os bombeiros compareceram rapidamente, dominando o incêndio que começara no depósito de esteiras e madeiras que o sr. Cabral costumava empregar todos os annos, no verão, nas barracas para banhos no rio.

Recebemos o numero 6 de *A Liberdade*, jornal dos estudantes livres que se publica em Lisboa.

E' escripto com o desassombro, a coragem e o ardor que só sob ter a mocidade quando defende uma causa justa.

E' consalador ver todo este entusiasmo da mocidade portuguesa, não cançada ainda de lutar, cheia de esperança num futuro de liberdade e de justiça, marchando com uma unidade e uma força que nos dam a certeza da victória.

Nada poderám contra os esforços generosos da mocidade os ardis e as habilidades conhecidas de meia dúzia de politicos gastos de vida e consciéncia.

Mas mesmo que nas altas classes houvesse a intelligéncia, e o conhecimento dos homens que tantas vezes explicam os erros das nações, nada poderiam fazer contra o sentimento da liberdade que tem raizes tam fundas na mocidade portuguesa, e que se manifesta duma maneira tam espontânea e tam vibrante que faz augurar dias melhores de probidade, trabalho e liberdade para o nosso experimentado país.

TRANSWAAL

Contradições inglesas

Diz um periódico estrangeiro: «O generalismo Kitchner telegraphou de Pretória, em data de 1 do corrente, que De Wet fôra repellido em direcção ao norte, para além do Orange, sendo obrigado a abandonar a colónia do Cabo e deixando 200 prisioneiros. Lembraremos que 48 horas antes, os despachos particulares británicos diziam, ao contrario, que De Wet tinha pretendido alcançar o norte e deixar a colónia, mas que nada conseguira, vendo-se obrigado a tomar o caminho do sul, seguindo para Colesberg e Stromberg. E os telegrammas do *Times*, de sabbado de manhã, repetiam isso mesmo, com maior cópia de detalhes, e isso no momento em que Kitchner annunciava que De Wet reatruvessara o Orange. Do seu lado, o *Dayll Mail* repetia que De Wet e Herzog estavam em plena colónia do Cabo, a uns 30 kilometros ao sul de Petrusberg. Que os bons dos ingleses se ponham d'accôrdo uns com os outros! Nós, esperando, julgamos conveniente o assignalar que o general Kitchner, falando em 200 prisioneiros boërs, totalisa pura e simplesmente o número de boërs feitos prisioneiros desde a entrada de De Wet no Cabo, ha uns quinze dias. E' o perpetuo systema dos senhores ingleses! Pretendendo cercar e esmagar De Wet no Cabo, lançam contra elle forças esmagadoras; no primeiro dia, fazem-lhe 100 prisioneiros (sabe Deus de que espécie); no terceiro, 50; no sexto, 20; no oitavo, 10; no décimo, 15; no duodécimo, 5. Ao fim de quinze dias, De Wet escapa-se e alcança o norte. Pois os generaes británicos telegrapham logo a dizer que o repelliram para o norte, fazendo 200 prisioneiros. Novos? Nada disso, visto tratar-se dos 200 prisioneiros já indicados parcialmente e que agora se dam em glôbo para fazer crêr ao publico que o triumpho de De Wet, escapando-se á perseguição, não passa dum revez que lhe custou 200 homens. Querem-nos assim, ou com mais mólho?

E notaremos ainda que alguns dos próprios jornaes londrinos, entre outros o *Globo*, commentando o *euphemismo* de Kitchner—de que De Wet fôra repellido para o norte do Orange—dizem que o generalismo affirma isto e só isto: «De Wet atravessou o único obstáculo com que se contava para lhe barrar o caminho». E esses mesmos jornaes ajuntam que os constantes cheques soffridos pelo exército inglês, na perseguição movida ao intangivel chefe boër, tornam se enervantes para o povo británico».

(Do *Diário da Tarde*).

Londres, 6—Alguns jornaes dizem que as negociações para a paz, entabuladas entre lord Kitchner e o generalissimo Botha, vão ser continuadas entre este último e sir Alfredo Milner, que partiu ha dias de Captown para Pretória.

Londres, 6—Ha quem asseverar que a viagem do dr. Leyds a Paris tinha por fim pedir ao governo francês que consentisse que o embaixador da França em Londres, como succedeu em Washington por occasião da guerra hispano-americana, negociasse as condições geraes da paz anglo-boër. Diz-se mais que o dr. Leyds não foi attendido por Delcassé.

Londres, 7—Alguns periódicos insistem em affirmar que continuam as negociações para que a guerra anglo-boër termine em breve. Essas negociações, no dia

zer dos mesmos jornaes, estão actualmente entabulados entre os chefes boers e as auctoridades britannicas.

Londres, 7—Confirma-se a noticia que ontem lhes enviei acerca da viagem de sir Alfredo Milner, de Captown para Pretória, se relacionou com as negociações da paz.

Londres, 6—Tem causado grande sensação o artigo publicado pelo *Daily Chronicle* e no qual se afirma que o último feito praticado por De Wet, escapando á perseguição dos ingleses, é uma operação brilhantissima e tam assombrosa como o acto de audácia que elle praticara quando, seguido pelos seus soldados, atravessou ao galope as linhas britannicas entre Thaba-Nchu e Ladybrand.

Londres, 7—O *Times* de hoje insere um telegramma a participar que o general De Wet, aproveitando-se da ausência momentanea das forças commandadas pelo coronel Byng, as quaes guardavam certos vãos do Orange, conseguiu atravessar de novo este rio, evitando a perseguição das columnas britannicas.

Londres, 7—O *Times* e outros generaes elogiavam calorosamente o génio militar de De Wet, confessando que é um notabilissimo estrategista. Este facto e a noticia de French ter de voltar para Pretória, abandonando a perseguição contra Botha, causaram profunda impressão no publico, ouvindo-se em muitos centros importantes discutir a necessidade de fazer-se a paz em condições honrosas para as duas Republicas Sul africanas.

Notas de 50.000 réis

A administração do Banco de Portugal, em vista de terem apparecido notas falsas imitando as do typo de 50.000 réis de chapa actualmente em circulação, resolveu retirar as notas dessa chapa, fazendo-se a troca por outras de diversos typos, nas thesourarias da sede em Lisboa, da caixa filial no Porto, e das agências nas capitães dos outros districtos, até 15 de abril proximo.

Depois deste prazo a troca só poderá effectuar-se em Lisboa, na thesouraria da sede do banco.

10. Folhetim da «RESISTENCIA»

ARSÈNE HONSSAYE

REGINA

Livro primeiro

O tiro de revolver

VII

O enigma funebre

Quando o amigo do conde de Romanes voltou da rua de Auguesseau ao quarto em que se tinha passado a scena de suicidio ou de assassinato, o creado de quarto deu-lhe parte que o procurador da Republica acabava de chegar com o commissario de policia, um juiz e um medico.

O rumor da morte de Fernando espalhara-se como um relampago em Paris.

Um dos tios, o marquês de Romanes, tentara occultar a accção dramática daquella morte, com medo do escândalo, mas os creados de casa tinham fallado alto. O marquês conhecia o procurador da Republica e fora pedir-lhe conselho.

O representante da justiça pressara-se a convencê-lo, de que era preciso não occultar coisa alguma, tanto mais que hoje ninguem fica deshonrado por ir para o outro

REPRESENTAÇÃO

Da câmara municipal de Ganda recebemos uma representação dirigida ao parlamento, relativa á verba com que as câmaras sam obrigadas a contribuir para a defesa sanitária contra a tuberculose.

A representação é justissima porque os municipios, sobrecarregados como já estão e sujeitos a imposições muitas inadmissiveis de estações tutelares indifferentes ás circumstancias de cada concelho, vêem-se na necessidade de defender intransigentemente os interesses municipaes, de que o poder central não faz caso nenhum.

E' isto assumpto sobre que se deviam entender as câmaras todas do país e sobre que se entenderiam por certo, se não fora a politiquice mesquinha que as eiva em prejuizo da administração.

Prohibindo as posturas municipaes que se apascentem gados na Quinta de Santa Cruz, os srs. marchantes não fazem caso dessa prohibição e trazem por alli rebanhos como se aquelle terreno não tivesse domno.

Vários moradores d'alli, que têm os seus quintaes ainda por vedar, queixam-se dos estragos que o gado, guardado sempre por crianças, lhe tem causado.

Por este motivo chamamos a attenção de quem compete para que ponha cobro áquelle abuso, por que as plantações que os proprietários alli têm, e que representam valor e estima, não podem nem devem continuar a mercê dum tal abuso.

Cartas da provincia

Figueira, 1 de março.

Ides ter ai a companhia espanhola Travanco de dramas e zarzuela, que aqui tem estado e que vos recomendo.

Não sendo de primeira ordem—longe disso—, é, todavia, bem dirigida e digna de ser apreciada tanto mais que faz parte della o sr. Calvet, que incontestavelmente tem talento e pôde vir a ter um nome no theatro espanhol. Se Calvet, que é um rapaz ainda muito novo, de talvez vinte an-

mundo com uma morte voluntária.

Foi esse o motivo porque o amigo de Fernando encontrou o quarto invadido pela lei.

Quando entrou na câmara mortuaria, o medico declarava que lhe parecia impossivel acreditar num suicidio: a balla tinha atravessado a testa; mas de frente. Ora quem dá um tiro de revolver colloca a arma nas fontes.

O tio de Fernando era de opinião contraria. Segundo elle, cada um se mata de sua forma, a arte de se suicidar não tem ainda gramática; além d'isso na hora extrema de tam pouco sangue frio, que cada um se fere ao acaso. Quantos não tem conseguido encontrar o coração! Quantos não tem errado a cabeça!

O procurador da Republica passava da primeira opinião para a segunda, tomando apontamentos da topographia da casa. O juiz d'instrucção não tinha naturalmente senão uma opinião: «O conde não se tinha suicidado, achava-se em frente dum assassinato.» E apoiava o seu dito com uma multidão de razões especiosas: a phisionomia espantada do conde de Romanes; a pistola ao pé da mão esquerda, apesar d'elle não ser canhoto; a porta do quarto entreaberta, como certificava o creado de quarto.

—Notem bem, dizia o juiz, que o homem que se suicida não tem

medo á morte e conserva uma phisionomia serena ao cair no último somno; ora olhe para a cara do morto; não está com ar dum homem aterrado e surprehendido! E depois, por mais que eu imagine o conde a dar em si um tiro de revolver, não vejo como a arma se podesse encontrar junto da mão esquerda. Enfim, quando se está decidido a morrer, não se quer ser surprehendido naquella sombria e amarga voluptuosidade do desconhecido.

—Por mais que procure, dizia o tio, não acho nenhum inimigo ao meu pobre Fernando, nem mesmo sua mulher.

Mas nem o medico, nem o procurador da Republica, nem o juiz, nem o commissario de policia estavam convencidos do suicidio.

—Vam fazer muito barulho para nada, continuava o tio, não seria mais digno enterrar christãmente o meu pobre Fernando?

—Tem razão, exclamou o amigo do conde de Romanes; se Fernando podesse dizer o seu pensamento, havia de pedir que o esquecessem. Esqueçamos a sua morte, não nos lembremos senão do que elle tinha de bom na sua vida. Era um bello coração. Só teve um defeito: ouvir demais o coração.

Mas esta oração funebre de Fernando não desarmou o procurador da Republica. Apertou a mão do tio, dizendo-lhe:

—Mandou enviar á commissão dos melhoramentos da cidade, juntamente com a planta da Avenida de Sá da Bandeira, outra planta da referida Avenida offerecida por um anónimo.

Mandou fornecer á repartição d'obras desta câmara diversos objectos necessários para o serviço da repartição.

Tomou nota das canalisações d'água executadas desde 10 a 17 do corrente.

Indeferiu uma pretensão de um proprietário desta cidade em que pedia o levantamento de uma quantia que tem depositada na thesouraria desta câmara para garantia de uma obra.

Mandou fornecer para a thesouraria desta câmara, uma escrivaninha.

—A justiça tem aqui um dever imperioso a cumprir; é necessário que saiba a verdade; mas sócêgue, meu caro amigo: a justiça procederá com toda a descripção. Daqui a pouco vam tirar o retrato ao conde de Romanes e modellar a sua cabeça, depois poderá levá-lo para o castello de Romanes e mandá-lo enterrar. Se algum jornal fallar de suicidio ou assassinato auctoriso o a desmentir o jornalista... A não ser que...

VIII

Primeiro leque partido

De repente o juiz exclamou: —E este leque, que faz elle aqui?

O conde de Romanes tinha caído entre a cama—uma cama de meio de quarto,—e o fogão, com a cabeça do lado do fogão. Tinha-se por isso morto, ou fora o junto do fogão. A esquerda, estava o revolver, á direita, mas a alguma distancia, um leque partido, meio encoberto pelo pano da mesa em que escrevia as suas cartas.

Ninguem tinha ainda reparado no leque, nem mesmo o procurador da Republica que acabava de fazer o desenho do quarto.

O juiz apanhou o leque.

—Espere, disse o procurador da Republica.

—Tem razão.

Auctorizou o vereador do pelouro da limpeza da cidade, á substituição de 4 bois empregados na mesma limpeza, por outros tantos, por aquelles se acharem inutilizados para o serviço.

Tomou conhecimento de uma declaração feita pelo vereador do respectivo pelouro, acerca de ter mandado fechar a água a um consumidor por não pagar a 2.ª prestação do fornecimento.

Despachou 156 requerimentos para consumo d'água por indicadores fixos até ao fim do corrente anno.

Auctorizou diversos pagamentos:

Mandou ler um officio do conductor d'obras da câmara, como esclarecimento á 1.ª parte de um officio do mesmo conductor de 20 de dezembro de 1900, explicando e completando aquelle, relativamente a umas faltas praticadas por um fiscal de cantoneiros municipaes.

Depois de algumas ponderações do problema do fornecimento de carnes verdes, que disse ser complexo e não poder ser resolvido convenientemente por uma ou outra câmara, sós, isoladamente e sem intervenção do poder central, e declarando o vereador do respectivo pelouro e o vice-presidente que antes da arrematação do dia 10 fallaram com alguns marchantes que lhes disseram não poder aceitar o fornecimento pelos preços estabelecidos para aquella arrematação sem algumas modificações, visto o estado actual do mercado de gados, resolveu a câmara que se annunciasse nova arrematação para o dia 7 de fevereiro por um anno a começar em 1 de março conservando-se as mesmas condições e tabella, mas sem indicação de preços, devendo os proponentes declará-los e podendo até subordiná-los aos do mercado de Lisboa, e reservando-se a câmara a faculdade de não adjudicar o fornecimento quando não lhe pareçam vantajosas as propostas e que se communicasse aos marchantes, actuaes arrendatários das barracas que podiam continuar a exercer alli a sua industria nas mesmas condições que presentemente enquanto não houvesse resolução definitiva do assumpto. Resolveu tambem incumbir a presidência e a commissão

que foi nomeada para tratar deste assumpto de elaborar um projecto de orçamento para a hypothese de a câmara ter de estabelecer açougues por conta própria.

AGRADECIMENTOS

Felismina Rosa Cardoso, Joaquina da Conceição e Rachel da Conceição, agradecem a todas as pessoas que por qualquer modo as coadjuvaram na prolongada doença que vitimou o seu sempre chorado marido, genro e cunhado Pedro Cardoso.

Não podem especialisar nomes, pois que a todos estão muito gratas pelas provas de dedicação e valiosos obsequios durante a fatal doença assim como pela occissão do passamento do seu intelliz Pedro.

Agradecem a comparência ao funeral, ás associações Monte-Pio Conimbricense Martins de Carvalho, dos Artistas de Coimbra, Grémio dos Empregados no Commercio e Industria, benemérita Corporação dos Bombeiros Voluntários, ao Partido Republicano de Coimbra e muito especialmente ao grupo que ultimamente soccorreu o desventurado.

Agradecem tambem á imprensa jornalística as palavras de saudade dedicadas á memória do saudoso extinto.

Coimbra, 5 de março de 1901.

Joaquim Augusto de Carvalho e Santos não podendo agradecer pessoalmente a todas as pessoas que se interessaram por elle, por sua mulher e seus netos mandando saber da saúde de todos, na prolongada doença, por que passaram, lança mão deste meio, agradecendo a todos, reconhecido, tantas provas de interesse e amizade.

Aproveita tambem esta occissão para agradecer ao seu amigo o ex.º sr. dr. Vicente Rocha, o cuidado e carinho, que, como medico, a todos dispensou.

ADVOGADO

CLEMENTE ANNIBAL DE MENDONÇA

Conservador privativo do registo predial de Coimbra

R. dos Continhos, 3

E o juiz tornou a pôr o leque onde o tinha encontrado.

Depois disso, o procurador da Republica indicou-o exactamente no desenho.

—Viui bem que o leque está quebrado, continuou o juiz.

Toda a gente se curvou para ver melhor.

—Porque está este leque partido neste quarto? Porque está partido?

Tornaram a chamar o creado que já tinha sido interrogado:

—Então? Precisemos os factos.

—Não vi nada.

—Tinha saído durante a catástrophe?

—Tinha. O senhor conde tinha-me mandado ao Club entregar dois mil francos a um dos secretários.

Fui tambem á casa Rothschild, por causa dum negócio.

—O conde de Romanes ficava muitas vezes só aqui?

—Muitas vezes não. Algumas sim. Depois que a senhora condessa se foi, o sr. conde tinha-me conservado só a mim ao seu serviço. Almoçava no café Foy e jantava no Club ou em casa d'algum amigo.

—E' verdade, disse o tio de Fernando. Tudo se simplificara em volta de Fernando; hoje, por exemplo, tivemos uma difficuldade enorme para almoçar.

(Continúa).

EDITAL

A commissão do recenseamento eleitoral do concelho de Coimbra faz saber, que, por decreto de 28 de fevereiro ultimo, publicado no *Diário do Governo*, de 4 do corrente mês de Março, foi prorogado até ao dia 17 deste mesmo mês, o prazo legal para affixação das relações do recenseamento eleitoral deste concelho, mandando o referido decreto que nos actos subsequentes se observem prazos analogos aos estabelecidos na carta de lei de 26 de julho de 1890.

Prazo para as operações do recenseamento

Affixação das relações do recenseamento nas portas das igrejas, em 17 de março; prazo para as reclamações apresentadas ás commissões do recenseamento, 10 dias; fim do prazo para as reclamações e encerramento da exposição das relações do recenseamento, a 27 de março; decisões sobre as reclamações e alterações correspondentes nas relações do recenseamento, até 4 de abril, prazo 8 dias; publicação das alterações por editaes affixados nas portas das igrejas e primeiro dia da exposição do recenseamento alterado, 8 de abril, prazo 4 dias; encerramento da exposição do recenseamento alterado, 14 de abril, prazo 6 dias; prazo do recurso para o Juiz de Direito da comarca, 22 de abril, prazo 8 dias; ultimo dia dos recursos para o Juiz de Direito da comarca, 22 de abril; decisão de recursos para o Juiz de Direito da comarca, até 2 de maio, prazo 10 dias; notificação das decisões, até 10 de maio, prazo 8 dias; alterações feitas pela commissão nas relações do recenseamento, segundo os despachos do Juiz, até 14 de maio, prazo 4 dias; publicação das alterações por editaes affixados nas portas das igrejas, 15 de maio, prazo 1 dia; prazo dos recursos para a Relação, 20 de maio, 5 dias; ultimo dia do prazo dos recursos para a Relação, 20 de maio; apresentação dos recursos na Relação, até 30 de maio, prazo 10 dias; prazo para o julgamento dos recursos na Relação e dos recursos para o Supremo Tribunal de Justiça, até 29 de junho, 30 dias; devolução dos processos á 1.ª Instancia, até 2 de julho, prazo 3 dias; notificação das decisões da Relação e do Supremo Tribunal de Justiça ao secretario da camara municipal, até 7 de julho, prazo 5 dias; Organização do livro do recenseamento, até 14 de julho, prazo 7 dias; encerramento do livro do recenseamento, em 15 de julho, prazo 1 dia; remessa das cópias para o Governo Civil e para o Juiz da comarca, até 4 de agosto, prazo 20 dias.

Coimbra, sala das sessões do recenseamento eleitoral, 6 de março de 1901.

O presidente,
Manuel Dias da Silva.

Mercearia Popular

Patricio da Silva Costa

90, RUA DOS SAPATEIROS, 94

Artigos de mercearia taes como tabacos, assucar, arroz, chá, bacalhau, massas, manteiga, azeite, petróleo, farinhas, bolachas, sabão, stearina, goma, etc., etc.

Especialidade em café de Angola, S. Thomé, Cabo Verde e do Rio. Torrados ou muidos á vista do freguês.

Preço dos assucares

N.º 1 branco fino...	260 réis
N.º 2 " " " "	255 " "
N.º 3 " " " "	244 " "
N.º 4 " " " "	240 " "
Amarelo,	235 " "

Negócios forenses e académicos

ESCRITORIO

Praca S de Maio, n.º 8

COIMBRA

Matriculas, cartas de bacharel, de licenciado, de doutor, do curso preparatorio para o internato na Escola do Exército, de habilitação de médicos estrangeiros para o exercicio da clinica em Portugal, de pharmacia e todos os mais negócios dependentes do Lyceu central e da Universidade de Coimbra:

Encarrega-se d'elles, além de todos os negócios judiciaes com a mais escrupulosa honestidade e modicidade de preços, o solicitador encartado Joaquim da Costa Rodrigues.

Este escriptorio com 18 annos de existência, onde os ex.ºs académicos ou seus ex.ºs representantes e mais pessoas se podem dirigir com inteira confiança, tem as melhores referências, comprovadas por documentos apresentados no secretario da própria Universidade.

Sapataria Progresso

(Antiga casa Daniel Guedes)

39 — Rua da Sophia — 41

Coimbra

Nesta officina executa-se com rapidez e esmero toda a qualidade de calçado e tem em deposito variado sortimento de cabedães dos principaes fabricantes nacionaes e estrangeiros para que os seus clientes, querendo possam escolher. Também ha grande quantidade de calçado feito para homem, senhora e creança.

Os preços, sam muito reduzidos — **Como pôde verificar-se pela tabella existente neste estabelecimento.**

39 — Rua da Sophia — 41

COIMBRA

Restaurador do cabelo

PREPARADO POR

Francisco Miranda d' Assis

Pharmaceutico pela Universidade

Dotado de um cheiro agradável, este preparado torna-se muito recommendado pelos bons resultados que tem alcançado; tonifica o cabelo, obstando á sua queda, e evita e limpa a caspa, sem que produza irritação alguma.

Convém usá-lo diariamente para se poderem apreciar os seus benéficos effeitos.

PHARMÁCIA ASSIS

41, — PRAÇA DO COMMERCIO — 42

COIMBRA



— Camarada! Então eu pedi-te a farda velha e tu trazes-me a nova?

— Não, meu tenente, esta é a mais velha, mas como eu a limpei com a benzolina por isso parece a nova.

A benzolina tira todas a nódoas de gordura alcatrão, óleo, etc. e também lava luvas. Vende-se no Zacharias, rua da Calçada.

Coimbra

As constipações, bronchites, toses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratórios, atenuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão*, compostos, (**Rebucados Milagrosos**), cuja efficacia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessoas que os têm usado, e verificada e atestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias, drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

Consultório dentário

Rua Ferreira Borges (Calçada), 174

Herculano de Carvalho

Médico

Consultas todos os dias das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

Gratis aos pobres aos domingos e quintas feiras, das 8 ás 9 da manhã.

PROBIDADE

Companhia geral de seguros

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL 2.000.000\$000

RUA NOVA D'EL-REI, N.º 99, LISBOA

Efectúa seguros contra o risco d'incêndios

Correspondente em Coimbra, Cassiano A. Martins Ribeiro — Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Fábrica de cimentos de Maceira (LEIRIA)

28 Cimentos naturaes de presa lenta.

Análises officiaes feitas nos laboratórios da 1.ª circunscripção hydraulica.

Os melhores cimentos naturaes do país especialmente para obras hydraulicas.

Cimento Rápido — Cal hydraulica.

A venda nos principaes estabelecimentos de ferragens, de drogarias e de materiaes de construção.

Direcção para a fábrica.

MACEIRA — LEIRIA

ROTULOS

para pharmácias, mercearias, livreiros, etc. Imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

Bom emprego de capital

VENDE-SE uma esplêndida casa a entrada do lugar de Cellas. Tem bellas commodidades para familia numerosa, um esplêndido jardim, água nativa canalizada para a cosinha e casa propria para arrecadação.

Quem a pretender pode dirigir-se á rua Visconde da Luz, n.º 40, onde se trata da venda.

ESTABELECIMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, 52, (Em frente do Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia do Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ras, crês, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Rédes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutiloria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa lavatório e cozinha.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços commodos.

Tem bons quartos para alugar accetando hospedes permantes.

O proprietário,

José Maria Junior.

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Economia garantida 50 Orº

Bicos Bébé Aureo a 2\$000 réis	preço antigo 2\$500 réis
Bicos n.º 1 " a 3\$000 réis	preço antigo 4\$000 réis
Bicos n.º 2 " a 3\$500 réis	preço antigo 4\$500 réis
Mangas Bébé n.º 1 a 400 réis	preço antigo 500 réis
" " n.º 2 a 450 réis	

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Candeleros em todos os géneros; canalisções e outros artigos.

Ninguém vende mais barato em Coimbra nem na Figueira da Foz

R. Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA



OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietario — *Manuel dos Reis Gomes*

R. Martins de Carvalho, 7 e 9

COIMBRA

Impressões de livros, folhetos, diplomas, mappas, facturas, memoranduns, recibos, circulares, estatutos, rótulos, bilhetes de visita, etc.



CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno: 2\$700 réis; semestre: 1\$350 réis; trimestre: 680 réis.

Sem estampilha—Anno: 2\$400 réis; semestre: 1\$200 réis; trimestre: 600 réis.

Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja re-essa este jornal fôr honrado.

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6

Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral

Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

O decreto do dia 10

A agitação nacional que se propagou como um relampago dum a outro extremo do país contra o escandaloso predomínio das ordens religiosas, e que ameaçou de um para o outro momento converter-se em insurreição declarada contra a monarchia, levou o governo a promulgar o decreto do dia 10 ordenando aos seus delegados de confiança nos districtos que, dentro do prazo de 8 dias, informem do número dos conventos existentes na area a seu cargo, se existem allí congregações de character religioso, quaes as suas denominações, institutos ou regras, assim como prescreve no tocante ao disposto no decreto de 5 de agosto de 1833, se ainda nos conventos de freiras se fazem noviçados, afim de serem desde já prohibidos.

Os governadores civis, pelo que se vê, têm muito que informar e o governo muito que proceder. Da sinceridade, ou da malícia que levou o actual gabinete a promulgar um decreto dessa natureza, nada se pode por enquanto ajuizar, e, pelos seus funestos antecedentes, o gabinete inspirou-se num duplice machiavelismo para armar ao effeito e a opinião independente que tam dignamente tem protestado, deve continuar a faze-lo, vigiando activamente o procedimento do governo.

A lucta tem de ser violenta, persistente e tenaz. Os reaccionários, encurralados no paço, dispondo duma influencia enorme, têm recursos de sobra para a sustentar, e embora o governo—profundamente alarmado com o perigo que correm as instituições—seja desta vez sincero no seu propósito para acalmar de prompto o movimento que lavra intensamente em todo o país—o jesuitismo hade luctar enérgicamente, levando a sua opposição até ao regicídio, a doutrina favorita da seita que ordena a supressão dos obstáculos.

Cosmopolitas de todas as ideias, servindo umas vezes dedicadamente, fanaticamente um partido, outras tantas, atraçoando-o hypocritamente, a maldita seita de Loyola levantou noutras eras o punhal do regicídio contra monarchas catholicos e os monarchas completamente emancipados da odiosa tutela de Roma. Foi assim que para dominarem completamente e escravizarem a sua vontade a França dos Valois, armaram o braço de Jacques Clement contra Henrique III quando a derradeira e degenerada vergonheira duma grande dynastia cercava Paris que tentava subtrahir-se a sua obediência, sustentando abertamente a tam decantada *Liga Catholica*, á frente da qual collocaram o ridiculo cardeal de Bourbon com o nome magestático de Carlos X. Foi assim que mais tarde victimaram o grande Henrique IV—o tolerante e sagaz monarcha revogador das obsoletas ordenações que remontavam ao talento medieval de Luis VII, em que o chanceller Philippe de

Coumies estabelecia o juramento de fidelidade ao papa para se poder exercer qualquer cargo dependente do poder secular! e o sagaz politico promulgador do celebre *Edito de Nantes*, ou o tratado de paz religiosa entre catholicos e protestantes, quando o sympathico e grandioso rei se dirigia para a fronteira do leste a tomar o commando do exercito com que contava abater de vez o poderio da casa de Austria.

Ravaillac, um descrente fanatisado pelos jesuitas, cortou com uma punhalada o futuro da França, felizmente reparado pouco depois pelo cardeal de Richelieu.

Poucos annos antes o odioso jesuita Persous attentou audaciosamente contra os dias de Izabel Tudor—a grande rainha de Inglaterra—tentando depois justificar o malogrado attentado como uma vingança contra a execução de Maria Theart: *desta intrigante que, depois de ter ensanguentado a Escócia, pretendeu o throno da Inglaterra!*

Nos nossos dias todos os attentados executados por facinorosos elementos que a sombra dum principio commettem toda a casta de infamantes attentados, exactamente como os fanaticos maculam o pendão da cruz prostituindo a virgindade e algemando o pensamento com a oppressão da mais feroz intolerância, têm sido tramados pelos jesuitas.

Actualmente nenhum monarcha europeu desde o omnipotente czar da Rússia até ao modesto principe do Montenegro, está seguro no seu throno, nem sciente de poder contar com o dia de amanhã. Não é o poder internacional dos elementos revolucionarios e ultra revolucionarios—republicanos e socialistas que determinou e creou similhante situação, mas tam sómente o poder internacionalista dos ultramontanos sectários de Loyola, que incitando os chefes d'Estado, organisaram o grande terror moral que colloca os thronos á mercê da Roma papal.

Se o governo procede sinceramente nesta questão de tam transcendente gravidade e de tam incalculaveis consequências futuras, não deve desanimar na *grandiosa* e porfiada lucta que *gloriosamente* encetou com a sympathica promulgação do decreto do dia 10. Contudo, a opinião pública, compete porém não depôr as armas que tam intelligentemente soube manejar. Antes pelo contrario o seu mais sagrado dever é prevenir duas importantes hypothèses: a primeira consiste em vigiar activamente, attentamente, o procedimento do governo, e a segunda proseguir na lucta pela Liberdade e a Democracia—mesmo depois de cumprida a lei contra as congregações religiosas—sendo então a orientação a adoptar a da *Secularisação do Ensino, reivindicção da liberdade de cultos*, e sobretudo—a do *Suffragio Universal*.

Ao Directorio submetto este alvitre inspirado pelo meu ardente desejo de servir a Pátria e a Democracia.

FAZENDA JUNIOR.

A academia do Porto

E' para admirar e louvar o procedimento dos estudantes do Porto que continuam na sua attitude altiva de protesto.

Na reunião solemne do dia 12 de março, a academia do Porto, accentuou o seu protesto, qualificando justamente a portaria de 10 de março e tributando a sua homenagem de respeito aos professores que vieram collocar-se ao lado dos alumnos numa questão de livre pensamento, accentuando assim a incompatibilidade da nação com o ensino jesuitico que em Portugal tem a condemnação brilhante do Marquês de Pombal.

Moção

A Academia do Porto reunida em assembleia geral:

Considerando que todas as vezes que o país se ergueu exigindo a expulsão das ordens religiosas, foi ludibriado pelos governantes com legislações ficticias jámais postas em prática;

Considerando que a actual portaria do sr. Hintze Ribeiro tem por fim desviar e desvirtuar o grande impulso social que atravessa a sociedade portugueza;

Considerando que esse trecho de litteratura parlamentar só logra embahir incautos em phase de ingenuidade, e serve de arma repressiva aos mantenedores do statu quo;

Considerando mais que apenas envolve vagas promessas, visto que além dos inqueritos serem usualmente protelados e falseados, não é possível no estado actual das ordens religiosas alcançarem mais que resultados illusorios;

Considerando que, estribados nos principios scientificos, nos cumpre manter as doutrinas que persistentemente affirmamos desde 1898.

Resolve:

1.º Publicar uma série de manifestos doutrinaes em que, pela analyse das regras institutos e evolução histórica das respectivas congregações religiosas se evidenciem os seus intuitos, organização e acção que podem exercer no corpo social;

2.º Que se officie aos Lyceus e escolas de instrucção especial do norte, mostrando-lhes a conveniência de adherirem;

3.º Que se convidem todas as associações operárias de classe, aggremações congengeres, etc., do norte do país, a enviarem delegados a esta cidade, para que, reunidos no próximo domingo, em conferência com as commissões academicas, organisem o meio de coordenar, disciplinar e proseguir o movimento iniciado;

4.º Que se signifique aos illustres lentes das escolas de Lisboa que tomaram a deteza dos aca-

démicos a alta estima que lhes votamos pela comprehensão dos deveres que lhes cabem pois que, despresando a velha concepção do cathedrático sempre em lucta com os discipulos, como professores modernos têm communidade de ideias e interesses com os seus alumnos, e na independência da grande missão que lhes compete não se deixam relegar a simples instrumentos do poder central.

Porto, 12 — 3 — 901.

Padua Correia.

Em seguida o sr. Pires de Lima no meio dos mais calorosos enthusiasmos propoz:

Moção

Considerando que a educação reaccionaria tem sido um estorvo constante para a evolução da mentalidade portugueza;

Considerando que os clericos, com os meios multiplos de que dispõem, se têm insinuado na vida intima das familias mais abastadas e preponderantes do nosso país, avassalando-lhes as consciências;

Considerando que a academia do Porto, como collectividade digna e illustrada, precisa de manter a nobre linha de conducta traçada ha dois annos nos seus memoráveis manifestos;

Considerando que a sociedade portugueza só resurgirá soffrendo uma remodelação completa nos seus processos educativos; e

Considerando que a Academia do Porto tem o dever de tentar contrapor á instrucção erronea e velha dos preceptores clericos, ministrada aos filhos dos grandes, a divulgação pelas mais humildes e honradas camadas sociais, das verdades luminosas da sciência moderna,

Proponho:

1.º Que a Academia do Porto incie desde já uma série de conferencias ou prelecções publicas, dedicadas especialmente á classe operaria;

2.º Que nessas conferencias se ensinem as mais notáveis concepções scientificas principalmente as relativas ás sciências biologicas;

3.º Que se nomeie uma commissão que trate de organizar para outubro proximo um cento educativo, que seja a base para a criação duma Universidade Livre, semelhança ás que nobilitam tantas cidades da Europa;

4.º Que fique desde já assente que para professores dessa Escola sejam preferidos estudantes pobres, remunerados pela projectada Sociedade Philantropica, fazendo-se assim com que os subsídios, fornecidos por essa Sociedade em vez de serem uma esmola, que é sempre humilhante, sejam antes a recompensa dum grande serviço.

Porto, 12 — 3 — 901.

J. A. Pires de Lima.

A' saída os estudantes encheram as ruas dos seus clamores pela liberdade e contra as ordens religiosas.

Carta de Lisboa

8 de março.

O caso do dia é o decreto ontem publicado no *Diário do Governo*, que eu não deixo de chamar, em toda a parte onde falle ou escreva, o *decreto-burla*.

Esse decreto tem uma história que se liga com a que narrei na minha última carta.

Trata-se ainda das duas correntes de opiniões que se cruzam no paço, a respeito de coisas religiosas como o respeito de tudo, desde certo incidente narrado com pormenores na *Aurore*, de Paris.

O governo estava na coalisção de querer agradar ao rei, subito voltado para os jesuitas e sequaques, e de querer ao mesmo tempo agradar á rainha, protectora desvelada da mesma gente.

Foi nesta altura que se deu um incidente que os diários da capital não relataram.

No sabbado, quando o rei vinha para o theatro, uma multidão, a que vinha de apedrejar as Trinas, apedrejou a carruagem real... na altura de Santos, aos gritos de—Abaixo a realza! Viva a República! Morram os jesuitas!

O rei chamou immediatamente Hintze e obrigou-o a dar cumprimento immediato ás leis relativas a casas religiosas sob pena de demissão.

Mas Hintze tinha os seus compromissos com a rainha e respectiva *entourage*. Redigiu por isso o decreto nos termos em que elle appareceu, de fórma a ficar margem, e bem larga, para não ir de encontro aos desejos da filha do conde de Paris, que, se um dia não manda nada, no outro manda tudo.

Como vêem, uma grande questão nacional está dependente de uma pequena questão doméstica—questão dum lar, questão dum *ménage*.

Em Portugal, o constitucionalismo, na sua astúcia fraca, deunos isto que estão vendo.

Interesses nacionaes, interesses da sociedade, interesses da humanidade, collocaram-se na dependência de birras, amuos e divergências da familia.

Um *ménage* subordina um país. A questão religiosa é uma questão de dois esposos.

Não estará isto indicando o que é preciso fazer-se, que movimento deve impôr-se?

F. B.

Jesuitas

Por lapso de revisão saju incorrectissimo o artigo—*Jesuitas*—do nosso último número. Conquanto de fácil emenda, sam tam numerosas as *gralhas* que se torna indispensavel fazer a prevenção afim de evitar os doestos e as graças de alguns theologos mal intencionados.

E nós queremos poupar o gaudio aos moços e aos leitores de um *mais que lido* jornal novas massadas theologicas...

A MAÇONARIA

Ou não sabemos ver nem perceber coisa nenhuma, ou essa instituição tem de viver a occultas, como instituição secreta que foi em todos os tempos e deve ser hoje, onde se discutiam largamente problemas sociais, imprimindo a sua acção decisiva influencia na obra dos governos e até dos estados. Uma instituição mais ou menos revolucionária enfim.

E é hoje, em Portugal especialmente, alguma coisa d'isso? Sombras d'isso?

Em Inglaterra é grão-mestre o monarca, que recebeu da maçonaria portuguesa condolências pela morte de sua mãe.

Dir-se-hia que essa gentileza, aliás talvez devida, não precisava nem devia ser posta ao sol. Cumprimentos duma instituição secreta, comprehendese que secretos, ignorados dos profanos deviam ficar, bem como o agradecimento...

Mas diversos jornaes de Lisboa noticiam:

O rei de Inglaterra, grão-mestre da maçonaria inglesa, mandou agradecer a maçonaria portuguesa as condolências que esta fraternalmente lhe endereçou, por occasião da morte da rainha Victória.

E a grande loja, supremo conselho da ordem, ou o quer que seja que lá em Lisboa comanda as tropas espalhadas pela provincia, não pede contas ao inconfiante, para dar-lhe com o martelinho na cabeça? E o *supremo architecto* não *fulmina* o bisbilhoteiro ou bisbilhoteiros?

Não, que a linguarada de agora é uma sombra pallida doutra que ha pouco tempo se viu: — um jornal de Lisboa — a *Vanguarda* se bem nos recorda — a publicar extractos das sessões da tal *grande loja*, *supremo conselho da ordem*, ou quer que seja que de lá dá as leis para a provincia!...

Ora bolas!

De sorte que a maçonaria hoje está sendo uma espécie de dandysmo para soalleiro e para exposição das primeiras figuras. A'cerca de trabalhos úteis, que a similhem à sombra sequer, do que foi noutras eras, talvez te responda...

Bolas!

Debate-se actualmente a questão das ordens religiosas. A população e os académicos andam na rua. E a maçonaria? o governo central dessa coisa?

Trabalha a occultas, como convém, mas decerto manipulando ovos moles, a golpes de malhete, para servir aos *geraes da ordem poderosa*.

Se elles praticaram a infantildade de reclamar para que o enterro de Elyas Garcia, o fallecido grão-mestre, fosse pela igreja!! E é que o conseguiram...

Bolas, bolas e bolas.

Mais sensato e perspicaz foi

o frei José dos Quarações que se oppunha exactamente para lograr que os *jurados maçons* lhe beijassem a fimbria do roupão, para lhe obterem o consentimento. E é que o conseguiu tambem, o tonsurado...

Para honra e glória dos generaes da *poderosa ordem* de... do *supremo architecto*.

Bibliotheca da Universidade

Está publicado o segundo número do *Archivo bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra*, publicação mensal que iniciou o sr. dr. Mendes dos Remedios, actual director da bibliotheca.

E' um dos bons serviços que o sr. dr. Mendes dos Remedios, cujas qualidades de intelligência e de trabalho sam bem conhecidas de todos os que amam a litteratura do nosso pais, está prestando à Universidade e aos estudiosos.

A collecção de manuscritos da Universidade, formada de alguns restos das livrarias das ordens religiosas, e de donativos em que sobressahem pelo valor e pelo número os de João Pedro Ribeiro, é mal conhecida e pouco aproveitada, se exceptuarmos os trabalhos do dr. J. C. Ayres de Campos e os modernos do sr. dr. Mendes dos Remedios e Teixeira de Carvalho.

E' todavia uma collecção valiosa, cujo conhecimento reserva mais de uma surpresa aos que se interessam pela história da nossa litteratura e dos nossos costumes.

O sr. dr. Augusto Mendes Simões de Castro, o consciencioso archeologo coimbricense, que em numerosos artigos d'O Instituto e no seu Guia histórico de Coimbra, tem publicados muitos dos documentos manuscritos da collecção da Bibliotheca, e tem denunciado mais dum aos eruditos do nosso pais que tantas vezes citam o seu nome com as palavras de louvor que merece o seu character e o seu saber, é que tem procedido agora a catalogação dos manuscritos, examinando os uns a um, e emendando os erros do antigo catalogo incompleto e imperfeito.

Este número contem o *Catalogo das revistas, jornaes e outras publicações periodicas recebidas na Bibliotheca da Universidade de Coimbra*, e acaba a publicação da *Carta q' o Autor escreveu a hum seu Amigo em q' se conta a Vinda dos Ingressos a Lix' com dom António Prior do Crato no Ano de mil e quinhentos e oytenta e nove annos*.

O Archivo bibliographico é uma publicação modelar que honra a bibliotheca da Universidade e a sua direcção superior.

O Grupo Musical José Mauricio realisa no dia 19 do corrente pelas 7 e meia da noite uma sessão solemne para commemorar o anniversario de José Mauricio o músico filho de Coimbra cujas composições fazem tanta honra à arte nacional.

Nos archivos dos mosteiros dos arredores de Coimbra, sobretudo nos de Semide e Lervão encontraram se composições religiosas desconhecidas deste e doutros músicos de Coimbra que foram recolhidas na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

O Grupo Musical José Mauricio é uma associação que tem em Coimbra sympathias geraes.

O sarau deve por isso ter o brilho das sessões antigas que correram sempre no meio dos maiores applausos numa animação alegre e sã.

O Jesuitismo em face da Igreja

A evolução duma ideia revolucionaria um povo. Portugal inteiro, consciente e digno, clama contra o jesuitismo, numa ruidosa manifestação, o seu pensamento soberbo — a liberdade da pátria!

E como essa liberdade, por todos anciosamente aguardada, depende da expulsão completa da fatal companhia, do acabamento dos seus recolhimentos, é por essa razão que Portugal, consciente e digno, clama bem alto, pondo em relevo os crimes dessa seita que faz da sotaina, que lhe ornamente a devassidão da carne, coio de concubinação e agência de exploração de fortunas.

A mocidade innocente, corre para esse bando infame, não pela belleza de que a natureza os dotou, nem pela atracção da phrase; mas arrastada pelo excesso de fanatismo, por um veio que lhe obscurece a imaginação, fazendo-a unir em estreito laço a companhia à igreja. E da companhia à igreja, vai uma distancia enorme.

A companhia só conduz ao crime e ao obscurantismo, eivada dos males hereditarios dos seus predecessores e esquecida dos votos de humildade, caridade e castidade, enquanto a igreja firmada naquella sublime verdade de Jesus *amae vos uns a outros*, funda a sua liberdade d'acção, aspirando nas grandes concepções modernas a Luz e pugnando pela razão.

De modo que não é sómente a mocidade que erra pela sua ignorância, mas tambem aquelles que confundindo o jesuitismo com a igreja, combatem as duas coisas.

Ha muito a separar. A igreja sempre foi boa e humanitaria; serve para a união dos povos e arrasta não ao fanatismo, mas á fé suave e ao recolhimento sereno; não combate os descobrimentos, nem as grandes concepções, das quaes possam advir a suprema perfeição, de modo que pugna pelo adiantamento dos povos; ao passo que o jesuitismo baseado no sonho dum louco pelo fanatismo e pelo egoismo de ser grande e unico, atrasou a civilização durante mais de três séculos e foi a causa da morte e da miseria de homens, como Camões, Campanella, Galileu, Giordano, Pedro Albano, Vanini e outros; de homens que poderiam ser maiores se lhes não faltasse a ajuda dos reis, que jaziam na inacção, presos nas fortes cadeias do jesuitismo.

Até Descartes, recendo a sorte dos outros sábios, se atemorizou na publicação do seu bello livro *Le Monde* e como elle, Wier, Flade, Gesbert, Copernico, Leibnitz e Lavoisier que foi atormentado por dizer que *na natureza nada se perde e nada se cria!* E assim proseguindo, a companhia temendo que o adiantamento da civilização lhe levantasse embaraços na obra de rapina, toma conta da Universidade e ensinando, obscurece em vez de aclarar, conssegue o seu fim durante três séculos.

Estes três séculos foram como a Edade Média na litteratura, uma noite de obscuridade, uma noite d'onde se accordou ao grito do grande estadista que se chamou Marquês de Pombal.

De modo que o jesuitismo, foi causa primacial do pouco desenvolvimento na evolução social e nas aspirações do desenvolvimento mais puro e nobre — a Liberdade!

E confundindo se a igreja com o jesuitismo, pratica se um erro grave.

Não foi a igreja a causa do adiantamento progressivo da sociedade, a causa que fez cair por terra as religiões pagãs?

Tudo o que a igreja tem de bom, tem o jesuitismo de mau!

E, clamando contra o jesuitismo, não clamo contra a religião do estado; clamo sómente contra um bando que avança na sombra, á luz da intriga e vivendo da crápula para subjugar os reis e subir com elles aos alcatefados degraus do throno.

Por isso quero, aqui, bem diferenciado o jesuitismo da igreja e confessar que o povo não quer mais que a abolição de tudo que pareça jesuita.

Portugal consciente e digno na sua ruidosa manifestação, subiu um degrau na escada da civilização e pode comparar-se ás nações que adeantadas no movimento intellectual, sabem excluir o mal e premiar o bem.

Portugal mostra ao menos que não é, como se pensava, uma nação morta, se na acção se manifesta moribundo no pensamento é grande. E já dizia um grande francês *«a nação que pensa é uma nação que trabalha, e como da actividade resulta a vida, essa nação está em plena força de existência»*.

8 — 3 — 1901.

PAIVA DE CARVALHO.

Acha se terminada a instalação dos objectos de ferro e bronze do museu d'antiquidades do Instituto.

Os objectos que pertencem na sua maior parte ás collecções de A. A. Gonçalves e de Teixeira de Carvalho foram expostos em mostruários elegantes de madeira, feitos segundo desenhos de António Augusto Gonçalves.

Começa a lutar-se com falta de espaço.

Na secção de cerâmica vâm ser collocados dois grandes paineis de azulejo do século XVIII.

Um representa S. José e é datado de 1738, o outro figura S. Thereza e tem a data de 1749.

Ambos elles sam rodeados dum motivo decorativo bem desenhado revelando mão experimentada. Mostram ser de origem coimbrã.

Realizou-se, no domingo, como haviamos noticiado, a reunião do partido progressista de Coimbra, para inauguração do seu novo centro, e inauguração dos retratos do sr. José Luciano de Castro e dr. Pedro Monteiro Castello Branco.

Fallaram os srs. drs. Assis Teixeira, fazendo a apologia do sr. dr. Pedro Monteiro Castello Branco e José Luciano de Castro, Dias da Silva e Mendonça Cortez que foram delirantemente applaudidos.

Procedeu se ás eleições que deram o resultado seguinte:

Assembleia geral—Presidente, dr. Pedro Monteiro; vice presidente, dr. Bernardo de Albuquerque; secretários, dr. Parreira e José Rodrigues d'Oliveira.

Direcção—Presidente, dr. Assis Teixeira; vice presidente, dr. Ribeiro de Vasconcellos; secretario, dr. Cruz Amante; thesoureiro, sr. Miguel Braga; directores, srs. Manuel Miranda, Francisco de Sousa Nazareth, dr. Porphýrio Novaes e José Diniz Simões.

Conselho fiscal—dr. Sousa Gomes, Aureliano dos Santos Viagas e Adriano de Jesus Lopes.

Commissão executiva no districto—srs. Pedro Monteiro, Costa Lobo, António de Pádua, Joaquim Gaspar de Mattos e Mendonça Cortez.

A sessão correu muito animada. O sr. dr. Costa Lobo fez um discurso entusiastico!

Ouviu-se tambem um hymno novo do partido. O d'A Maria da fonte está velho e começa a comprometter.

Foi uma festa bonita que ia prejudicando o éxito da procissão do Senhor dos Passos.

Rendas de casas

Parece que entra breve em discussão a proposta de lei, do ministro da fazenda sobre a renda de casas. Começada que seja essa discussão, o deputado A. Rodrigues Nogueira proporá, affirmarse, uma emenda para que se estenda até ás rendas de 250000 réis o impôsto minimo de 6 por cento, e o maximo ás de 400000 réis para cima, e que fiquem isentas de qualquer contribuição as rendas até 50000 réis.

Emenda de distribuição tributaria algo equitativa, alliviando um pouco tantissima gente que lucha com grandes difficuldades para pagar a renda de modestissimas habitações uns, e de miseraveis alojamentos outros, vendose ainda sobrecarregados com a alcavala da contribuição, não irá, certamente, merecer o *amen* da conspícua maioria, o que tanto vale como dizer—do governo.

Enfim, aguardamos esperanças, poderá o caso passar por *bamburrio*, e façamos votos por que, apparecendo a emenda, o *altissimo* da maioria lhe ponha a virtude.

Domingo corria pela cidade com insistência que a procissão do Senhor dos Passos daria logar a uma manifestação anti-jesuitica.

O medo fizera correr o boato, dando isso logar a que espiritos catholicos, mas amigos da paz, se negassem a accetar o logar honroso das borlas do pendão.

Afinal, lá saiu a procissão, quando ninguém esperava, mais cedo, por causa da inauguração do centro progressista.

A tudo se sacrificou o Senhor dos Passos.

A procissão correu sem incidente.

A' noite, grupos de populares e estudantes correram as ruas em vivas á liberdade e mortas aos jezuitas.

Ao chegarem á casa do conego Ramalho, os gritos redobram de violencia e algumas pedras começaram a partir os vidros, retirando entam os estudantes e continuando o grupo a apedrejar a casa do Ramalho que ficou sem um vidro e sem uma telha.

Foi um facto lamentavel, mas...

Mas o Ramalho tem em Coimbra a peor das reputações. As cartas d'exploração publicadas pelos jornaes, que revelaram o seu espirito d'intriga, desorganizando uma familia e valendo-se da loucura duma senhora, fizeram com que o Ramalho seja em Coimbra o typo que os attentados últimos de Madrid e Porto pozeram agora em evidência.

Factos recentes, que ai correm, deram ao Ramalho uma *actualidade* que explica a manifestação que poderia ter ido mais longe, se não fosse a attitude do sr. commissário e dos estudantes.

Ha muito tempo que ninguém sabe explicar como o sr. Bispo Conde, tam cioso de reputação dos seus subordinados, não affastou ainda da sua diocese este elemento antipathico e desacreditado.

Em Lisboa têm continuado as manifestações dos estudantes, sendo impotentes para as abafar as ordens severas dadas por o ministro da guerra, tentando impedir os estudantes militares de tomarem parte nellas.

A imprensa em geral queixa-se dos abusos policiaes, prendendo arbitrariamente os cidadãos e espancando a torto e a direito.

Continua a exhibição irrisoria de bonecos de palha vestidos de jezuitas com grande escandalo da policia.

O commissário de policia tem corrigido publicamente os desmandos dos seus subordinados

LITTERATURA E ARTE

A UMA CREADA DE SERVIR

(INÉDITO)

Veio da terra ha poucos meses; é corada
E robusta e alegre, as suas ancas sam
De mulher que nasceu para ser fecundada,
Para ser Mãe duma invencível geração.

A sua bôcca sã não é frígida e exangue;
Vê-se bem ao olhar lhe a côr, nunca esvaída,
Que essa rosa vermelha é regada p'lo sangue
Que lhe percorre o corpo a palpitar p'la vida.

Usa o cabelo negro em dois bandos abrindo
Sobre a testa pequena e lisa de inconsciente,
E nos olhos possui aquelle pasmo infindo
De quem nunca pensou as impressões que sente!

E como ainda ha pouco abandonou a aldeia
A cidade produz lhe um estontamento e faz
Com que ella chore a clara luz da lua cheia
E abomine o clarão amarello do gaz.

Tem no trigueiro rosto apenas a fragancia
Da mocidade; e o seu andar, firme e pesado,
Accentua ainda mais a falta de elegancia
Do seu corpo brutal e sem nenhum agrado.

E eu que sempre adorei a graça esvelta e frágil
Dizendo o seu triumpho em preciosas roupagens,
As mãos com um poema em cada gesto ágil,
Os olhos com a luz dos longes das paysagens,

Eu chego até a amá-la — assim alegre e rude
Entre uma geração de tristes e doências,
Que arrastam, insexuaes, nos corpos sem saúde
Almas virgens do amor, de sonho e de alegrias!

Eu chego até a amá-la — assim forte e corada
Mostrando sem vergonha os robustos artelhos,
Apezar de saber que os padeiros, na escada,
Beijaram muita vez os seus beiços vermelhos!

Que ao menos é mulher, tem braços p'ra abraçar,
Não p'ra fazer, na Rua, orgulhosos meneios,
E se nunca aprendeu o modo de trajar
E é simples e boçal, tem ancas e tem seios.

E quando os filhos lhe vierem, já mais tarde,
— Na transfiguração de mulher para Mãe,
Morta a chamma sensual em que o seu riso arde
E a tentação que o seu olhar hoje contém —

Perderá a profunda e nativa rudeza,
O seu ar ha de ser quasi que divinal,
Porque a suprema graça e a suprema belleza
Hã de sempre irradiar dum beijo maternal!

E vós, vós que sois vãs e fúteis e escondeis
A fraqueza do corpo em rendas e em folhos,
Que nascendo p'ra amar só enganar sabeis,
Que tendes a ambição e o vicio em vossos olhos;

Conhecendo o vulgar, mas formidável crime
De só ver a mentira e o mal no coração,
Não vos qu'rendo entregar no beijo que redime
— No beijo adonde vibre uma leal paixão!

Morrereis sem saber a alegria do amor,
E o que pôde tornar uma existência querida;
E, se um filho vier, é p'ra tornar maior
O remorso que traz a vida mal vivida.

Não podereis sentir quanto é bello ser Mãe,
E assim mentindo ao vosso amoravel destino,
Heis de ter a velhice agonisante sem
O riso alegre e bom dum neto pequenino...

Ficareis — porque o Amor apenas vos trouxesse
A luxúria febril que vos perturba o olhar —
Como terras que um Sol ardentissimo aquece,
Mas que a chuva do Céu nunca vem fecundar!

Tiro civil

E' no próximo domingo que deve realisar-se a inauguração da 4.^a succursal da União dos atiradores civis portugueses, cuja sede é em Coimbra.

A inauguração terá lugar na carreira de tiro do regimento de infantaria 23, no logar de Sezem perto de Eiras.

A carreira não está ainda concluída e é possível até que, se continuarem as chuvas, a inauguração não possa ter logar do domingo.

A hora marcada é ás onze e meia em Sezem.

Mais d'espaco nos occuparemos desta instituição e da sua utilidade.

Retirou ontem para Lisboa, depois duma pequena demora de dois dias em Coimbra, o sr. conselheiro Adolpho Loureiro o estimado filho de Coimbra, e um dos mais apaixonados coleccionadores portugueses. E' sobre tudo notavel a sua colleção de obras, gravuras e objectos d'arte relativa ao primeiro império e a invasão franceza. Os retratos de Napoleão contam se por centenas na sua bella colleção sempre franca ás pesquisas dos estudiosos da nossa história.

Noticia

Acha-se em cobrança a congrua parochial de Santa Cruz, S. Bartholomeu, Santa Clara e Ceira, relativa ao anno de 1900, de que é cobrador António Augusto Lourenço, residente na rua da Sophia n.º 70, 2.º andar.

Agradecimento

Não tenho palavras que possam traduzir, csm a fidelidade que desejava, a minha gratidão por tantos actos de altruismo, abnegação e humanidade, que, por occasião do incendio em minha casa, me dispensou a benemerita corporação de Bombeiros Voluntários desta cidade.

Bem sei que não sam os dizeres dum singelo agradecimento que vam valorisar e enaltecer uma

corporação que, pelos seus actos de bravura e civismo, se impõe de ha muitos annos ao respeito e veneração dos conimbricenses.

No entanto cumpro um dever dando largas a manifestação do meu sentir.

E não devo tambem deixar no olvido os serviços relevantes que por essa occasião me dispensaram amigos dedicados e prestimosos.

E' uma dívida sagrada que já mais pagarei.

Coimbra, 12 de março de 1900.

Cesar Cabral.

PUBLICAÇÕES

História da Revolta do Porto. — Com o 5.º fascículo, publicou-se o 1.º tomo da *História da Revolta do Porto*, a brilhante obra de João Chagas e do ex-tenente Coelho, que se tem assignalado por um tam grande êxito no nosso mercado de livros.

Este tomo comprehende já, além de uma parte curiosissima da história do movimento de 31 de janeiro, cinco estampas espeziaes, reproduções dos jornaes, documentos, e retratos, vinte e cinco photogravuras illustrando o texto e grande número de vinhetas e *cul de lampe*.

O quinto fascículo que completou o 1.º tomo, insere photogravuras representando o Aljube e a casa das Cardosas, em frente da qual começou o bombardeamento da câmara, na manhã de 31 de janeiro, a reprodução de um autographo do dr. Alves da Veiga e o retrato do alferes Trindade, julgado nos conselhos de guerra de Leixões, e do chefe do estado maior da 3.ª divisão, Fernando de Magalhães.

A fôlha especial, em papel de luxo, insere um magnifico retrato de José Pereira Sampaio (*Bruno*) o illustre publicista republicano, e um dos implicados na revolta do Porto.

A publicação desta obra está se fazendo triumphantemente. Só o Porto consumiu a totalidade da edição. Não ha exemplo de se

ter feito uma obra em tam extraordinárias condições de êxito.

Os escriptores da *Empresa Democrática de Portugal*, editora da *História da Revolta do Porto*, estão installados em Lisboa, na rua dos Douradores, 29, e no Porto, na rua de Santa Catharina, 154.

No 1.º tomo, que temos presente, annuncia-se para breve uma nova publicação da mesma *Empresa* — *A Revolta do Porto, pela photographia*.

ANNÚNCIO

(2.ª publicação)

Pelo juizo de Direito da comarca de Coimbra e cartório do escriptivo interino do 5.º officio, correm editos de 30 dias a contar da 2.ª publicação do respectivo annuncio, citando Manuel Relvão e Joaquim Relvão, casados, ausentes em parte incerta no Brasil, para na qualidade de interessados, assistirem, querendo, a todos os termos até final do inventário orphanológico a que se procede por fallecimento de António João Machado, residente que foi na Santa Casa da Misericórdia desta cidade, em que é inventariante António Relvão, residente na Palheira.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de Direito,

R. Calisto.

O escriptivo interino do 5.º officio,
António Miranda do Amaral.

PRAÇA PARTICULAR

No dia 17 de março corrente, pelas 11 horas da manhã, se o preço convier, será vendido em praça particular, um prédio situado na rua do Paço do Conde, desta cidade, com os numeros 17 a 21, próximo da estação do caminho de ferro, que serve para estalagem, armazem ou fabrica; é composta de lojas, um andar e águas furtadas, tem um bom quintal, poço d'água nativa, cavallariças e palheiro, tendo tambem entrada pela rua das Padeiras, n.º 51, e não é foreiro.

A praça terá logar no mesmo prédio.

Folhetim da «RESISTENCIA»

ARSÈNE HONSSAYE

REGINA

Livro primeiro

O tiro de revolver

VIII

Primeiro leque partido

— O conde de Romanes recebia muitos amigos?

— Dois ou três.

— Conhece os?

— Conhece os Paris inteiro. Não eram êsses os capazes de attentar contra a vida do senhor conde.

— Imaginou alguma vez que o conde fôsse capaz de se suicidar?

— Sim e não: estava muito alegre para um homem que vai suicidar-se; mas, por outro lado, não descobro quem podesse matá-lo.

— Mas, depois da partida da senhora, vinham só os amigos?

— Vi cá um homem da bolsa, um tabelião, um advogado.

O procurador da República mostrou o leque partido ao creado do quarto.

— Que lhe parece este leque partido?

O creado de quarto pareceu surprehendido.

— Ora essa. Não o tinha visto, é um leque da senhora condessa.

— Está bem certo do que diz?

— Penso bem que sim! A se-

nhora condessa estimava mais esse leque que as mezinhas dos seus olhos.

— E' muito bonito, notou o procurador da República.

O juiz retomou a palavra:

— A condessa de Romanes voltou cá depois da separação provisória, depois de requerer a separação de corpos?

— Não.

— Pôde me então explicar como se encontra aqui esse leque?

O creado de quarto levou a mão à testa.

— Não, por mais que pense, a não ser que o senhor o tenha encontrado e o tenha quebra-lo num momento de desespero.

— Porque havia de ser num momento de desespero?

— Porque o senhor continuava a amar a senhora condessa.

Como todos os que ouviam olhassem para o creado com algum scepticismo, elle accrescentou com ar malicioso: Lá a seu modo.

— A condessa tinha momentos de cólera?

— Oh! senhor, já que tenho de dizer a verdade: esta casa era uma verdadeira tempestade: o senhor representava o trovão e a senhora o raio.

O creado de quarto baixou modestamente a cabeça, espantado com a sua rhetórica.

— Não chegavam a bater um no outro?

— Não ponho as mãos no fogo, mas as scenas melhores não se passavam na nossa presença; nós percebiamos bem que não esta-

vam a dizer amabilidades, mas não tinhamos nada com isso.

— Que sabe a respeito da causa dessas questões?

— E' que o senhor divertia-se para um lado e a senhora para o outro.

— O senhor conde de Romanes recebia mulheres aqui?

— Não creio; mas vinham algumas procurar por elle ao guarda portão e outras esperavam-na carruagem... Houve um dia uma questão terrivel; por que a senhora conheceu no coupé do senhor uma actriz que elle protegia.

— Torne a chamar o guarda-portão.

Este homem havia dito que não sabia nada. Queriam interrogá-lo outra vez.

Quando tornou a apparecer, o juiz olhou para elle de frente.

— Veja lá. Ha só quatro inquilinos cá em casa, deve conhecer bem a gente que entra e sae.

— Ah! Senhor! Ha só quatro arrendatários; mas o do segundo andar é deputado, o do terceiro e senador. Não faz ideia da procição que por cá vai todas as manhãs! Como quer que eu distingua em quem entra e sae os ambiciosos que andam à cata dum logar; se lhes desse ouvidos contavam-me todos os seus infortúnios. O sufrágio universal é talvez uma bella coisa, mas não para os porteiros, nem para os proprietários. No fim de cada sessão, o nosso tapete de escada fica em farrapos.

(Continúa)

HOTEL COMMERCIO

(Antigo Paço do Conde)

Antonio Soares Lapa, proprietário deste hotel, participa aos seus freguezes que já tem a venda lampreia guizada e de esca beche, preparada pelo systema do antigo hotel do Paço do Conde. Encarrega-se de encomendas, tanto para esta cidade como para fóra. Também vende lampreias vivas, devendo-lhe ser feitos os pedidos ao hotel ou ao seu empregado José Lagarto, na rua dos Esteireiros.

Bacalhau Noruega miudo, a 200 réis cada kilo.

Noruega graudo de 1.ª qualidade 230 réis, na

Mercearia Popular

90, Rua dos Sapateiros, 94

Carlos Paniagua Sancher

CIRURGIÃO-DENTISTA

PELA

Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa

CONSULTORIO ODONTOLOGICO

LEIRIA

(Durante a epocha balnear, Caldas da Rainha).

Doenças de bôcca e collocação de dentes artificiaes em todos os systemas, cordas de porcellana, alumínio e ouro.

Participa ao respeitavel público que em breve virá a esta cidade offerecer os seus trabalhos.

Mercearia Popular

Patricio da Silva Costa

90, RUA DOS SAPATEIROS, 94

Artigos de mercearia taes como tabacos, assucar, arroz, chá, bacalhau, massas, manteiga, azeite, petróleo, farinhas, bolachas, sa bão, stearina, goma, etc., etc.

Especialidade em café de Angola, S. Thomé, Cabo Verde e do Rio. Torrados ou muidos a vista do freguês.

Preço dos assucares

N.º 1 branco fino...	260 réis
N.º 2 „ „ „ „ „	255 „
N.º 3 „ „ „ „ „	245 „
N.º 4 „ „ „ „ „	240 „
Amarello.....	235 „

Victor Gomes de Carvalho, seralheiro, travessa de Montes Claros em Mont'Arroio, vende um velocipede de três rodas, para creança, alteres e malhas para fito, tudo em segunda mão.

Podem ver-se no local acima dito.

João Chagas & ex-tenente Coelho

História da Revolta do Porto

DE

31 de janeiro de 1901

Illustrada com cerca de 150 photogravuras — retratos, vistas, locaes, curiosos documentos e 30 reproduções, em papel de luxo, de photographias dos vultos mais notaveis do movimento.

Assigna-se aos fasciculos semanaes de 16 páginas, ao preço de 60 réis, e aos tomos mensaes de cinco fasciculos, ao preço de 300 réis — pagos no acto da entrega.

Pedidos a Empreza Democrática de Portugal, rua dos Douradores, 29, em Lisboa, e à Agência de Publicações do norte, rua de Santa Catharina, 154, no Porto. Nas localidades da proyncia, — em casa dos agentes.

Aos amadores de café forte

Café do Rio puro miudo a vista do freguez a 800 réis cada kilo na

Mercearia Popular

90, R. dos Sapateiros, 94

Negócios forenses e académicos

ESCRITORIO

Praça S de Náo, n.º 8

COIMBRA

Matriculas, cartas de bacharel, de licenciado, de doutor, do curso preparatorio para o internato na Escola do Exército, de habilitação de médicos estrangeiros para o exercicio da clinica em Portugal, de pharmácia e todos os mais negócios dependentes do Lyceu central e da Uniuersidade de Coimbra:

Encarrega-se dëlles, além de todos os negócios judiciaes com a mais escrupulosa honestidade e modicidade de preços, o solicitador encartado Joaquim da Costa Rodrigues.

Este escriptório com 18 annos de existência, onde os ex.ºs académicos ou seus ex.ºs representantes e mais pessoas se podem dirigir com inteira confiança, tem as melhores referências, comprovadas por documentos apresentados no secretario da própria Universidade.

Sapataria Progresso

(Antiga casa Daniel Guedes)

39 — Rua da Sophia — 41

Coimbra

Nesta officina executa-se com rapidez e esmero toda a qualidade de calçado e tem em depósito variado sortimento de cabedães dos principaes fabricantes nacionaes e estrangeiros para que os seus clientes, querendo possam escolher. Também ha grande quantidade de calçado feito para homem, senhora e creança.

Os preços, sam muito reduzidos — Como pôde verificar-se pela tabella existente neste estabelecimento.

39 — Rua da Sophia — 41

COIMBRA

Restaurador do cabelo

PREPARADO POR

Francisco Miranda d'Assis

Pharmaceutico pela Universidade

Dotado de um cheiro agradável, este preparado torna se muito recommendado pelos bons resultados que tem alcançado; tonifica o cabelo, obstando á sua queda, e evita e limpa a caspa, sem que produza irritação alguma.

Convém usá-lo diariamente para se poderem apreciar os seus benéficos effeitos.

PHARMÁCIA ASSIS

41, — PRAÇA DO COMMERCIO — 42

COIMBRA



— Camarada! Então eu pedi-te a farda velha e tu trazes-me a nova?

— Não, meu tenente, esta é a mais velha, mas como eu a limpei com a benzolina por isso parece a nova.

A benzolina tira todas a nódoas de gordura alcatrão, óleo, etc. e também lava luvás. Vende se no Zacharias, rua da Calçada

Coimbra

As constipações, bronchites, toses, coqueluche, rouquidão

e outros incommodos dos orgãos respiratórios, attenuam-se e curam-se com os *Saccharolides d'alcatrão*, compostos, (**Rebuçados Milagrosos**), cuja efficácia tem sido sempre comprovada, durante nove annos, por milhares de pessoas que os têm usado, e verificada e attestada por abalisados facultativos.

Depósito geral:

Pharmácia Oriental

DE

FERREIRA MENDES

Rua de S. Lazaro, 294 a 298

PORTO

Vendem-se em todas as pharmácias, drogarias e outros estabelecimentos.

Caixa: no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

Consultório dentário

Rua Ferreira Borges (Calçada), 174

Herculano de Carvalho

Médico

Consultas todos os dias das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

Gratis aos pobres aos domingos e quintas feiras, das 8 ás 9 da manhã.

PROBIDADE

Companhia geral de seguros

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL 2.000.000\$000

RUA NOVA D'EL-REI, N.º 99, LISBOA

Efectúa seguros contra o risco d'incêndios

Correspondente em Coimbra, Cassiano A. Martins Ribeiro — Rua Ferreira Borges, 165, 1.º.

Fábrica de cimentos de Maceira (LEIRIA)

28 Cimentos naturaes de presa lenta.

Analyses officiaes feitas nos laboratórios da 1.ª circunscripção hydraulica.

Os melhores cimentos naturaes do país especialmente para obras hydraulicas.

Cimento Rápido — Cal hydraulica.

Á venda nos principaes estabelecimentos de ferragens, de drogarias e de materiaes de construção.

Direcção para a fábrica.

MACEIRA — LEIRIA

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins de Carvalho, 7 Coimbra.

Bom emprego de capital

VENDE-SE uma esplêndida casa á entrada do logar de Cellas. Tem bellas commodidades para familia numerosa, um esplêndido jardim, água nativa canalizada para a cosinha e casa propria para arrecadação.

Quem a pretender pode dirigir-se á rua Visconde da Luz, n.º 40, onde se trata da venda.

ESTABELECIMENTO DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, 52, (Em frente do Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia do Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ras, crês, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutiloria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa lavatório e cozinha.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cômodos.

Tem bons quartos para alugar accetando hóspedes permantes.

O proprietário,

José Maria Júnior.

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Economia garantida 50 Or

Bicos Bébé Aureo a 2\$000 réis preço antigo 28500 réis

Bicos n.º 1 „ a 3\$000 réis preço antigo 44000 réis

Bicos n.º 2 „ a 3\$500 réis preço antigo 48500 réis

Mangas Bébé n.º 1 a 400 réis preço antigo 500 réis

„ „ n.º 2 a 450 réis

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Candeiros em todos os géneros, canalisações e outros artigos.

Ninguém vende mais barato em Coimbra nem na Figueira da Foz

R. Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA



OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietario — Manuel dos Reis Gomes

R. Martins de Carvalho, 7 e 9

COIMBRA

Impressões de livros, folhetos, diplomas, mappas, facturas, memoranduns, recibos, circulares, estatutos, rótulos, bilhetes de visita, etc.



CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PÁGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 2.700 réis; semestre, 1.350 réis; trimestre, 680 réis.
Sem estampilha—Anno, 2.400 réis; semestre, 1.200 réis; trimestre, 600 réis.
Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.
Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6

Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral

Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

O DECRETO DE 10 DE MARÇO

O decreto de 10 de março relativo à extinção d'algumas ordens religiosas e ao inquérito sobre as condições de vida doutras, decreto arrancado pela opinião liberal à manifestada pusilanimidade do governo perante os abusos da reacção, não foi de molde, pela sua forma contemporizadora, a dar satisfação completa ao sentimento público, tam justamente irritado com as progressivas audácias do jesuitismo.

A desconfiança acerca das intenções do decreto e da lealdade da sua promulgação relativamente à diligência e propósito de lhe ser dado cumprimento, é geral. A imprensa que menos se deixa illudir e que sem reboço o manifesta, proclama bem alto que não passa de poeira arremessada aos olhos do país; por sua vez a imprensa mais chegada ás regiões do poder, sem claramente manifestar a sua pouca confiança, não deixa de dia a dia insistir com o governo para que o decreto não fique letra morta, apontando-lhe os inconvenientes e os perigos de lhe não ser dada execução.

Na verdade, estudado elle, nas suas entrelinhas se vê que foi elaborado de modo a não dar completa satisfação à opinião liberal, visto dar margem para a continuação de muitos institutos de caracter jesuitico, e precisamente os mais perigosos, que sam os da instrução e da beneficência. A sombra desta acobertam-se todas as artimanhas jesuíticas, assim como aquella é a arma mais perigosa de que se serve a seita para fanatizar as consciências.

Não é, pois, duvidoso que as providências decretadas não dam ao mal a cura radical que elle reclama. Os jesuitas—o inimigo—continuarão a dominar como até aqui!

Por outro lado o governo deu occasião a que elles se sirvam de todos os seus recursos, que sam multiplices, para empecer a acção salutar reclamada pelcs liberaes, de modo que se póde já prever que taes providências, mesmo quasi anódinas como, sam ficaram letra morta, como o têm sido as anteriores. A acção das auctoridades administra-

tivas ha de ser morosa, descuidada, imprevidente, amortecida por mil pressões, dado mesmo que da parte dos governadores civis haja o desejo de fazerem alguma coisa útil, do que sinceramente duvidamos.

O de Lisboa já começou a mostrar o que está rezolvido a fazer; e tanto que as *Novidades*, que, valha a verdade, nesta questão suprema para a liberdade se têm portado de modo a merecerem o perdão para muitas das suas faltas, por meias palavras sim, mas claramente significativas, censuram a lentidão do seu procedimento, se é que não conhecem a reserva dos seus propósitos, embora não queiram declará-la.

Quanto aos dos outros districtos é bem de recear que não sejam mais expeditos nem mais cuidadosos.

Ora o decreto de 10 de março, ainda que insufficiente, deve ter um cumprimento rigoroso e immediato. Não se póde consentir que elle seja deslealmente executado, e, se elle não for rigorosamente cumprido, os liberaes que tiveram força para o arrancar ás tibias mãos do governo, tenham-na para correr os homens e o regimen, que nesta questão capital para o futuro da nação não podem ou não querem garantir os principios de liberdade á sombra de que vivem.

E cumpre que todos estejam de olhos fitos no que se vai passando...

Crise

Tornaram a circular insistentes boatos de crise ministerial, de novo desmentidos cathegoricamente.

Parece, por isso, que a agonia se vai prorogando.

Mas não é verdade que este governo de oito meses parece ter já oito annos?

BANCO ULTRAMARINO

A escandalosa pouca vergonha do Banco Ultramarino, nova negociata do banqueiro Burnay, de quem é caixeiro o ministro da marinha, vai ser votada pela câmara dos deputados, como era de esperar.

Depois da discussão que levantou, o ministro fallou triumphalmente em defesa do seu projecto, arrastando a maioria pelo poder dos argumentos.

E' verdade que tambem o relator, Abel Andrade, fallou triumphalmente...

Os triumphos faceis de quem não tem vergonha!

Irmãs hospitaleiras

Chamam-se assim as célebres Trinas, tam sobejamente conhecidas no país depois dos casos nefandos de Sarah de Mattos e do convento de Aldegavinhos.

A cerca destas *irmãs* veja-se o que as *Novidades* dizem:

«As Trinas, de entre tantas *irmãs*, que por ai temos—brancas, pretas, e até azues—sam as únicas, que hoje fazem serviço nos hospitales e nas casas de doentes; visto que as próprias *irmãs da caridade*, que tanto se glorificavam nesses serviços, entre nós se limitam, quasi exclusivamente, a funções de administração e de ensino. Mas o serviço das Trinas é mau, e a sua vida conventual é péssima. Se uma reforma lhe não acudisse de prompto, aquelle instituto devia ser dissolvido, e as suas casas fechadas sem tardança.

As nossas inquirições, que, por serem particulares e reservadas, não podem ter a precisão de indicações directas, mas que em todo o caso nos dam convicções seguras, dizem-nos o seguinte, para que chamamos a attenção dos poderes públicos e dos nossos leitores:

—As *Irmãs hospitaleiras*, que se acham espalhadas por diferentes casas do país, ascendem a cerca de duas mil, quasi todas com profissão de votos;

—Sam as provincias do norte, e especialmente o Minho, que fornecem o principal contingente para este recrutamento;

—As *irmãs* saem, na quasi totalidade, das classes baixas, e por isso com pouca ou nenhuma instrucção;

—As occupações mysticas e os deveres religiosos absorvem-lhes a maior parte do tempo, com inteiro abandono de qualquer educação profissional; o que faz, com que ellas sejam enfermeiras inha beis, e desastradas, embora muito dedicadas.

Esta é a situação geral do instituto. A situação especial do convento da rua das Trinas de Mocambo caracteriza-se por factos extremamente graves:

—A accumulção de raparigas e mulheres naquella casa é tal, que se póde fixar na proporção dum só leito para cada três pessoas.

Por isso o ministrante teve de descançar o braço quatro vezes, na sagrada communhão da noite de Natal! Calculem-se as consequências varias desta promiscuidade de pessoas nos mesmos leitos!... Passemos adiante. Mas não passe o sr. governador civil.

—Uma dessas consequências, é a pouca limpeza das pessoas, o que mais as torna impróprias para os serviços hospitalares e de casas de doentes.

—Outra das consequências é o desenvolvimento da tuberculose. O convento das Trinas de Mocambo é um perigosissimo e largo foco de tuberculose no centro da capital, e viaducto da mesma terrivel doença, por onde aquellas *irmãs* se espalham.

—Outra, que subintende, é que esse convento representa um verdadeiro açougue de carne humana. As pobres filhas do povo, arrastadas umas pelo egoísmo e a maior parte pelo fanatismo das familias, ardentemente explorado pelas *engatadeiras*, morrem alli aos montões, como caídas no ventre do monstro Moloch, n'um doloroso abandono, que faz irresistivelmente pensar nesses hediondos sacrificios dos povos antigos e asiáticos!

... Engatadeiras se chama no Porto ao mulhero de qualquer classe social (vidê caso Culmon) que faz recrutamento de almas para Deus e de victimas para os conventos. Os nossos parabens á liberal população portuense, pelo propósito feliz da expressão.

O convento das Trinas é, pois, um açougue de carne humana. E, ao que nos consta de boas fontes, sem que todavia possamos tomar a responsabilidade da affirmacção, não existe no convento registo obituário regular. De modo que, as provincias despejam para alli as pobres filhas da sua população, que morrem aos montões, e desaparecem sem se saber como, por que nem dellas fica um registo para indicar a cruz das suas sepulturas! E isto faz-se sob as responsabilidades dum alvará do governo civil de Lisboa, que regularisou a situação administrativa das *Irmãs hospitaleiras*!

Tudo isto é monstruoso.

E' preciso pôr entraves a taes desmandos de recrutamento e propaganda; é preciso afugentar o bando das *engatadeiras*; é preciso desaccumular a população do convento das Trinas de Mocambo, que provavelmente estará tambem em excesso nas outras casas do instituto; é preciso picar aquellas paredes, desinfectar o edificio, e restabelecer as outras condições de salubridade e hygiene, que andam despresadas; é preciso substituir ao abuso das práticas mysticas os preceitos dum regulamento racional, de modo que as *irmãs* tenham a aptidão profissional de enfermeiras, que hoje lhes falta. E tudo isto é urgente. Não admite dilacões,

O decreto de 10 do corrente está muito bem ponderado nas suas disposições. O que se faz mister é que elle se cumpra leal e honradamente, como o governo deseja. Não se poderá admitir que aos institutos claramente comprehendidos no n.º 1 daquelle decreto se conceda o favor das isenções, acatelladas no n.º 2, posteriormente fabricadas *ad hoc*. Contra tal proposito protestariamos energicamente. Mas na própria regularisação dos casos incluídos nesse n.º 2 do decreto de 10 do corrente ha importantes e proveitosas providências de ordem publica a adoptar. O que hoje escrevemos sobre o instituto das *Irmãs hospitaleiras*, e suas casas, é um exemplo, eloquentemente comprovativo.

Não será, pois, urgente que se olhe a sério para tudo o mais?

Que grande serviço prestaram ao país os liberaes do Porto!

Carta de Lisboa

15 de março.

Querem mais evidentes provas de que o jesuitismo triumphou—isto é, de que é a sr.ª D. Amélia quem vence?

As chamadas rugas não devem permitir que ninguem tenha dúvidas, aclarando nitidamente a situação.

O caso é este: fizeram-se em Lisboa manifestações de desagrado ao jesuitismo e, como consequência o *revanche*, a policia desatou a prender gente, a torto e a direito—malandros e não malandros, gente com direito a ser livre e gente tolerada pela policia—mandando todos, na mais injusta promiscuidade, para bordo de navios de guerra.

Os poderes públicos prestaram assim ao jesuitismo uma vingança—e bem cruel, bem negra, revoltantemente injusta.

Os poderes públicos, que se prestaram assim a fazer uma iniquidade em pró do jesuitismo, não estão certamente dispostos a combtê-lo.

Mas ha mais—e mais significativo.

Acabo de, aproveitando a indicação dum amigo, visitar a capellinha das chamadas *Suenrs Reparatrices*, que o Navarro diz chamarem-se *cocottes du bon Dieu*.

Nessa capellinha que se dizia uma igreja de bonecas, vêem-se quadros diversos. Um, o maior, tem estes dizeres a encimá-lo:

Pessoas que um dia por mês satisfazem (sic) o alumião do S. S.

E segue a lista:

N.º 1—Sua Majestade a Rainha senhora Dona Amélia. A suas intenções particulares.

Estas pessoas que *satisfazem* o alumião do S. S., informaram-me, fazem na capellinha a sua meia hora.

A meia hora é feita d'hábito, na capella môr: a dama, que a faz entra pela porta particular, veste o hábito e vai depois passar meia hora ante o santissimo, resando.

A sr.ª D. Amélia, garantirammo, lá faz tambem a sua meia hora, uma vez por semana.

Desta maneira, uma casa, que os mais insuspeitos classificam como symbolo das que estão fóra da lei, tem a pública protecção não só moral, como material, da rainha de Portugal. E mais que a sua protecção, tem a sua collaboração.

Querem prova mais evidente de que a questão religiosa é, em Portugal, uma questão politica?

Querem mais evidente demonstração de que o regimen não se atreverá a expulsar os jesuitas e as congregações religiosas?

Querem melhor justificação para o partido republicano intervir, sem veu e sem máscara?

Fôra da questão religiosa, tudo é pequeno e sem interesse neste momento. O parlamento func-

na e é como se estivesse fechado. Discutem-se negociatas, como as que esconde o projecto do regimen bancario do ultramar, e ninguém dá por ellas.

A única noticia de interesse, apparecida nas ultimas 24 horas, é a de que o governo está a cair e vão tomar-lhe o lugar os progressistas.

Eu não sei, hoje, se odeio mais a malta de que é chefe o cynico Hintze, se a quadrilha dirigida pelo estúpido José Luciano.

Mas, com franqueza, queria vêr agora no poder os herdeiros de Braamcamp. Queria vêr los a elles, que censuram os ministros de hoje, na questão religiosa, proceder em face da mesma questão.

E sabem para quê?!

Para se demonstrar, uma vez mais, que a questão religiosa é, entre nós, uma questão politica!

Para se provar, com mais um facto, que os dois partidos estão incondicionalmente ás ordens do paço e das camarilhas.

Acabo de sabêr e de vêr que os jesuitas afilharam pasquins ameaçando e provocando os liberaes.

Satisfaz-me a provocação.

Que sempre quero vêr se nesta terra ha liberaes!

F. B.

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes que enviámos já para o correio os recibos das suas assignaturas. Pedimos a fineza de satisfazerem logo que lhes sejam apresentados, para não procedermos a nova cobrança que se torna muito pezáda.

Museu de antiguidades

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

Igrejinhas

Para facilitar o exacto cumprimento do decreto de 10 do corrente, por parte dos governadores civis, é conveniente que todos os cidadãos liberaes tenham a cuidado de lhes dar parte dos institutos que haderem nas areas dos respectivos districtos.

Bem sabemos que sam os governadores civis que têm obrigação de averiguar, mas assim não terám motivo para desculpas.

O Norte e o Mundo andam fazendo um elucidativo inquerito, e as Novidades tambem têm dado boas informações.

Relativamente ao districto de Coimbra, chamámos a attenção do sr. governador civil para um collégio jesuitico montado ha pouco no concelho de Penacova, na freguesia de Sazes, em Ponte de Matta, onde estão quaesquer irmãs, já com larga concorrência de creanças dos arredores; e indicámos este por ser desnecessário fallar no que vai cá pela cidade; sobejamente conhecido, pelo que respeita a confrarias e irmandades femininas, sob designações mais ou menos phantasmas, e que têm o centro de acção no extincto convento de Santa Thereza.

Estámos certos de que o sr. governador civil não deixará de

O decreto é nada

Certamente ninguém acredita que a ingenuidade nacional vá até ao ponto de aceitar como obra consciente e de cumprimento rigoroso—em satisfação ao espirito liberal contra a invasão jesuitica—o decreto de 10 do corrente. O porquê dessa descrença, arreigada e claramente definida, está já dito. Mas convem demonstrar-lhe a razão de ser, provando com factos que o cynico Hintze, o governo e a maioria, por consequência, estão com a sr.ª D. Amélia, o que quer dizer com os jesuitas.

O decreto é uma ficção; com elle se pretendeu acalmar a excitação pública e mais nada. De resto, a protecção governamental—inspirada, senão ordenada pela rainha—é impúdica, descaradissima, e traduz se em demonstrações publicas que tocam a meta do escândalo.

Aí vai um atestado:

No Porto e em Lisboa têm sido apprehendidos pela policia, não só jornaes que movem guerra aos jesuitas de todos os feitios e tamanhos e ao governo que os defende, mas ainda os manifestos liberaes lançados a publico para demonstração da poderosa influencia e nefastas consequencias do poderio jesuitico no país. Pois bem, ante-hontem foi distribuido em Lisboa, livre e socegradamente, um manifesto sob o titulo:

Até que enfim!

e em que se lia esta belleza:

Já podemos dizer que aquelles que se atreverem a insultar as casas de Deus soffrerám o devido castigo. Viva a Santa Religião. Abaixo os pedreiros livres! Abaixo a canalha liberal!

Quer dizer:—os jesuitas respiram e sentem-se fortes, apesar do decreto do dia 10. Porquê? Porque o governo, numa humilhação que repugna, lhes tem dado as maiores satisfações. Officialmente decreta-lhes um inquerito, á socapa manda os proteger, guardando-lhes os coios pela policia, ao mesmo tempo que ordena prisões a esmo para espalhar o terror e assim abafar as manifestações. A vista das quaes protecção e prisões, os jesuitas desabafam em manifesto publico e livremente distribuido.

Até que enfim!

Até que enfim contam abertamente, absolutamente, com a protecção e defêsa do governo que, somos obrigados a concluir em face do desabafo, lhes terá dito:—o decreto é um artificio preciso; não o receiem que será nullo nos seus effeitos contra as congregações.

Não se explica de outro modo o até que enfim seguido daquelle desafio ao sentimento liberal.

Para confronto.

Enquanto a distribuição daquelle manifesto jesuitico se faz livremente, as publicações liberaes soffrem a mais irritante perseguição. Ontem, o Mundo foi apprehendido, não só em Lisboa, mas ainda por indicação official telegraphica, em Coimbra, no Porto e em outras localidades. Causa:—a inserção dum artigo em que se fazem curiosas e elucidativas revellações sobre as cocottes du Bon Dieu.

Attentem os liberaes e reconheçam que o decreto é nada e que os governadores civis terám indicações para morosidade e nenhum interesse no inquerito, sendo por isso absolutamente preci-

so não desarmar, enquanto o governo não ordene o que justa e legalmente se pede—o rigoroso cumprimento das leis de Pombal, Aguiar e Braamcamp.

DEMITTA-SE!...

O governo, odiosamente reaccionário, que se encontra á frente dos negócios publicos, vendo-se coagido pelo grande e sympathico movimento nacional contra o predomínio da reacção, promulgou o hypócrita decreto do dia 10 na stulta esperança de acalmar a agitação que lavra intensa em todo o país, protegendo ao mesmo tempo a maldita seita de Loyola.

E' um governo que capitulou covardemente; não perante a pública excitação, como erradamente se julga, mas ante a enérgica attitude de franca e aberta opposição de certos elementos irrequietos que no paço lhe promovem guerra, e, sobretudo pretextando—um habil pretexto, diga-se a verdade, de despedida ao poder—por causa das complicações sobrevindas com a França na questão, transcendentalmente grave, dos credores externos que ameaçam impôr-nos um novo controle offensivo dos brios do país.

E esse controle, ninguém o ignora, importa, nem mais nem menos, do que o advento da administração estrangeira, esperada desde as ultimas violações pelo transacto gabinete progressista commettidas no convenio de 20 de maio de 1893, que regulava as condições da nossa divida externa; condições estas que o governo francês d'então acceteou, como se deprehende da orientação diplomática do sr. Dévelle—ao tempo ministro dos negócios estrangeiros—ha pouco confirmada pelas declarações do sr. Delcassé no senado francês.

E no seio de tantas e tam imerecidas desditas, quando um grave perigo impende sobre o nosso país, ameaçando-lhe tragicamente a sua independência, o governo reaccionário presidido pelo sr. Hintze Ribeiro, comprazese em offender e affrontar os mais nobres sentimentos do povo português, consentindo no inicio duma nova epocha de terror, com as perseguições religiosas aos sectários do culto evangélico, e coroando rancorosamente a sua obra de oppressão e retrocesso com a escandalosa protecção ao ultramontanismo que pretende avassalar o mundo.

E contudo, nada mais fácil seria á esse governo do que identificar-se com o tam eloquentemente manifestado sentir nacional, traduzido em grandiosas manifestações nas ruas. Bastar-lhe ia pôr desde já em prática e rigorosa execução os decretos—sublimes e rehabilitantes da nossa nacionalidade—de 3 de setembro de 1759, de 28 de maio, 22 de julho e 5 d'agosto de 1834 e de 11 de março de 1862, respectivamente referendados pelo marquês de Pombal, Joaquim António de Aguiar e Anselmo José Braamcamp, a cuja saudosa memória a Democracia Portuguesa rende respeitoso preito.

Se o governo estivesse disposto a cumprir a lei prohibitiva, ou repressiva das congregações religiosas em Portugal, em vez de decretar providências hypócritas, teria immediatamente seguido o patriótico e luminoso exemplo do grande estadista francês—sr. Waldeck Rousseau—cumprindo os decretos de 1834, 1759 e 1862.

Porque não procede assim o actual governo?

E' um gabinete perdido! Demitta-se enquanto é tempo, que a tempestade ameaça ir mais longe.

FAZENDA JUNIOR.

Mais uma pensão

Neste opulento país de meia dúzia de figurões, estes julgam-se no direito de talhar á sua vontade fatias para toda a gente.

No anno passado praticou-se no parlamento, sem protesto, a vilania de se conceder á familia dum funcçionario fartamente espendido durante toda a sua vida, uma pensão de 1:200.000 réis por anno.

Bem fallou a imprensa na iniquidade da extorsão, tanto mais quanto, embora fôsse justa, o parlamento não deveria, por pudôr, votá-la.

Agora nova proposta semelhante para a viuva e filhos dum outro funcçionario.

Ora isto é positivamente o país a saque. Será muito lamentavel a familia dêste, mas não o é mais com certeza do que o sam tantas outras familias de funcçionarios fallecidos, as quaes ficam na maior miséria. Nem o estado pôde, evidentemente, subvencionar a todas ellas.

E acima destas considerações geraes outra ha, soberana e indiscutivel:—a nação está sendo dia a dia enxovalhada no estrangeiro pela ruinosa situação das suas finanças.

Como admittir, pois, estas pensões?

Estámos certos de que a recente proposta não irá por diante. Ficará sendo uma figura de rethorica em estreira na câmara alta, estreira que bem melhor aproveitada poderia ter sido em assumptos de interesse publico.

Caminho de ferro de Arganil

Com a vinda a Coimbra dos srs. engenheiro Vasconcellóz Porto e conductor João Máximo, para inspecção ao que está feito do caminho de ferro de Coimbra a Arganil, houve aí um acalantar de esperanças por que em breve iriam recommear os trabalhos, e por que a linha seria aberta á exploração no mais curto praso possible.

Foram estas esperanças simples optimismos, carecidos de fundamento, de quem as alimentou? Certamente que não.

Informações a que quasi pôde chamar-se officiaes o fizeram acreditar; dizeres dos dois funcçionarios que vieram inspecionar o tornaram crível e a correspondência trocada entre a Associação Commercial e o sr. engenheiro Porto não deixava margem a dúvidas. Antes animava, por isso mesmo que o objecto principal dessa correspondência foi saber se as obras de ampliação pedidas para a estação nova e promettidas pela companhia, não obedeceriam á nova necessidade de maior alargamento, uma vez que aquella estação ia ficar comum ao serviço actual e ao da nova linha de Arganil.

E das respostas do sr. engenheiro Porto, nada transpareceu que fizesse suppor optimismos na esperança alimentada.

Se tudo estava assente e resolvido.

A companhia Mondego faria por sua conta a conclusão da linha; a companhia real, credora daquelle a uns 500 contos, facultar-lhe-ia as sulipas necessárias, e tomaria a exploração, com o seu material circulante. Quando embolsada do seu crédito, a do Mondego entraria na posse da linha logo que a sua situação fosse mais desafogada.

Foi isto o que se disse, que se tomou como real, que a imprensa, baseada em informes de boa origem, registou. E nem uma contestação official, implicita sequer, appareceu.

Assim resolvido, restava fazer uma chamada de capitaes;—os

trabalhos começariam em fins de janeiro ou principio de fevereiro.

Caminhamos para a última terça parte do mês de março, e á volta do assumpto fez-se um bem significativo silencio official. Nem um passo mais; nem uma única manifestação de que os trabalhos sejam iniciados. Isto é, proroga-se ainda, ao que parece, o praso á companhia concessionaria, praso indefinido pelo visto, e que terminará, naturalmente, quando tudo o que se fez esteja perdido—pontes, trincheiras, etc., sem que o estado tenha imposto á mesma companhia a satisfação dos seus compromissos, ou lhe applique as penalidades exaradas no contracto da concessão.

E' prevendo isso que as reclamações se têm succedido. A câmara municipal desta cidade representou ha pouco, ao rei, em termos claros, pedindo providências para que a linha se conclua, a bem e para commodidade dos povos que ella servirá. Antontem foram depositadas nas mãos do sr. governador civil outras representações, com destino aos poderes superiores, no mesmo sentido.

Serám ouvidas? Serám attendidas?

Nem se pode ajuizar. Mas convem estar de sobre aviso para uma insistência tenaz, duradoira, até que se satisfaça a essas justissimas petições, que não traduzem senão a defeza dos interesses e da commodidade dos povos duma vasta e longa região.

E' vergonhoso e em extremo condemnavel que um tal assumpto tanto demore a resolver. Pois não avolumem as localidades interessadas essa vergonha, autorisando a e alimentando com o seu silencio. A insistência no protesto e na reclamação terá, mais tarde ou mais cedo, a força necessaria para pôr termo á especie de *mortoria* que coisa alguma explica já.

Iniciativa feliz

A Sociedade Philantropico-academica vai dever ao sr. dr. Júlio Henriques, seu illustre presidente, mais um importante servico em favor do seu cofre, de auxilio aos estudantes pobres que delle carecem.

Trata s. ex.ª de pôr em prática uma sua iniciativa que tem tanto de grandiosa e original como de productiva:—a organização dum album, com os grupos photographicos dos cursos dos quintos annos da Universidade, e um pensamento de despedida, redigido por cada um dos alumnos dos mesmos cursos. Na execução dêste bello projecto é o sr. dr. Júlio Henriques importantemente auxiliado pelo proprietario da Typographia Auxiliar d'Escritório, o mais antigo depósito de papeis e impressos para todas as repartições, que generosa e graciosamente se presta a fornecer o papel para toda a tiragem, e a fazer de sua conta os trabalhos de composição, impressão e brochura.

E' facil ajuizar quanto representa esta valiosa offerta com que o sr. Albino Caetano da Silva uma vez mais attesta os seus sentimentos de protecção a tudo o que represente uma ideia de generosidade e altruismo.

Ao sr. dr. Júlio Henriques as nossas felicitações pela sua apreciabilissima iniciativa e pelo grande auxilio que o sr. Albino Silva lhe presta.

ROTULOS

para pharmacias, mercearias, livreiros, etc., imprimem-se na typographia de M. Reis Gomes, rua Martins do Carvalho, 7 Coimbra.

Litteratura e arte

OUTOMNO

BALLADA D'AMOR

As árvores morrem, como as mulheres que amaram muito, a contar demoradamente, a quem passa á beira dos caminhos todas as carícias do sol, os beijos todos que o sol lhes deu.

Mal passa o primeiro arpejo do Outomno as árvores empallidecem e as suas fôlhas ficam fracas como na Primavera, ao nascerem.

Qualquer raio de sol pequenino as atravessa todas e as fôlhas cobrem-se dum sorriso dourado a cantar a alegria dos primeiros beijos do Sol novo, húmidos, como os das creanças, cobrindo de pó dourado os cálices das fôlhas e os troncos nus das árvores em que começava a correr vermelho o sangue da primavera.

Nunca mais perdém aquelle sorrir dourado, cantando sempre as fôlhas, até caírem mirradas sobre o chão, a alegria dos beijos d'ouro do Sol.

Já sêccas, quando passa o vento frio, dizem, num riso áspero de velhas, os beijos bons do sol, douradas do ouro quente dos fructos maduros.

Antes de morrerem, as árvores boas cobrem-se da cor vermelha que tem os beijos do ardente sol do estio.

E, quando caem sêccas sobre o chão, as fôlhas das árvores dizem doridamente, num suspiro abafado, a saudade do último beijo que o sol lhes deu.

1900.

T. C.

Semana Santa e Páschoa

A importante e bellamente montada mercearia Luzitana, estabelecida á rua do Cego, abriu ontem a sua magnífica e importante exposição de amêndoas e cartonagens para brindes pela Semana Santa.

Em amêndoas, as qualidades expostas sam tudo o que ha de mais fino, de puro assucar, tornando-se recommendáveis pela auzencia de quaesquer outras matérias que dando embora á amêndoa uma apparencia agradável, a torna prejudicial pela nocividade de dessas mesmas matérias. E a seriedade e escrupulo que sempre presidiram aos fornecimentos da Mercearia Luzitana, sam segura garantia de que ella procurou o fabrico mais consciencioso, sortindo-se de amêndoas, a todos os respeitoz agradabilissima e da maior confiança.

Em cartonagens, a colleção é maravilhosa e delicada, duma variedade notavel, merecendo que o publico a visite, pois tem na abundancia desse artigo por onde escolha á vontade, para brindes dum gosto finissimo e a preços incomparavelmente commodos.

Cartas da provincia

Figueira, 15 de março.

Com a minha última correspondência para esse jornal fizeram os typographos diabrura varia. Onde eu dizia *dramalhão*, puzeram *chamalhão* e outras de igual quilate. Não pôde a gente fazer litteratura!

Hoje, como de resto quasi sempre não tenho vagar. Dou simples noticias:

Vi ontem andar por aqui acompanhado pelo sr. Franco Frazão, que tam boas paginas deu em tempo á *Resistencia*, um enge-

nheiro francês representante da empreza constructora da ponte para Lavos, que, afinal de contas, parece que será apoiada na margem de cá junto ao grande armazem de madeira que fica acima da estação dos caminhos de ferro. Oxalá que assim seja, para triumpho do bom senso. A ponte na Carneira, era de... carneiro!

Aqui e em Margão (que fica para lá de Buarcos) causou a melhor impressão a estreia parlamentar do presidente da câmara desta terra e deputado daquella, que brilhantemente pediu uns documentos para perseguir um pobre diabo dum escripturário de fazenda que ganha talvez uns trezentos ou quatrocentos réis diários!

Uma brilhante estreia! Não ha dúvida!

E levanta-se um padeiro... perdão!... e faz-se uma eleição na Índia para isto!

O que o berço dá, a tumba o leva.

Tem por aqui andado um fiscal do sello a fazer asneiras de collaboração com alguém. Mas os idiotas nem asneiras sabem fazer. Não me espraio mais por que teremos provavelmente muito opportunamente assumpto para larga conversa.

Ainda não appareceu a molestia nos batataes.

M.

A questão da "Ribeira-Peixe," na ilha de S. Thomé

I — Denúncia — n.º 1041 a 1802 — Agosto de 1894 a Abril de 1897 — do *Universal*, jornal que se publicava em Lisboa.

II — Desforço — n.º 481 a 605 — Outubro de 1899 a Dezembro 1900 — da *Resistencia*, bi-semanario de Coimbra.

III — ... ? ... —

II

Seria, na verdade, de fazer re-bentar até as pedras duma calçada a história, bem contada, da aquisição e constituição da *abastança* de tantos e tam *considerados proprietários* de S. Thomé, jungidos á despresível canga de um *Zé sem mais nada*, sem ao menos um *Silva* ou um *Sousa* e conjurados no esforço ingente, mas impotente, de me *reduzir á fome e ver morrer como um cão*, — a taím, um... simples comido sempre pelo servido! Bem contada!... Ai é que me doe e tenho pena de não ter uma *pena brilhante*, para poder

Cantando espalhar por toda a parte Em quanto me ajudar o engenho e arte ou

Gritando fazer ecoar pelo mundo Se para isso o meu caco tiver fundo

os motivos por que eu não sou tambem, como esses taes, *considerado e abastado proprietário* nesta ilha, e, assim, saldar com esse *crédito* a obrigação da generosidade do muito espaço e dos mui lisongeiros conceitos de que estou em *dúvida* a nobre redacção deste periódico; e corresponder com a benevolência d'algum leitor — *hypotético*...

Porque é preciso que se saiba bem e diga melhor que não é como as *quintas* ou propriedades e proprietários em Portugal, nem como as *chacaras* ou fazendas e fazendeiros no Brasil, nem mesmo como as *finças* ou *plantações* e plantadores nas colonias espanholas e francêsas; que não é por nenhum desses processos que se fizeram essas tantas *roças* e esses tantos *roceiros* de S. Thomé. Claro está que me refiro unicamente aos *ikués*, meus *devedo-*

res: quem o não é, não tem de que temer.

Simplemente remediados ou abastados, não é d'origem limpa, honesta e direita de successo, legado, dadia, compra... ou mesmo de bambúrio, que *elles* e *elas* provieram. Seja que *elles* as creassem ou seja que *ellas* as produzissem, se é que se não influiram simultanea e reciprocamente — quem sabe!?!...

Sam muitas e variadas essas origens, mas todas bem outras e bem de molde a serem examinadas, agora que o governo e as côrtes tratam de reformar o regimen bancário do crédito agrícola e de provêr á segurança e *limpêsa* da provincia no Ultramar, preconizando um cuidado especial para a provincia de S. Thomé e Príncipe.

Ouçam, pois, governo, côrtes, a illustre redacção e algum benévolo leitor *hypothético*.

No mesmo anno da graça de 1876 e quasi ao mesmo tempo que eu, veio para aqui um doutor formado em direito pela Universidade de Coimbra, o qual, além do capello e da borla, trazia estrella e bête e pé calçado. Por isso, os filhos da terra, especialmente as *sams*, que costumam pôr alcunhas aos brancos recém-chegados, puzeram-lhe logo a de *plôco mundajado* (porco-em-pé). Assim seja conhecido, pois que o seu nome próprio, bem como os de todos os mais, com a origem de cuja abastança tenho de pôr em confronto a minha pelintrice; os seus nomes não os limpam nem os sujam mais. Aprazer-me-ia até — digo o sinceramente! — que se lavassem das nódoas que vou pôr a descoberto.

Este doutor de capello foi, *in illo tempore*, atrozmente hostilizado por aquelle, então, *Zé sem mais nada*, *signanter* no processo de inventario orphanológico dum celebre *cazal* em que, *tira-te tu para eu me pôr*, a propósito da morte do respectivo juiz de direito, tentou aquelle astuto *Zé* levantar contra o assignalado doutor uma ignóbil campanha de difamação, a que eu, por natural e instinctiva indignação, e espontaneamente, obstei por completo. Affirmo-o peremptoriamente, porque o hei de provar a seu tempo, ou antes, quando queiram...

Porém, *tout lasse, tout casse, tout passe!*... Apenas eu denunciarei o escondrijo do *oiro achado* pelo *Zé do dito*, aquelle mesmo doutor, informado e calumniado por este, alistou-se no duplo syndicado de o estontear a elle e inutilizar me a mim! E pôz-se na cabeça do rol. Manda-me a razão e a justiça que o mencione na primeira verba.

E porque, jungido em parêlha á mesma dianteira e em tudo intimamente ligado a elle, ha um outro, é por todas as razões preciso que seja lançado na mesma... verba. Não é doutor, este. Nem a própria assignatura sabe fazer, sempre, direita e certa... mas, além de estrella e bête e pé-calçado, marcou-o Deus com uma reverendissima giba... pelo que alcunhavam-no de *Sum Mé-Conki* (Manoel marreca). Com o qual cognome tem de ser debitado; porque o verdadeiro nome e apelido ninguém lhe sabe ao certo: umas vezes é *Fonca*, outras *Faneça* ou *Foneca*, algumas *Fonseca* ou *Fonsejo*, não poucas *Fonea*, *Foneo*, *Foneco*, *Fanico* (?); até já vi *Fosenca*... Mas não perde nada por isso: ha de ser escripturado e registado, authenticamente e carathéristico, quanto possível para ser reconhecido e chamado a contas.

Figurarão então os dois em um só lançamento, ligados e unidos como de resto.

Não pôde, porém, ser hoje e neste artigo, que já não deve haver espaço, depois de tanto e tam mal consumido nesta massuda

explicação preambular. Fica para outro ou outros...

S. Thomé, 1 de fevereiro de 1901.

LIGÓRIO NICOLAU CABRAL.

PUBLICAÇÕES

Diccionario das seis linguas. — Publicou-se a 14.ª série, abrangendo os fasciculos 66 a 70, do importante *Diccionario das Seis Linguas*, editado pela *Empreza do Occidente*, Largo do Poço Novo, Lisboa, e que tam lisongeiro apreço tem merecido, não só no pais como no extranjeiro, onde conta grande numero de assinantes.

Feito sob um plano inteiramente original, o *Diccionario das Seis Linguas* constitue uma obra tam indispensavel, pois nem sempre é fácil adquirir, e com a necessária selecção, os jogos de dictionários que o *Diccionario das Seis Linguas* substitue com a grande vantagem da extrema modicidade do preço de 40 réis cada fasciculo de 16 paginas de composição cheia e impressão nitida e legivel, de modo a formar um unico volume.

O *Diccionario das Seis Linguas* não é uma obra vulgar, pois que nos principaes paises se encontra já registrada a sua propriedade, cabendo a Portugal a honra de ter apresentado á Europa culta um livro deveras engenhoso e utilissimo a todas as classes.

O *Occidente* — *Revista illustrada de Portugal e estrangeiro*.

Vem esplendido o n.º 798 desta interessante publicação, que acabamos de receber. Em suas gravuras publica os retratos da rainha da Hollanda e de seu esposo o duque de Mecklemburg Schwerin; retratos da Princesa das Astúrias e seu esposo o Infante D. Carlos de Borbon; Monumento em Madrid em 1 de janeiro deste anno; retratos dos fallecidos Conselheiros Nogueira Soares, Henrique de Mendia e rei Milan; Marinha de Guerra Portuguesá, o novo cruzador *Pátria*.

Os artigos sam: Chronica Occidental, por D. João da Câmara; As nossas gravuras; O Real Theatro de S. Carlos, por Francisco da Fonseca Benevides; Questões Sociaes; Da Educação, por D. Francisco de Noronha; O outomno de 1900, por António A. O. Machado; O Senhor Francisco, por Pin Sél; Publicações, etc.

J. Agostinho d'Oliveira, O Porto e a Liberdade — (a propósito da questão Calmon).

É um vibrante opusculo em verso, inspirado em elevados sentimentos liberaes, traduzidos eloquentemente na linguagem nobre dum poeta.

Agradecemos o exemplar recebido.

Subsidios para um dictionário completo da lingua portugueza, por A. A. Cortezão, tomo 2.º.

Está já publicado o 2.º tomo deste excellente e valioso trabalho do erudito philólogo sr. dr. A. A. Cortezão, que tam relevante serviço acaba de prestar ao estudo da nossa lingua.

Destinados a completar em parte o *Diccionario* de Cândido de Figueiredo, que é, sem dúvida, o nosso melhor dictionário, os *Subsidios* do sr. dr. Cortezão, preenchem quasi por completo o seu fim.

E dizemos assim por que o

mesmo auctor já tem em publicação o *additamento* a estes *Subsidios*.

Todos os estudiosos devem possuir estes trabalhos complementares do *Diccionario* de Cândido de Figueiredo.

Ao sr. dr. Cortezão agradecemos o offercimento deste 2.º tomo.

Aos amadores de café forte

Café do Rio puro miudo á vista do freguez a 800 réis cada kilo na

Mercearia Popular

90, R. dos Sapateiros, 94

Salon de la Mode

Grandes novidades para vestidos.

PREÇOS BARATÍSSIMOS

Novidades litterárias

CEZAR PORTG

NAUFRÁGIOS

(Romance original)

LISBOA — 1901

Preço — 800 réis

HENRIQUE SIENKIEWICZ

A ferro e a fogo

Traducção de Olympio Monteiro

Editores, Tavares Cardoso & Irmão

Lisboa — 1901

Preço — 600 réis

A CORTE

DA

Rainha D. Maria 1.ª

Correspondência de W. BECKFORD

Editores — T. Cardoso & Irmão

Lisboa — 1901

JOSÉ CALDAS

OS HUMILDES

Livraria Chardron

de Lello & Irmão, editores

PORTO — 1901

Preço — 400 réis

VICTOR TISSOT

Vienna d'Austria

E

a sua côrte

Trad. de ALFREDO GALLIS

2 volumes

LIVRARIA CENTRAL

de Gomes de Carvalho, editor

1901

M. MARQUES DE BARROS

Litteratura dos Negros

Contos, cantigas e parábolas

Livraria Central

DE

Gomes de Carvalho

LISBOA — 1901

Preço — 300 réis

As doze mulheres de Adão

Phantasia Bíblica e Histórica através dos séculos

POR

Alfredo Gallis

LIVRARIA CENTRAL

de Gomes de Carvalho

EDITOR

LISBOA — 1901

Preço — 1000 réis

Éditos de 30 dias

(1.ª publicação)

No juízo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escritório do 3.º officio Nunes, corre seus termos uma acção de justificação em que sam autores o bacharel António de Magalhães Mexia Macedo Pimentel de Bulhões, conservador do registo predial na comarca de Almada, e sua esposa D. Maria da Conceição de Paiva e Lima Cardoso, residentes em Lisboa, por meio da qual pretendem justificar que ha mais de cinco annos sam legiti-mos possuidores de um prédio rústico e urbano, denominado Quinta do Alhancz, freguesia de Castello Viegas, concelho de Coimbra, que consta de casas abarracadas, adega, palheiro e terras de sementeira de secca e rega para cultura de cereaes, com diversas arvores de fructo, onde já fizeram uma eira e outras bemfeitorias, e confina no norte com Onofre Coelho Formigo e Manuel Ferreira, do sul com António dos Santos Concheira, do nascente, com Onofre da Costa, e do poente, com caminho publico; e que durante esse tempo a têm possuido pacifica, pública e continuamente em seu próprio nome e sem opposição alguma; e requerem que seja julgada procedente e provada a justificação de mera posse no prédio descrito, por mais de cinco annos, para todos os effeitos legais e especialmente os do registo, nos termos do artigo 524 do código civil.

Nestes termos, por éditos de 30 dias, contados desde a última publicação deste annuncio, sam citadas as pessoas incertas que se julguem com direito a impugnar a justificação requerida, para na segunda audiência deste juizo, posterior ao prazo dos éditos, virem accusar a sua citação e assignar três audiências para deduzirem por meio de contestação o que tiverem a oppôr, seguindo-se os demais termos até final. As audiências fazem-se ás segundas e quintas feiras, por 10 horas, no tribunal judicial situado nos paços municipaes na Praça Oito de Maio desta cidade de Coimbra, em conformidade com o disposto no art.º 151 e seus §§ do Código do Processo Civil. Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,
R. Calisto.

ANNUNCIO

(2.ª publicação)

Pelo juízo de Direito da comarca de Coimbra e cartório do escritório interino do 5.º officio, correm éditos de 30 dias a contar da 2.ª publicação do respectivo annuncio, citando Manuel Relvão e Joaquim Relvão, casa dos, ausentes em parte incerta no Brasil, para na qualidade de interessados, assistirem, querendo, a todos os termos até final do inventario orphanológico a que se procede por fallecimento de António João Machado, residente que foi na Santa Casa da Misericórdia desta cidade, em que é inventariante António Relvão, residente na Palheira.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de Direito,
R. Calisto.

Escritório interino do 3.º officio,
António Miranda do Amaral.

MERCEARIA

Arrenda-se um estabelecimento para mercearia, com armação, bem situado e em boas condições. Está bem afreguezado. Também serve para outro qualquer ramo de negocio. Quem o pretender dirija-se a rua dos Sapateiros n.º 72.

EDITAL

A commissão do recenseamento eleitoral do concelho de Coimbra faz saber que se acham affixadas nas portas das igrejas parochiaes as relações impressas do recenseamento eleitoral do corrente anno e expostas na secretaria da mesma commissão a exame e reclamação durante o prazo legal (17 a 27 de março corrente).

Os motivos e forma da reclamação acham-se prescriptos no art.º 28.º e seu § 1.º da lei de 26 de julho de 1899.

Coimbra e Paços do Conselho, 15 de março de 1901.

O presidente,

Manuel Dias da Silva.

Alvaro Esteves Castanheira
Mercearia

Completa variedade de vinhos de mesa e finos, nacionaes e estrangeiros, engarrafados ou em pipos. Conservas em frascos, latas, vidros e pacotes de todo o fabrico nacional e estrangeiro.

Chocolates suissos, espanhoes e nacionaes.

Para brindes, baratos e elegantes, faz este anno, por preços barattissimos a liquidação do saldo do anno passado em cartonagens e caixinhas de setim, seda e veludo.

Amendoas, sortimento completo. Todos os artigos de Mercearia, o que ha de mais fino.

Largo do Principe D. Carlos

Papelaria, tabacaria, perfumaria e objectos de couro.

Rua Ferreira Borges

Materiaes de construcção em barro, grés e cimento, ferro, arame, ladrilhos, azulejo, porcelanas e depósito de petróleos.

Estrada da Beira, portão com letras

Madeiras em bruto e aparelhadas, nacionaes e estrangeiras, incluindo uma variedade florestal pouco conhecida entre nós, com laivos perfeitamente retinctos e deleneados em carmezim carregado.

Estrada da Beira—Barracão

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE
SÉDE EM LISBOA

Capital 1.344.000\$000
Fundo de reserva 350.000\$000

Esta companhia, a mais antiga e a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra fogo, raios e riscos maritimos.

Representante em Coimbra—Bazilio Augusto Xavier d'Andrade.—Rua Martins de Carvalho, n.º 45.

ANNUNCIO

A direcção da Associação dos Artistas desta cidade dá conhecimento aos seus associados de que, em cumprimento do § 2.º do art.º 43.º dos seus estatutos, se acham patentes na sala da mesma Associação as contas da gerência de 1900, pelo espaço de 15 dias, a contar da data deste annuncio desde as 7 ás 9 da noite.

Coimbra, 6 de março de 1901.

O vice-secretário,

Augusto Nunes dos Santos.

PURGAÇÕES

Cura rápida pela **Vegetalina balsamica**, de A. da Silva Paiva pharmaceutico pela Universidade de Coimbra. Producto novo e poderosamente anti-séptico das vias urinárias, applicado sempre com éxito na *urethrite aguda e dolorosa* e na *cystite chronica*.

A venda na pharmácia e drogaria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

POSTO HIPPICO

António Augusto Baptista, director da Escola Nacional de Agricultura.

Faço saber que se acha aberto desde já o posto de cobrição hippico estacionado nesta Escola.

Escola Nacional de Agricultura, 12 de março de 1901.

O director,

António Augusto Baptista.

Agência de Negócios Universitários

Livraria Académica

DE

João de Moura Marques

471 — Rua Ferreira Borges — 473

COIMBRA

Preços módicos

Veja-se a tabella na mesma livraria.

Subsidios para um dicionário completo

(Histórico—Etymológico)

DA

Língua Portuguesa

POR

A. A. Cortezão

Foi publicado o tomo n.º 2. Já está em publicação o *Additamento* a este subsidio.

HOTEL COMMERCIO

(Antigo Paço do Conde)

António Soares Lapa, proprietário deste hotel, participa aos seus freguezes que já tem a venda lampreia guizada e de esca-beche, preparada pelo systema do antigo hotel do Paço do Conde. Encarrega-se de encomendas, tanto para esta cidade como para fóra. Também vende lampreias vivas, devendo-lhe ser feitos os pedidos ao hotel ou ao seu empregado José Lagarto, na rua dos Esteireiros.

Bacalhau Noruega miudo, a 200 réis cada kilo.

Noruega graudo de 1.ª qualidade 230 réis, na

Mercearia Popular

90, Rua dos Sapateiros, 94

Carlos Paniagua Sancher

CIRURGIÃO-DENTISTA

PELA

Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa

CONSULTORIO ODONTOLOGICO

LEIRIA

(Durante a epocha balnear, Caldas da Rainha).

Doenças de bôca e collocação de dentes artificiaes em todos os systemas, corôas de porcellana, aluminio e ouro.

Participa ao respeitavel público que em breve virá a esta cidade offerecer os seus trabalhos.

Mercearia Popular

Patrício da Silva Costa

90, RUA DOS SAPATEIROS, 94

Artigos de mercearia taes como tabacos, assucar, arroz, chá, bacalhau, massas, manteiga, azeite, petróleo, farinhas, bolachas, sabão, stearina, goma, etc., etc.

Especialidade em café de Angola, S. Thomé, Cabo Verde e do Rio. Torrados ou muidos a vista do freguez.

Preço dos assucars

N.º 1 branco fino...	260 réis
N.º 2 „ „ „	255 „
N.º 3 „ „ „	245 „
N.º 4 „ „ „	240 „
Amarelo.....	235 „

AMENDOAS

Cartonagens e brindes de Paschoa

E' surprehendente a exposição de cartonagens e diferentes objectos de luxo da **Mercearia Lusitana**, na rua do Cego n.º 1 a 7. Vêem-se allí, em profusão, variadissimas cartonagens, algumas tam elegantes, dum effeito tam brilhante, que merece bem que se vejam para se admirar. E' tudo o que ha de mais chic, importado este anno do estrangeiro. Para tam ricas cartonagens ha no mesmo estabelecimento as magnificas amendoas de Lisboa, fabrico especial, *sô d'assucar*, tam saborosas pelo seu torrado, como bonitas na apparencia.

A quem por esta occasião costuma fazer os seus presentes de Paschoa, recommenda-se este estabelecimento, por que é ainda o que possui, com inexcédivel asseio e a preços limitadissimos, num sortimento abundantissimo, os mais variados e melhores artigos de mercearia.

Mercearia Lusitana

1, Rua do Cego, 7—COIMBRA

BICO SYSTEMA AUER

LUZ BRILHANTISSIMA

O único e mais barato

Economia garantida de 50 % no consumo do gaz

Bico n.º a 1 1\$000 réis. Bicos n.º 2 a 1\$500 réis

Mangas para todos os bicos a 300 réis, duplas a 500 réis; tulipas e globos desde 300 a 500 réis.

Sempre novidades em candieiros para gaz

Casa de canalisações para Agua e Gaz

99, Rua do Visconde da Luz, 103—COIMBRA

José Maruques Ladeira

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços commodos.

Tem bons quartos para alugar acceitando hóspedes permantes.

O proprietário,

José Maria Júnior.



OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietario—Manuel dos Reis Gomes

R. Martins de Carvalho, 7 e 9

COIMBRA

Impressões de livros, folhetos, diplomas, mappas, facturas, memoranduns, recibos, circulares, estatutos, rótulos, bilhetes de visita, etc.



BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Economia garantida 50 OrO

Bicos Bébé Aureo a 2\$000 réis	preço antigo 24500 réis
Bicos n.º 1 „ a 3\$000 réis	preço antigo 44000 réis
Bicos n.º 2 „ a 3\$500 réis	preço antigo 48500 réis
Mangas Bébé n.º 1 a 400 réis	preço antigo 500 réis
„ „ n.º 2 a 450 réis	

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Candieiros em todos os géneros, canalisações e outros artigos.

Ninguém vende mais barato em Coimbra nem na Figueira da Foz

R. Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

Limpza gratuita aos nossos clientes

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha—Anno, 2\$700 réis; semestre, 1\$350 réis; trimestre, 680 réis.
Sem estampilha—Anno, 2\$400 réis; semestre, 1\$200 réis; trimestre, 600 réis.
Número avulso, 40 réis.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis. Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.
Annunciam-se gratuitamente todas as publicações, com cuja remessa este jornal fôr honrado.

RESISTÊNCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Redacção e administração, Arco d'Alameda, 6

Editor e administrador, Manuel d'Oliveira Amaral

Officina typographica, rua Martins de Carvalho, 7

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos estimáveis assignantes que enviámos já para o correio os recibos das suas assignaturas. Pedimos a fineza de satisfazerem logo que lhes sejam apresentados, para não procedermos a nova cobrança que se torna muito pezáda.

Guerra ao jesuita

Tal deve ser o brado geral!... Lisboa e Porto contrahiram solenne alliança para a defesa da Liberdade Nacional e com as duas importantes e sympáthicas capitães estão todos os centros laboriosos do país.

Os comícios devem, pois, obedecer strictamente a uma orientação uniforme. Não basta apenas pedir-se o rigoroso cumprimento dos decretos de 1759, 1834 e 1862, é necessário também que os oradores liberaes e democratas reivindicuem na praça pública a secularisação do ensino e advoguem o direito de reunião e de associação; a completa liberdade de consciência e de cultos, e sobretudo a base essencial das conquistas da Revolução Francêsa e da Democracia:—a reivindicação do suffrágio universal.

Exemplos recentes impõem-nos esta fatal orientação:

Enquanto na Bélgica não se estabeleceu o suffrágio universal, a reacção politico-clerical campeava triumphante, baseando o seu excessivo e assaz perigoso predomínio na corrupção eleitoral, dispondo sempre duma enorme e esmagadora maioria nas câmaras, avassalando completamente o país, impedindo assim o livre curso da evolução social, com imminente risco da perturbação da ordem.

O partido socialista possuía insignificante minoria na câmara dos deputados, quando não era completamente escurado do santuário da lei pela imposição e a violência dos governos reaccionários, completamente dominados pela reacção, levantando-se nesse tempo formidáveis manifestações de protesto que ainda chegaram a ensanguentar os centros mais importantes como Gand e Bruxellas!...

As grèves eram continuas, agitando permanentemente o país, levando a toda a parte um salutar fermento de agitação revolucionária. Os annos de 1884 a 1887 foram peculiarmente férteis em graves acontecimentos e as manifestações revolucionárias, provocadas pelas grèves das regiões carbonifera e hulhifera de Mons e de Charleroi, e da de ferro e chumbo de Jemmappes, de Genap e Bruges, puzeram em evidência a força enorme do partido socialista.

O gabinete ultra-cathólico de Baarnerte despresou, porém, êsses eloquentíssimos symptomas do mal estar geral e do quasi sedicioso descontentamento da opinião pública, não attendendo jámais à sua significação e continuando impavidamente na senda da desordem e de provocação.

O descontentamento continuou também alastrando-se até que em abril de 1893 rebentou finalmente uma gravissima insurreição em Bruxellas—que assumiu um sério carácter republicano—levantando-se em seguida toda a Belgica aos gritos repetidos de *Suffrágio Universal e Secularisação do Ensino, ou morte!*, acompanhado de morras aos jesuitas, o que originou espantosos conflictos entre a guarda civil e o povo!

A revolução alastrou-se por todo o país, chegando as diversas juntas revolucionárias a peticionarem a implantação do regimen republicano, baseado na completa separação da igreja e do Estado, e a expulsão das ordens religiosas.

O rei, para salvar a corôa que ameaçava subverter-se no pélagio revolucionário, demittiu immediatamente Baarnert—o Hintze Ribeiro da Bélgica—substituindo o gabinete reaccionário pelo governo liberal de Woopoooroom que concedeu tudo: *Suffrágio Universal, Secularisação do Ensino e Expulsão dos jesuitas.*

O resultado desta emancipadora revolução viu-se em junho de 1900, nas eleições legislativas realizadas em toda a Bélgica, a extrema-esquerda socialista—até allí confinada em cêrca de 20 deputados—atinge já o significativo número de 65, e em breve aquelle país estará completamente livre da monarchia e do clero.

E a sua salvação é devida à energia e illustração do povo!

Eis o luminoso exemplo que nos cumpre seguir!... O movimento, que ora alastra dum a outro extremo do país, não pôde assegurar o seu êxito sem arrancar aos poderes públicos estas duas essenciaes conquistas democráticas e significadamente úteis para os direitos populares: *Suffrágio Universal e Secularisação do Ensino.*

E' verdade que urge primeiro reivindicar o cumprimento da Lei contra a existência das ordens religiosas, mas o jesuitismo só ficará completamente derrotado arrancando-se-lhe o ensino e dando o direito de votar a todos os cidadãos maiores de 21 annos, por que só com estas armas a opinião logrará a sua completa victória!

FAZENDA JUNIOR.

Côrtes

Diz-se já que na primeira reunião do concelho de estado será apresentada uma consulta para a prorogação das côrtes durante todo o mês de abril, parecendo que não será essa a única dilatação da parolice.

As succursaes

Nêste districto nada, que valha, ha ainda feito com relação ao inquérito ordenado sobre coisas jesuíticas.

Expediu-se, diz-se, um questionário ás casas monásticas, para que os directores respondam.

E depois, que mais se faz? Não sabemos dizer, mas acreditar que por aquillo se fique, seria talvez, ter demasiado pessimismo. Mais deve esperar-se.

Bem que se tenha Coimbra como a cidade menos invadida pelos jesuitas, e que pirotécnicos de fogo rasteiro hajam propalado isso como um facto incontestado dando a causa à influencia cuidada de elementos que não podem deixar de puxar para o ar-rocho e que têm actos dêsse puxar reveladores, a verdade é que se pudesse ter o decreto do dia 10 como uma manifestação de dignidade a respeitar e manter, em Coimbra haveria correções a iniciar.

Vê-se diariamente, uma romaria de creaturas fanatisadas para Santa Thereza, para as chamadas *Therezinhas*; gente, mulheres em maior número, que em cada manhã abandona tudo para ir à penitência, á missinha e á predica.

Anotamos isto para uma lembrança:—é que *alguem* atrahesse essas almas transviadas, e, se attendemos a preceitos da religião official, vemos que ella manda aconselhar a missa aos domingos e dias sanctificados. Logo, o que em conselho vai além daquillo significa o empenho de catechisar, de submeter ás doutrinas da odiosa ordem que o país inteiro,

aparte liberal, hoje combate como um perigo à boa ordem social.

Não recorda aquella célebre tragédia do padre Ramalho com uma senhora casada? Pois foi obra urdida nas *Therezinhas*, obra de saliente immoralidade e de irri-tante cinismo. E contudo, o tal Ramalho ainda está no bispado, e é professor do Seminário, sem que o veja o optimismo dos taes pirotécnicos de fogo rasteiro. Depois, não é significativa a romaria?

Em jesuitas de casaca e rendas o que para ai ha também é para não esquecer. Estão êsses directamente fora da alçada do decreto? Sem dúvida, mas não o estão as casas em que têm influente predomínio, casas sob a tableta de caridoso ensino e desvellada protecção a necessitados, as associações chamadas de beneficência, sob a invocação de vários santos como a academia de S. Thomás d'Aquino, a creche de S. Vicente de Paula, o Pão de Santo António, etc., que para ai têm feito várias exhibições.

Convém, pois, ver e vasculhar o que sam, como se acham instituidas, quem inspira as direcções e tudo o mais que convém saber se sobre a sua existência legal.

Nem só das casas reconhecidas como conventos mais ou menos mascarados se tracta; urge inquirir também destas succursaes ou ramificações, tentáculos que vam abraçando a juventude, para a transformar em cegos instrumentos reaccionários desde a adolescência.

Se alguma coisa, por cá, se tenta fazer que aproveite, não esqueça isso que é grave e importante.

Conciliados?

Entrou num periodo de bonança a tam decantada rivaldade entre Hintze e João Franco.

Recordam-se, certamente, de que á volta dessa coisa se bordaram mil conjecturas, em commentário duma preocupação que chegou a ser ridícula, uma vez que as bicadas entre êsses dois galos em nada podia interessar á marcha dos negócios públicos, que é afinal o que devia interessar. Pois os mais ou menos crentes no rompimento soffreram uma desillusão, pois que numa das últimas sessões, Franco fez confissão de fé e submissão ao outro, embora tartamudeando queixumes por lhe serem regeitadas as suas emendas á proposta das concessões ul-tramarinas.

E anda apregoadá aos quatro ventos a sua declaração de que é ainda regenerador, e de que, se estivesse resolvido a sair dêsse partido, a primeira pessoa a quem o declararia era ao seu chefe, ao sr. Hintze.

Daquí a cairem nos braços um do outro vai um passo, sem em bargo da possibilidade de, no momento do amplexo, se darem ao gesto, pelas costas, que o outro teve para o mar quando perguntava se queria mais alfarroba.

Sam excepçoes de desplante e de ridiculo, êsses dois talentos da alta politica palaciana.

Ordens religiosas

Começamos hoje a publicar o eloquente relatório com que Joaquim António d'Aguiar justificou o patriótico decreto de 28 de maio de 1834.

Presentemente urge que os liberaes, fortalecendo o seu espirito com a leitura daquelle relatório, se mantenham sempre preparados nesta guerra aberta contra jesuitas e ordens religiosas, luta que apenas está no seu principio.

Porque só assim, bem unidos e orientados, poderemos alcançar a victória que nos é devida pela justiça e pelo direito que revestem a nossa causa.

Senhor:

Está hoje extinto o prejuizo que durou séculos, de que a existência das Ordens Regulares é indispensavel á Religião Catholica, e útil ao Estado, e a opinião dominante é que a Religião nada lucra com ellas, e que a sua conservação não é compativel com a civilisação, e luzes do século, e com a organisação politica, que convém aos Povos.

Jesus Christo não as creou—os Apostolos desconheceraam as:—o estabelecimento da Igreja, e a propagação do Evangelho fez-se nos primeiros séculos de um modo prodigioso sem a cooperação das Ordens Regulares.—As perseguições afugentaram das Cidades muitos homens que achando nos desertos a paz, e a liberdade de exercitar a Religião perseguida foram obrigados a refugiar-se nelles.—O império Romano tornou-se Christão, os desertos acharam-se povoados de Cenóbitas, e apesar de haverem cessado os motivos que af conduziram os primeiros, continuaram a povoar-se delles.—O enthusiasmo duma devoção solitaria levou também aos ermos muitos devotos, como o medo da morte levára os primeiros Christãos. Associações assim formadas nos desertos e nos ermos, deram origem ás Ordens Regulares: mas em pouco tempo foi esquecido o modelo, que ellas apresentavam para seguir-se; estas instituições passaram do Oriente para o Occidente; já no século v havia af um prodigioso número de Conventos, e já os Religiosos d'então se pareciam tanto com aquelles primeiros ascetas quanto a Roma de Nero se assemelhava á de Numa. A história dêste, e dos séculos seguintes offerece um contraste notavel entre uns e outros.—Uns fugiram das cidades e povoações para se purificarem no ermo com os pensamentos da eternidade: eram leigos que procuravam a clausura, não por modo de vida, mas por uma devoção espontanea: eram Cidadãos úteis, apesar de separados da sociedade, porque tiravam a sua subsistencia não dos fieis, nem do Estado, mas do trabalho de suas mãos, a que indispensavelmente consagravam muitas horas por dia em todo o decurso do anno; tudo nelles era modesto e humilde; o seu sustento os legu-

Hoje, á passagem do rápido para o Porto, que conduzia parte da commissão liberal que foi entregar a representação ao rei, tam conhecida e apreciada, uma commissão de liberaes desta cidade, formada de estudantes e commerciantes, da qual fazia parte a direcção da Associação Commercial, foi cumprimentar os membros daquella commissão pelo seu patriótico e alevantado esforço pela causa da liberdade, exorço que se traduz numa eloquente manifestação civica da cidade do Porto, que deve servir de exemplo a todo o pais.

Os cumprimentos foram revestidos de entusiasmo e de calorosos protestos contra a reacção ultramontana em todas as suas formas, fallando eloquentemente a este propósito o quintanista de medicina, sr. Fontes.

Récita do 5.º anno jurídico

No theatro circo teve logar a festa de despedida do actual curso do quinto anno theológico juridico, com a representação da peça em quatro actos—*Uma universidade celeste*.

Como de costume o theatro achava se luxuosamente adornado, notando se sobretudo na ornamentação uma singeleza e simplicidade reveladoras de um finissimo gosto da parte de quem presidiu a esse trabalho.

A concorrência, composta de familias dos académicos e de muitas das principaes familias desta cidade, era, sem exagero, distincta.

E finalmente o desempenho e, em geral, o modo como toda a récita decorreu, deixaram todos os assistentes o mais lisongeiramente impressionados, dando ao espectáculo o cunho de uma festa animadissima e briosa, como costumam ser todas as festas dos estudantes.

Contentando nos por agora com estas referências, assistiremos no próximo sabbado a repetição da peça, que está muito bem feita, para então della darmos uma mais desenvolvida noticia.

Fallecimento

Victimado por um doloroso e demorado padecimento, succumbiu no domingo o sr. Adelino Augusto Vieira, secretario da câmara municipal.

Pois que era um cavalheiro, geralmente conhecido, duma correcção de proceder irreprehensivel, tanto em relação á sua vida official como particular, merecendo e gosando porisso inúmeras e distinctas considerações, a noticia da sua morte foi conhecida com bastante pesar, demonstrando a concorrência ao seu funeral na segunda feira a alta estima que lhe era tributada.

Cavalheiros de todas as classes com a câmara e pessoal das repartições municipaes formavam o numeroso cortejo, levando a chave do caixão o sr. dr. Manuel Dias da Silva.

No cemitério, disse o adeus de despedida ao saudoso extinto, em phrase de justo elogio ao seu carácter, quer como funcionario quer como amigo, o sr. dr. Manuel da Costa Allemão, que comovidamente affirmou ter perdido em Adelino Vieira um amigo de infancia, dedicado e apreciavel.

A sua familia os nossos sentimentos pesames.

O museu de antiguidades do Instituto acha-se aberto das 11 horas ás 3 da tarde, todos os domingos e dias santificados.

Para a visita nos outros dias, basta procurar o guarda, João Rodrigues Christóvam, rua Borges Carneiro, n.º 6.

Fosforos—No parlamento

Repetidas vèzes aqui temos reclamado contra a escandalosissima roubalheira que ha largos annos a privilegiada companhia dos fosforos vem fazendo ao pais com a sua mercadoria, mais que avariada, extremamente ordinária. Por toda essa provincia além vem a imprensa, periodicamente, formulando protestos contra a irritante e intoleravel extorsão. Se bem nos recorda, ha dois ou três annos, as classes operárias do Porto promoveram e realisaram um comicio para levarem ás instâncias superiores uma reclamação, sobre o facto; e no entanto, nenhum ministro da fazenda, de situação progressista ou regeneradora, teve ainda a *condescendência* de chamar a calabriana companhia a *reparar* em que o seu proceder, a maneira como está fornecendo o publico, representando uma contravenção flagrante das cláusulas a que se obrigou, tem mais o característico saliente duma gatunice industriosa e a todos os principios condemnavel.

Livremente, pois, a feliz concessionária desse monopólio tem mantido e mantém o seu irritante systema de proceder, lançando ao mercado caixas de fósforos roubadas na quantidade e absolutamente condemnaveis na qualidade, resultando ao consumidor, pelo escasso número que aproveita, visto que propositadamente assim são fabricados, o dobro ou mais do dispêndio nesse artigo, ficando a companhia um lucro fabuloso.

Mas não basta isto. Como já aqui notámos e acaba de ser referido no parlamento, os governos têm pactuado com a companhia no escândalo, permitindo-lhe não só a extorsão na quantidade e qualidade dos fosforos que fornece, mas ainda o mais completo desprezo pelas suas obrigações quanto ao número de tipos que se comprometteu a fabricar. Seriam três, pelo contracto formulado e em vigor.

Mas quem viu até hoje, o typo n.º 1, fosforo ordinário, de 5 réis a caixa, para os pobres. Ninguém o viu ainda, exactamente porque ella o não fabrica, porque não dá lucros avantajados, e ainda porque esse typo faria decrescer o consumo dos outros, roubados em quantidade e em qualidade.

E pôde admittir-se que ao governo d'hoje ou aos anteriores não haja chegado o conhecimento de semelhante falta. Certamente que não, mas disse já um estadista agredindo outro que estava no poder: *Ladrões não se encobrem de graça*—e assim fica a comprehensão de que o governo, e os ministros, qualquer que seja o bando a que pertençam, vão feitos no negócio—têm por qualquer forma quinhão nos fabulosos rendimentos, cinica e arteiramente roubados ao pais. Lá disse o outro: *Ladrões não se encobrem de graça*, e os ministérios têm encoberto e até protegido a companhia gatuna.

Pois não é verdade que lhe facultam todos os elementos de força fiscalizadora, paga pelo estado, para perseguir os pobres diabos que façam uso da isca n.º 1 ou de qualquer outra acendalha? para esmagar quem ou se fabricar o fosforo chamado *de espera*, que ella é obrigada a fornecer e não fornece? Porque não a forçam, então, ao cumprimento dos seus compromissos pela mesma razão que lhe garantem os seus direitos?

No parlamento o deputado Oliveira Monteiro disse:

O que está succedendo com o monopólio dos fosforos é verdadeiramente extraordinário!
Quando foi adjudicado o exorço

mes, que as suas fadigas extorquiam aos baldios ermosos e quasi infecundos;—os seus hábitos pannos grosseiros, curtos, e accommodados a suas fadigas; as suas cellas grutas e choupanas; os seus templos pequenos oratórios; uma Cruz informe, e as reliquias dos Mártires todo o seu thesouro.—Os outros pelo contrario fugiram como espavoridos da solidão para os povoados e para as cidades mais ricas, e populosas; abandonaram o trabalho como indecoroso ao carácter Sacerdotal, a que foram elevados; obtiveram e arrancaram muitas vezes dos Principes e dos Povos, doações illimitadas, e privilegios os mais odiosos, inventaram ou tros, e fabricaram os titulos; tiveram mesas lautas, e regaladas; edificaram casas sumptuosas, e magnificos templos; attentaram contra a segurança, e contra a Authoridade dos Reis, e contra os Povos; derramaram o fanatismo pelas diferentes classes dos Estados; perturbaram a paz da Igreja, e a Sociedade com dissensões, e discórdias, que começando por subtilsas escolásticas sempre odiosas, e quasi sempre ridiculas, acabaram algumas vezes em brigas, e assassínios dentro dos próprios templos; substituíram ás puras, e sãs doutrinas do Evangelho, falsas legendas, milagres, e apparicões, e revelações fabulosas, e observadas; excoGITARAM os mais astuciosos meios de amontoar riquezas; propagaram a crença, que durou séculos, de que os peccados eram perdoados a quem mais desse aos Mosteiros, e a outra da proximidade do fim do Mundo; a credulidade trouxe assim grandes doações aos Mosteiros; acreditou-se que o meio mais seguro da salvação das almas era fundar uma casa religiosa ou deixar todos os bens, e a infeliz geração que se reputava próxima á catástrophe que devia extingui-la, de boa mente dava aos Mosteiros o que tinha, e os Religiosos ainda que não pareciam duvidar de irem cedo gosar duma melhor sorte na eternidade, foram acceitando as doações, e guardando os titulos em seus archivos, para que da sua parte não estivesse qualquer dúvida que podesse haver na salvação das almas dos piedosos doantes; patientearam emfim de todos os modos a ambição, inseparavel de Corporações poderosas, que tinham a seu favor a credulidade dos Povos, e por consequência a sua immoderada liberdade; e por meio de tam fecundas fontes conseguiram apoderar-se de todos os bens do Mundo, se o número dos timoratos, e dos crédulos não tivesse diminuido com a penetração das luzes, e os Principes não tivessem limitado as aquisições por meio de Leis muitas vezes repetidas; a opulência e o luxo dos Religiosos chamaram ao seio destas associações, em lugar de homens levados a ellas por uma vocação sincera, os que queriam gosar al as commodidades que não podiam encontrar no século.

Não sam estas, Senhor, asserções, sem fundamento, ou accusações vagas, os Escriptoires mais insinuas por uma religião, e por sua Piedade deixaram em seus Escriptos abundantes provas. A relaxação das Ordens Regulares devia ser uma influencia poderosa na moral pública, mas não é só debaixo desta relação que devem considerar-se, ellas pesam ainda por outro modo bem desastroso na República, e na Igreja, principalmente depois do século XIII, quando appareceram no Mundo as quatro familias dos Mendicantes, que rivalisando, e excedendo logo a todas as creações dos séculos passados aggravaram ainda tantos males: intrometteam-se nos negócios civis do maior momento, pregaram com a maior

vehemência a intolerância, e pronunciaram se abertamente contra a supremacia do Poder Temporal, e contra a plenitude do Poder Espiritual, que compete aos Bispos, como successores dos Apostolos. «O que foram os Jesuitas depois do concilio de Trento (diz um grande Canonista dos nossos tempos) eram os Franciscanos, e Dominicos do século XIII até áquelle Concilio.» Foi então principalmente que se manifestaram em toda a sua luz os effeitos subversivos das isenções. Estas emancipações da auctoridade Episcopal, como as civis o sam da auctoridade paterna; estas emancipações (para me servir da expressão de S. Bernardo, que tanto as detestou) foram attentatórias dos direitos sagrados que Jesus Christo confiara aos Apostolos, e aos seus successores: os Bispos cessaram, em consequência della, de ser Prelados de todos os seus Deocesanos, porque uma parte lhes foi alienada; e esta alienação, que só parecia prejudicar o regimen interno da Igreja, não só teve ainda relação nos seus effeitos com o Poder dos Principes, mas dissolveu o vinculo, que podia mais de perto prender os Regulares ao desempenho de seus deveres, e habilitou os para viverem em mais desenfreada licença, não só porque os seus interesses triumpharam de todos os obstáculos legitimos, mais porque de facto não ficaram tendo superior sobre a terra; tendo um tam remoto, e occupado dos negócios da Christandade interna. Outro inconveniente resulta ainda bem grave, e que não foi sentidos senão muito tarde, e quando já tinha produzido estragos irreparáveis na moral: quero fallar da diminuição da auctoridade Parochial. Esta foi absorvida em grande parte pelas Ordens Regulares em geral, mas principalmente pelos corpos Medicantes: chamaram a si a administração de quasi todos os sacramentos, e com preferencia do mais importante em quante regula os movimentos do espirito, e do coração humano, que é a Penitência: os costumes soffreram com isto uma inetivel relaxação, e aquelles a quem o Direito Divino contituiu atalajas e zeladores desses costumes, juizes das consciências, e immediatos distribuidores do Pastro Espiritual, não poderam conhecer mais o seu Rebanho, que a cada momento se lhes subtraia. Acresceu a estes males um ultimo, que devia derivar-se de tam estreitas relações entre aquelles, e o Povo: este recebeu todas as doutrinas boas, e más, devorou todo o seu fanatismo, respeitou-os, soccorreu os com excesso, e elles tiveram todos os vicios dos mendigos, que levaram pelo seio das familias. O estado das Ordens Regulares, e sua desregulada conducta deu muitas vezes logar de queixas amargas, e enérgicas, mas sempre inúteis reclamações, e a divisões funestas á paz da Igreja, e do Estado, e cuja narração a história transmittiu á posteridade em longas paginas. Diferentes reformas auxiliadas pelos esforços dos concilios, dos Pontifices, dos Bispos, e dos Imperantes Civis se foram succedendo através dos tempos; porém mal pôda esperar-se que alguma dellas desarreiga se os vicios inherentes aos estabelecimentos, e com effeito o resultado foi nenhum: o mal foi progredindo; prohibiu se a fundação de novos Institutos, extinguiram-se diferentes Mosteiros, porém este remédio não bastou para cura-lo.

O sr. Rodolpho Duarte Costa, fez ontem o registro civil, do nascimento duma filha, a quem deu o nome de Patria. Foram testemunhas o sr. Luis Augusto Teixeira e Francisco M. da Fonseca.

A secularisação do ensino

Uma das primeiras e mais importantes reivindicações que a opinião democrática tem imperiosamente de fazer é a da secularisação do ensino—base essencial da verdadeira instrução popular e formidável impulso na senda do fatal advento da República.

O método de João de Deus; as missões de propaganda e d'ensino das denominadas *Escolas Moveis*; a brilhantíssima instituição da *Escola gratuita 31 de Janeiro*, e sobretudo a notável e popularíssima proposta, já felizmente adoptada, da organização duma universidade livre, a exemplo do estrangeiro—com sede em Lisboa—são excellentes bases orgánicas e fortíssimos argumentos para se sustentar uma formidável e bem orientada campanha em prol da reivindicação da secularisação do ensino, para o bom êxito da qual devem concorrer todos os liberaes-monarchicos e o partido republicano.

A nefasta e incessante obra dos nefandos sectários de Loyola opporia a opinião liberal democrática de todo o país um formidável e invencível obstáculo, neutralizando-lhe assim a acção e mallogrando-lhe todas as tentativas.

O que succedeu em França é de per si sufficientemente suggestivo para se levantar em Portugal uma forte e salutar corrente neste sentido. Allí, na grandiosa e sympathica pátria de Voltaire, de Rousseau e de Littré, não obstante a formidável campanha contra os jesuitas e as congregações religiosas energicamente sustentada por vultos da estatura moral e intellectual de Victor Hugo, de Luiz Blanc e de Léon Gambetta, a reacção campeava infrene e implacavelmente dominadora desde a repressão da Comuna e o auxilio do reacçãoário marechal de Mac Mahon, que—no golpe d'estado de 16 de maio de 1877—pretendeu reduzir a República a um feudo da Santa Sé.

Após a queda do presidente caserheiro e conspirador, iniciando-se o consolado genuinamente republicano de Jules Grévy, levantou-se um formidável e

irresistível movimento em prol da reivindicação da secularisação do ensino, travando-se verdadeiramente encarniçada a lucta entre revolucionários e reacçãoários durante o longo período de tempo que abrange a dominação dos gabinetes de Waddington, de Freycinet e parte da do notável ministério presidido por Jules Ferry, no qual foi titular da pasta da instrução pública e bellas artes o immortal patriota Paul Bert—o invencível inimigo da reacção.

Foi longa e penosa a lucta; os pregadores reacçãoários converteram o púlpito em tribuna contra-revolucionária e o confessorário em ante-câmara conspiradora, tentando levantar a opinião eminentemente cathólica contra as livres instituições democráticas; os generaes retrogados do estofo de Mac-Mahon, de Mercier, de Boisdoffre e de Pellicua sonharam subverter a novel República no abysmo dum novo 2 de dezembro, desta vez em proveito dos principes de Orleans; mas a opinião não se desorientou e a lei promulgada em 4 de dezembro de 1880 concedeu definitiva e gloriosíssima victoria á causa da Liberdade e da Revolução—*secularizando o ensino*.

Não obstante em Portugal dominar uma monarchia em completa dissolução moral, ferozmente oppressiva do Direito, da Justiça e da Liberdade, a imprensa republicana deve levantar e secundar a sublime e sacrosanta causa da secularisação do ensino, que—além de ser um excellentes meio de se promover uma permanente e salutar agitação—é um formidável elemento de victoria na lucta contra a reacção.

Depara-se nos uma excellentes oportunidade para se promover uma grandiosa e sympathica manifestação nos principaes centros do país para se iniciar este tam indispensavel movimento contra a odiosissima reacção dominante. A 8 do próximo mês de maio passa o luctuoso anniversario do passamento do maior estadista português. Organize-se á sua veneranda memoria um cortejo cívico, uma especie de procissão symbolica de Arraz, no templo da Revolução (10 d'outubro de 1793) no Porto, Aveiro, Coimbra,

Lisbõa e noutros pontos, e teremos assim o almejado pretexto para se levantar a campanha revolucionária da—*secularisação do ensino!*

Publicação oportuna

A casa editora França Amado vai fazer em breves dias a publicação do importante e esclarecedor relatório que o distincto professor de medicina sr. dr. Sousa Refoios redigiu em 1880, sobre o collégio de S. Fiel, no Lourical do Campo, collégio a que fez um inquérito com outros commissiionados.

No período de ebulição anti-jesuitica que vamos atravessando, aquella publicação, que o sr. dr. Refoios dedicadamente autorizou, redundará num bello serviço de propaganda, pois que no relatório ha, ao que nos dizem, revelações dum alto alcance para elucidação dos incautos e crentes.

Sendo, como é, o resultado dum inquérito feito com toda a independência, para informação official verdadeiramente conscienciosa, inquérito levado a cabo com a precisão e escrupulo mais veneraveis, o seu valor de revellação é do maior alcance, de sorte que, o sr. dr. Refoios autorizando a sua publicação, e o sr. França Amado fazendo-a, prestam um serviço valiosissimo á causa da liberdade, que ora traz assoberbado o espirito nacional, que não communga com o reacçãoarismo.

Que a publicação appareça, pois, em breve, que é desejada e esperada com anciedade.

Câmara Municipal de Coimbra

Sessão ordinária de 14 de fevereiro de 1901

Presidência—Dr. Manuel Dias da Silva.

Vereadores presentes:—António Francisco do Valle, bacharel Porphyrio da Costa Novaes, Francisco Maria de Sousa Nazareth, João Gomes d'Oliveira Mendonça Cortez, Miguel José da Costa Braga, Manuel Miranda e Ferreira Malva.

Foi aberta a sessão ás 2 horas da tarde, sendo lida e approvada a acta da sessão anterior.

Pela presidência foi convidada

de Romanes estava no quarto, assentado a esta mesa que aqui está.

—Estava sim, senhor.

—Tornou a fechar a porta do quarto e sahiu pela porta de serviço?

—Não, senhor; pela escada principal; porque o guarda-portão que é da minha terra se não zanga comigo quando o faço.

—Não encontrou nenhum dos amigos do conde, nem nenhuma cara conhecida?

—Não senhor.

—O conde tinha o hábito de ir abrir, quando batiam e o senhor não estava?

—Nem sempre. E' conforme estava disposto.

—Tinha fechado a porta? Encontrou-a como a tinha deixado?

—Sim, senhor; só a porta do quarto do patrão é que estava aberta, foi por isso que eu entrei imaginando que elle tinha saído ha pouco.

—A que horas voltou?

—A's quatro horas e meia. Tinha ido tambem ao Grande-Hotel comprar cigarros.

—Encontrou o conde no estado em que nós o vemos?

—Sim, senhor; por um pouco que não perdi os sentidos. Fui a correr chamar o guarda portão que subiu immediatamente comigo.

—Tem ambos a certeza de que o conde já não respirava?

—Com certeza! disseram ao

a comissão encarregada de dar parecer sobre as duas propostas verdes, presentes em sessão de para o fornecimento de carnes 7 último a apresentar os seus trabalhos.

Foram lidas em primeiro lugar as duas propostas de António Juzarte Paschoal e José Maria da Silva Raposo e em seguida a informação do veterinário Joaquim Augusto Rodrigues e por último o parecer da comissão, que comparando ambas as propostas, conclue por mostrar ser mais vantajosa a primeira proposta, mas ainda assim inaceitavel sem algumas modificações a saber: que a elevação dos preços não poderá ter logar sem que o preço do gado no mercado de Lisboa tenha excedido a 5000 réis, devendo portanto continuar a vigorar o mesmo preço não só no primeiro mês do exclusivo, mas em todos os subsequentes, enquanto o augmento não exceder aquelle limite.

E pelo contrario effectuar-se-ha a descida logo que a cotação naquelle mercado desça a 40500 réis. E assim o preço proposto em ultimo logar deverá conservar-se enquanto a cotação não exceder 50000 réis ou baixar de réis 40505. A cotação entre 40105 réis a 40500 réis constituirá outra categoria para a descida do preço. As outras, quer para a descida quer para a subida de preços serão de 300 réis, conforme a tabella proposta, devendo porém começar com a fracção e terminar com o número redondo. Assim será de 30205 a 30500 réis; de 30505 a 30800 réis, de 30805 a 31100 réis etc.—Em caso nenhum os preços poderão ser augmentados sem prévio aviso á câmara com antecedência de 8 dias, para esta poder verificar da realidade da cotação em que se basea o augmento e annunciar este; que a venda do osso que sobejar do contrapeso da carne é obrigatória; que não poderá vender rim com osso e a lingua deve ser limpa da arreigada.

Antes de entrar na discussão do parecer e propostas deliberou a Câmara sobre a legitimidade dos dois proponentes, decidindo que a circumstancia de o proponente António Juzarte Paschoal ter um pleito com a Câmara não

mesmo tempo o creado de quarto e o guarda-portão.

—Qual de vocês é que lhe pegou na mão?

—Foi o guarda-portão, respondeu o creado de quarto. Eu peguei-lhe na cabeça e tive medo, a cabeça caiu, como a cabeça de um morto sem um movimento nem dos olhos nem dos lábios.

—Não viu no quarto nada que revelasse a presença dum extranho?

—Nada, a não ser a porta do quarto de vestir que estava aberta. Com isto fecharam a sessão.

O tio de Fernando acompanhou os quatro representantes da justiça.

Quando toda a gente se ia, o procurador da República voltou sobre os seus passos.

Desta vez era para fazer uma saudação ao cadáver.

O cumprimento do procurador foi repetido por toda a gente com o respeito devido aos mortos.

—Olhe, disse o creado de quarto, dirigindo-se ao marquês de Romanes, dir-se-ia que o senhor conde fez um signal com a cabeça.

—Tambem a mim me parece que o seu rosto se reanimava.

E' que ninguem tem o olhar firme para ver a morte. Produz-se sempre a illusão dos olhos nas câmaras mortuarias. Ha além disso contracções naturaes que parecem vir a propósito.

Toda a gente, naquelle adeus,

o inibia de concorrer a esta arrematação, mas inibia o 2.º proponente a circumstancia de ser o mestre da matança no matadouro, vista a expressa disposição do artigo 5.º do Regulamento do mesmo matadouro, superiormente approvada.

Discutido o parecer da Comissão, foi elle approvado sob a condição de serem accetis as modificações indicadas pela Comissão, marcando se ao proponente o prazo de 24 horas para resolver e auctorizando-se o presidente, no caso de serem accetis, a lavrar a competente escriptura de contrato, reforçando primeiramente o interessado o deposito provisorio e effectuando o definitivo nos termos das condições da arrematação.

Arrematou em praça quatro lotes de terrenos em quinta de Santa Cruz para edificações, a saber: Da dr. Gonça'o Xavier d'Almeida Garrett, lotes n.º 32 e 33, com 1.346, m por 4630155 réis;—lotes n.º 52 com 685, m e por réis 2080025 a José Augusto de Macedo, e lote n.º 53 com 746, m e por 2310260 réis a Cassiano Augusto Martins Ribeiro.

Balanco do cofre saldo effectivo, 1:2710964 réis.

Agradecimento

Elvira Brito de Carvalho e seu filho Henrique Carvalho, sob a dolorosa impressão que lhes deixou a morte de seu saudoso marido e pae José Carvalho, vêm testemunhar publicamente a sua immensa gratidão a todas as pessoas que durante a terrivel enfermidade que victimou aquelle ente que lhes era tam querido, lhes dispensaram os seus obséquios e confortos, e ainda depois do fallecimento os acompanharam na sua profunda e cruciante dor, já tomando parte no funeral, já dirigindo-lhes condolências e dispensando-lhes serviços que jámais esqueceram e pelos quaes se fazem sentidamente reconhecidos.

Coimbra, 20 de março de 1901.

Agradecimento

Preciza se um, ou próximo a ganhar.

Rua do Visconde da Luz, 60.

12 Folhetim da «Resistência»

ARSÈNE HONSSAYE

REGINA

Livro primeiro

O tiro de revolver

VIII

Primeiro leque partido

O procurador da República continuou a interrogar o porteiro.

—Consulte bem a sua memoria; quem passa demora sempre um momento, para lhe perguntar se este ou aquelle locatário está em casa.

—Ah! meu senhor, era necessário que eu tivessees quatro homens e um cabo para os não deixar passar. Por mais que eu ressonda sempre que o deputado e o senador não estão em casa, sobem sempre com o pretexto de escrever o seu nome ou de deixar um requerimento. Não era eu que queria ser senador ou deputado.

—Tem razão.

—Sem contar que eu trocava o meu logar por um de professor ou de escrevente.

—Nos que vieram pela manhã, não reconheceu um amigo ou um fornecedor do Conde?

—Não. Mas devo dizer que esta manhã estava muito entretido

do a ler na *Gazeta dos Tribunaes* o caso da menina perdida.

—Se o tornamos a interrogar, é para lhe perguntar isto, ouça bem: A senhora condessa de Romanes terá cá vindo hoje?

—Não a vi passar.

Nessa occasião o guarda portão tomou um certo ar.

—Não creio que viesse; porque, se tivesse vindo, ter-me ia feito a honra de me dar os bons dias.

O procurador da República fez respeitosa e notou ao porteiro que ha momentos em que as pessoas mais bem educadas esquecem os seus deveres de delicadeza, levados pela preocupação de um acontecimento inesperado.

Graças a esta phrase do procurador da República, o guarda-portão houve por bem lembrar-se que uma senhora toda vestida de preto, uma dama vellada, com a estatura e o feitio da condessa, tinha passado, rápida como a sombra, mas julgava que era uma amiga do senador, que as tinha em barda, porque lhe pareceu que não parára no primeiro andar.

Os guarda-portões tem olhos e ouvidos em todos os andares.

—Está bem, disse o procurador da República, havemos de interrogar o senador.

Voltaram-se para o creado de quarto.

—Precisemos bem: quando sahiu, ás duas horas, o senhor con-

(Continua.)

00326
09
324

Éditos de 30 dias

(2.ª publicação)

No juízo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão do 3.º officio Nunes, corre seus termos uma acção de justificação em que sam autores o bacharel António de Magalhães Mexia Macedo Pimentel de Bulhões, conservador do registo predial na comarca de Almada, e sua esposa D. Maria da Conceição de Paiva e Lima Cardoso, residentes em Lisboa, por meio da qual pretendem justificar que ha mais de cinco annos sam legittimos possuidores de um prédio rústico e urbano, denominado Quinta do Alhanez, freguesia de Castello Viegas, concelho de Coimbra, que consta de casas abarracadas, adega, palheiro e terras de sementeira de secca e rega para cultura de cereaes, com diversas arvores de fructo, onde já fizeram uma eira e outras bemfeitorias, e confina no norte com Onofre Coelho Formigo e Manuel Ferreira, do sul com António dos Santos Concheira, do nascente, com Onofre da Costa, e do poente, com caminho publico; e que durante esse tempo a têm possuido pacifica, pública e continuamente em seu próprio nome e sem opposição alguma; e requerem que seja julgada procedente e provada a justificação de mera posse no prédio descrito, por mais de cinco annos, para todos os effeitos legais e especialmente os do registo, nos termos do artigo 524 do código civil.

Nestes termos, por éditos de 30 dias, contados desde a última publicação deste annuncio, sam citadas as pessoas incertas que se julguem com direito a impugnar a justificação requerida, para a segunda audiéncia deste juizo, posterior ao prazo dos éditos, virem accusar a sua citação e assignar três audiências para deduzirem por meio de contestação o que tiverem a oppôr, seguindo-se os demais termos até final. As audiências fazem-se ás segundas e quintas feiras, por 10 horas, no tribunal judicial situado nos paços municipaes na Praça Oito de Maio desta cidade de Coimbra, em conformidade com o disposto no art.º 151 e seus §§ do Código do Processo Civil. Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,
R. Calisto.

ANNUNCIO

(1.ª publicação)

Pelo juízo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão interino do primeiro officio, correm éditos de trinta dias, a contar da segunda publicação do respectivo annuncio, citando José Fernandes e sua mulher, José Simões da Costa, solteiro, maior e Bernardo Simões da Costa, solteiro, auzentes no Brasil, em parte incerta, para, na qualidade d'interessados no inventário orphano lógico a que se procede por óbito de Silveria da Conceição e marido António Simões da Costa, moradores, que foram, no logar da Zouparria do Monte, freguesia de Souzaellas, assistirem a todos os termos, até final, do dito inventário, sob pena de revelia. Coimbra, 11 de março de 1901.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,
R. Calisto.

O escrivão interino do 1.º officio,

J. A. Lopes Ferreira.

CREADA

Precisa-se uma.
Pateó da Inquisição n.º 21.

VELOCIPEDA

Vende-se um de três rodas, para creança.
Tambem se vendem alteres e malhas para fitto, tudo em segunda mão. Quem pretender dirija-se a Victorino Gomes de Carvalho, serralheiro, travessa de Montes Claros em Mont'Arroyo.

Cosinheira

Precisa-se um ou uma para casa de estudantes.
Rua de Thomar, 2.

CIRCULAR

Eu abaixo assignado declaro que desde esta data formei sociedade com meu filho Nery Ladeira, no meu estabelecimento e officina de canalisações na rua do Visconde da Luz 99 a 101 ficando sobre a firma José Marques Ladeira & Filho.

Coimbra, 18 de março de 1901.
José Marques Ladeira.

Alvaro Esteves Castanheira

Mercearia

Completa variedade de vinhos de mesa e finos, nacionaes e estrangeiros, engarrafados ou em pipos. Conservas em frascos, latas, vidros e pacotes de todo o fabrico nacional e estrangeiro. Chocolates suissos, espanhoes e nacionaes. Para brindes, baratos e elegantes, faz este anno, por preços barattissimos a liquidação do saldo do anno passado em cartonagens e caixinhas de setim, seda e veludo. Amendoas, sortimento completo. Todos os artigos de Mercearia, o que ha de mais fino.

Largo do Principe D. Carlos

Papelaria, tabacaria, perfumaria e objectos de couro.

Rua Ferreira Borges

Materiaes de construcção em barro, grés e cimento, ferro, arame, ladrilhos, azulejo, porcelanas e depósito de petróleos.

Estrada da Beira, portão com letras

Madeiras em bruto e aparelhadas, nacionaes e estrangeiras, incluindo uma variedade florestal pouco conhecida entre nós, com laivos perfeitamente retinctos e deleneados em carmezim carregado.

Estrada da Beira—Barracão

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE

SÉDE EM LISBOA

Capital 1.344.000\$000
Fundo de reserva 350.000\$000

Esta companhia, a mais antiga e a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra fogo, raios e riscos maritimos.

Representante em Coimbra—Bazilio Augusto Xavier d'Andrade.—Rua Martiñs de Carvalho, n.º 45.

PURGAÇÕES

Cura rápida pela **Vegetalina balsamica**, de A. da Silva Paiva pharmaceutico pela Universidade de Coimbra. Producto novo e poderosamente anti-séptico das vias urinárias, applicado sempre com éxito na *urethrite aguda e dolorosa* e na *cystite chronica*.

A venda na pharmácia e drogaria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

MERCEARIA

Arrenda-se um estabelecimento para mercearia, com armação, bem situado e em boas condições. Está bem afreguezado. Tambem serve para outro qualquer ramo de negocio. Quem o pretender dirija-se à rua dos Sapateiros n.º 72.

POSTO HIPICO

António Augusto Baptista, director da Escola Nacional de Agricultura.
Faço saber que se acha aberto desde já o posto de cobrição hippico estacionado nesta Escola. Escola Nacional de Agricultura, 12 de março de 1901.

O director,

António Augusto Baptista.

Agência de Negócios Universitários

Livraria Académica

DE

João de Moura Marques

471—Rua Ferreira Borges—175

COIMBRA

Preços módicos

Veja-se a tabella na mesma livraria.

Subsídios para um dicionário completo

(Histórico—Etymológico)

DA

Língua Portuguesa

POR

A. A. Cortezão

Foi publicado o tomo n.º 2. Já está em publicação o *Additamento* a este subsidio.

HOTEL COMMERCIO

(Antigo Paço do Conde)

António Soares Lapa, proprietário deste hotel, participa aos seus freguezes que já tem à venda lampreia guizada e de esca-beche, preparada pelo systema do antigo hotel do Paço do Conde. Encarrega-se de encomendas, tanto para esta cidade como para fóra. Tambem vende lampreias vivas, devendo-lhes ser feitos os pedidos ao hotel ou ao seu empregado José Lagarto, na rua dos Esteireiros.

Bacalhau Noruega miudo, a 200 réis cada kilo.
Noruega graudo de 1.ª qualidade 230 réis, na

Mercearia Popular

90, Rua dos Sapateiros, 94

Carlos Paniagua Sancher

CIRURGIÃO-DENTISTA

PELA

Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa
CONSULTORIO ODONTOLOGICO
LEIRIA

(Durante a epocha balnear, Caldas da Rainha).

Doenças de bôcca e collocação de dentes artificiaes em todos os systemas, coriões de porcellana, alumínio e ouro.

Participa ao respeitavel público que em breve virá a esta cidade offerecer os seus trabalhos.

Mercearia Popular

Patrício da Silva Costa

90, RUA DOS SAPATEIROS, 94

Artigos de mercearia taes como tabacos, assucar, arroz, chá, bacalhau, massas, manteiga, azeite, petróleo, farinhas, bolachas, sabão, stearina, goma, etc., etc. Especialidade em café de Angola, S. Thomé, Cabo Verde e do Rio. Torrados ou muidos à vista do freguês.

Preço dos assucars

N.º 1 branco fino... 260 réis
N.º 2 „ „ ... 255 „
N.º 3 „ „ ... 245 „
N.º 4 „ „ ... 240 „
Amarello..... 235 „

AMENDOAS

Cartonagens e brindes de Paschoa

E' surprehendente a exposição de cartonagens e diferentes objectos de luxo da **Mercearia Lusitana**, na rua do Cego n.º 7 a 7. Vêem-se alli, em prolusão, variadissimas cartonagens, algumas tam elegantes, dum effeito tam brilhante, que merece bem que se vejam para se admirar. E' tudo o que ha de mais chic, importado este anno do estrangeiro. Para tam ricas cartonagens ha no mesmo estabelecimento as magnificas amendoas de Lisboa, fabrico especial, *só d'assucar*, tam saborosas pelo seu torrado, como bonitas na apparencia.

A quem por esta occasião costuma fazer os seus presentes de Paschoa, recommenda-se este estabelecimento. por que é ainda o que possui, com inexcédível asseio e a preços limitadissimos, num sortimento abundantissimo, os mais variados e melhores artigos de mercearia.

Mercearia Lusitana

1, Rua do Cego, 7—COIMBRA

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómodos.

Tem bons quartos para alugar accitando hóspedes permantes.

O proprietário,

José Maria Júnior.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, 52, (Em frente do Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia do Cabo Mondego—Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais apparatus concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ras, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutiloria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ebano e marfim completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de Ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa lavatório e cozinha.

BICO NACIONAL AUREO

(O único nacional)

Economia garantida 50 Or

Bicos Bébé Aureo a 2\$000 réis preço antigo 2\$500 réis
Bicos n.º 1 „ a 3\$000 réis preço antigo 4\$000 réis
Bicos n.º 2 „ a 3\$500 réis preço antigo 4\$500 réis
Mangas Bébé n.º 1 a 400 réis preço antigo 500 réis
„ „ n.º 2 a 450 réis

(Collocados no seu logar sem augmento de preço)

Globos e tulipas de 250 e 400 réis para cima

Candeleros em todos os géneros, canalisações e outros artigos.

Ninguém vende mais barato em Coimbra nem na Figueira da Fo

R. Ferreira Borges, 39-1.º

COIMBRA

Ninguém vende mais barato em Coimbra nem na Figueira da Fo